



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

Prática de Ensino Supervisionada
Curso Geral de Artes Visuais
Geometria Descritiva A (11.º ano)
Escola Secundária/3 de Amato Lusitano, Castelo Branco

Eugénia Margarida de Figueiredo Morgado

Relatório para obtenção do Grau de Mestre na especialidade de
Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino
Secundário
(2º ciclo de estudos)

Orientadores Científicos: Prof^a Doutora Fátima Oliveira Caiado
Prof. Doutor António Bacelar
Orientador Cooperante: Dr. Aníbal Cravo Nunes

Covilhã, Junho de 2011

Dedicatória

Dedico este Relatório à minha mãe...

E a todos que acreditaram em mim e me acompanharam dia-a-dia.

In memoriam aos meus avós, que continuam comigo...

Agradecimentos

Aos Orientadores Prof. Doutor António Bacelar e Prof.^a Doutora Fátima Oliveira Caiado pela disponibilidade constante e apoio prestado, sempre com muita consideração e vontade de esclarecer as dúvidas que foram surgindo ao longo do desenvolvimento do Relatório de Estágio.

Ao Orientador Cooperante, Dr. Aníbal Cravo Nunes pela receptividade e orientação constante.
À Escola Secundária/3 de Amato Lusitano, de Castelo Branco.

Aos alunos das turmas do 11.º E e 11.º N.

Aos meus familiares mãe e irmã que os privei da minha companhia.

A ti Hugo, pela ajuda, pelo acompanhamento e carinho constante.

Aos meus amigos e principalmente aos meus companheiros de jornada Sónia, António e Paulo.

Para todos que ao longo desta caminhada me demonstraram a sua amizade, me deram ânimo e tiveram sempre palavras de apreço...

Um muito obrigada!

Resumo

Relatório de Estágio no âmbito do Mestrado em Ensino de Artes Visuais do 3.º Ciclo no Ensino Básico e do Ensino Secundário, iniciado em Setembro de 2010, na Escola Secundária/3 de Amato Lusitano, na cidade de Castelo Branco, sob a Orientação Pedagógica do Dr. Aníbal Cravo Nunes, na disciplina de Geometria Descritiva A, em duas turmas do 11.º ano (11.º E e 11.º N).

As Regências, num total de quatro aulas, foram sempre assistidas pelo Orientador Cooperante e pelos colegas de Estágio. As Unidades Programáticas foram diferentes, obedecendo à Planificação e Cronograma Anuais.

O Relatório de Estágio compreende a Introdução, três Capítulos, Conclusões, Bibliografia, Apêndice e Anexos. Na Introdução são apresentados os objectivos gerais do trabalho, a apresentação e caracterização da Autora deste Relatório, a disciplina focada e a metodologia seguida. No Capítulo I é efectuado o enquadramento geral, do qual faz parte uma descrição das condições de trabalho e das turmas alvo. O Capítulo II é composto por uma abordagem ao Sistema de Ensino Português e a todos os mecanismos inerentes. O Capítulo III contém as planificações, as metodologias, o desenvolvimento das Unidades de Trabalho seleccionadas, os instrumentos de avaliação e a actividade extra-curricular realizada. As Conclusões proporcionam uma análise reflexiva de todo o trabalho desenvolvido, associada a sugestões futuras, eventualmente mais eficazes para o ensino-aprendizagem da Geometria Descritiva A. Por fim, os Anexos contém documentos orientadores da Escola, fichas de trabalho, material didáctico-pedagógico, entre outros documentos relevantes, dos quais alguns estão em CD.

Palavras-chave

Estágio Pedagógico, Ensino de Artes Visuais, Mestrado em Ensino.

Abstract

Report stage in the Master of Arts Teaching for the 3rd Cycle in Elementary Education and Secondary level started in September 2010, at Amato Lusitano High School/3 in the town of Castelo Branco, under the Pedagogical guidance of Dr. Aníbal Cravo Nunes, Descriptive Geometry A subject, in two classes of the 11th level (11. ° E and 11. ° N).

The Regency, a total of four classes, were always attended by the Cooperative Advisor and stage colleagues. Programmatic Units were different, according to the Annual Planning and Scheduling.

The Training Report includes the Introduction, three Chapters, Conclusions, Bibliography, Appendix and Annexes. In the Introduction are presented the general objectives of the work, the presentation and characterization of the Claimant in this Report, the focused discipline and the used methodology. In Chapter I is carried out the general framework, part of which is the working condition description and target groups. Chapter II consists on an approach to the Educational Portuguese System and all mechanisms involved. Chapter III contains the schedules, the methodologies, work units development, selected assessment tools and extra-curriculum realized activity. Conclusions provide a reflective analysis of all the work associated with suggestions for the future, possibly more effective for the teaching and learning of Geometry A.

Finally, the Annexes contains school guiding documents, worksheets, teaching and pedagogical materials, amongst other relevant documents, some of which are on CD.

Keywords

Pedagogical Internship, Visual Arts Teaching, Master's Degree in Teaching.

Índice

Introdução.	1
Capítulo I:	
Caracterização da Escola e Comunidade - Aspectos relevantes para o Ensino das Artes Visuais.	7
1.1. Caracterização do Orientador Cooperante no Contexto Escolar.	7
1.2. Caracterização do Núcleo de Estágio.	9
1.2.1. Calendarização do Estágio Pedagógico.	13
1.2.2. Horário do Estágio Pedagógico.	15
1.3. A Escola Secundária/3 de Amato Lusitano.	16
1.3.1. A Escola desde os seus inícios.	16
1.3.2. Caracterização da Escola.	20
1.4. Caracterização da Comunidade Educativa e dos Recursos Humanos/Infra-estruturas para a área das Artes Visuais.	24
1.5. Caracterização do Departamento de Expressões/Grupo de Artes Visuais.	34
1.6. Caracterização das Turmas.	35
1.6.1. Caracterização da Turma 11.º E.	35
1.6.2. Caracterização da Turma 11.º N.	37
1.7. Relação da Escola com a Comunidade Envolvente.	38
Capítulo II:	
Enquadramento Teórico-Conceptual.	45
2.1. Fontes Oficiais Nacionais que regulamentam os Planos de Estudo e os Programas das Disciplinas.	45
2.1.1. Evolução do Sistema Educativo Português.	46
2.1.2. Disciplinas na sua organização vertical e horizontal.	65
2.1.3. Programa das disciplinas que configuram especializações em Artes Visuais (Ensino Básico e Ensino Secundário).	68
2.2. Orientações Educativas/Curriculares da Escola. Documentos Reguladores.	81
Capítulo III:	
Prática Pedagógica.	91
3.1. Actividades Desenvolvidas.	91
3.1.1. Geometria Descritiva A. Programa do Ministério da Educação.	91
3.1.2. Prática de Ensino Supervisionada. Memória Descritiva.	100

3.1.3. Estratégias de intervenção e avaliação da intervenção na Prática de Ensino Supervisionada.	108
3.1.3.1. Aula Assistida - 6 de Outubro de 2010 - aulas n.º 19/20 - Turma 11.º N.	111
3.1.3.2. Aula Assistida - 20 de Outubro de 2010 - aulas n.º 31/32 - Turma 11.º N.	113
3.1.3.3. Aula Assistida - 3 de Novembro de 2010 - aulas n.º 43/44 - Turma 11.º E.	115
3.1.3.4. Aula Assistida - 9 de Fevereiro de 2011 - aulas n.º 109/110 - Turma 11.º N.	117
3.1.4. Avaliação do desempenho dos Professores Estagiários, pelos Alunos.	120
3.1.5. Registo de reuniões do Grupo de Estágio.	122
3.1.6. Colaboração e Participação em reuniões de Conselho de Turma.	124
3.1.7. Actividades, complementares, extra-curriculares.	124
3.1.7.1. Ilustração da capa para o Jornal da Escola “eSalpicos” - edição Abril 2011.	125
3.2. Resultados obtidos.	129
3.3. Reflexão crítica sobre as actividades desenvolvidas e propostas de melhoria.	140
Conclusões.	143
Bibliografia e Netgrafia.	149
APÊNDICES	153
Lista de Apêndices	155
Apêndice 1 - Curriculum Vitae da Autora do Relatório de Estágio.	157
ANEXOS	173
Lista de Anexos	175
Anexo I.1 - Relatório da reunião de Grupo de Estágio do dia 17 de Setembro de 2010.	177
Anexo II.1 - Plano Anual de Actividades do grupo das Artes Visuais.	178
Anexo III.2 - Planificação Anual da disciplina de Geometria Descritiva A.	180
Anexo III.3 - Plano de Aula do dia 6 de Outubro de 2010	184
Anexo III.5 - Relatório de Aula do dia 6 de Outubro de 2010.	189
Anexo III.6 - Relatório da reunião de Grupo de Estágio do dia 6 de Outubro de 2010.	191
Anexo III.8 - Plano de Aula do dia 20 de Outubro de 2010	193
Anexo III.10 - Relatório de Aula do dia 20 de Outubro de 2010.	198
Anexo III.11 - Relatório da reunião de Grupo de Estágio do dia 20 de Outubro de 2010.	199
Anexo III.13 - Plano de Aula do dia 3 de Novembro de 2010	201
Anexo III.14 - Ficha de Trabalho do dia 3 de Novembro de 2010.	206
Anexo III.16 - Grelha de Correção e Critérios de Classificação do dia 3 de Novembro de 2010.	207
Anexo III.17 - Relatório de Aula do dia 3 de Novembro de 2010.	215
Anexo III.18 - Relatório da reunião de Grupo de Estágio do dia 3 de Novembro de 2010.	217
Anexo III.20 - Plano de Aula do dia 9 de Fevereiro de 2011	219
Anexo III.21 - Ficha de Trabalho do dia 9 de Fevereiro de 2011.	222

Anexo III.23 - Grelha de Correção e Critérios de Classificação do dia 9 de Fevereiro de 2011.	223
Anexo III.24 - Relatório de Aula do dia 9 de Fevereiro de 2011.	230
Anexo III.25 - Relatório da reunião de Grupo de Estágio do dia 9 de Fevereiro de 2011.	233
Apêndice e Anexos em CD	235
Apêndice 2 - Trabalho desenvolvido na disciplina de Seminário de Investigação em Artes Visuais I e II - tema: “Promoção do sucesso do ensino-aprendizagem das Representações Axonométricas na disciplina de Geometria Descritiva”.	
Anexo II.2 - Critérios de Avaliação Gerais da ESAL.	
Anexo III.1 - Programa de Geometria Descritiva A.	
Anexo III.4 - Material didático-pedagógico (PowerPoint) do dia 6 de Outubro de 2010.	
Anexo III.7 - Exercícios resolvidos por um Aluno na Aula Assistida de 6 de Outubro de 2010 - 11.º N.	
Anexo III.9 - Material didático-pedagógico (PowerPoint) do dia 20 de Outubro de 2010.	
Anexo III.12 - Exercícios resolvidos por um Aluno na Aula Assistida de 20 de Outubro de 2010 - 11.º N.	
Anexo III.15 - Material didático-pedagógico (PowerPoint) do dia 3 de Novembro de 2010.	
Anexo III.19 - Exercícios resolvidos por um Aluno na Aula Assistida de 3 de Novembro de 2010 - 11.º E.	
Anexo III.22 - Material didático-pedagógico (PowerPoint) do dia 9 de Fevereiro de 2011.	
Anexo III.26 - Exercícios resolvidos por um Aluno na Aula Assistida de 9 de Fevereiro de 2011 - 11.º N.	
Anexo III.27 - Relatórios das reuniões de Grupo de Estágio.	
Anexo III.28 - Ficha Formativa do dia 21 de Janeiro de 2011 - enunciado e exercícios resolvidos.	
Anexo III.29 - “Portfólio do Aluno” - 11.º N.	

Lista de Figuras

Figura I.1. - Calendário do Estágio Pedagógico, do ano lectivo 2010/2011.	14
Figura I.2. - Horário do Estágio Pedagógico.	15
Figura I.3. - Logótipos da ESAL.	16
Figura I.4. - Grupo de Professores que leccionaram no ano inaugural 1955-1956.	16
Figura I.5. - Sala de Aula de Trabalhos Manuais masculinos no ano inaugural 1955-1956.	17
Figura I.6. - Sala de Aula de Trabalhos Manuais femininos no ano inaugural 1955-1956.	17
Figura I.7. - Localização do concelho de Castelo Branco.	17
Figura I.8. - Fotografia da Escola após a conclusão das obras em 1962.	18
Figura I.9. - Estátua de Amato Lusitano - Judeu Português, Médico e Escritor (1511-1568).	18
Figura I.10. - Localização da ESAL na cidade de Castelo Branco.	19
Figura I.11. - Vista aérea da ESAL.	19
Figura I.12. - Entrada Principal da Escola pela Avenida Pedro Álvares Cabral.	20
Figura I.13. - Entrada Principal da Escola (3.º piso).	20
Figura I.14. - Espaços Exteriores.	21
Figura I.15. - Entrada da Escola (2.º piso).	21
Figura I.16. - Espaços Exteriores.	21
Figura I.17. - Parque de Estacionamento.	21
Figura I.18. - Sala de Professores (3.º piso).	21
Figura I.19. - Corredor de acesso às salas de aulas (4º piso).	21
Figura I.20. - Corredor de acesso às salas de aula (2.º piso).	22
Figura I.21. - Pintura (4º piso).	22
Figura I.22. - Acesso ao bar dos alunos.	22
Figura I.23. - Entrada para o bar dos alunos/reprografia.	22
Figura I.24. - Projecto “Mundo das Cores”.	23
Figura I.25. - Projectos de Esculturas (trabalhos de alunos).	23
Figura I.26. - Esculturas Exteriores.	23
Figura I.27. - Pintura Mural.	23
Figura I.28. - Organigrama com a Oferta Educativa da ESAL.	24
Figura I.29. - Espaço da Sala 45.	28
Figura I.30. - Espaço da Sala 45.	28
Figura I.31. - Espaço da Sala 23A.	28
Figura I.32. - Espaço da Sala 23A.	28
Figura I.33. - Identificação da Sala 45.	29
Figura I.34. - Identificação da Sala 23A.	29
Figura I.35. - Pintura Mural.	29
Figura I.36. - Arrumos onde se localiza a Mufla.	29
Figura I.37. - Oficina de Artes.	29
Figura I.38. - Oficina de Artes.	29
Figura I.39. - Identificação da Sala 42.	30
Figura I.40. - Identificação da Biblioteca Escolar.	30
Figura I.41. - Espaço da Biblioteca Escolar.	31
Figura I.42. - Espaço da Biblioteca Escolar.	31

Figura I.43. - Espaço da Biblioteca Escolar.	31
Figura I.44. - Reunião do Grupo de Estágio.	31
Figura I.45. - Espaço da Biblioteca Escolar.	31
Figura I.46. - Reunião do Grupo de Estágio.	31
Figura I.47. - Planta da Biblioteca Escolar - local das Reuniões do Grupo de Estágio.	31
Figura I.48. - Distribuição da Classificação Decimal Universal na Biblioteca Escolar.	33
Figura I.49. - Exposição dos Espantalhos na ESAL.	39
Figura I.50. - Espantalho executado pela turma do 7.º A na disciplina de Oficina de Artes	39
Figura I.51. - O Espantalho Vaidoso - “ A Maria Botelinda”.	39
Figura I.52. - Exposição de Cegonhas - Trabalhos de Alunos.	40
Figura I.53. - Exposição de Cegonhas - Trabalhos de Alunos.	40
Figura I.54. - Exposição de Cegonhas - Trabalhos de Alunos.	41
Figura I.55. - Exposição de Cegonhas - Trabalhos de Alunos.	41
Figura I.56. - Exposição de Cegonhas - Trabalhos de Alunos.	41
Figura I.57. - Exposição de Cegonhas - Trabalhos de Alunos.	41
Figura II.1. - Síntese Legislativa do Sistema Educativo.	47
Figura II.2. - Organização do Sistema Educativo Português.	50
Figura II.3. - Matriz dos Cursos Científico-Humanísticos.	58
Figura II.4. - Matriz Curricular do Curso Tecnológico de <i>Design</i> de Equipamento.	79
Figura II.5. - Matriz Curricular do Curso Tecnológico de Multimédia.	81
Figura III.1. - Aula leccionada pelo OC - 11.º E.	103
Figura III.2. - Exercício de GD-A executado pelo OC - 11.º E.	103
Figura III.3. - Aula leccionada pelo OC - 11.º E.	103
Figura III.4. - Aula leccionada pelo OC - 11.º E.	103
Figura III.5. - Aula leccionada pelo OC - 11.º E.	104
Figura III.6. - Aula leccionada pelo OC - 11.º E.	104
Figura III.7. - Aula leccionada pelo OC - 11.º E.	104
Figura III.8. - Aula leccionada pelo OC - 11.º E.	104
Figura III.9. - Aula leccionada pelo OC - 11.º E.	104
Figura III.10. - Aula observada pelos Professores Estagiários de uma aula leccionada pelo OC - 11.º E.	109
Figura III.11. - Aula observada pelos Professores Estagiários de uma aula leccionada pelo OC - 11.º E.	109
Figura III.12. - Aula observada pelos Professores Estagiários de uma aula leccionada pelo OC - 11.º E.	109
Figura III.13. - Aula leccionada pela Professora Estagiária - 11.º N.	119
Figura III.14. - Aula leccionada pela Professora Estagiária - 11.º N.	119
Figura III.15. - Aula leccionada pela Professora Estagiária - 11.º N.	119
Figura III.16. - Aula leccionada pela Professora Estagiária - 11.º N.	119
Figura III.17. - Aula leccionada pela Professora Estagiária - 11.º N.	119
Figura III.18. - Inquérito elaborado pelos Professores Estagiários dos momentos de avaliação do desempenho dos Professores Estagiários, pelos Alunos.	120
Figura III.19. - Resultados do Inquérito aos alunos elaborado no dia 6 de Outubro de 2010.	121
Figura III.20. - Gráficos com os resultados dos Inquéritos do dia 6 de Outubro de 2010.	121

Figura III.21. - Resultados do Inquérito aos alunos elaborado no dia 20 de Outubro de 2010.	122
Figura III.22. - Gráficos com os resultados dos Inquéritos do dia 20 de Outubro de 2010.	122
Figura III.23. - Reunião do Grupo de Estágio na Biblioteca Escolar.	123
Figura III.24. - Reunião do Grupo de Estágio no fim de uma Aula Assistida.	123
Figura III.25. - Reunião do Grupo de Estágio - Execução de um exercício de GD-A.	123
Figura III.26. - Reunião do Grupo de Estágio no fim de uma Aula Observada.	123
Figura III.27. - Reunião do Grupo de Estágio no fim de uma Aula Observada.	123
Figura III.28. - Reunião do Grupo de Estágio no fim de uma Aula Observada	123
Figura III.29. - Capa para o Jornal “eSalpicos” da ESAL - edição de Abril de 2011.	127
Figura III.30. - Primeira página do Jornal “eSalpicos” da ESAL - edição de Abril de 2011.	128
Figura III.31. - Exemplo de um “Portfólio do Aluno” por parte de um aluno da turma do 11.º N.	133
Figura III.32. - Exemplo de um “Portfólio do Aluno” por parte de um aluno da turma do 11.º N.	133
Figura III.33. - Exemplo de um “Portfólio do Aluno” por parte de um aluno da turma do 11.º N.	133
Figura III.34. - Exemplo de um “Portfólio do Aluno” por parte de um aluno da turma do 11.º N.	133
Figura III.35. - Gráfico com a percentagem das Classificações de Frequência da disciplina de GD-A (1.º período) - 11.º E.	134
Figura III.36. - Gráfico com as Classificações de Frequência da disciplina de GD-A por aluno (1.º período) - 11.º E.	135
Figura III.37. - Gráfico com a percentagem das Classificações de Frequência da disciplina de GD-A (2.º período) - 11.º E.	136
Figura III.38. - Gráfico com as Classificações de Frequência da disciplina de GD-A por aluno (2.º período) - 11.º E.	136
Figura III.39. - Gráfico com a percentagem das Classificações de Frequência da disciplina de GD-A (1.º período) - 11.º N.	137
Figura III.40. - Gráfico com as Classificações de Frequência da disciplina de GD-A por aluno (1.º período) - 11.º N.	138
Figura III.41. - Gráfico com a percentagem das Classificações de Frequência da disciplina de GD-A (2.º período) - 11.º N.	138
Figura III.42. - Gráfico com as Classificações de Frequência da disciplina de GD-A por aluno (2.º período) - 11.º N.	139

Lista de Tabelas

Tabela I.1. - Quadro resumo com a Classificação Decimal Universal - CDU.	33
Tabela II.1. - Plano de Estudos do 3.º Ciclo do Ensino Básico.	52
Tabela II.2. - Plano Curricular do Curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias.	60
Tabela II.3. - Disciplinas Específicas do Curso Geral de Artes Visuais.	70
Tabela II.4. - Disciplinas Específicas dos Cursos Tecnológicos de <i>Design</i> de Equipamento e Multimédia.	77
Tabela III.1. - Quadro resumo do Programa de Geometria Descritiva A.	95
Tabela III.2. - Critérios de Avaliação Gerais para a disciplina de Geometria Descritiva A.	107
Tabela II.3. - Tabela resumo com a identificação dos Professores Estagiários no Cronograma Anual.	108
Tabela III.4. - Tabela resumo com a distribuição das Aulas Assistidas pelos Professores Estagiários.	109
Tabela III.5. - Classificações de Frequência da disciplina de Geometria Descritiva A (1.º período e 2.º período) - 11.º E.	131
Tabela III.6. - Classificações de Frequência da disciplina de Geometria Descritiva A (1.º período e 2.º período) - 11.º N.	132
Tabela III.7. - Tabela resumo com os resultados da avaliação do final do 1.º período - 11.º E.	134
Tabela III.8. - Tabela resumo com os resultados da avaliação do final do 2.º período - 11.º E.	135
Tabela III.9. - Tabela resumo com os resultados da avaliação do final do 1.º período - 11.º N.	137
Tabela III.10. - Tabela resumo com os resultados da avaliação do final do 2.º período - 11.º E.	138

Lista de Acrónimos

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS USADOS.

Abreviatura	Nomenclatura
EB	Ensino Básico
ES	Ensino Secundário
ESAL	Escola Secundária/3 de Amato Lusitano
EP	Estágio Pedagógico
GD	Geometria Descritiva
GD-A	Geometria Descritiva A
LBSE	Lei de Bases do Sistema Educativo
ME	Ministério da Educação
OC	Orientador Cooperante
PAA	Plano Anual de Actividades
PES	Prática de Ensino Supervisionada
PCE	Projecto Curricular de Escola
PCT	Projecto Curricular de Turma
PE	Projecto Educativo
RI	Regulamento Interno
RE	Relatório de Estágio
UP	Unidade Programática
UBI	Universidade da Beira Interior

Introdução.

Nesta “Introdução” reflecte-se sobre o enquadramento biográfico da Autora deste Relatório, descrito mais pormenorizadamente, no *Curriculum Vitae* [Apêndice 1] e uma breve explicação da organização e dos conteúdos dos Capítulos, relativamente ao trabalho desenvolvido ao longo do Estágio Pedagógico (EP).

Como o mais importante na interacção profissional são os recursos humanos ou a “matéria-prima” humana, fez todo o sentido em começar por apresentar a Autora deste Relatório de Estágio (RE), de acordo com as variáveis contempladas num *Curriculum Vitae*.

Este RE é um compilar de todo o trabalho desenvolvido na Prática de Ensino Supervisionada (PES), em que o EP decorreu no ano lectivo de 2010/2011, na Escola Secundária/3 de Amato Lusitano (ESAL), em Castelo Branco.

Depois de ter concluído o Ensino Secundário (ES) na Escola Secundária/3 Alves Martins, em Viseu, na área das Artes, ingressou no Curso de Licenciatura em Arquitectura, na Escola Superior Artística do Porto - ESAP, no Porto, do qual obteve, em Março de 2001, a classificação final de 14 valores. Trabalhou em dois gabinetes de Arquitectura, como Arquitecta colaboradora, no ano seguinte ao curso de Licenciatura, tendo posteriormente estado na Câmara Municipal de Vouzela, durante dois anos (2003/2005), como Arquitecta.

Desde 2002, decide dedicar-se ao ensino, estando a leccionar, aproximadamente há 4 anos, a disciplina de Educação Visual, no 3.º Ciclo do Ensino Básico (EB), em Escolas do ensino público e com experiência activa em reuniões de Conselho de Turma e Direcção de Turma.

Este Mestrado surgiu como uma sequência lógica, enquanto processo de aperfeiçoamento pedagógico e didáctico, no sentido de procurar as soluções mais adequadas para conjunturas difíceis e imprevistas e corresponder à constante exigência de respostas adequadas e imediatas, num *feedback* com o Orientador Cooperante (OC), os companheiros de Estágio e os Docentes que conduziram a investigação e progresso nas Unidades Curriculares do Mestrado.

Depois de concluir o 1.º ano do referido Mestrado, com aprovação a todas as Unidades Curriculares, (ver *Curriculum Vitae* - Apêndice 1) ficou colocada na ESAL, em Castelo Branco, a realizar o EP com duas turmas do 11.º ano (11.º E e 11.º N), sob a orientação do OC, do Grupo 600, Dr. Aníbal Cravo Nunes. A primeira turma, alunos do curso de Científico-Humanístico de Artes Visuais e a segunda turma, alunos dos cursos de Científico-Humanísticos de Ciências e Tecnologias e de Artes Visuais, ambas na disciplina de Geometria Descritiva A (GD-A). Como o OC leccionava nestas turmas, decidiu-se que a melhor opção seria a presença dos quatro Professores Estagiários nas duas turmas, em todas as aulas.

Ao mesmo tempo, frequentou a disciplina de Seminário de Investigação em Artes Visuais I e II (respectivamente, com a classificação de 17 valores no 1.º semestre e 19 valores no 2.º semestre), na Universidade da Beira Interior (UBI), com o Prof. Doutor Francisco Paiva,

Unidades Curriculares para as quais desenvolveu o seguinte trabalho de investigação: “Promoção do sucesso do ensino-aprendizagem das Representações Axonométricas na disciplina de Geometria Descritiva” [Apêndice 2]¹.

Paralelamente não deixou de leccionar, exercendo no Agrupamento de Escolas de Trancoso, na Escola Básica 2,3 de Trancoso, como Professora Contratada do grupo 600 (Artes Visuais), com horário completo (22 horas lectivas semanais). Foram-lhe atribuídas: a disciplina de Educação Visual (3.º Ciclo do EB), a três turmas do 7.º ano, a duas turmas do 8.º ano e a duas turmas do 9.º ano; Área de Projecto a três turmas do 7.º ano, e ainda, uma Direcção de Turma do 8.º ano e quatro tempos em regime de aulas de substituição. O dia sem componente lectiva foi a quarta-feira, o que permitiu a realização do EP na ESAL, em Castelo Branco.

A UBI atribuiu a Escola onde realizou o Estágio. Como reside em Vouzela, a 100 km do local de trabalho em Trancoso, todas as quartas-feiras tinha que percorrer 400 km (ida e volta).

No plano, especificamente didáctico-pedagógico, três preocupações mereceram atenção, no confronto com a experiência do EP:

- 1) Cuidado com o rigor científico-pedagógico das intervenções ao privilegiar a correcção a todos os níveis de actuação profissional, pessoal e ético - preocupava-se em conseguir e manter esse rigor;
- 2) Proporcionar, aos alunos, actividades ricas e motivadoras (sendo Arquitecta, leccionar Geometria Descritiva (GD), foi um privilégio, assim como partilhar, com os alunos, o seu conhecimento com o cuidado de propor actividades pertinentes, desafiantes e motivadoras, que contribuíssem para o seu êxito na disciplina);
- 3) Contribuir para a aquisição de competências dos alunos (conhecimentos, atitudes e valores, na dialéctica ensino/aprendizagem, não satisfaz a simples compreensão de um conteúdo, especialmente em GD, há qual domina um novo código, aprender a pensar e a aplicar as ferramentas e conhecimentos adquiridos na resolução de novos problemas).

No entanto, ao longo do EP foi-se tornando consciente, que um professor que lecciona nestes níveis de Escolaridade é, inquestionavelmente, um educador e como tal tem que assumir um papel interventivo no desenvolvimento dos seus alunos.

Por fim, relativamente ao funcionamento interno da Escola, havia a expectativa de apreender *in loco*, as formas de organização, o ambiente, as relações entre os professores e a interacção, pela primeira vez, com alunos do ES, na sua área vocacional.

O EP é uma “ferramenta” muito importante na formação de um professor, estabelecendo a passagem do conhecimento académico ao conhecimento profissional, permitindo o contacto com a Escola e promovendo experiências que condicionarão a actividade futura do professor.

¹ Apêndice em CD.

O Núcleo de Estágio, em exercício na Escola Cooperante, compreendeu: o Supervisor da UBI e Director de Curso do Mestrado, Prof. Doutor António Bacelar, posteriormente substituído (por motivos de doença), pela Prof.^a Doutora Fátima Oliveira Caiado; o OC, Dr. Aníbal Cravo Nunes e pelos quatro Professores Estagiários: Eugénia Morgado (Autora deste RE), António Pedro Martins, Paulo Chambino e Sónia Martins.

O EP permitiu a aplicação dos conhecimentos teóricos - observar, praticar e executar actividades de prática de ensino. Foi um processo de grande aprendizagem e crescimento, acompanhado pelos Orientadores.

Foi de acordo com o Protocolo de Cooperação da UBI e com as Directrizes Ministeriais, que se desenvolveu a PES, ao longo do ano lectivo. Todas as actividades e momentos pedagógicos planeados, desenvolvidos e participados podem-se resumir aos objectivos, do Mestrado da UBI:

“- Potenciar atitudes e aptidões face à informação artística e o seu desenvolvimento nos futuros professores no âmbito das Artes Visuais, estimulando para isso capacidades intelectuais gerais e habilidades operativas e criativas além das interpretativas;

- Formar, ao nível do 2.º Ciclo Universitário (Mestre), professores no âmbito do 3.º Ciclo do EB e ES em Artes Visuais, aprofundando este campo e as suas possibilidades como um meio para o pleno desenvolvimento das capacidades criativas e individuais dos estudantes nos níveis referidos;
- Salientar o desenvolvimento da cognição estética e a compreensão da cultura visual;
- Analisar processos da configuração plástica e visual: os meios e as linguagens artísticas;
- Estimular nos futuros profissionais da educação os valores específicos das artes e o seu ajuste nos distintos componentes perceptivos, expressivos e representativos para ordenar, tanto o processo artístico, como a sua aplicação no âmbito didáctico;
- Salientar as principais teorias e correntes da Educação Visual e a sua incidência no desenvolvimento curricular no Ensino das Artes Visuais, no Sistema Educativo Português e por comparação no de outras culturas.”

O Mestrado de Ensino em Artes Visuais no 3.º Ciclo do EB e no ES compreende as seguintes saídas profissionais:

“- Professores do 3.º Ciclo do EB e ES;

- Técnicos Superiores de Museus e Câmaras para práticas pedagógicas no âmbito das Artes Visuais com Escolas;
- Investigadores na área da Didácticas das Artes e do seu Ensino;
- Assesores de Editoras no âmbito do Ensino das Artes Visuais e autores individuais ou colectivos;
- Assesores de empresas públicas e privadas (Câmaras, Museus, Fundações, Associações) no âmbito de Práticas Pedagógicas, tanto em Artes Plásticas como Visuais.”

A GD constitui uma peça fundamental, não só para o desenvolvimento de um vasto leque de actividades profissionais, como também para futuras profissões na área das Artes e não só.

O trabalho, na Escola de Estágio, começou pela aquisição dos manuais Escolares da disciplina de GD-A e pelo Programa de GD-A do Ministério da Educação (ME), pois os alunos estavam sujeitos a Exame Nacional à disciplina, no final do ano lectivo.

Ainda antes das aulas começarem, o Grupo de Estágio reuniu-se duas vezes, no sentido de organizar e preparar o trabalho a desenvolver ao longo do Estágio. A reunião repetiu-se todas as semanas, mais precisamente às quartas-feiras, o dia que a Professora Estagiária pôde dedicar à Escola, onde se realizou o EP.

Finalizada a PES foi iniciada a escrita deste RE. O objectivo foi relatar as metodologias aplicadas durante a prática de ensino e as reflexões inerentes a esse processo com descrição dos passos percorridos e colocando em evidência aspectos considerados determinantes. Assim, o Relatório está organizado em três Capítulos que pretendem descrever todos os elementos fundamentais do EP:

- No **Capítulo I: *Caracterização da Escola e Comunidade - Aspectos relevantes para o Ensino das Artes Visuais.*** - foram focados aspectos inerentes às instalações da Escola Cooperante (condições de trabalho e gestão de recursos) e Comunidade Educativa, incluindo a caracterização do Grupo de Artes Visuais da Escola (grupo 600), do OC no Contexto Escolar, do Núcleo de Estágio e das turmas de Estágio - 11.º E e 11.º N - e a Calendarização e Horário de Estágio;

- No **Capítulo II: *Enquadramento Teórico-Conceptual.*** - foram abordados todos os aspectos relevantes, relativamente ao Sistema de Ensino Português, mais precisamente, à organização do Sistema Educativo em Portugal, no âmbito do EB (3.º Ciclo) e do ES e as fontes oficiais nacionais que regulamentam Planos de Estudo e os Programas das disciplinas;

- No **Capítulo III: *Prática Pedagógica.*** - relataram-se todas as competências desenvolvidas pela Autora deste RE. Foi iniciado com a contextualização programática, onde se realizou o enquadramento das unidades pedagógicas leccionadas no Programa do ensino da GD-A e analisaram-se as competências/conhecimentos, aptidões e atitudes que, teoricamente, os alunos deviam possuir ao atingirem o 11.º ano de Escolaridade (Exame Nacional). Foi apresentada e explicada toda a PES. Foi exposta a Metodologia de Ensino aplicada, referindo aspectos cruciais na planificação das Aulas Assistidas; nos critérios de avaliação; na concretização das Aulas Assistidas, subjacentes às Unidades Programáticas (UP) seleccionadas, com todos os instrumentos didácticos elaborados e aplicados com sucesso e a actividade extra-curricular desenvolvida. Em todos os momentos procurou-se fazer uma reflexão sobre as dificuldades encontradas, quer por parte da Professora Estagiária, quer por parte dos destinatários do projecto desenvolvido.

O RE foi finalizado com as **Conclusões** e algumas reflexões finais, que procuraram, sobretudo, realizar uma auto-reflexão da Autora deste Relatório, após a concretização do EP. Foram descritas análises dos aspectos menos alcançados e os que se revelaram positivos. Referiu ainda sugestões, relativas à PES, que se pensou serem benéficas para um trabalho futuro, no sentido de tentar melhorar e aperfeiçoar o Ensino das Artes Visuais e a consequente aprendizagem dos alunos. Foi ainda referido, que foi elaborada a auto-avaliação no final do EP (18 de Maio de 2011), sobre a prestação da Professora Estagiária no EP e *Dossier* de Estágio, tendo sido entregue ao OC.

No final do trabalho apresentaram-se as **Referências Bibliográficas** inerentes à realização deste trabalho, adequado às normas APA (*American Psychological Association*).

Em **Apêndice** segue o *Curriculum Vitae* da Autora deste Relatório.

Em **Anexo** segue todo o material fundamental ao auxílio da interpretação do trabalho desenvolvido durante todo o ano lectivo (materiais didácticos).

Segue ainda, juntamente com este RE, um CD, que contém em formato digital, uma cópia deste trabalho e de alguns Anexos e um Apêndice.

Capítulo I:

Caracterização da Escola e Comunidade - Aspectos relevantes para o Ensino das Artes Visuais.

1.1. Caracterização do Orientador Cooperante no Contexto Escolar.

Como num Estágio, o mais importante são as pessoas, a elas se dedica este início. Uma bastante importante, merece atenção, o OC, Dr. Aníbal Cravo Nunes.

1.º de Setembro. Início dos trabalhos. Primeira reunião do Grupo de Estágio. Nervosismo do desconhecido... O Orientador informou que iríamos leccionar aulas de GD-A, a duas turmas do 11.º ano... O Caos instalou-se... Ainda sem ideias formadas sobre os Professores Estagiários, o OC deu sugestões... planificações, grelhas, “tudo pronto logo que possível”. Os Professores Estagiários foram fazendo como sabiam... Num clima de partilha e entre-ajuda, a relação entre Orientador e Professores Estagiários começou e foi um ano bastante produtivo e animador.

Identificação do OC:



Nome	Dr. Aníbal José Sousa Cravo Nunes
Idade	60 anos
Morada	Castelo Branco
Habilitações Literárias	Licenciatura em Arquitectura
Profissão	Arquitecto / Professor do Grupo 600 (lecciona a disciplina de GD-A, do ES, na ESAL)
Local de Trabalho	Escola Secundária/3 de Amato Lusitano (ESAL)

O OC concluiu o curso de Licenciatura em Arquitectura, na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, no ano de 1975.

Da sua experiência profissional, como Arquitecto, destacou-se a sua colaboração nos CTT, de Castelo Branco, tendo, aí, executado Projectos de Arquitectura, de 1973 a 1978.

De 1978 a 1982, foi responsável pelos Serviços Municipais de Habitação de Castelo Branco. Desde 1982 que ingressou no Ensino, nunca mais o deixando até hoje, sendo professor de GD há muitos anos, na ESAL (Escola de Estágio).

De 1984 a 1986, realizou a profissionalização em serviço, na Escola Secundária/3 Dr. Solano de Abreu, em Abrantes, no então 5º grupo (Artes). Ao mesmo tempo, no ano lectivo de

1984/1985, foi professor acompanhante na ESAL, de alunos em Estágios lançados pela ESE-IPCB (Escola Superior de Educação - ESE - Instituto Politécnico de Castelo Branco).

Também, por contrato da ESE, foi Orientador da disciplina de Didáctica e Coordenador de Estágio de alunos de Artes Visuais. Acrescenta-se ainda, que exerceu funções de professor da disciplina de Desenho, no âmbito do Curso de Professores do 1.º Ciclo do EB, igualmente na ESE, em Castelo Branco.

Seguidamente, foi professor das disciplinas de Desenho Técnico, Ergonomia, Socio-Antropologia do Espaço e de Projecto de *Design* de Interiores, na ESART-IPCB (Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco), do Curso de Licenciatura de *Design* de Interiores.

Cumulativamente com o ensino exerce a profissão liberal como Arquitecto, dedicando-se ao ensino da GD na ESAL.

No ano lectivo de 2010/2011, é de salientar, que leccionou a disciplina de GD-A, no ES, a duas turmas do 11.º ano, uma do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais e outra do Curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias, na ESAL (o que já se repete há muitos anos). Uma vez que já tem perto de 30 anos de serviço no ensino, o seu horário semanal foi reduzido, por antiguidade, (14 horas lectivas semanais e 10 horas não lectivas semanais) e pelas horas que disponibilizou ao EP (conforme o horário apresentado, no ponto 1.2.2, deste RE).

Pessoalmente, o professor Aníbal é justo, dedicado e apaixonado pelo ensino, frontal, divertido, brincalhão, entre outras qualidades.

Gosta de ler, por isso considera-se uma pessoa bastante culta em diversas áreas, partilhando com o Grupo de Estágio, artigos interessantes, livros, sites,... e outras coisas que iluminaram a alma...

Desde o início, o OC estimulou a existência de um ambiente muito cordial e aprazível, propício ao diálogo e à troca de ideias. Desde a reunião inicial, colocou os Professores Estagiários “à-vontade” para intervir oportunamente nas aulas a que assistiram, através de comentários e sugestões, exigindo da parte dos Professores Estagiários, o mesmo na observação que fizeram das aulas leccionadas pelo OC.

O ambiente construído na sala de aula foi, com efeito, um ambiente pautado pela responsabilidade e empenho. Foi este ambiente de participação e diálogo que ocorreu em ambos os sentidos e nas diversas situações pedagógicas: em aulas leccionadas pelo OC e observadas pela Professora Estagiária; em aulas leccionadas pela Professora Estagiária e assistidas pelo OC; ou ainda, aulas em que tanto o OC como a Professora Estagiária, se deslocava pela sala, auxiliando os alunos nas suas dúvidas, o que ocorreu sobretudo em aulas dedicadas à prática e à consolidação dos conteúdos trabalhados e/ou a actividades/explorações com recurso a tecnologias.

A exemplo do que ocorreu na sala de aula, o Grupo de Estágio trabalhou sempre de uma forma cooperante e harmoniosa, pautada pelo respeito e pela franqueza. De destacar os momentos de trabalho e de discussão sobre a pertinência científica e pedagógica das aulas planificadas e dos materiais educativos desenvolvidos, os momentos de reflexão sobre as práticas, a gestão de sala de aula e a interacção com os alunos e, igualmente e não menos importantes, os momentos de diálogo e de partilha de experiências pessoais. A participação na vida da Escola foi também uma dimensão, no âmbito do trabalho colaborativo desenvolvido.

O OC possuiu em todos os momentos uma atitude atenta, orientadora e de rigor, mostrando-se sempre empenhado e disponível para responder às solicitações dos Professores Estagiários, ora manifestando o seu assentimento, ora levantando questões e desafiando para a implementação de novas estratégias. A Professora Estagiária tentou corresponder com a mesma dedicação e rigor, esforçando-se para aprender e adquirir novos saberes e sensibilidades, sempre com o sentido de melhorar a sua actuação como docente.

Em suma, e relativamente ao trabalho empreendido pelo grupo de Estágio, foi com alguma satisfação que afirmou possuir dificuldades em realçar algum momento menos conseguido ou algum aspecto a melhorar. Este trabalho constituiu um bom exemplo do que deve consistir um trabalho colaborativo entre docentes. Um modelo a perpetuar no decurso da futura Carreira Docente, da Autora deste RE.

1.2. Caracterização do Núcleo de Estágio.

O Núcleo de Estágio foi constituído pela Supervisora de Estágio da UBI, Prof.^a Doutora Fátima Oliveira Caiado, também Directora do Curso do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do EB e no ES; pelo OC, já caracterizado, Dr. Aníbal Cravo Nunes e pelos quatro Professores Estagiários. De seguida, apresenta-se a **caracterização dos quatro Professores Estagiários**, a saber:



Nome	Eugénia Margarida de Figueiredo Morgado
Idade	34 anos
Morada	Vouzela (Viseu)
Habilitações Literárias	Licenciatura em Arquitectura na ESAP (Escola Superior Artística do Porto)
Profissão	Arquitecta (profissão liberal) / Professora do Grupo 600 (3.º Ciclo do EB, disciplina de Educação Visual, horário completo de 22 horas lectivas semanais)
Local de Trabalho	Agrupamento de Escolas de Trancoso



Nome Sónia Catarina dos Santos Monteiro Martins
Idade 32 anos
Morada Pinhel (Guarda)
Habilitações Literárias Bacharel em Artes da Imagem e Licenciatura em *Design* Gráfico na ESART-IPCB (Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco)
Profissão *Designer* Gráfico
Local de Trabalho Fábio Guimarães - *Photografy and Design*



Nome António Pedro Bastos Nunes Martins
Idade 35 anos
Morada Condeixa-a-Nova (Coimbra)
Habilitações Literárias Licenciatura em Escultura na ARCA (Escola Universitária das Artes de Coimbra)
Profissão Escultor e Estudante
Local de Trabalho Não tem



Nome Paulo Jorge Antunes Chambino
Idade 40 anos
Morada Castelo Branco
Habilitações Literárias Licenciatura em *Design* de Comunicação e Produção Audiovisual pela ESART-IPCB (Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco)
Profissão Professor de curso CEF de Fotografia (disciplina de Fotografia, 8 horas lectivas semanais) / Fotógrafo (profissão liberal)
Local de Trabalho Agrupamento Faria de Vasconcelos

Na “Introdução” já foi feita uma breve apresentação e caracterização da Autora deste RE, **Professora Estagiária Eugénia Morgado**, onde se disponibilizou informação pessoal, académica e profissional.

Neste ponto, expõe-se, de uma forma mais pormenorizada, a sua experiência profissional e a sua formação académica.

Aos 14 anos, concluiu o 9.º ano de Escolaridade, na Escola Secundária de Vouzela, no ano lectivo 1991/1992, tendo obtido o nível 5, à disciplina de Educação Visual, o que a entusiasmou, ainda mais, a seguir a área das Artes.

No ano lectivo seguinte (1992/1993) ingressou na Escola Secundária/3 Alves Martins, em Viseu, na antiga área “E”, mais concretamente, área das Artes, concluindo o 12.º ano, com a classificação de 18 valores à disciplina de GD-A e com objectivos académicos já definidos: candidatar-se ao Curso de Licenciatura em Arquitectura, para as Universidades do Porto e Lisboa, no ano de 1994. Em Outubro desse mesmo ano, ingressou no Curso de Licenciatura em Arquitectura, na Escola Superior Artística do Porto - ESAP, tendo-o concluído a 9 de Março de 2001, com a classificação final de 14 valores. O curso foi de 6 anos (Licenciatura pré-bolonha), tendo elaborado no ano lectivo 1999/2000 (6º ano - ano terminal do curso), o Projecto Final, que consistiu no desenvolvimento de um Projecto de Arquitectura de Reconversão do antigo Hospital Asilo de Vouzela, em Pousada, tendo obtido na defesa pública, a classificação final de 16 valores, tendo sido orientada pelo Professor Arquitecto José Mancelos.

Depois de obter o grau de Licenciatura em Arquitectura, trabalhou em dois Gabinetes de Arquitectura, na cidade do Porto, como Arquitecta colaboradora em diversos Projectos de Arquitectura.

Desde a conclusão do curso que desenvolve projectos de Arquitectura a título pessoal, em regime de profissão liberal, nomeadamente, projectos de Habitações Unifamiliares, Multifamiliares, projectos no âmbito do Turismo do Espaço Rural (Casas de Turismo Rural, Casas de Campo e Agroturismo), estabelecimentos de Restauração e Bebidas, entre outros.

No ano lectivo de 2002/2003 decidiu, pela primeira vez, leccionar no ensino público, tendo ficado colocada, em mini-concurso, no Agrupamento de Escolas de Silgueiros, mais precisamente, na Escola Básica 2,3 D. Luís de Loureiro, concelho de Viseu, no 3.º Ciclo do EB, com horário completo (22 horas lectivas semanais), como professora da disciplina de Educação Visual (7º e 9.º anos), Área de Projecto (7.º anos), Estudo Acompanhado (9.º ano) e formou um Clube de Artes (Clube de Decoração da Escola, intitulado *Anim'Arte a Escola*).

Em Maio de 2003 ingressou na Câmara Municipal de Vouzela, contratada como Arquitecta de 2ª Classe, no Gabinete Técnico Local - Reabilitação das aldeias de Cambra e Campia, no qual desenvolveu Projectos de Arquitectura e Urbanismo, tendo terminado o contrato em Maio de 2005. No ano de 2004, enquanto trabalhou na Câmara Municipal de Vouzela como Arquitecta, candidatou-se ao Mestrado de Planeamento do Território - Ordenamento da Cidade, na Universidade de Aveiro, tendo sido aceite em Outubro de 2004. Esta vontade surgiu pelo seu trabalho desenvolvido na Câmara. Concluiu a Pós-Graduação, correspondente ao 1.º ano do Mestrado (média de 14 valores), mas não concluiu a Tese de Dissertação (2.º ano), por motivos de doença.

Participou em diversos Seminários, Exposições, *Workshops* e Concursos, a destacar:

- Em 1998 e 2003 expôs trabalhos de Pintura da sua autoria, na Exposição Colectiva de “Pintores Vouzelenses”, no Museu Municipal de Vouzela;
- Em Fevereiro de 1999 expôs o trabalho académico de ampliação da ESAP, efectuada no 5ºano na cadeira de Projecto, na Exposição Colectiva de Alunos da Escola Superior Artística do Porto - ESAP, realizada no Edifício do “Solar dos Ferrazes”, no Porto;
- De 30 de Agosto a 18 de Setembro de 1999 participou no Seminário Internacional de Arquitectura e Desenho Urbano - Porto/Roterdão 2001, na Alfândega do Porto;
- Em Junho 2001 expôs o projecto final de curso da Licenciatura em Arquitectura - Reconversão do antigo Hospital Asilo de Vouzela em Pousada, na Exposição Colectiva “Arte Floral”, no Museu Municipal de Vouzela;
- Em Setembro de 2003 participou no Concurso da 2ª Edição do Programa Nacional de Bolsas de Investigação para Finalistas e Jovens Licenciados na área de Arquitectura, no Porto, com o tema “Cidade e Democracia - 25 anos Depois”, não tendo sido seleccionada;
- A 24 de Outubro de 2006 participou no Seminário “A Intervenção dos Engenheiros na Determinação do Nível de Estado de Conservação dos Imóveis ”, em Coimbra;
- A 2 de Abril de 2009 participou no I Fórum da Educação, no âmbito das Actividades de Enriquecimento Curricular - AEC, e no Workshop de “A Dança Tradicional e Criativa em Contexto Educativo”, em Vouzela;
- De 10 a 17 de Maio de 2009 participou na Exposição Colectiva de Trabalhos de Docentes da Escola Básica Integrada de Campia, onde estava a leccionar, intitulada “ArteEscola”, no Museu Municipal de Vouzela.

A experiência como professora do EB repetiu-se no ano lectivo 2005/2006, também como Professora Contratada do grupo 600 (Artes Visuais), com horário de 18 horas lectivas semanais, na disciplina de Educação Visual do 3.º Ciclo do EB (7º, 8º e 9.º anos), no Agrupamento de Escolas de Vil de Soito, tendo sido em regime de substituição por um mês.

Desde Fevereiro de 2006 presta serviços ao Ministério das Finanças - Direcção-Geral dos Impostos, como Perita Avaliadora Regional, em Avaliações de Imóveis da Propriedade Urbana, mais precisamente, do Imposto Municipal sobre Imóveis - IMI, para o distrito de Viseu.

Ainda no âmbito do ensino, leccionou a disciplina de Expressões Artísticas, no âmbito do Programa de Generalização do Ensino do Inglês e Outras Actividades de Enriquecimento Curricular - AEC, como professora no 1.º Ciclo do EB, nos anos lectivos de 2006/2007, 2007/2008, 2008/2009 e 2009/2010, do qual foi uma experiência bastante motivadora e interessante.

A 4 de Maio de 2007 concluiu o Curso de Formação Profissional de Formação Pedagógica Inicial de Formadores, no Centro de Promoção Social de Carvalhais (São Pedro do Sul), com a classificação final de “Muito Bom”, para obtenção do CAP (Certificado de Aptidão Profissional).

Deste modo, deu formação no âmbito da sua Licenciatura como Arquitecta, nomeadamente, ao Curso de CAD (Desenho Assistido por Computador), nível 2, em regime pós-laboral, na

Escola Profissional de Vouzela e ao Curso de Novas Tendências/Arquitectura/*Design*, na Torreira (Murtosa-Estarreja) e em Albergaria-a-Velha, em regime laboral.

No ano lectivo 2008/2009, volta a leccionar como professora do grupo 600 (Artes Visuais), no Agrupamento de Escolas de Campia, com horário incompleto (11 horas lectivas semanais), como professora contratada no 3.º Ciclo do EB, tendo leccionado a disciplina de Educação Visual (7.º, 8.º e 9.º anos).

A professora estagiária **Sónia Martins**, foi uma das companheiras mais presentes de um ano de muito trabalho. Companheira de viagens todas as quartas-feiras, sempre de bom humor, sempre bem disposta, trabalhadora e com uma energia espectacular e optimista, igual à da Professora Estagiária. A comunicação entre ambas foi constante, ora para falar do Estágio, ora de outras coisas que as entusiasmavam, ou seja, estabeleceu-se uma enorme empatia recíproca.

O professor estagiário **António Pedro Martins**, foi mais um dos companheiros de um ano complexo. Um colega de Estágio com valores humanos, sempre com sentido de humor, excelente escultor, com um apurado gosto musical.

O professor estagiário **Paulo Chambino**, quarto e último elemento do grupo, é um excelente fotógrafo e cúmplice nas “brincadeiras”.

A Supervisora de Estágio da UBI, Prof^a. **Doutora Fátima Oliveira Caiado**, também Directora do Curso do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do EB e no ES entrou com as suas funções no dia 14 de Fevereiro de 2011, pois anteriormente, foi o Prof. Doutor António Bacelar, que infelizmente deixou de exercer as funções na UBI, por motivos de doença.

1.2.1. Calendarização do Estágio Pedagógico.

O EP foi programado segundo o Calendário Escolar do ano lectivo 2010/2011.

O trabalho realizado no decurso do EP consistiu sobretudo na:

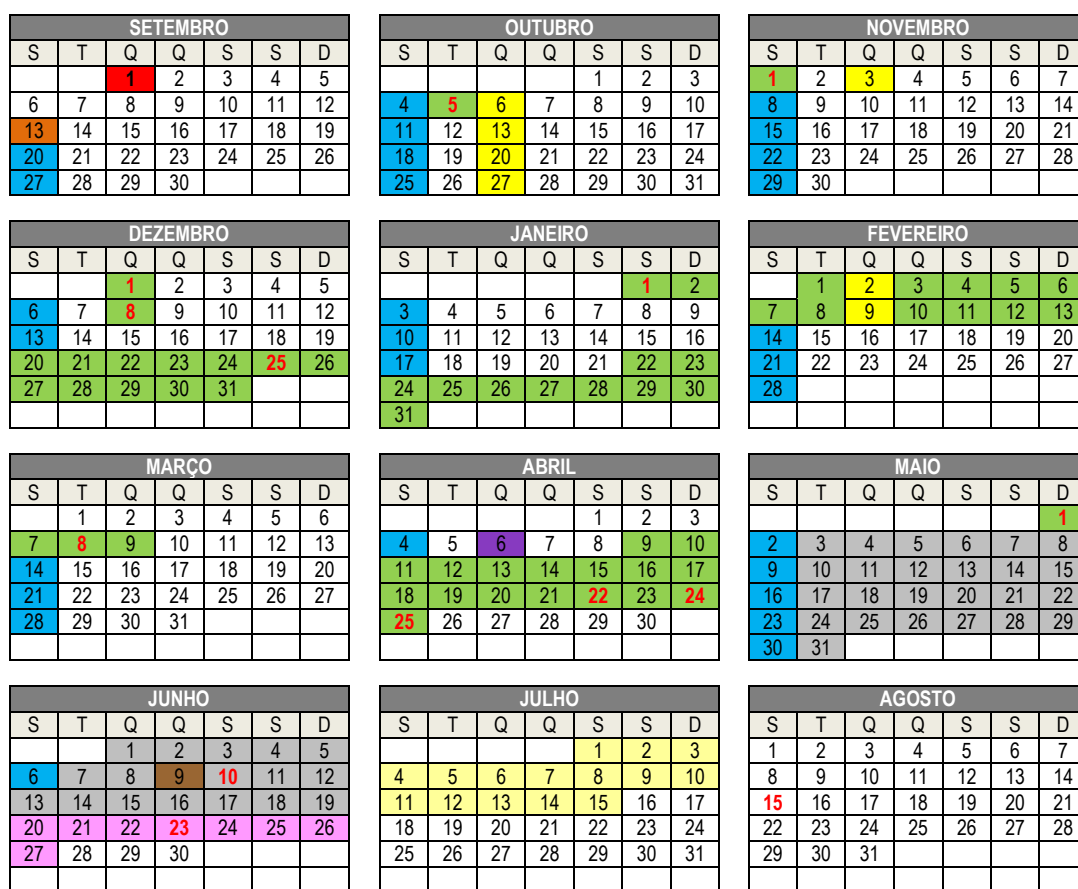
- a) Planificação e leccionação de aulas, incluindo a concepção e desenvolvimento do respectivo material de apoio; fichas de trabalho e/ou de exploração e outro material didáctico auxiliar;
- b) Concepção e dinamização de actividades lúdico/pedagógicas;
- c) Participação no trabalho relativo à avaliação, pela concepção de exercícios práticos em fichas formativas e pela participação na sua correcção e classificação.

Todas estas componentes de participação e de trabalho directamente desenvolvido, foram exploradas nos restantes itens do Relatório conforme resumido na “Introdução”. A forma como todas estas actividades decorreram, encontra-se descrita em pormenor no “Capítulo

III”, mais precisamente nas Secções - 3.1.3; 3.1.4; 3.1.5; 3.1.6 e 3.1.7 - e as respectivas Subsecções - 3.1.3.1; 3.1.3.2; 3.1.3.3; 3.1.3.4 e 3.1.7.1 - onde se descrevem todos os pontos da prestação da Professora Estagiária no EP e especificamente em que momentos é que as actividades foram definitivamente organizadas e implementadas.

As actividades referidas na alínea c) (a prestação de apoio pedagógico aos alunos ou a participação no trabalho relativo aos testes de avaliação sumativa), foram sendo desenvolvidos de forma contínua e regular ao longo do ano lectivo e, por isso, não se encontraram especificados no esquema.

Na Figura I.1. é apresentado o calendário relativo ao ano lectivo do EP (2010/2011), no qual se encontram indicados os principais momentos da actividade pedagógico/didáctica.



	Início do Estágio Pedagógico.
	Início do ano lectivo 2010/2011.
	Prática pedagógica supervisionada pelo Orientador - Aulas Assistidas.
	Dias estipulados para a Unidade Curricular do Estágio Pedagógico, na UBI.
	Período de ausência lectiva.
	Conclusão do Estágio Pedagógico.
	Final do ano lectivo 2010/2011, na UBI.
	Fase de concretização do Dossier e Relatório do Estágio Pedagógico.
	Entrega do Relatório de Estágio Pedagógico.
	Tempo para Defesa Pública do Relatório de Estágio Pedagógico.

Figura I.1. - Calendário do Estágio Pedagógico, do ano lectivo 2010/2011.

1.2.2. Horário do Estágio Pedagógico.

O Horário do Estágio (Figura I.2) apresenta os dias, as horas e as disciplinas que foram leccionadas ao longo do EP, assim como as horas marcadas para as reuniões de grupo.

As Aulas Assistidas e Observadas de Estágio, inicialmente, foram às sextas-feiras, mas passaram a ser às quartas-feiras, desde o dia 22 de Setembro de 2010, por motivos profissionais, por parte de três dos Professores Estagiários (Eugénia Morgado - Autora deste Relatório - Sónia Martins e Paulo Chambino), pois estiveram ao abrigo do Estatuto Trabalhador/Estudante. O aluno estagiário, Paulo Chambino, participou nas aulas de Estágio às quartas-feiras de manhã, na turma de GD-A do 11.º E e à reunião de EP no período da manhã e da tarde e, ainda, às sextas-feiras de tarde, na turma de GD do 11.º E, conforme o estipulado no Relatório da reunião de Grupo de Estágio, do dia 17 de Setembro de 2010 [Anexo I.1].

	2ª FEIRA	sala	3ª FEIRA	sala	4ª FEIRA	sala	5ª FEIRA	sala	6ª FEIRA	sala
8:30h 9:15h					GD A 11.º E	23 A				
9:15h 10:00h					REUNIÃO ESTÁGIO PEDAGÓGICO	B				
10:20h 11:05h										
11:05h 11:50h										
12:00h 12:45h										
12:45h 13:30h										
13:35h 14:20h										
14:20h 15:05h										
15:10h 15:55h					GD A 11.º N	45				
15:55h 16:40h					REUNIÃO ESTÁGIO PEDAGÓGICO	B			GD A 11.º E	45
16:50h 17:35h										
17:35h 18:20h										

DISCIPLINAS:

GD A	Geometria Descritiva A – 11.º E	4 tempos
GD A	Geometria Descritiva A – 11.º N	2 tempos
REP	Reuniões do Estágio Pedagógico	4 + 2 = 6 tempos

Figura I.2. - Horário do Estágio Pedagógico.

1.3. A Escola Secundária/3 de Amato Lusitano.

1.3.1. A Escola desde os seus inícios.

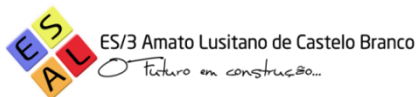


Figura I.3. - Logótipos da ESAL.

Figura retirada a 12 de Abril de 2011 em: <http://moodle.esal.edu.pt/-orion/esalsite/>.

A Identificação da Escola foi baseada na pesquisa em documentos da Escola, tais como: Projecto Educativo (PE) - as bases, as metas e os objectivos gerais e os princípios; Projecto Curricular de Escola (PCE) e o respectivo Anexo 1 - “Mundo das Cores” 2009/2010 - Caracterização; Regulamento Interno (RI); Indicadores de Medida e a Programação Anual - Elaboração, Desenvolvimento, Execução e Avaliação do Plano Anual de Actividades, Acompanhamento do Projecto Educativo, do Regulamento Interno e do Regimento Interno do Conselho Pedagógico. A Figura I.3 mostra os diferentes logótipos da Escola, que são usados em vários documentos oficiais da ESAL.

O Processo de Elaboração, Desenvolvimento, Execução e Avaliação do Plano Anual de Actividades, o Acompanhamento do PE, do RI, do PCE e do Regimento Interno do Conselho Pedagógico da ESAL de Castelo Branco enquadra-se no Decreto-lei n.º 75/2008, de 2 de Abril, especificamente no seu Art.º 33.º.

No dia 3 de Janeiro de 1956, a ESAL foi criada pelo Decreto n.º 40209, de 28 de Junho de 1955. Este diploma legal respondia aos anseios da população albicastrense no sentido de criar a então Escola Industrial e Comercial de Castelo Branco. A Escola começou a funcionar em instalações provisórias situadas no velho Paço Episcopal (onde actualmente está instalado o Museu Francisco Tavares Proença Júnior) - Figuras I.4, I.5 e I.6.



Figura I.4. - Grupo de Professores que leccionaram no ano inaugural 1955-1956.

Figura retirada a 12 de Abril de 2011 em:

Mundo de Cores - Anexo do Projecto Curricular de Escola da ESAL 2009/2010.



Figura I.5. - Sala de Aula de Trabalhos Manuais masculinos no ano inaugural 1955-1956.
Figura retirada a 12 de Abril de 2011 em:
Mundo de Cores - Anexo do Projecto Curricular de Escola da ESAL 2009/2010.



Figura I.6. - Sala de Aula de Trabalhos Manuais femininos no ano inaugural 1955-1956.
Figura retirada a 12 de Abril de 2011 em:
Mundo de Cores - Anexo do Projecto Curricular de Escola da ESAL 2009/2010.

A ESAL, antiga Escola técnica - Escola Industrial e Comercial de Castelo Branco - localiza-se na cidade de Castelo Branco (Figura I.7). Construiu uma tradição enquanto estabelecimento de ensino predominantemente vocacionado para a formação para a vida activa, que tinha uma grande tradição na leccionação de cursos técnicos, na área da mecânica, da electricidade e da contabilidade e secretariado, datando do momento da construção, as ainda funcionais oficinas.



Figura I.7. - Localização do concelho de Castelo Branco.

Figura retirada a 12 de Abril de 2011 em:
Mundo de Cores - Anexo do Projecto Curricular de Escola da ESAL 2009/2010.

A Escola Industrial e Comercial iniciou as suas aulas em curso preparatório com 141 alunos, incumbindo-lhe além disso o encargo de melhorar, em curso de aperfeiçoamento, a capacidade profissional de 268 trabalhadores, o que perfaz 409 alunos em cursos diurnos e nocturnos.

No dia 30 de Agosto de 1959, “Reconquista” informava que havia sido aberto concurso para arrematação pública da empreitada de construção da Escola Comercial e Industrial de Castelo Branco. (Figura I.8).



Figura I.8. - Fotografia da Escola após a conclusão das obras em 1962.
Figura retirada a 12 de Abril de 2011 em:
Mundo de Cores - Anexo do Projecto Curricular de Escola da ESAL 2009/2010.

A Escola foi dimensionada para uma população Escolar mista de 1200 alunos, onde se ministravam os Cursos do Ciclo Preparatório, Complementar de Aprendizagem - electricista -, de Formação - electromecânico, formação feminina, geral de comércio e secções preparatórias para os Institutos - de Mestrança - encarregado de obras - e oficinas anexas de canteiro e bordadora

Amato Lusitano, de seu nome João Rodrigues de Castelo Branco, nasceu em Castelo Branco em 1511 e faleceu em Salónica em 1568 (Figura I.9).



Figura I.9. - Estátua de Amato Lusitano - Judeu Português, Médico e Escritor (1511-1568).
Figura retirada a 12 de Abril de 2011 em:
Mundo de Cores - Anexo do Projecto Curricular de Escola da ESAL 2009/2010.

Começou, desde muito novo, a mostrar aptidões excepcionais para Medicina, excedendo-a nos hospitais de Salamanca, onde estudou. Querendo voltar para Portugal, mas temendo a Inquisição, vagueou por vários países europeus, convivendo com homens de ciência e espalhando rapidamente por toda a Europa a fama da sua erudição e dos seus processos clínicos. Recebeu convites de vários governos para exercer a medicina nos seus países, optando pela Itália onde se fixou.

Foi professor de Anatomia em Ferrara e o seu nome ficou especialmente ligado à descoberta da circulação do sangue, tendo sido ele que descobriu as válvulas venosas. Devem-se-lhe

notáveis observações cirúrgicas e médicas. Foi naturalista e extraordinário terapeuta, muito versado em Botânica Médica.

Vítima de perseguições em Itália por seguir a religião hebraica, veio a falecer em Salónica, onde se refugiara. Amato Lusitano foi considerado, pelos modernos tratados da história da Medicina, como o tipo de médico erudito no séc. XVI, dominando tanto a cultura clássica como a latina. Escreveu inúmeras obras, muitas das quais se perderam, onde expôs as suas doutrinas sobre Medicina nos campos da Anatomia, Patologia, Epidemiologia, Terapêutica, etc.

Como ESAL, nasceu na publicação do Diário da República: Portaria n.º 261/87 de 2 de Abril - ao abrigo do disposto no artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 93/86, de 10 de Maio. Mandou o Governo da República Portuguesa, na pessoa do Ministro da Educação e Cultura, que a Escola se passasse a designar: Escola Secundária de Castelo Branco - ESAL, Castelo Branco, conforme a sua localização apresentada nas Figuras I.10 e I.11.



Figura I.10. - Localização da ESAL na cidade de Castelo Branco.

Figura retirada a 12 de Abril de 2011 em:

Mundo de Cores - Anexo do Projecto Curricular de Escola da ESAL 2009/2010.



Figura I.11. - Vista aérea da ESAL.

Figura retirada a 12 de Abril de 2011 em:

Mundo de Cores - Anexo do Projecto Curricular de Escola da ESAL 2009/2010.

Na sua oferta, continuaram a ter grande relevância as áreas tradicionais, já que existiam instalações e quadro docente. O ensino técnico-profissional, criado em 1983, teve grande sucesso na altura, com grandes contingentes de alunos saídos dos vários cursos com sucesso no mercado de trabalho.

A reforma do ensino introduzida em 1989 alterou os currículos dos cursos tecnológicos, aproximando-os mais dos cursos gerais: as formações gerais e específicas dos cursos foram muito semelhantes e a formação técnica foi bastante mais pesada, em termos de carga

horária (nos cursos tecnológicos). Tal facto, aliado ao exame final obrigatório, tornou os cursos tecnológicos menos atractivos, daí a diminuição do número de alunos desta área.

No ano lectivo 2004/2005 a ESAL aceitou o desafio, colocado pela tutela, às Escolas do ensino regular e incluiu na sua rede de oferta uma turma de ensino profissional, que, até então, era apenas ministrado nas Escolas profissionais, todas elas, salvo uma ínfima percentagem, propriedade de associações particulares. Em boa hora tomou tal decisão e, desde então, o número de alunos que procura este tipo de cursos não tem parado de crescer, pelo que a oferta de formação tem vindo a ser alargada. É neste contexto que deve ser vista a actual ESAL, com bastantes ofertas formativas.

Na actualidade, o quadro da estrutura do ES, a ESAL reparte a sua oferta pelos cursos Científico-Humanísticos, Tecnológicos e Profissionais. A oferta de cursos tecnológicos e profissionais tem mantido a tradição e faz da ESAL uma das Escolas que, a nível nacional, oferece um maior leque de escolhas nesta área de ensino, detalhadas no ponto 1.4, deste RE.

1.3.2. Caracterização da Escola.

No primeiro dia em que começou o Estágio, o OC Dr. Aníbal Cravo Nunes fez, ao Grupo de Estágio, uma visita guiada à Escola, tendo sido feito um reconhecimento do espaço físico da mesma e de toda a equipa da Direcção da ESAL (Director, Professor João Belém; Sub-Director, Professor José António Antunes; Adjuntos, Professor José Reis e Vítor Hugo e Assessor, Professor Rui Duarte).

A ESAL é um estabelecimento de ensino com cerca de 24 anos (1987), com um estilo muito próprio em termos de distribuição dos espaços interiores e exteriores, por ter sido uma Escola Industrial e Comercial.

É bastante funcional e os espaços distribuem-se por 4 pisos, no edifício principal, em que o terceiro piso é o piso da entrada principal, virada para a Avenida Pedro Álvares Cabral (Figuras I.12 e I.13)



Figura I.12. - Entrada Principal da Escola pela Avenida Pedro Álvares Cabral.



Figura I.13. - Entrada Principal da Escola (3.º piso).



Figura I.14. - Espaços Exteriores.



Figura I.15. - Entrada da Escola (2.º piso).



Figura I.16. - Espaços Exteriores.



Figura I.17. - Parque de Estacionamento.

Cada sala de aula ou outro espaço são identificados por nomes de personagens “famosas”, que marcaram uma cultura ou uma memória.

Na zona edificada podem distinguir-se 4 blocos autónomos, perfeitamente interligados: o bloco central, o dos ginásios e refeitório, o das oficinas e o do bar dos alunos.

O 3.º piso, é vocacionado essencialmente para serviços de apoio às aulas e organização administrativa. À esquerda, o Gabinete da Direcção e em frente os Serviços Administrativos, o Serviço de Acção Educativa e o armazém; à direita, a Sala de Professores, uma sala de apoio às actividades docentes e perfilam-se as salas de aula normais e cinco salas de informática. Também o minúsculo Gabinete de Educação Física e o acesso aos ginásios (grande e pequeno). No 4º piso e, para além de salas de aula normais e específicas de Desenho, o Gabinete de Apoio ao Ensino Especial, o Gabinete de Recepção dos Pais e Encarregados de Educação e um especial espaço da ESAL - a Biblioteca Escolar. No 2.º piso, basicamente constituído por salas de aula; à direita o acesso aos balneários masculino, feminino e refeitório. No 1.º piso, salas de aula, laboratórios de física e química, mais uma sala de informática e o espaço 550, do grupo de Informática.



Figura I.18.

Figura I.18. - Sala de Professores (3.º piso).



Figura I.19.

Figura I.19. - Corredor de acesso às salas de aulas (4º piso).



Figura I.20. - Corredor de acesso às salas de aula (2.º piso).



Figura I.21. - Pintura (4º piso).



Figura I.22. - Acesso ao Bar dos alunos.



Figura I.23. - Entrada para o Bar dos alunos e Reprografia/Papelaria.

Passando pelo exterior, ou voltando pelo piso 2, localiza-se o Bar dos Alunos, a Reprografia/Papelaria. Nos espaços exteriores existem diversas pinturas, decorações com painéis murais e esculturas de trabalhos e projectos de alunos.

No 2.º piso também se localizam as Oficinas: de Construção Civil, de Artes, de Mecânica, de Electricidade e de Electrónica, devidamente equipadas para funcionarem como espaços ligados às áreas correspondentes, desenvolvidos mais detalhadamente, no ponto 1.4.

No exterior organizam-se dois campos de jogos (a necessitar de reformulação que os 20 anos impõem), pátios, escadas, caminhos de acesso alcatroados ou cimentados e zonas envolventes arborizadas e ajardinadas, cuidadas com espécies arbustivas e arbóreas diversas.



Figura I.24. - Projecto “Mundo das Cores”



Figura I.25. - Projectos de Esculturas (trabalhos de alunos).



Figura I.26. - Esculturas Exteriores.



Figura I.27. - Pintura Mural.

Se no interior dos edifícios se pode encantar o olhar num ou noutro painel colorido, é no exterior que fascinam os corpos de barro e os murais pelas mãos criativas dos alunos.

As instalações da Escola apresentam um nível de qualidade bastante aceitável. Embora seja uma Escola com um tipo de construção datado dos anos sessenta, tem melhorado significativamente com a manutenção adequada que se tem realizado, feita quer a nível interno, quer a nível externo com intervenções de fundo a nível do ME, ao longo dos últimos anos, nos diferentes sectores do edifício.

Quanto ao grau de dispersão dos espaços Escolares não se releva qualquer problema significativo, exceptuando as insuficientes instalações desportivas que obrigam a deslocações periódicas a um pavilhão municipal, a 500 metros de distância, de um número relativamente reduzido de turmas.

De difícil gestão devem assinalar-se dois aspectos críticos fundamentais do espaço Escolar:

1. O elevado número de turmas existentes, pela diversidade de níveis de ensino e de educação ministrados, obrigam ao aproveitamento de todos os espaços, mesmo daqueles que nem têm condições mínimas de luminosidade, arejamento e área;
2. Áreas de trabalho específicas, sobretudo gabinetes de trabalho, para o exercício do trabalho exigido pela actividade docente não só em termos da consecução de todo o trabalho colaborativo necessário mas também na realização de tarefas de cariz mais burocrático.

Os espaços específicos apresentam uma adequada diversidade e quantidade que responde razoavelmente a todas e tantas áreas leccionadas: os laboratórios de Física, Química, Biologia as salas de Informática, todas as Oficinas antes enunciadas, a Biblioteca Escolar, etc.

1.4. Caracterização da Comunidade Educativa e dos Recursos Humanos/Infra-estruturas para a área das Artes Visuais.

A Escola recebe anualmente cerca de 1000 alunos, distribuídos: 1.º pelo EB, incluindo: a) o 3.º Ciclo - 7.º, 8.º e 9.º anos - e os CEF - Curso de Educação e Formação (Desenho Assistido por Computador, Instalação e Recuperação de Computadores); 2.º pelo ES: a) de carácter geral, tecnológico e profissional, mais precisamente, **Cursos Científico-Humanísticos** (Ciências e Tecnologias, Ciências Sócio-Económicas e Artes Visuais - 10.º, 11.º e 12.º anos); b) **Cursos Tecnológicos** (Desporto - 10.º, 11.º e 12.º anos); c) **Cursos Profissionais** (Técnico de Contabilidade, Técnico de Gestão, Programação de Sistemas Informáticos, Técnico de Mecatrónica, Técnico de Design de Equipamento, Técnico de Frio e Climatização, Técnico de Gestão de Equipamentos Informáticos, Técnico de Instalações Eléctricas e Técnico de Turismo) e d) Ensino Recorrente de nível secundário (12.º ano).

Todas as turmas estão agrupadas e constituídas dentro dos valores definidos por lei. A média dos alunos por turma é a seguinte:

- no 3.º Ciclo do EB e Cursos de Educação e Formação para Jovens (CEF) - 146 alunos;
- nos Cursos Científico-Humanísticos - 463 alunos;
- nos Cursos Tecnológicos - 87 alunos;
- nos Cursos Profissionais - 268 alunos.

Desta forma, a ESAL disponibiliza aos alunos diversas ofertas educativas, com um leque alargado de cursos, conforme se pode verificar no Organigrama apresentado de seguida.

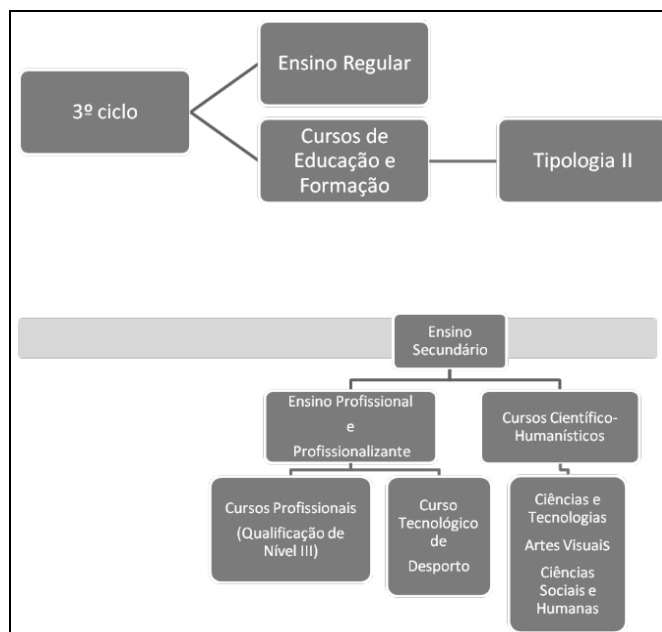


Figura I.28. - Organigrama com a Oferta Educativa da ESAL.
Figura retirada a 12 de Abril de 2011 em: Regulamento Interno da ESAL.

Relativamente aos **Pais e Encarregados de Educação**, sendo as habilitações literárias dos Pais um indicador do apoio possível aos alunos, constatou-se que a maioria dificilmente poderá cumprir essa tarefa, pois 67% dos pais e 57% das mães não ultrapassam o 3.º Ciclo. Apenas 10 e 15% de pais e mães, respectivamente, têm uma licenciatura, distribuindo-se maioritariamente pelos alunos que frequentaram os cursos Científico-Humanísticos. Na generalidade, as mães apresentam um nível de habilitações superior em relação aos pais. Prefigura-se a mesma situação futura, ao apreciarem-se as opções dos nossos actuais alunos. A empregabilidade da maioria significativa dos pais (65%) e das mães (79%) é no sector terciário, começando a ser significativa a situação face à precariedade e ao desemprego que se aproxima da média nacional e que começa a traduzir-se num aumento significativo de alunos a necessitar de apoio do serviço social que passou de 53 alunos em 2008-09 para 213 alunos neste ano lectivo.

No que concerne à Escola de proveniência dos alunos, apresentam-se os dados dos **Alunos** que frequentam a ESAL pela primeira vez no início do ciclo de estudos: 7.º ano/1.º CEF e 10.º ano de Científico-Humanísticos, Curso Tecnológico de Desporto e Cursos Profissionais.

A maioria dos alunos que frequentam a ESAL optam pela continuidade dos seus estudos nesta Escola. Obviamente, são os alunos dos agrupamentos da cidade (43%) que representam a maioria dos novos alunos. A diversificada oferta formativa, especificamente em Cursos Profissionais, também cativa uma população discente bastante significativa (17%) de outros concelhos algo distantes de Castelo Branco.

Será significativa a diferença de 11% entre géneros? Talvez não, mas contraria nitidamente a tendência nacional que aponta para uma população maioritária de mulheres. Ora, a ESAL, oferecendo um variado leque de Cursos Profissionais e o Curso Tecnológico de Desporto denota a preferência masculina por estas opções. Interessante, foi verificar que a população feminina optou maioritariamente por cursos da via prosseguimento de estudos.

Os 22% de alunos que necessitam apoio social Escolar (escalão A -12% e escalão B - 10%) são um factor de elevada preocupação. A atribuição do escalão A, B ou C, está directamente relacionada com o escalão do abono de família (1,2 ou 3) concedido pela Segurança Social a cada agregado familiar. O Encarregado de Educação apenas precisa de entregar a declaração enviada pela Segurança Social onde consta o Escalão do Abono de Família. De acordo com o Despacho 20 956/2008, os alunos do Escalão A beneficiam da totalidade dos apoios previstos e os do Escalão B de 50% destes apoios. O Escalão C permite apenas o acesso aos computadores portáteis, banda larga em condições especiais, caso os alunos reúnam os requisitos pedidos. No 3.º Ciclo já há 38% de alunos que são apoiados. Não menos preocupante é a evolução de aumento de alunos apoiados que se verificou de 2009-10 para 2010-11. São, também, em número considerável os alunos que se deslocam diariamente para fora da cidade (15,5%), sendo mais de 9% os que necessitam mais de 30 minutos para realizar cada viagem para as suas residências.

A situação familiar interligada com a realidade habitacional revela que 22% dos alunos não vive habitualmente numa família normalizada. As famílias monoparentais atingem mesmo o valor considerável de 14,4%, correspondendo a 139 alunos.

São apenas 3% os alunos cuja proveniência é de países estrangeiros e 2,4% cuja Língua Materna não é o Português. Assim, a diversidade cultural, étnica e linguística tem significado diminuto estando os alunos nas situações referidas perfeitamente integrados. Na generalidade, dominam razoavelmente a Língua Portuguesa e os casos mais problemáticos beneficiam do apoio educativo individual apropriado.

O **corpo Docente** da ESAL é composto por cerca de 158 professores, em que 76% (134) pertence ao quadro de nomeação definitiva, 12% (12) do quadro de zona pedagógica e apenas 12% (12) contratados, o que se pode considerar uma Escola estável e com elevado potencial de continuidade. A maioria dos professores são Licenciados, havendo já alguns com o Mestrado e o Doutoramento.

Salienta-se que 63% dos docentes pertencem a uma faixa etária acima dos 45 anos. A ESAL é seguramente compensada pela qualidade que é dada pela experiência lectiva e profissional de 58% de professores que têm entre 20 e 36 anos e 30% com mais de 10 anos de serviço.

A assiduidade dos docentes é um dos factores de menor relevância, pelo reduzido número de faltas dadas. Acresce a preocupação constante, já interiorizada no corpo docente, da possibilidade de troca de aulas e um sistema de substituições perfeitamente organizado.

O corpo docente é constituído aproximadamente, por 33 professores de Línguas, 26 das Ciências Sociais e Humanas, 75 das Matemáticas e Ciências Experimentais, 21 das Expressões e 3 da Educação Especial e Psicóloga, o que perfaz um total de 158 professores efectivos.

A distribuição de serviço docente faz-se de acordo com as seguintes funções:

- Director de Turma;
- Director de Curso Profissional e CEF's / Curso Tecnológico;
- CT;
- Conselhos de Grupo/Disciplina;
- Departamentos Curriculares;
- Gabinete de Apoio ao Aluno;
- Gabinete de Projectos Educativos.

Os **Agentes e Serviços de Apoio Educativo** da ESAL, no exercício das atribuições que lhe estão legalmente cometidas e das que resultam directamente das orientações definidas no PE-ESAL e no RI, são agentes de apoio educativo (em sentido amplo) ao aluno:

- Professor;
- Professor - Tutor;
- Director de Turma;
- Conselho Pedagógico;
- Director;

- Os Funcionários - Administrativos e Auxiliares.

São **Serviços Especializados de Apoio Educativo**, os serviços prestados pelas seguintes estruturas:

- Acção Social Escolar;
- Serviços de Psicologia e Orientação;
- Gabinete de Apoio ao Aluno;
- Biblioteca/Centro de Recursos/Sala de Estudo;
- Papelaria e Reprografia;
- Bar e Refeitório.

O **Pessoal não Docente** é composto por dois grupos distintos, englobando os auxiliares de acção educativa e os funcionários administrativos, num total de cerca de 38 elementos.

Com um horário lectivo ininterrupto entre as 8:00h e as 18:30h, a Escola regista um número reduzido e insuficiente de Assistentes Operacionais, que são os responsáveis pelas Áreas Funcionais Administrativas e de Suporte da ESAL e que gerem cada espaço, como por exemplo, responsáveis pelo Bar, pela Reprografia, pela Cozinha da Cantina, etc.

Se o vínculo não é factor determinante, pois 92% dos funcionários têm justas garantias de trabalho, a faixa etária e as habilitações literárias não são adjuvantes da qualidade apropriada: 41% têm mais de 45 anos e outros 41% mais de 55 anos de idade; 69% têm habilitações abaixo do ES.

A assiduidade do pessoal não docente constitui, sempre, um factor de perturbação de difícil superação que apenas é resolvida pela polivalência e disponibilidade dos funcionários.

Os órgãos fundamentais da Escola são os que a seguir se apresentam, sendo o seu funcionamento definido pelos respectivos regulamentos internos.

A distribuição de serviço não docente faz-se de acordo com as áreas funcionais administrativas e de suporte, num total de 9 assistentes técnicos e 29 assistentes operacionais, a saber:

- Alunos - 3 assistentes técnicos e 16 assistentes operacionais;
- Contabilidade - 1 assistente técnico;
- ASE - 1 assistente técnico;
- Tesouraria - 1 assistente técnico;
- Pessoal - 3 assistentes técnicos;
- Biblioteca - 2 assistentes operacionais;
- Cozinha - 3 assistentes operacionais;
- Bares - 4 assistentes operacionais;
- PBX - 2 assistentes operacionais;
- Reprografia - 2 assistentes operacionais.

Relativamente ao **Órgão da Assembleia de Escola (Conselho Geral)**, este é composto por 21 elementos votantes: oito representantes do Pessoal Docente; três representantes dos Pais e Encarregados de Educação; dois representantes do Pessoal Não Docente; três representantes das actividades de carácter Económico, Social e/ou Cultural; três representantes do Município e dois representantes dos Alunos do ES.

A ESAL dispõe de espaço físico que suporta a concretização da orientação curricular referida no início deste ponto, existindo áreas específicas que asseguram o funcionamento dos cursos que constituem a sua oferta.

No que diz respeito, especificamente, aos **Recursos Humanos/Infra-estruturas para a área das Artes Visuais**, na ESAL existem várias salas para a área das Artes, com bastante iluminação/ventilação, comunicação com arrecadação, bancadas com lavatório, quadro branco, computador, projector e armários para arrumação de materiais técnicos e especializados.

Relativamente às normas de segurança, pode referir-se que as mesmas são respeitadas, sendo que o extintor, a planta da sala de aula e os avisos de segurança encontram-se correctamente afixados.

As aulas da disciplina de GD-A foram leccionadas na **sala 23A** (2.º piso) para a turma do 11.º E e na **sala 45** (4º piso) para a turma do 11.º N, ambas salas de Desenho, preparadas para funcionarem como salas de Artes.



Figura I.29. - Espaço da Sala 45.



Figura I.30. - Espaço da Sala 45.



Figura I.31. - Espaço da Sala 23A.



Figura I.32. - Espaço da Sala 23A.

As duas salas estavam equipadas com cadeiras altas e estiradores e outras condições fundamentais à prática lectiva e leccionação de GD, ou seja, tinham o material necessário para os alunos poderem trabalhar nas disciplinas das Artes Visuais.

A sala 23A estava virada a Norte, o que fazia com que tivesse pouca iluminação natural e a área era um pouco reduzida para a quantidade de alunos, porque as mesas estavam todas juntas em filas, inviabilizando a circulação entre mesas e dificultando a realização das actividades.

A sala 45, que estava virada a Sudoeste, o que em termos de iluminação era bastante mais agradável, tinha uma área bastante boa, pois a turma do 11.º N só tinha 11 alunos a frequentar a disciplina de GD-A, enquanto, o 11.º E tinha 20 alunos.

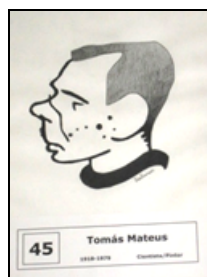


Figura I.33. - Identificação da Sala 45.



Figura I.34. - Identificação da Sala 23A.

Ao longo do ano, verificou-se que a ESAL tinha bastantes espaços exteriores e interiores, decorados por trabalhos de alunos (pinturas murais, esculturas, etc), uma Escola verdadeiramente virada para as Artes e Ofícios.



Figura I.35.



Figura I.36.

Figura I.35. - Pintura Mural.

Figura I.36. - Arrumos onde se localiza a Mufla da Oficina de Artes.

É de salientar ainda, que para além das salas usadas pela disciplina de GD-A (sala 23A e sala 45) destinadas às turmas das Artes Visuais, disponibiliza-se a sala 42 (sala para a disciplina de Desenho A) e uma Oficina de Artes, no edifício das Oficinas (Figuras I.35, I.36, I.37 e I.38).

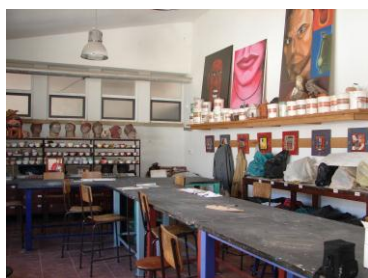


Figura I.37. - Oficina de Artes.



Figura I.38. - Oficina de Artes.



Figura I.39. - Identificação da Sala 42.

A **Oficina de Artes** é um espaço que é utilizado para a disciplina de Oficina de Artes do 7.º, 8.º, 9.º e 12.º anos, onde se desenvolvem trabalhos de Cerâmica, Barro, Madeira, Pinturas de Telas, entre outros. É uma oficina em que os alunos trabalham de uma forma descontraída e “à-vontade”, pois são aulas mais dinâmicas e práticas, mas sempre com uma componente teórica de apoio aos trabalhos práticos. É constituída por mesas altas (estiradores) e cadeiras adaptadas, concentradas num núcleo central para melhor mobilidade no espaço e por mesas ou estantes de apoio ao trabalho dos alunos e para colocação dos trabalhos que estão a ser realizados.

Neste mesmo edifício, o chamado edifício das Oficinas, estão também localizadas as Oficinas de Construção Civil, de Mecânica, de Electricidade e de Electrónica, especificamente para as áreas mais Tecnológicas e Técnicas, tal como já foi referido no ponto 1.3. São espaços ligados às áreas dos Cursos Profissionais existentes na ESAL. Estão equipados com todo o material necessário para o bom funcionamento das aulas.

Conforme foi referido neste Relatório, todos os espaços interiores da Escola (salas de aula, etc) estão identificados por uma personagem. Sendo assim, a **Biblioteca Escolar/Centro de Recursos** não ficaria de fora com o **Umberto Eco** a fazer as honras de entrada na Biblioteca - Figura I.40.

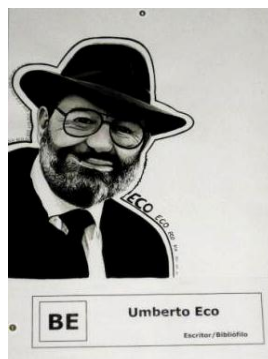


Figura I.40. - Identificação da Biblioteca Escolar.



Figura I.41. - Espaço da Biblioteca Escolar.



Figura I.42. - Espaço da Biblioteca Escolar.



Figura I.43. - Espaço da Biblioteca Escolar.



Figura I.44. - Reunião de Grupo de Estágio.



Figura I.45. - Espaço da Biblioteca Escolar.



Figura I.46. - Reunião de Grupo de Estágio.

Sendo considerado um espaço suficiente, este era frequentemente usado pelos alunos da ESAL, incluindo os alunos das turmas de Estágio, comprovada por observação directa no local. Para a área das Artes Visuais a Biblioteca está bastante bem munida, nomeadamente: livros, vídeos, revistas, DVD e entre outros, desde *Arquitectura*, *Design*, *Pintura*, etc.

A planta da Biblioteca a seguir apresentada (Figura I.47) indica o local das reuniões do Grupo de Estágio (circunferência representada a vermelho) e mostra o espaço suficiente e disponível para ser usado e dividido em diversas secções.

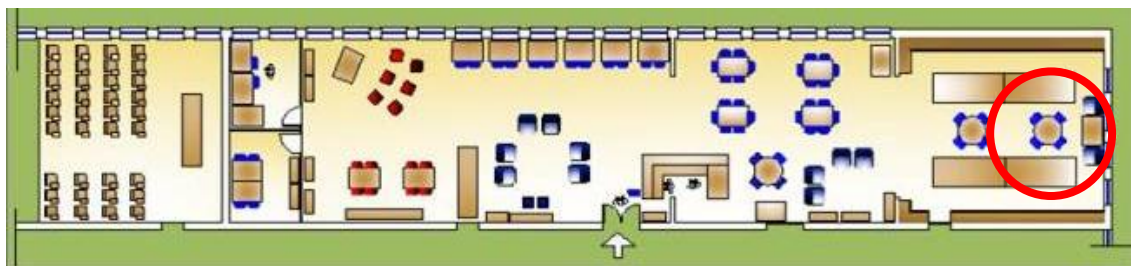


Figura I.47. - Planta da Biblioteca Escolar - local das Reuniões do Grupo de Estágio.
 Figura retirada a 2 de Maio de 2011 em: <http://moodle.esal.edu.pt/>.

O Horário de Funcionamento da Biblioteca Escolar é bastante alargado: de 2ª a 6ª feira das 8:00 às 19:00 horas. Os Serviços incluem: empréstimo para leitura, consulta de obras de referência, consulta de jornais e revistas, visionamento de filmes VHS e DVD, audição de música (CD e cassete), consulta de Cd-Rom, acesso à Internet, sala de estudo, escrita e impressão de trabalhos em computador, jogos de mesa e outras actividades integradas no Plano Anual de Actividades da Biblioteca e/ou da ESAL.

Todos estes documentos estão disponíveis na plataforma *Moodle* da Escola, na disciplina da Biblioteca. A disciplina está aberta a todos, sendo necessário somente o registo na plataforma - <http://moodle.esal.edu.pt>.

Deste modo, a Biblioteca dinamizava um Clube de Leitura, a partir da referida plataforma *Moodle* da Escola. As actividades eram desenvolvidas através de fóruns e centravam-se na leitura e na escrita criativa. Os leitores podiam participar a partir de casa, partilhar experiências de leitura, inteirar-se sobre as novidades do fundo documental, colaborar nas actividades escritas e interagir com quem se encontrava na página no momento. O Clube estava aberto a toda a comunidade Escolar, bastando para o seu acesso o registo na plataforma da ESAL. Esta plataforma de conteúdos digitais disponibilizada pela ESAL serve de suporte às actividades curriculares e extra-curriculares. Apresenta-se como um espaço privilegiado de conteúdos para desenvolver e estimular as aprendizagens na Escola, para organizar e apoiar a comunicação interna, para permitir a partilha de saberes e fazeres.

Factor de inovação e desenvolvimento, aberto a todas as aprendizagens, constitui-se como uma solução para professores e alunos nas aulas, nos projectos, nas estruturas de coordenação, no que a criatividade e a disponibilidade permitirem.

A Equipa da Biblioteca assegura o seu funcionamento, existindo uma equipa educativa, constituída por professores: Professora Bibliotecária Raquel Afonso, Professora Inês Gameiro, Professora Etelvina Pinto e Professora Hermínia Pombo e assistentes operacionais: Júlio Belo e Ana Gonçalves.

Um Professor Bibliotecário tem a seu cargo a gestão da Biblioteca e é coadjuvado por uma equipa nos termos definidos no RI. Os docentes que integram a equipa da Biblioteca Escolar são designados pelo Director de entre os que dispõem de competências nos domínios pedagógico, de gestão de projectos, de gestão da informação, das ciências documentais e das tecnologias de informação e comunicação.

Assim, as funções do Professor Bibliotecário da ESAL são as seguintes:

- ✓ “Assegurar serviço de biblioteca para todos os alunos da Escola não agrupada;
- ✓ Promover a articulação das actividades da biblioteca com os objectivos do Projecto Educativo, do Projecto Curricular de Escola e dos Projectos Curriculares de Turma;
- ✓ Assegurar a gestão dos recursos humanos afectos à(s) biblioteca(s);
- ✓ Garantir a organização do espaço e assegurar a gestão funcional e pedagógica dos recursos materiais afectos à biblioteca;
- ✓ Definir e operacionalizar uma política de gestão dos recursos de informação, promovendo a sua integração nas práticas de professores e alunos;

- ✓ Apoiar as actividades curriculares e favorecer o desenvolvimento dos hábitos e competências de leitura, da literacia da informação e das competências digitais, trabalhando colaborativamente com todas as estruturas da Escola;
- ✓ Apoiar actividades livres, extracurriculares e de enriquecimento curricular incluídas no plano de actividades ou projecto educativo da Escola não agrupada;
- ✓ Estabelecer redes de trabalho cooperativo, desenvolvendo projectos de parceria com entidades locais;
- ✓ Implementar processos de avaliação dos serviços e elaborar um Relatório anual de auto-avaliação a remeter ao Gabinete Coordenador da Rede de Bibliotecas Escolares;
- ✓ Representar a biblioteca Escolar no Conselho Pedagógico, nos termos do regulamento interno.”²

Por outro lado, as funções dos Assistentes Operacionais em serviço na Biblioteca da ESAL são:

- ✓ “Prestar atendimento de qualidade aos utilizadores;
- ✓ Carimbar e registar os documentos em suporte informático;
- ✓ Controlar a leitura presencial, o empréstimo domiciliário e empréstimo para a sala de aula;
- ✓ Controlar a leitura multimédia;
- ✓ Assegurar o bom funcionamento da Biblioteca Escolar, cumprindo e fazendo cumprir o regulamento;
- ✓ Colaborar no desenvolvimento das actividades da Biblioteca Escolar;
- ✓ Arrumar e zelar pela conservação das instalações e equipamentos.”³

Para localizar livros na Biblioteca, o fundo da Biblioteca encontra-se em livre acesso, organizado por assuntos, em nove grandes áreas do conhecimento, com base na Classificação Decimal Universal - CDU:

Tabela I.1. - Quadro Resumo com a Classificação Decimal Universal - CDU.
 Figura retirada a 2 de Maio de 2011 em: <http://moodle.esal.edu.pt/>.

CLASSE CDU	ASSUNTO
0	Generalidades
1	Filosofia
2	Religião
3	Ciências Sociais
5	Ciências Exactas
6	Ciências Aplicadas
7	Arte - Desporto
8	Língua - Linguística - Literatura
9	Geografia - História

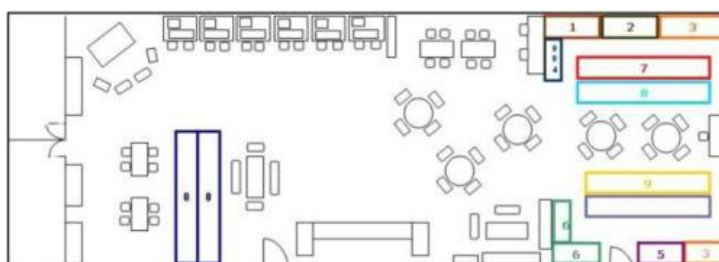


Figura I.48. - Distribuição da Classificação Decimal Universal na Biblioteca Escolar.
 Figura retirada a 2 de Maio de 2011 em: <http://moodle.esal.edu.pt/>.

A Biblioteca da ESAL edita por ano lectivo, uma média de três Boletins Informativos, onde mostra notícias e informações sobre actividades realizadas na Biblioteca, nomeadamente, do

² Acedido a 24 de Maio de 2011, em: <http://moodle.esal.edu.pt/>.

³ Acedido a 24 de Maio de 2011, em: <http://moodle.esal.edu.pt/>.

Clube de Leitura, de sugestões de leitura do PNL (Plano Nacional de Leitura) e entre outros assuntos relacionados com a Biblioteca.

1.5. Caracterização do Departamento de Expressões/Grupo de Artes Visuais.

O Departamento de Expressões da ESAL, mais precisamente, de Expressões Físicas e Artísticas, era constituído pelo Grupo Disciplinar das Artes Visuais (grupo 600) e pelo Grupo Disciplinar de Educação Física (grupo 620).

A Coordenação do Departamento de Expressões estava a cargo do professor Licenciado em Ensino de Educação Física do 3.º Ciclo e do ES, Luís Rechena de Oliveira, o qual também era o Coordenador do Grupo Disciplinar 620 (Educação Física).

A Coordenar o Grupo Disciplinar das Artes Visuais (grupo 600) estava o professor José Manuel Neves dos Santos (Licenciatura em *Design* de Equipamento).

Como Coordenador do Grupo de Estágio de Artes Visuais, encontrava-se o Dr. Aníbal Cravo Nunes, o OC da UBI.

Todos os professores que faziam parte do Departamento das Expressões (grupos de Artes Visuais e Educação Física) reuniam uma vez por período, com o Coordenador de Departamento, Luís Rechena, que divulgava as informações vindas do Conselho Pedagógico.

Por sua vez, os Delegados dos Grupos Disciplinares reuniam com os respectivos professores constituintes de cada grupo dando as informações necessárias, trazidas do Coordenador de Departamento, pelo menos uma vez por mês.

A caracterização do Grupo de Artes Visuais foi especificamente baseada, em documentos da Escola, tais como: PCE e o respectivo Anexo 1: “Mundo das Cores” 2009/2010 - Caracterização e os horários dos professores pertencentes ao grupo das Artes Visuais (grupo 600). Este era constituído por sete professores integrados do quadro de nomeação definitiva e um contratado, com uma faixa etária entre os 35 e os 64 anos, a saber:

- 1 - Professor efectivo Álvaro Ramos (Licenciatura em Pintura) - leccionava as disciplinas de Desenho A (10ºF e 11.º E) e Oficina de Arte (9ºB);
- 2 - Professor efectivo Aníbal Cravo Nunes (Professor Orientador do EP e Licenciatura em Arquitectura) - leccionava a disciplina de GD-A (11.º E e 11.º N);
- 3 - Professor efectivo José Manuel Santos (Licenciatura em *Design*) - leccionava a disciplina de GD (10ºA, 10ºC, 10ºD, 10ºF e 12.ºL);
- 4 - Professora efectiva Maria Natividade Domingues (Licenciatura em *Design*) - leccionava as disciplinas de Desenho A (12.ºG) e Desenho de Comunicação (12.ºL);
- 5 - Professora efectiva Maria Conceição Morão (Licenciatura em *Design*) - leccionava as disciplinas de Desenho A (10ºD), Desenho Assistido por Computador (10ºO) e *Design* (12.ºL);

6 - Professora efectiva Maria João Serrasqueiro (Licenciatura em *Design*) - leccionava as disciplinas de *Design* (10ºO) e Oficina de Arte (12.ºG);

7 - Professora efectiva Maria Piedade Rodrigues (Licenciatura em *Design*) - leccionava as disciplinas de Educação Visual (7ºA), Oficina de Arte (7ºA e 8ºB), Desenho de Comunicação (10ºO), Área de Projecto (12.ºG) e Materiais e Tecnologias (12.ºL);

8 - Professor contratado Luís Martins (Licenciatura em Arquitectura) - leccionava as disciplinas de Oficina de Arte (8ºA e 9ºA), Artes Visuais (CEF DAC2), Coordenação de Actividades (CEF DAC2) e Oficina de Multimédia B (12.ºG).

O grupo era responsável pelos 7º, 8º e 9º anos, na disciplina de Educação Visual, pelos Cursos de CEF e pelos décimo, décimo primeiro e décimo segundo anos, nos Cursos Científico-Humanísticos, Cursos Tecnológicos e Cursos Profissionais.

1.6. Caracterização das Turmas.

O EP englobou duas turmas do 11.º ano - 11.º E (alunos do Curso Científico-Humanísticos de Artes Visuais) e 11.º N (alunos dos Cursos Científico-Humanísticos de Ciências e Tecnologias e Artes Visuais). Os dados obtidos e descritos de seguida foram de acordo com dados fornecidos do Projecto Curricular de Turma (PCT) do 11.º E e de alguns dados fornecidos pela Directora de Turma do 11.º N, por ter sido uma turma que englobou alunos de várias turmas do 12.º ano, não tinha um PCT único.

Ao OC, Dr. Aníbal Cravo Nunes, foram atribuídas duas turmas: 11.º ano Turma “E” e 11.º ano Turma “N”. Nas duas turmas, a disciplina leccionada foi a GD-A, do qual o Grupo de Estágio teve intervenção directa em ambas as turmas.

De seguida, estão apresentadas as caracterizações das duas turmas (11.º E e 11.º N), com alguns dados relevantes, dados esses que foram obtidos pelos referidos PCT das turmas, disponibilizados pelas Directoras de Turma, através de uma caracterização mais detalhada.

O Director de Turma tem um papel fundamental no acompanhamento da turma e, também, todos os professores das disciplinas. É responsável pela turma e é o único elemento que tem acesso ao PCT, do qual informa ao Conselho de Turma os dados relevantes relativamente à turma em causa. O PCT foi adaptado em função da faixa etária dos alunos das turmas, neste caso a alunos do 11.º ano.

1.6.1. Caracterização da Turma 11.º E.

Directora de Turma: Professora Filomena Nunes.

Alunos do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais.

Esta turma sofreu diversas mudanças ao longo do ano. Inicialmente tinha 19 alunos inscritos na disciplina de GD-A, mas três anularam a matrícula a esta disciplina, passando a ter 16 alunos. Entretanto chegou um novo aluno vindo de uma escola da zona de Lisboa, ficando

definitivamente com 17 alunos, 12 do sexo feminino e 5 do sexo masculino. As idades dos alunos variavam entre os 15 e os 20 anos: 1 aluna com 15 anos; 6 alunos com 16 anos; 5 alunos com 17 anos; 4 alunos com 18 anos e 1 aluna com 20 anos.

Não houve casos particulares a salientar com Necessidades Educativas Especiais (NEE).

Foi uma turma bastante heterogénea, pela diversidade de interesses por parte dos alunos. Interesses temáticos diversificados, reflectiram-se ao nível dos resultados finais.

Quase todos os alunos moravam na cidade de Castelo Branco, havendo alunos que vinham, por exemplo, de Idanha-a-Nova e aldeias próximas.

Existiu um único aluno que frequentou, ao mesmo tempo, o 12.º ano, tendo estado a frequentar apenas a disciplina de GD-A.

Nas disciplinas de Português, Filosofia, Inglês e Matemática os professores mostraram disponibilidade para apoiar todos os alunos interessados. Os restantes professores, apesar de não terem horas destinadas ao apoio, mostraram disponibilidade em ajudar e apoiar todos os alunos que o solicitassem, mesmo para além da sua carga horária lectiva.

A Direcção, na elaboração dos horários das turmas, dividiu a turma na disciplina de GD-A, apenas à segunda-feira, enquanto que nos outros dias (quarta-feira e sexta-feira) a turma esteve sempre junta. Isto deveu-se ao facto da disciplina de GD-A estar a ser leccionada ao mesmo tempo e à mesma hora, que a disciplina de Desenho A por outro professor (disciplina específica obrigatória do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais).

Segundo o PCT da turma, favorece-se o diálogo sistemático com os alunos (para os consciencializar das suas responsabilidades na Escola e nos estudos) e com os Encarregados de Educação (dando informações sistemáticas relativamente ao empenho e comportamento dos seus educandos) e ainda com os professores da turma. No que diz respeito à falta de assiduidade, foi resolvida através do diálogo entre Director de Turma/Alunos, Professores/Alunos, Director de Turma/Professores, Director de Turma/Encarregados de Educação e Encarregados de Educação/Educandos

Quanto às anulações de matrícula e em conversas entre Directora de Turma, Encarregados de Educação e Alunos, o motivo alegado pelos alunos foi falta de motivação para o estudo e quererem trabalhar (conforme descrito no PCT).

A motivação e o desempenho dos alunos na disciplina de GD-A, no curso de Artes Visuais, dependeu da sua idade e do facto de estes saberem que a disciplina terminava no 11.º ano. Assim, alguns despreocuparam-se e desinteressaram-se pela mesma (mesmo sabendo que havia Exame Nacional).

Os alunos desta turma foram pouco assíduos e pontuais, em todas as disciplinas, demonstrando falta de motivação pela disciplina de GD-A, o que foi observado na falta de interesse e empenho em aperfeiçoarem e aprofundarem os seus conhecimentos.

A existência de uma escola de Artes na cidade (ESART) fez com que os alunos previssem, para futuras profissões, cursos ligados ao *Design*, pois esta entidade investe essencialmente em cursos desta área. Desta forma, os alunos consideraram, erroneamente, que a disciplina de GD-A não era importante para esses cursos, daí a falta de empenho dos mesmos. Apesar dos docentes e Professores Estagiários se terem empenhado em demonstrar a aplicação da GD em todas as áreas, os alunos não se demonstraram, no geral, aplicados e interessados.

O PCT também fala de Orientações Pedagógicas, das quais foi realizada uma avaliação diagnóstica a todas as disciplinas, no início do ano lectivo, a partir da qual foram definidas actividades de remediação adequadas. Foi sempre realizada a avaliação formativa e sumativa em todos os períodos de avaliação. Cada docente entregou os respectivos critérios de avaliação até ao final de Setembro. As aulas foram leccionadas em função das planificações a longo, médio e curto prazo, realizadas nos respectivos Grupos Disciplinares, tendo como ponto de partida a avaliação diagnóstica efectuada no início do ano lectivo.

Relativamente aos Critérios de Avaliação, a Directora de Turma deu a conhecer aos alunos e Encarregados de Educação os critérios de avaliação de todas as disciplinas, e de todas as decisões e orientações tomadas durante o ano lectivo, no que dizia respeito ao aproveitamento, à assiduidade e ao comportamento, atempadamente. Durante o ano lectivo os professores da turma seguiram, sempre que possível, as orientações dadas, pela Directora de Turma ou as que foram decididas pelo Conselho de Turma.

Foram redefinidas algumas estratégias, principalmente no que diz respeito à execução de trabalhos a apresentar pelos alunos, na disciplina de Desenho A.

Quanto às atitudes e valores dos alunos, ao assistir às primeiras aulas, a Professora Estagiária ficou surpreendida com a falta de participação da maioria dos alunos, à excepção de alguns. Adicionalmente, demonstraram frequentemente alguma ausência de iniciativa e de destreza na realização das tarefas propostas. Verificaram-se regularmente momentos de uma certa apatia colectiva. A proposta e dinamização de tarefas diversificadas e desafiantes, nomeadamente tarefas com recurso a tecnologias de informação, foram bem recebidas na turma, provocando um maior interesse e elevando a dinâmica da sala de aula.

A Professora Estagiária crê que se pôde considerar o nível médio de aproveitamento da turma como - Médio Fraco. Foi de destacar, no entanto, a existência de alguns alunos com um aproveitamento considerado - Muito Bom.

1.6.2. Caracterização da Turma 11.º N.

Directora de Turma: Professora Paula Alexandre Nunes.

Alunos do Curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias e do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais.

Esta turma sofreu também diversas alterações ao longo do ano lectivo.

Inicialmente com 13 alunos inscritos na disciplina de GD-A, duas das alunas nunca compareceram às aulas (desconhece-se a razão).

A turma ficou constituída, portanto, por 11 alunos: 5 do sexo feminino e 6 do sexo masculino.

As idades dos alunos variaram entre os 16 e os 20 anos: 2 alunas com 16 anos; 3 alunos com 17 anos; 5 alunos com 18 anos e 1 aluno com 20 anos.

Conforme a turma do 11.º E, não houve casos particulares a salientar com NEE.

Ao contrário da turma do 11.º E, foi uma turma mais assídua e em que apenas dois alunos anularam a matrícula, por informação da Directora de Turma.

Todos os alunos moravam na cidade de Castelo Branco, à excepção de um, que morava em Alcains.

No geral, a turma era bastante heterogénea. Esta não teve um PCT definitivo, por ser composta por alunos de várias turmas do 12.º ano, isto é, todos os alunos frequentaram o 12.º ano, juntamente com a disciplina de GD-A do 11.º ano, à excepção de duas alunas, que frequentaram apenas a disciplina de GD-A do 11.º ano, não frequentando o 12.º ano e à excepção de mais um aluno que frequentou as disciplinas de GD-A do 11.º ano e Físico-Química A.

Conclusão, trataram-se de alunos que estiveram a fazer melhoria de nota a GD-A e outros como disciplina de opção, para terminarem o 11.º ano.

Quanto ao aproveitamento foi uma turma bastante empenhada e interessada, pois obteve, no geral, boas classificações.

Quanto ao comportamento, este foi considerado bastante satisfatório, tendo sido muito gratificante trabalhar com a turma. Muito atentos e autónomos, no geral, tirando sempre todas as dúvidas em contexto de sala de aula. Eram alunos que queriam acabar o 12.º ano, em que a disciplina de GD-A tinha que ter resultado positivo.

A Professora Estagiária considerou que esta situação justificou a forte motivação geral e mútua dos alunos.

1.7. Relação da Escola com a Comunidade Envolvente.

A Relação da Escola com a Comunidade Educativa é regulamentada através do enquadramento da relação no âmbito do PE da ESAL.

A relação da ESAL com o meio e a comunidade estabelece-se por intermédio de entidades nas áreas do ensino e da formação, da ciência e da tecnologia, da economia e das finanças, das artes e do desporto e das autarquias e outras instâncias públicas e privadas.

No âmbito das Artes Visuais, todas as actividades e organizações de exposições ou outros eventos para a Comunidade, estavam contempladas no Plano Anual de Actividade (PAA) da ESAL.

Deste modo, o grupo das Artes Visuais da Escola definiu e propôs actividades para o referido PAA, onde constaram todas as acções a decorrer durante o ano lectivo 2010/2011.

No início do ano lectivo e de acordo com a planificação prevista, o Grupo das Artes Visuais realizou algumas actividades no âmbito do PAA, na relação com a comunidade envolvente, a saber:

1 - Exposição de “Espantalhos”, no âmbito da disciplina de Educação Visual e Oficina de Artes.

Este projecto nasceu segundo uma proposta lançada pelo *Rotary* Clube de Castelo Branco, em Setembro de 2010 até Abril de 2011, em parceria com o Forum de Castelo Branco e os Agrupamentos de Escolas João Roiz, Cidade de Castelo Branco, Faria Vasconcelos, Afonso de Paiva e as ESAL e Escola Secundária Nuno Álvares, que levou a cabo um concurso sob o tema “O Espantalho Vaidoso”, com o objectivo de promover o estudo da memória colectiva, nomeadamente a que liga à terra, estimular o estudo da etnografia da região, estimular a recolha de dados sobre os hábitos da região de Castelo Branco e, por último, mas, não menos importante, promover o diálogo inter-gerações.

Pretendia-se que os alunos pesquisassem junto de pessoas que ainda tinham na memória como se faziam os espantalhos e os materiais utilizados. Terminou com uma exposição, no mês de Abril, no Forum de Castelo Branco.

O projecto foi lançado através de um Regulamento de abertura do Concurso, onde constaram as regras e as condições de admissão, por parte de cada Escola convidada.

Desde o início do mês de Maio os trabalhos que estiveram expostos no Forum, vieram para o átrio da ESAL (Figura I.49), para que a comunidade Escolar pudesse ver e olhar os espantalhos elaborados por alunos da Escola e da sua participação no concurso.



Figura I.49



Figura I.50



Figura I.51

Figura I.49. - Exposição dos Espantalhos na ESAL.
Figura I.50. - Espantalho executado pela turma do 7.º A na disciplina de Oficina de Artes.
Figura I.51. - O Espantalho Vaidoso - “A Maria Botelinda”

A Figura I.50 mostra o espantalho elaborado pelos alunos da turma do 7ºA, na disciplina de Oficina de Artes, orientado pela Professora Piedade Rodrigues. Os alunos decidiram trazer de casa roupas velhas que tradicionalmente eram usadas nos espantalhos, tendo sido

integralmente desenhado e executado pelos alunos, com o uso de diversos matérias, como palha, jornal, gesso e seria um espantalho moderno, a andar de *skate*.

A Figura I.51 mostra o espantalho que venceu o concurso e que primou pela tradição e materiais usados na sua confecção, com o uso de materiais reutilizáveis (ráfia, lã, botões e feltro) e, ainda, palha e tecidos. Foi construído pelos alunos do 8º A, orientados pelas professoras Sónia Bispo e Maria João Serrasqueiro.

2 - Exposição de “Cegonhas” decoradas pelas várias Escolas do concelho de Castelo Branco (à semelhança da “*Cow Parade*”), em que a ESAL colaborou com a decoração de dois exemplares.

As cegonhas foram feitas em PVC, que se encontraram expostas no jardim frente ao edifício do Governo Civil. A exposição foi promovida pelo agrupamento de Escolas do Concelho, e que contou com o apoio de várias entidades da cidade de Castelo Branco. A esta pequena montra, deram o nome de, “O Canto das Cegonhas”, tendo sido um exemplo de que, na maioria das vezes, não se necessita de grandes meios, para levar a efeito uma iniciativa digna, pois a cegonha tem significado para a cidade, a qual protege a cegonha branca.

Cada Escola aderente pôde participar com dois exemplares e foram decoradas e criadas pelas turmas do 9.º ano.

O projecto começou em Outubro de 2007, contando com 27 Escolas, com 2.º e 3.º Ciclos do Distrito de Castelo Branco. As Escolas foram convidadas a participar no projecto. Só depois de aceites os convites é que começaram a recolha de dados. No caso das Escolas que publicavam jornal, os dados foram recolhidos através de um inquérito aos professores e de um questionário aos alunos envolvidos na produção do jornal. No caso das Escolas que não possuíam jornal Escolar, foram contactados os presidentes dos conselhos executivos para saber por que é que a Escola não publicava um jornal Escolar e para saber se alguém estaria interessado em fazê-lo.



Figura I.52.



Figura I.53.

Figura I.52. - Exposição de Cegonhas - Trabalhos de Alunos.

Figura I.53. - Exposição de Cegonhas - Trabalhos de Alunos.

Figuras retiradas a 4 de Maio de 2011 em:

<http://castelobrancocidade.blogspot.com/2010/06/o-canto-dsa-cegonhas.html>.



Figura I.54.



Figura I.55.

Figura I.54. - Exposição de Cegonhas - Trabalhos de Alunos.

Figura I.55. - Exposição de Cegonhas - Trabalhos de Alunos.

Figuras retiradas a 4 de Maio de 2011 em:

<http://castelobrancocidade.blogspot.com/2010/06/o-canto-dsa-cegonhas.html>.



Figura I.56.



Figura I.57.

Figura I.56. - Exposição de Cegonhas - Trabalhos de Alunos

Figura I.57. - Exposição de Cegonhas - Trabalhos de Alunos

Figuras retiradas a 4 de Maio de 2011 em:

<http://castelobrancocidade.blogspot.com/2010/06/o-canto-dsa-cegonhas.html>.

3 - Execução de presépios de Natal espalhados pela cidade de Castelo Branco - uma tradição da cidade, em que as escolas são convidadas a realizar decorações de Natal, nomeadamente, em espaços abertos (jardins, etc) e rotundas da cidade.

4 - Visitas de Estudo ao Museu Cargaleiro, Museu Tavares Proença Júnior e Sala da Nora com turmas das Artes Visuais.

Deste modo, de acordo com o ponto B.3 (Orientações Pedagógicas/Metodologias do Processo Ensino-Aprendizagem e da Avaliação) do PCE, mais precisamente, os pontos B.3.1 (Pedagogia e metodologia da “Escola Activa”), B.3.2 (Inter/Transdisciplinaridade) e B.3.3 (Relação com o Meio - Comunidade e Organizações), pôde-se verificar que a ESAL tinha uma relação com o meio e a comunidade, através das entidades e instâncias, inscrevendo-se no quadro legal em vigor, era potenciada pelos princípios e orientações que informavam o seu PE e baseava-se no princípio da reciprocidade de interesses.

Segundo os pontos B.3.1 (Pedagogia e metodologia da “Escola Activa”), e B.3.2 (Inter/Transdisciplinaridade) do PCE, podem-se destacar alguns pontos:

“- Opções metodológicas que impliquem a actividade sistemática do aluno - grupo de alunos em torno de trabalhos práticos e/ou da investigação e/ou de projectos de dimensão variável;

- Abordagem teórica dos temas programáticos entendida como instrumento para essa actividade, implicando abertura dos professores relativamente à flexibilização do programa oficial, adequando-o/ subordinando-o às exigências do trabalho, da investigação ou do projecto;
- Planificação das iniciativas do seu objecto e dos seus objectivos, calendarização das actividades, acompanhamento da sua execução, definição da(s) forma(s) de apresentação do produto/ resultado, acordo sobre formas e instrumentos de avaliação - do aluno, do grupo, processo, do produto.”

No que concerne ao ponto B.3.3 salienta-se a importância das Visitas de Estudo/Trabalho; Trabalho de Campo - pesquisa, recolha de informação (entrevista, inquérito, recolha de dados, consultas, etc); Estágios em organizações (instituições públicas, empresas, etc); Presença em colóquios, conferências e encontros. Em qualquer forma de relação, a sua concretização deve ser precedida pelas abordagens teóricas indispensáveis e planificação.

Os agentes educativos comunitários, em conjunto e em articulação com a ESAL e a Associação de Pais e Encarregados de Educação, interactivam solidariamente na procura de respostas às necessidades e problemas próprios, no quadro das respectivas vocações dos protocolos celebrados.

Aos agentes educativos do meio reconhece-se o direito e atribui-se o dever de participação e de influência nas orientações e na prática que informaram o PE da ESAL e no modelo de formação que o integra, os quais, nesse plano, devem responder a necessidades concretas do meio e dos agentes.

O conteúdo da relação com os agentes educativos do meio define-se na constituição de parcerias e formaliza-se na assinatura de protocolos de cooperação com base no interesse mútuo.

A relação da ESAL com o Meio-Comunidade-Mundo significa a prática de uma “política de porta aberta” que integra e estimula a participação e a influência das famílias e das organizações externas vocacionadas na vida da ESAL, designadamente na definição do seu currículo-projecto e na sua realização e nos processos de decisão; a integração coerente e institucionalizada desses agentes, da sua participação e da sua influência, com aprofundamento do quadro legal em vigor; a reciprocidade de interesses e de motivações nas relações, nas parcerias e nos protocolos que se devem estabelecer com esses agentes; a integração coerente e sistémica da relação com o meio e com as organizações do meio no processo ensino-aprendizagem, designadamente através das visitas de trabalho e dos Estágios de formação e trazer à ESAL os problemas, as tensões e os conflitos, mas também as esperanças e os anseios que marcam a realidade-mundo, integrando-os no seu processo de

formação, designadamente informando projectos de trabalho específicos a desenvolver no âmbito do currículo-projecto da Escola.

As Visitas de Estudo inscrevem-se na relação ESAL-Meio-Comunidade, da qual constituem o elemento de concretização privilegiado. Estas visam elevar a relação da ESAL com o meio e a comunidade a um plano educativo efectivo, o qual integra, em contextos determinados, uma componente lúdica e de recreação.

As Visitas de Estudo têm como referência:

1. As metas globais prosseguidas pelo PE da ESAL, nomeadamente no contributo que deviam dar à formação humanística, à formação para a cidadania e à formação científica e técnica, tendo em vista o exercício profissional futuro e a integração social e comunitária do aluno;

2. As orientações pedagógico-didáticas fixadas, designadamente:

- A abertura sistémica ao meio e à comunidade;

- A orientação do processo ensino-aprendizagem segundo os princípios da “Escola Activa”.

As Visitas de Estudo são integradas nas programações anuais fixadas no início do ano lectivo, a partir das quais se elaborava o Plano Anual das Visitas de Estudo da ESAL, salvaguardando visitas de oportunidade, cuja consideração no início do ano lectivo não seja possível (exposições, encontros, conferências...).

O PAA da ESAL tinha como horizonte temporal o ano lectivo e constituía, em múltiplos aspectos, o instrumento de concretização do PE da ESAL.

O PAA da ESAL integrava obrigatoriamente:

“a) Os Planos de Formação Docente e dos Corpos Administrativo e Auxiliar;

b) O Plano de Visitas de Estudo;

c) Os planos das acções e das iniciativas de difusão cultural e de animação sócio-comunitária;

d) O Plano dos Projectos Específicos, nomeadamente os definidos na Área do Projecto e no Desporto Escolar, o Plano Tecnológico de Educação, o Plano da Biblioteca Escolar e os programas anuais dos Clubes (Clube de Leitura, da responsabilidade da professora Bibliotecária Raquel Afonso) e dos Grupos Disciplinares. “

Capítulo II:

Enquadramento Teórico-Conceptual.

2.1. Fontes Oficiais Nacionais que regulamentam os Planos de Estudo e os Programas das Disciplinas.

O ME é o Departamento Governamental que tem por missão definir, coordenar, executar e avaliar a política nacional relativa ao sistema educativo, no âmbito da educação pré-Escolar, dos EB e ES e da educação Extra-Escolar, bem como articular, no âmbito das políticas nacionais de promoção da qualificação da população, a política nacional de educação e a política nacional da formação profissional.

Os princípios básicos da Educação, consagrados na **Constituição da República Portuguesa** (texto integral de 2005), nos Art.º 43.º, 70º, 73.º a 75º e 77º, são os seguintes:

- **Ao Estado incumbe a responsabilidade da democratização do Ensino**, não podendo este atribuir-se o direito de programar a educação e a cultura segundo quaisquer directrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas;
- **O ensino público não é confessional**;
- **É garantido o direito a uma efectiva igualdade de oportunidades** no acesso e sucesso Escolares e à criação de Escolas particulares e cooperativas.

A **Habilitação Profissional para a Docência** foi regulamentada:

1.º - Segundo a Portaria n.º 1189/2010, de 17 de Novembro e o Decreto-Lei n.º 43/2007, de 22 de Fevereiro, realça-se que: aprovou o regime jurídico da habilitação profissional para a docência na educação pré-Escolar e nos ensinos básico e secundário, e fixou, para um conjunto de domínios de habilitação para a docência, as especialidades do grau de mestre exigidas para qualificar profissionalmente e as condições mínimas de formação para ingressar nos respectivos ciclos de estudos conducentes ao grau de mestre;

2.º - O Decreto-Lei n.º 220/2009, de 8 de Setembro: regulou a aquisição de habilitação profissional para a docência nos restantes domínios de habilitação para a docência, tendo estabelecido que o elenco dos mesmos, bem como as especialidades do grau de mestre respectivas seria fixado por portaria dos ministros da tutela da educação e do ensino superior;

3.º - Segundo a Deliberação do Senado nº41/2007, que regulamentou o Grau de Mestre da UBI, regulou o exposto no Art.º 26, do Decreto-Lei nº. 74/2006, de 24 de Março, bem como as normas adicionais para a implementação do Ciclo de Estudos conducente ao Grau de Mestre da Universidade.

É nesta Deliberação do Senado nº 41/2007, que está integrado o Ciclo de Estudo para obtenção do Grau de Mestre, onde está abrangido o Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do EB e no ES.

O regime de qualificação para a docência no EB e ES, também encontra o seu enquadramento jurídico estabelecido nos Art.º 34º, da actual Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) - (Lei n.º 49/2005, de 30 de Agosto).

2.1.1. Evolução do Sistema Educativo Português.

Foi na segunda metade do século XX, que se puderam distinguir três fases.

Na primeira (1950-60), houve um processo de acomodação do sistema de ensino vigente desde a década de 30 à realidade socioeconómica do pós-guerra.

Numa segunda fase (1960-74), assistiu-se a uma maior abertura do sistema, com uma nova tomada de consciência do atraso educacional do país.

Na terceira, e com a mudança de regime trazida pela Revolução de Abril (1974-97), colocaram-se novos desafios e o sistema de ensino conheceu importantes transformações qualitativas e quantitativas.

A fase de normalização democrática (1976-1986) foi marcada por três características:

- 1) Privilegiaram-se os aspectos curriculares, técnicos e profissionais, em detrimento das ideologias;
- 2) Tomou-se consciência de que a expansão do sistema educativo pode criar efeitos perversos, nomeadamente em relação à qualidade desse ensino;
- 3) O bloqueio estrutural da economia portuguesa foi impedindo sucessivamente a reforma do sistema educativo.

A figura a seguir apresentada (Figura II.1) exhibe um cronograma síntese legislativo, referente ao Sistema Educativo, lançado pela GEPE - Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação.

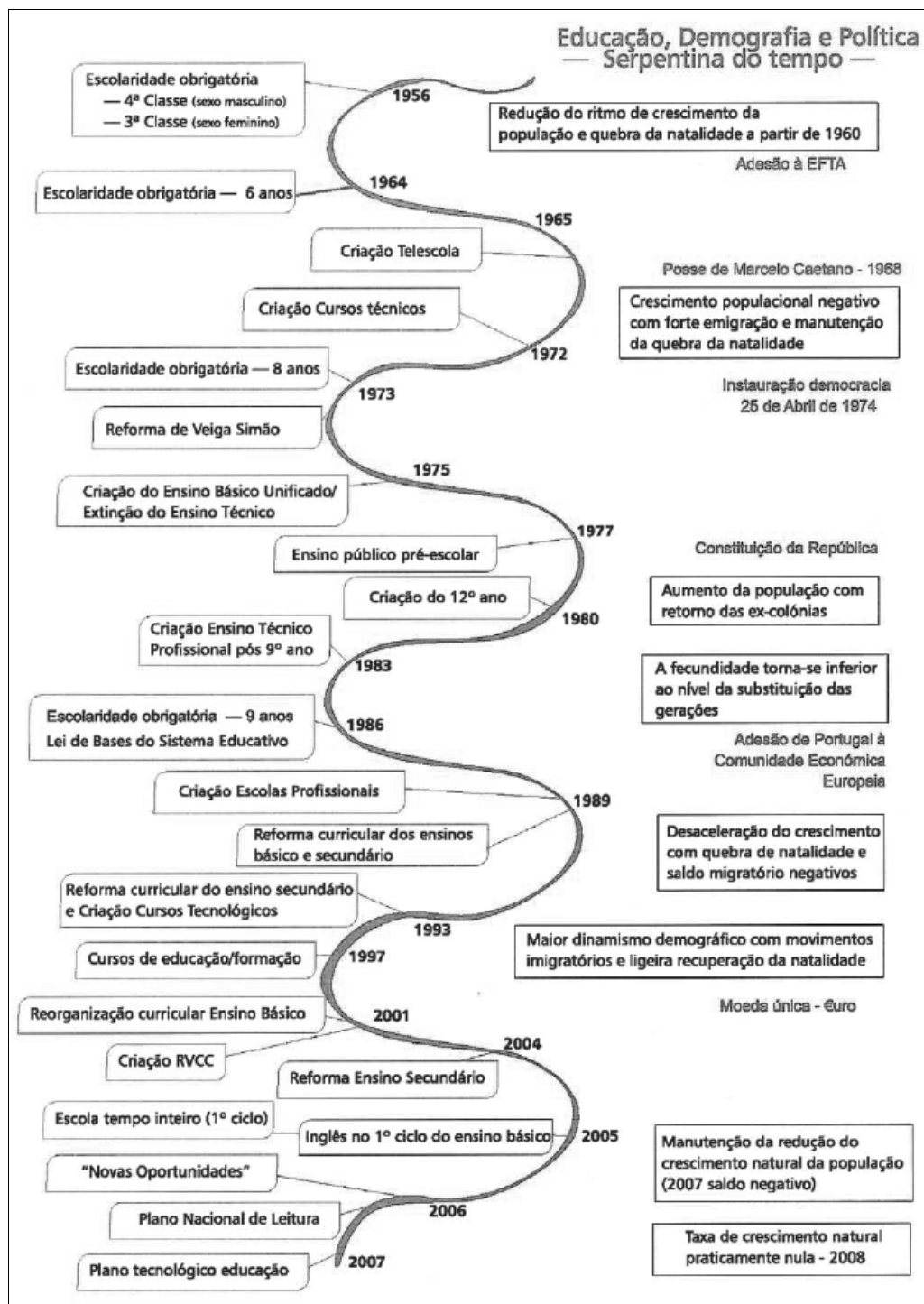


Figura II.1. - Síntese Legislativa do Sistema Educativo.
Figura retirada a 12 de Maio de 2011 em: <http://www.uma.pt/nunosilvafraga>.
Fonte: GEPE (Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação).

Em 1980, surge o 12.º ano de escolaridade, com o duplo objectivo de constituir o ciclo terminal do ES e a função de ano vestibular para o ingresso ao Ensino Superior. Esse ano foi estruturado em duas vias: a via de ensino, mais vocacionada para o ingresso ao Ensino Superior, e a via profissionalizante, que constituiu também Habilitação Suficiente para o acesso ao Ensino Superior Politécnico.

Em 1983, a necessidade de mão-de-obra qualificada e a prossecução de uma política de emprego para os jovens levou à criação de cursos técnico-profissionais, a ministrar após o 9.º ano de escolaridade. Tais cursos, com a duração de 3 anos, corresponderam aos 10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade e conferiam diplomas de fim de estudos secundários, que permitiam o acesso ao ensino superior e diplomas de formação técnico-profissional, para ingresso no mundo do trabalho.

Também o Ensino Artístico foi remodelado. Em 1983, reestruturou-se o Ensino da Música, da Dança, do Teatro e do Cinema nas modalidades gerais dos EB, ES e Ensino Superior. Em 1999 e 2000 constatou-se que a oferta se alargou, no ES, delineando-se quer nos Cursos Gerais (Agrupamento 2 - ARTES), quer nos cursos do Ensino Artístico Especializado, nos Cursos Tecnológicos, nos Cursos Profissionais e nos Cursos do Ensino Recorrente.

A definição do actual Sistema Educativo (1986/1987) iniciou-se, com a publicação, em 1986, da LBSE (Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro). Foi a partir de 1986, que o EB - universal, obrigatório e gratuito - passou a ter a duração de nove anos, compreendendo três ciclos sequenciais. Assim, o 7.º, 8.º e 9.º anos passaram a constituir o 3.º Ciclo deste ensino. A LBSE de 1986 veio substituir a LBSE de 1973, que havia sido decretada pela Assembleia Nacional sob a forma de Lei n.º 5/73 de 25 de Julho, bem como a legislação subsequente publicada após o 25 de Abril de 1974.

O Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto, estabeleceu uma reforma curricular para o EB e ES, a partir do ano lectivo de 1989/90, com os seguintes objectivos:

- “- Combater o insucesso Escolar: reforço das estruturas de apoio educativo (diversidade de ritmos de aprendizagem); reforço da avaliação formativa (favorecer a autoconfiança dos alunos).
- Relançar uma via credível ao ensino superior, através da criação de cursos tecnológicos nas Escolas regulares, e de cursos profissionais nas Escolas profissionais (protocolos entre o Estado e entidades privadas);
- Criar uma área de inovação curricular - a Área-Escola. (favorecer o trabalho interdisciplinar);
- Criar uma área de formação pessoal e social (Formação Cívica).”

No ano lectivo de 1996/97, a experiência, entretanto adquirida, com a implementação do Decreto-Lei n.º 286/89 e a realização dos primeiros exames nacionais no ES, em 1995/96, os professores, a administração educativa e a sociedade em geral foram identificando um conjunto de problemas e insuficiências.

Estas constatações levaram a: 1.º um projecto de reflexão participada dos currículos do EB, que produziu um documento orientador para uma Reorganização Curricular, viabilizando a partir dos anos 2001/2002, o 1.º e 2.º Ciclos e em 2002/2003, o 3.º Ciclo; 2.º o ME, por intermédio do Departamento do ES, concretizou uma série de iniciativas (entre Abril de 1997 e Julho de 1998), designadas globalmente por Revisão Curricular Participada. Surgiu assim o documento orientador com o título “Desenvolver, Consolidar, Orientar” (ME, 1997), que convergiu em dois aspectos:

- Uma redefinição do papel e do estatuto de tal nível de ensino, de maneira a clarificarem-se as suas finalidades e objectivos e a identificar-se a sua função própria;
- Uma expansão e generalização deste grau de ensino, assumindo uma vocação educativa que colocasse a questão das atitudes e dos valores como matriz geradora do seu funcionamento, contribuindo para a formação da consciência cívica da juventude, despertando-lhe o sentido da cidadania, não só no âmbito particular da vida dentro de uma comunidade, mas também no âmbito mais geral de pertença a um Universo, do qual todos dependemos.

Em consequência dos princípios estabelecidos no documento orientador das políticas para o EB e no documento orientador das políticas para o ES, dos debates, dos pareceres e dos documentos já referidos, foram apresentadas medidas de revisão curricular.

O Documento Orientador das Políticas para o EB, publicado pelo ME em 1998, também teve como principal objectivo, a Escola como espaço privilegiado de Educação para a Cidadania. No ES encaminharam-se sugestões para explicitar o seu papel, consolidar a sua organização e reajustar os seus conteúdos. Os eixos estruturantes da política educativa foram definidos mediante o “Desenvolver, Consolidar, Orientar” para o ES, incluindo também, o currículo, a avaliação e orientação.

Em 2001, o Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro definiu os **princípios orientadores da organização, da gestão curricular e da avaliação das aprendizagens do EB:**

- ✓ PCE;
- ✓ PCT;
- ✓ Área de Projecto (substituiu a antiga Área Escola);
- ✓ Matriz Curricular;
- ✓ Língua Inglesa no 1.º Ciclo.

Foram consignados na LBSE (Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro) o direito à educação e à cultura para todas as crianças. A Escolaridade obrigatória, foi alargada para 9 anos, garantindo-se a formação de todos os jovens para a vida activa, o direito a uma justa e efectiva igualdade de oportunidades, a liberdade de aprender e ensinar, a formação de jovens e adultos que abandonaram o sistema (Ensino Recorrente) e a melhoria educativa de toda a população.

A mesma Lei criou uma nova organização do sistema educativo, que compreendeu a educação pré-Escolar, a educação Escolar e a educação extra-Escolar. Esta última abrangia actividades de alfabetização, de educação de base e de iniciação e aperfeiçoamento profissional.

Os **Princípios Organizativos** (Art.º 3.º) determinantes das finalidades do sistema educativo, enunciados na LBSE: Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, na redacção que lhe foi dada pela Lei n.º 115/97, de 19 de Setembro (primeira alteração à LBSE), com as alterações e aditamentos introduzidos pela Lei n.º 49/2005, de 30 de Agosto (segunda alteração à LBSE e primeira alteração à Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior) e pela Lei n.º 85/2009, de 27 de Agosto, foram os seguintes:

- “a) Contribuir para a defesa da identidade nacional e para o reforço da fidelidade à matriz histórica de Portugal, através da consciencialização relativamente ao património cultural do povo português, no quadro da tradição universalista europeia e da crescente interdependência e necessária solidariedade entre todos os povos do Mundo;
- b) Contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico;
- c) Assegurar a formação cívica e moral dos jovens;
- d) Assegurar o direito à diferença, mercê do respeito pelas personalidades e pelos projectos individuais da existência, bem como da consideração e valorização dos diferentes saberes e culturas;
- e) Desenvolver a capacidade para o trabalho e proporcionar, com base numa sólida formação geral, uma formação específica para a ocupação de um justo lugar na vida activa que permita ao indivíduo prestar o seu contributo ao progresso da sociedade em consonância com os seus interesses, capacidades e vocação;
- f) Contribuir para a realização pessoal e comunitária dos indivíduos, não só pela formação para o sistema de ocupações socialmente úteis, mas ainda pela prática e aprendizagem da utilização criativa dos tempos livres;
- g) Descentralizar, desconcentrar e diversificar as estruturas e acções educativas, de modo a proporcionar uma correcta adaptação às realidades, um elevado sentido de participação das populações, uma adequada inserção no meio comunitário e níveis de decisão eficientes;
- h) Contribuir para a correcção das assimetrias de desenvolvimento regional e local, devendo incrementar em todas as regiões do País a igualdade no acesso aos benefícios da educação, da cultura e da ciência;
- i) Assegurar uma Escolaridade de segunda oportunidade aos que dela não usufruíram na idade própria, aos que procuram o sistema educativo por razões profissionais ou de promoção cultural, devidas, nomeadamente, a necessidades de reconversão ou aperfeiçoamento decorrentes da evolução dos conhecimentos científicos e tecnológicos;
- j) Assegurar a igualdade de oportunidade para ambos os sexos, nomeadamente através das práticas de coeducação e da orientação Escolar e profissional, e sensibilizar, para o efeito, o conjunto dos intervenientes no processo educativo;
- l) Contribuir para desenvolver o espírito e a prática democráticos, através da adopção de estruturas e processos participativos na definição da política educativa, na administração e gestão do sistema Escolar e na experiência pedagógica quotidiana, em que se integram todos os intervenientes no processo educativo, em especial os alunos, os docentes e as famílias.”

Com base nesta LBSE (Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro) e as suas alterações anteriormente referidas, são dados passos significativos para reparar problemas estruturais do sistema educativo e para ultrapassar atrasos e estrangulamentos que remontaram ao século XIX, tal como se pode verificar na Figura II.2.

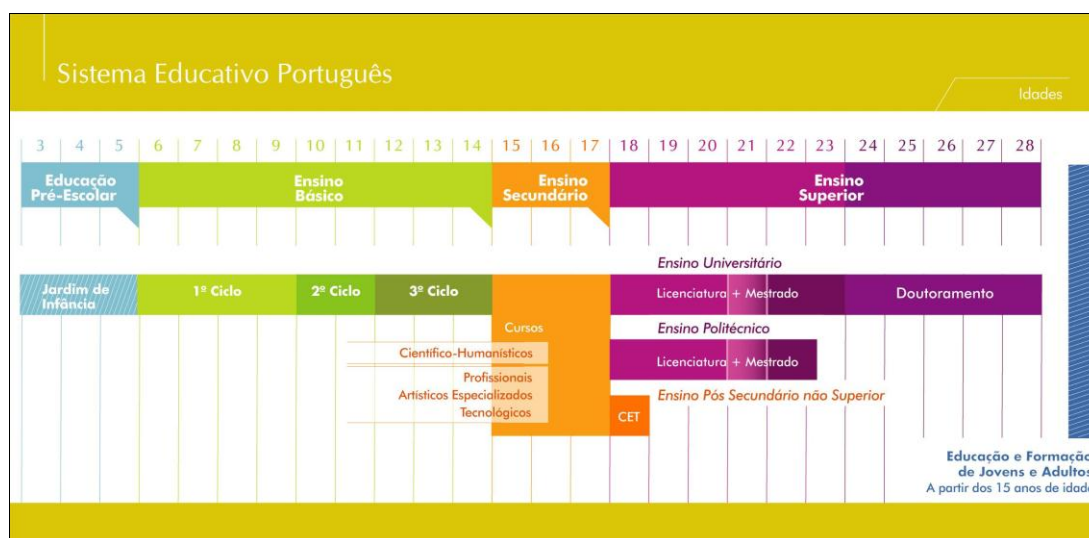


Figura II.2. - Organização do Sistema Educativo Português.
 Figura retirada a 7 de Maio de 2011 em: <http://www.uma.pt/nunosilvafraga>.

A Lei n.º 85/2009, de 27 de Agosto estabeleceu o regime da Escolaridade obrigatória para as crianças e jovens que se encontravam em idade Escolar e consagrou a Universalidade da educação pré-Escolar para as crianças a partir dos 5 anos.

Consideraram-se em idade Escolar as crianças e jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos. (Art.º 2.º, ponto 1).

A Escolaridade obrigatória cessa: com a obtenção do diploma de curso conferente ao nível do ES da educação (Art.º 2.º, ponto 4, alínea a)) ou no momento do ano Escolar em que o aluno perfaça 18 anos (Art.º 2.º, ponto 4, alínea b)).

Para os alunos que se encontravam em idade Escolar, este regime de Escolaridade obrigatória é aplicado de acordo com a disposição transitória estabelecida no seu Art.º 8º:

“1. Os alunos actualmente abrangidos pela Escolaridade obrigatória que se matriculem no ano lectivo de 2009-2010 em qualquer dos anos de Escolaridade dos 1.º ou 2.º ciclos ou no 7.º ano de Escolaridade estão sujeitos ao limite da Escolaridade obrigatória previsto na (...) lei (n.º 85/2009);

2. Para os alunos que se matriculem no ano lectivo de 2009-2010 no 8.º ano de Escolaridade e seguintes o limite da Escolaridade obrigatória continua a ser os 15 anos de idade mantendo-se o regime previsto nos artigos mencionados na alínea b) do artigo (7.º).”

A LBSE (Lei n.º 49/2005, de 30 de Agosto) tem como **objectivos** para o EB (Art.º 7º):

“a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social;

b) Assegurar que nesta formação sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura Escolar e a cultura do quotidiano;

c) Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as actividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios;

d) Proporcionar a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira e a iniciação de uma segunda;

e) Proporcionar a aquisição dos conhecimentos basilares que permitam o prosseguimento de estudos ou a inserção do aluno em esquemas de formação profissional, bem como facilitar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, valorizando a dimensão humana do trabalho;

f) Fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspectiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação internacional;

g) Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas;

h) Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio-afectiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante;

i) Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária;

j) Assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas, designadamente, a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades;

l) Fomentar o gosto por uma constante actualização de conhecimentos;

m) Participar no processo de informação e orientação educacionais em colaboração com as famílias;

n) Proporcionar, em liberdade de consciência, a aquisição de noções de educação cívica e moral;

o) Criar condições de promoção do sucesso Escolar e educativo a todos os alunos.”

O EB organiza-se em três Ciclos:

- 1.º Ciclo, com a duração de quatro anos (dos 6 aos 10 anos de idade);

- 2.º Ciclo, com a duração de dois anos (dos 10 aos 12 anos de idade);

- 3.º Ciclo, com a duração de três anos (dos 12 aos 15 anos de idade).

A articulação entre os três ciclos é sequencial, cabendo a cada um dos ciclos completar e aprofundar o anterior, numa perspectiva de unidade global.

O Plano de Estudos (Tabela II.1) deste nível de ensino (EB) inclui:

- ✓ Áreas Curriculares Disciplinares;
- ✓ Áreas Curriculares Não Disciplinares;
- ✓ Área transversal: Educação para a Cidadania, através da qual se pretendeu contribuir para a construção da identidade e o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos.

As Áreas Curriculares Não Disciplinares contribuíram para a formação integral dos alunos através da contextualização, articulação e integração dos saberes.

Com carácter transversal, a Educação para a Cidadania devia promover, em articulação com as áreas curriculares disciplinares:

- ✓ A valorização da língua portuguesa;
- ✓ A dimensão humana do trabalho;
- ✓ A utilização das tecnologias de informação.

Este nível de ensino desenvolveu-se em regime de um professor por disciplina ou grupo de disciplinas.

Tabela II.1. - Plano de Estudos do 3.º Ciclo do Ensino Básico.
Tabela retirada a 7 de Maio de 2011 em: <http://www.min-edu.pt/>.

Componentes do Currículo		Carga horária semanal (x 90 min.) (a)			
		7.º	8.º	9.º	Total do ciclo
Educação para a Cidadania	Áreas curriculares disciplinares:				
	Língua portuguesa	2	2	2	6
	Línguas Estrangeiras				
	Língua Estrangeira 1	3	2,5	2,5	8
	Língua Estrangeira 2				
	Ciências Humanas e Sociais	2	2,5	2,5	7
	História				
	Geografia				
	Matemática	2	2	2	6
	Ciências Físicas e Naturais				
	Ciências Naturais	2	2	2,5	6,5
Físico-Química					
<u>Educação Artística</u>					
<u>Educação Visual</u>					
Outra disciplina (Oferta da Escola) (b)	(c) 1	(c) 1	(d) 1,5	5,5	
Educação Tecnológica	(c) 1	(c) 1	(d) 1,5	5,5	
Educação Física	1,5	1,5	1,5	4,5	
Introdução às Tecnologias de Informação e Comunicação			1	1	
Formação Pessoal e	Educação Moral e Religiosa (g)	0,5	0,5	0,5	1,5
	Áreas curriculares não disciplinares (f): Área de Projecto;	2,5	2,5	2	7

	Social	Estudo Acompanhado; Formação Cívica.				
		Total	17 (17,5)	17 (17,5)	17,5 (18)	51,5 (53)
		A decidir pela Escola	0,5	0,5		1
		Máximo global	18	18	18	54
		Actividades de enriquecimento (g)				

- a) A carga horária semanal refere-se a tempo útil de aula e está organizada em períodos de 90 minutos.
- b) A Escola poderá oferecer outra disciplina da área da Educação Artística (Educação Musical, Teatro, Dança, etc.) se, no seu quadro docente, existirem professores para a sua docência.
- c) Nos 7.º e 8.º anos, os alunos têm: i) Educação Visual ao longo do ano lectivo; ii) numa organização equitativa com a Educação Tecnológica, ao longo de cada ano lectivo, uma outra disciplina da área da Educação Artística. No caso de a Escola não oferecer uma outra disciplina, a Educação Tecnológica terá uma carga horária igual à disciplina de Educação Visual.
- d) No 9.º ano, do conjunto das disciplinas que integram os domínios artístico e tecnológico, os alunos escolhem uma única disciplina das que frequentaram nos 7.º e 8.º anos.
- e) Disciplina de frequência facultativa, nos termos do n.º 5 do artigo 5º, do Decreto-lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro.
- f) Estas áreas devem ser desenvolvidas em articulação entre si e com as áreas disciplinares, incluindo uma componente de trabalho dos alunos com as tecnologias da informação e da comunicação, e constar explicitamente do projecto curricular de turma. A área de projecto e a área de estudo acompanhado são asseguradas, cada uma, por um professor.
- g) Actividades de carácter facultativo, nos termos do artigo 9º. O trabalho a desenvolver pelos alunos integrará, obrigatoriamente, actividades experimentais e actividades de pesquisa adequadas à natureza das diferentes áreas ou disciplinas, nomeadamente no ensino das ciências.

Actualmente, o **Currículo do EB** integra as seguintes componentes:

ÁREAS CURRICULARES DISCIPLINARES:

- Língua Portuguesa;
- Língua Estrangeira (LE1 + LE2);
- Ciências Humanas e Sociais - História e Geografia;
- Matemática;
- Ciências Físicas e Naturais - Ciências Naturais e Ciências Físico-Química;
- Educação Artística - **Educação Visual** e Outra disciplina ou Oferta de Escola (Educação Musical, Expressão Dramática ou Dança);
- Educação Tecnológica;
- Educação Física;
- Introdução às TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação - 9.º ano).

FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL:

- Educação Moral e Religiosa Católica (disciplina facultativa).

ÁREAS CURRICULARES NÃO DISCIPLINARES:

- Área de Projecto;
- Estudo Acompanhado;
- Formação Cívica.

O Decreto-Lei n.º 7/2001, de 18 de Janeiro estabeleceu os princípios orientadores da organização e da gestão curricular dos cursos gerais e dos cursos tecnológicos do ES Regular, bem como da avaliação das aprendizagens e do processo de desenvolvimento do Currículo Nacional.

- ✓ Área de Projecto nos Cursos Gerais (12.º ano);
- ✓ Área de Projecto Tecnológico nos Cursos Tecnológicos (12.º ano);
- ✓ Articulação com o EB, com o Ensino Superior e com o mundo do trabalho.

Em 2004, o Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, revogou o Decreto-Lei n.º 7/2001, de 18 de Janeiro, estabeleceu os princípios orientadores da organização e da gestão do currículo, bem como da avaliação das aprendizagens, referentes ao nível secundário de educação.

O ES correspondia ao percurso Escolar que compreendia os 10º, 11.º e 12.º anos de escolaridade. Tinha como objectivo proporcionar conhecimentos técnicos e científicos em diferentes áreas fornecendo uma adequada qualificação e permitindo o prosseguimento de estudos.

No ES existiam vários tipos de cursos disponíveis que se distinguiam por características que se adequavam a diferentes interesses e situações. Para além disso, existem actualmente, em Portugal, modalidades de ensino/formação adequadas a quem abandonou a escola precocemente ou pretende alargar a sua escolaridade, no âmbito da iniciativa “Novas Oportunidades”.

De acordo com a reestruturação orgânica e funcional do ME (Decreto-Lei n.º 213/06, de 27 de Outubro), a Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular - DGIDC - tem por missão assegurar a concretização das políticas relativas à componente pedagógica e didáctica do ES Regular, enquanto, a Agência Nacional para a Qualificação, I.P. (Instituição Pública) tem por missão coordenar a execução das políticas da educação e formação profissional de jovens e adultos.

O Decreto-Lei n.º 74/04, de 26 de Março, consubstanciando a Reforma do ES, reorganiza os cursos deste nível de ensino, estabelecendo os princípios orientadores da organização da gestão do currículo, bem como da avaliação das aprendizagens, aplicáveis aos diferentes percursos neste nível de ensino.

Neste sentido, a **legislação mais relevante e aplicada para os cursos do ES** é a seguinte:

- Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março - Estabeleceu os princípios orientadores da organização e da gestão curricular, bem como da avaliação das aprendizagens, no nível secundário de educação;
- Decreto-Lei n.º 24/2006, de 6 de Fevereiro - Alterou o Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, que estabeleceu os princípios orientadores da organização e da gestão curricular, bem como da avaliação das aprendizagens, no nível secundário de educação;
- Portaria n.º 550-A/2004, de 21 de Maio - Regulamentou o Ensino Tecnológico;
- As Portarias 550-A/2004, de 21 de Maio (alterada pela Portaria n.º 260/2006, de 14 de Março), 550-D/2004, de 21 de Maio (alterada pela Portaria n.º 259/2006, de 14 de Março, e posteriormente, pela Portaria n.º 1322/2007, de 4 de Outubro) e 550-E/2004, de 21 de Maio - Regulamentaram a revisão curricular do ES legislada pelo Decreto-lei n.º 74/2004, criaram os

diversos Cursos Científico-Humanístico, Tecnológicos e Artísticos Especializados, aprovaram os respectivos planos de estudo e o regime de organização administrativa, pedagógica e de avaliação do ES;

- Portaria n.º 550-B/2004, de 21 de Maio (alterada pela Portaria n.º780/2006, de 9 de Agosto) - Regulamentou o Ensino Artístico. Publicou o regime de organização, funcionamento e avaliação dos cursos artísticos de ensino de nível secundário, Artes Visuais e Audiovisuais;

- Portaria n.º 550-C/2004, de 21 de Maio (alterada pela Portaria n.º797/2006, de 10 de Agosto) - Aprovou o regime de criação, organização e gestão do currículo, bem como a avaliação e certificação das aprendizagens dos cursos profissionais de nível secundário, alterada pela Portaria n.º 797/2006, de 10 de Agosto de 2006;

- Portaria n.º 781/2006, de 9 de Agosto - Alterou a Portaria n.º 550-E/2004, de 21 de Maio, que criou diversos Cursos Científico-Humanísticos, Tecnológicos e Artísticos Especializados e aprovou os respectivos planos de estudo, estabelecendo, ainda, os princípios orientadores da organização e da gestão do currículo, bem como a avaliação e certificação dos cursos de ensino recorrente de nível secundário.

A LBSE (Lei n.º 49/2005, de 30 de Agosto) tem como objectivos para o ES (Art.º 9º):

“a) Assegurar o desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e da curiosidade científica e o aprofundamento dos elementos fundamentais de uma cultura humanística, artística, científica e técnica que constituam suporte cognitivo e metodológico apropriado para o eventual prosseguimento de estudos e para a inserção na vida activa;

b) Facultar aos jovens conhecimentos necessários à compreensão das manifestações estéticas e culturais e possibilitar o aperfeiçoamento da sua expressão artística;

c) Fomentar a aquisição e aplicação de um saber cada vez mais aprofundado assente no estudo, na reflexão crítica, na observação e na experimentação;

d) Formar, a partir da realidade concreta da vida regional e nacional, e no apreço pelos valores permanentes da sociedade, em geral, e da cultura portuguesa, em particular, jovens interessados na resolução dos problemas do País e sensibilizados para os problemas da comunidade internacional;

e) Facultar contactos e experiências com o mundo do trabalho, fortalecendo os mecanismos de aproximação entre a Escola, a vida activa e a comunidade e dinamizando a função inovadora e interventora da Escola;

f) Favorecer a orientação e formação profissional dos jovens, através da preparação técnica e tecnológica, com vista à entrada no mundo do trabalho;

g) Criar hábitos de trabalho, individual e em grupo, e favorecer o desenvolvimento de atitudes de reflexão metódica, de abertura de espírito, de sensibilidade e de disponibilidade e adaptação à mudança.”

Este nível de ensino consolida a diversificação e especialização dos percursos educativos e formativos, oferecendo alternativas de educação e formação, cujo teor dominante pode ser de formação geral, vocacional, artística ou profissional. Neste nível, o ensino é em regra organizado por disciplina e tendencialmente sujeito a provas de avaliação externa, integradas no processo de certificação final da frequência do curso. As ofertas educativas neste nível de ensino, com duração típica de três anos lectivos, podem portanto ter organizações curriculares predominantemente orientadas para o prosseguimento de estudos no ensino superior, ou para o ingresso no mundo do trabalho, havendo gradações no peso relativo destas orientações, de acordo com o tipo do curso.

Na mesma linha de orientação, o Decreto-Lei n.º74/2004, de 26 de Março, já tinha procedido à **revisão curricular do ES**, de acordo com **princípios orientadores**, de que se destacaram (Art.º 9º):

- “a) Articulação com o ciclo de Escolaridade anterior, entre formações de nível secundário, com o ensino superior e entre as necessidades de desenvolvimento individual e as exigências impostas por estratégias de desenvolvimento do País;
- b) Flexibilidade na construção de percursos formativos;
- c) Permeabilidade, facilitando a reorientação do percurso Escolar ao aluno;
- d) Integração do currículo e da avaliação, assegurando que esta constitua elemento regulador do ensino e da aprendizagem;
- e) Transversalidade da educação para a cidadania e da valorização da língua e da cultura portuguesas em todas as componentes curriculares;
- f) Valorização da aprendizagem das tecnologias da informação e comunicação;
- g) Favorecimento da integração das dimensões teórica e prática dos saberes, através da valorização das aprendizagens experimentais nas diferentes áreas e disciplinas e da criação de espaços curriculares de confluência e integração de saberes e competências adquiridos ao longo de cada curso;
- h) Enriquecimento das aprendizagens, através do alargamento da oferta de disciplinas, em função do projecto educativo da Escola, e da possibilidade de os alunos diversificarem e alargarem a sua formação, no respeito pela autonomia da Escola;
- i) Equilíbrio na distribuição das cargas horárias de cada um dos três anos lectivos;
- j) Racionalidade da carga horária lectiva semanal;
- l) Alargamento da duração dos tempos lectivos, de forma a permitir maior diversidade de metodologias e estratégias de ensino e melhor consolidação das aprendizagens.”

Na nova organização curricular do ES assume especial relevância a aprendizagem das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação), com a introdução, no 10.º ano, da disciplina de TIC, na componente de formação geral, comum a todas as formações do ES.

Deste modo, actualmente, a **Oferta Formativa no ES** (baseado no Art.º 5º, do Decreto-Lei n.º74/2004, de 26 de Março) é a seguinte:

- 1 - Cursos Científico-Humanísticos, vocacionados para o prosseguimento de estudos de nível superior - Cursos Gerais;
- 2 - Cursos Tecnológicos, orientados na dupla perspectiva da inserção no mercado de trabalho e do prosseguimento de estudos, especialmente através da frequência de cursos pós-secundários de especialização tecnológica e de cursos do ensino superior (Decreto-lei n.º 74/2004, de 26 de Março, com as alterações introduzidas pelo Decreto-lei n.º 24/2006, de 6 de Fevereiro) - Construção Civil e Edificações; Electrotecnia e Electrónica; Informática; *Design* de Equipamento; Multimédia; Administração; Marketing; Ordenamento do Território e Ambiente; Acção Social e Desporto;
- 3 - Cursos Artísticos Especializados, vocacionados, consoante a área artística, para o prosseguimento de estudos ou orientados na dupla perspectiva da inserção no mundo do trabalho e do prosseguimento de estudos - Comunicação Audiovisual; *Design* de Comunicação; *Design* de Produto e Produção Artística;
- 4 - Cursos Profissionais, vocacionados para a qualificação inicial dos alunos, privilegiando a sua inserção no mundo do trabalho e permitindo o prosseguimento de estudos;
- 5 - ES Recorrente visa proporcionar uma segunda oportunidade de formação, permitindo conciliar a frequência de estudos com uma actividade profissional e compreende: Cursos Científico-Humanísticos; Cursos Tecnológicos e Cursos Artísticos especializados;

6 - Cursos de Educação e Formação (CEF) pretendem proporcionar aos jovens um conjunto de ofertas diferenciadas que permitam o cumprimento da Escolaridade obrigatória e a obtenção de qualificações profissionais, devidamente certificadas. Os CEF são percursos formativos organizados numa sequência de etapas de formação (desde o tipo 1 ao tipo 7), consoante as habilitações de acesso e a duração das formações, conferindo aos cursos de tipo 5 e 6 uma certificação Escolar de 12.º ano de escolaridade.

Cada Escola secundária do ensino regular deve, na sua oferta educativa, contemplar cursos das várias vias acima referidas, embora possa haver preponderância de uma das vias, em função da racionalização de recursos humanos e físicos.

Para uma escolha criteriosa de uma das vias de educação ou formação, no final do EB os alunos têm acesso a serviços de psicologia e orientação. Em princípio, os alunos têm a possibilidade de escolher o seu percurso educativo em função dos seus interesses, capacidades e competências, tendo em conta a oferta formativa da Escola. No caso de o aluno pretender frequentar um curso não disponível na Escola mais próxima da sua residência, pode ser transferido para uma outra Escola, podendo ter de recorrer a meio de transporte de rede pública ou transporte Escolar disponibilizado pela autarquia.

Os **Cursos Científico-Humanísticos**, no ES (regulados pela Portaria n.º 550-D/2004, de 21 de Maio, com as alterações introduzidas pela Portaria n.º 259/2006, de 14 de Março) com novo reordenamento no Decreto-lei n.º 272/2007, de 26 de Julho, rectificado pela Declaração de Rectificação n.º 84/2007, de 21 de Setembro e Portaria n.º 1322/2007, de 4 de Outubro, são:

- ✓ Curso Científico-Humanístico de Línguas e Literaturas;
- ✓ Curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias;
- ✓ Curso Científico-Humanístico de Ciências Sociais e Humanas;
- ✓ Curso Científico-Humanístico de Ciências Socioeconómicas;
- ✓ Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais.

A **Matriz Curricular dos Cursos Científico-Humanísticos** (baseada no Art.º 6º, do Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março) integra:

1 - A componente de Formação Geral:

- Comum aos Cursos Científico-Humanísticos, aos Cursos Tecnológicos e aos cursos artísticos especializados visa contribuir para a construção da identidade pessoal, social e cultural dos alunos e integra as seguintes disciplinas: Português, Língua Estrangeira, Filosofia, Educação Física e Tecnologias de Informação e Comunicação.

2 - A Componente de Formação Específica:

- Cursos Científico-Humanísticos: visa proporcionar formação científica consistente, variável de curso para curso, dependendo da área do saber;

- Cursos Tecnológicos, Artísticos Especializados e Profissionais: visa integrar um conjunto de disciplinas, variável com a área do saber, visando também a aquisição e o desenvolvimento de saberes e competências de base de cada curso.

3 - A Componente de Formação Tecnológica, Técnico-Artística e Técnica:

- Cursos Tecnológicos, Artísticos Especializados e Profissionais, respectivamente, visam, em complementaridade com a componente de formação científica, a aquisição e o desenvolvimento de um conjunto de saberes e competências de base do respectivo curso, integrando formas específicas de concretização da aprendizagem em contexto de trabalho, nomeadamente um período de estágio.

Este nível de ensino também se estrutura de modo paralelo ao do Ensino Regular do mesmo nível, tendo porém regras de organização, funcionamento e avaliação específicos, em função das características e objectivos que lhe são próprios.

Em 2007, o Decreto-Lei n.º 272/2007 de 26 de Julho alterou os anexos (Matrizes Curriculares) do Decreto-Lei n.º 74/2004 de 26 de Março.

A figura apresentada de seguida (Figura II.3), mostra a **Matriz Curricular** para os **Cursos Científico-Humanísticos**. Esta matriz mostra e trata da oferta educativa vocacionada para o prosseguimento de estudos de nível superior, de carácter Universitário ou Politécnico, mais precisamente, para os Cursos Gerais.

Matriz dos cursos científico-humanísticos				
Componentes de formação	Disciplinas	Carga horária semanal (vezes noventa minutos)		
		10.º	11.º	12.º
Geral	Português	2	2	2
	Língua Estrangeira I, II ou III (a)	2	2	—
	Filosofia	2	2	—
	Educação Física	2	2	2
	<i>Subtotal</i>	8	8	4
Específica	Trienal	3 a 3,5	3 a 3,5	3 a 3,5
	Opções (b):			
	Bienal 1	3 a 3,5	3 a 3,5	—
	Bienal 2	3 a 3,5	3 a 3,5	—
	Opções (c) — Anual 1	—	—	3 a 3,5
	Opções (d) — Anual 2 (e)	—	—	3
	<i>Subtotal</i>	9 a 10	9 a 10	9 a 10,5
<i>Total (h)</i>	Área de Projecto (f)	—	—	2
	Educação Moral e Religiosa (g)	(1)	(1)	(1)
		17 a 19	17 a 19	15 a 17,5

(a) O aluno escolhe uma língua estrangeira. Se tiver estudado apenas uma língua estrangeira no ensino básico, iniciará obrigatoriamente uma segunda língua no ensino secundário. No caso de o aluno iniciar uma língua, tomando em conta as disponibilidades da escola, poderá cumulativamente dar continuidade à Língua Estrangeira I como disciplina facultativa, com aceitação expressa do acréscimo de carga horária.

(b) O aluno escolhe duas disciplinas bienais.

(c) (d) O aluno escolhe duas disciplinas anuais, sendo uma delas obrigatoriamente do conjunto de opções (c).

(e) Oferta dependente do projecto educativo da escola — conjunto de disciplinas comum a todos os cursos.

(f) Área de Projecto é assegurada por um só professor.

(g) Disciplina de frequência facultativa.

(h) Carga horária máxima em função das opções dos diversos cursos.

Figura II.3. - Matriz dos Cursos Científico-Humanísticos.

Figura retirada a 7 de Maio de 2011 em:

http://www.dgidec.min-edu.pt/secundario/Paginas/Org_Curricular_CCH.aspx.

Os cinco **Cursos Científico-Humanísticos**, acima referenciados, têm um elenco de disciplinas em comum do 10.º ano ao 12.º ano:

- **Filosofia** - No 10º/11.º ano;
- **Português** - No 10º/11.º/12.º ano;
- **Área de Projecto** - No 12.º ano;
- **Educação Física** - No 10º/11.º/12.º ano;
- **Língua Estrangeira I, II ou III** - No 10º/11.º ano;
- **Educação Moral e Religiosa Católica (E.M.R.C.)** - No 10º/11.º/12.º ano (disciplina opcional e facultativo).

Os **Cursos Científico-Humanísticos** que englobam disciplinas comuns ao de **Artes Visuais** são:

- **CURSO CIENTÍFICO-HUMANÍSTICO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS** - plano de estudos (Decreto-Lei n.º 272/2007, de 26 de Julho e Declaração de Rectificação n.º 84/2007, de 21 de Setembro), em concreto a disciplina de GD-A;
- **CURSO CIENTÍFICO-HUMANÍSTICO DE LÍNGUAS E LITERATURAS** - plano de estudos (Decreto-Lei n.º 272/2007, de 26 de Julho e Declaração de Rectificação n.º 84/2007, de 21 de Setembro), em concreto a disciplina de História da Cultura e das Artes;
- Por último, o curso que dá acesso ao Ensino Superior Universitário e Politécnico na Área das Artes Visuais - **CURSO CIENTÍFICO-HUMANÍSTICO DE ARTES VISUAIS** - plano de estudos (Decreto-Lei n.º 272/2007, de 26 de Julho e Declaração de Rectificação n.º 84/2007, de 21 de Setembro).

No caso do **curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias do ES**, tem por **objectivo** dotar o aluno de um conjunto de saberes e competências que lhe possibilite:

- ✓ Observar e organizar o espaço envolvente;
- ✓ Compreender a ciência e a tecnologia;
- ✓ Reconhecer e relacionar as suas implicações na sociedade contemporânea.

Este curso permite desenvolver, melhorar e aprofundar os conhecimentos na área das ciências e das tecnologias. Habilita para o tratamento e representação do espaço, assim como para o desenvolvimento da capacidade de visualização mental e de representação gráfica de formas reais ou imaginadas.

O **curso Científico-Humanístico de Artes Visuais do ES** tem por **objectivo** dotar o aluno de um conjunto de saberes que lhe possibilitem:

- ✓ Desenvolver as capacidades de representação, de expressão gráfica e plástica, de comunicação social e de análise e compreensão das obras de arte;
- ✓ Ampliar a percepção visual, a sensibilidade estética, a consciência crítica e a expressão, nos domínios da comunicação visual e da linguagem gráfica e plástica;

- ✓ Favorecer a capacidade de manipulação dos materiais e técnicas de desenho e um correcto entendimento do espaço bidimensional e tridimensional, contribuindo para o desenvolvimento da actividade criativa;
- ✓ Identificar os elementos estruturantes que caracterizam a singularidade da cultura de cada época, e reconhecer o objecto artístico como produto e agente do processo histórico-cultural em que se enquadra.

O **Curso de Línguas e Literaturas do ES** destaca-se aqui apenas o objectivo de: Desenvolver a percepção de fenómenos históricos e geográficos, tendo em conta as transformações económicas, demográficas, sociais, políticas, culturais e ambientais.

De seguida, apresenta-se um quadro (Tabela II.2), com o **Plano Curricular do Curso de Artes Visuais do ES**:

Tabela II.2. - Plano Curricular do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais.
Tabela retirada a 18 de Abril de 2011 em:
http://sitio.dgicd.min-edu.pt/secundario/Paginas/Cursos_ARTVIS_planoestudo2.aspx.aspx.

Componentes de Formação	Disciplinas	Carga Horária Semanal (x 90 minutos)		
		10.º	11.º	12.º
Geral	Português	2	2	2
	Língua Estrangeira I, II ou III (a)	2	2	-
	Filosofia	2	2	-
	Educação Física	2	2	2
Subtotal		8	8	4
Específica	Desenho A	3,5	3,5	3,5
	Opções (b)			
	Geometria Descritiva A	3	3	-
	Matemática B	3	3	-
	História da Cultura e das Artes	3	3	-
	Opções (c)	-	-	3,5
	Oficina de Artes			
	Oficina Multimédia B			
	Materiais e Tecnologias			
	Opções (d)	-	-	3
Antropologia (e)				
Aplicações Informáticas B (e)				
Ciência Política (e)				
Clássicos da Literatura (e)				
Direito (e)				
Economia C (e)				
Filosofia A (e)				
Geografia C (e)				
Grego (e)				
Língua Estrangeira I, II ou III (e) *				
Psicologia B (e)				
Subtotal		9,5	9,5	10 a 10,5
	Área de Projecto (f)	-	-	2
	Educação Moral e Religiosa (g)	(1)	(1)	(1)
TOTAL		17,5 a 18,5	17,5 a 18,5	16 a 17,5

a) O aluno escolhe uma língua estrangeira. Se tiver estudado apenas uma língua estrangeira no EB, inicia obrigatoriamente uma segunda língua no ES. No caso de o aluno iniciar uma língua, tomando em conta as disponibilidades da Escola, pode cumulativamente dar continuidade à Língua Estrangeira I como disciplina facultativa, com aceitação expressa do acréscimo de carga horária.

- b) O aluno escolhe duas disciplinas bienais.
 - c) e d) O aluno escolhe duas disciplinas anuais, sendo uma delas obrigatoriamente do conjunto de opções c).
 - e) Oferta dependente do projecto educativo da Escola.
 - f) A Área de Projecto é assegurada por um só professor.
 - g) Disciplina de frequência facultativa.
- * O aluno deve escolher a língua estrangeira estudada na componente de formação geral, nos 10.º e 11.º anos.

A implementação dos **Planos de Estudo dos Cursos Científico-Humanísticos** tornou necessário proceder a alguns ajustamentos de natureza curricular (Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, com as alterações introduzidas pelo Decreto-lei n.º 24/2006, de 6 de Fevereiro) e reformulado pelo Decreto-Lei n.º 272/2007, de 26 de Julho, rectificado pela Declaração de Rectificação n.º 84/2007, de 21 de Setembro e pela Portaria n.º 1322/2007, de 4 de Outubro, os quais começaram a ser aplicados, progressivamente, a partir do ano lectivo 2007/2008.

Os reajustamentos introduzidos contemplam o início das duas disciplinas bienais da componente de formação específica no 10.º ano, restringindo a oferta a disciplinas que conferiam identidade ao curso e a frequência de duas disciplinas de opção anuais no 12.º ano, estando uma delas obrigatoriamente ligada à natureza do curso e podendo a outra pertencer a outra área do saber.

Conforme estabelecido no Art.º2, n.º2, do Decreto-Lei n.º 272/2007, de 26 de Julho:

“O reforço de um segmento de 45 minutos, na carga horária semanal, associado a um tempo lectivo 90 minutos, na disciplina trienal de Desenho A, nas disciplinas bienais de Física e Química A e Biologia e Geologia, de Língua Estrangeira na componente de formação específica do curso de Línguas e Humanidades e do actual curso de Línguas e Literaturas, bem como nas disciplinas anuais de Física, Química, Biologia, Geologia, Oficina de Artes, Oficina Multimédia B e Materiais e Tecnologias, aplica-se a todos os anos de Escolaridade dos cursos científico-humanísticos, a partir do início do ano lectivo de 2007/2008.”

A **avaliação das aprendizagens** realizada nas disciplinas que integram os Planos de Estudo dos cursos do ES compreende as modalidades de avaliação formativa e de avaliação sumativa (n.º 1, do Art.º 11.º, do Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 24/2006, de 6 de Fevereiro):

A avaliação formativa é contínua e sistemática e tem como função uma avaliação diagnóstica, permitindo ao Professor, ao Aluno, ao Encarregado de Educação, obter informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens, com vista à implementação de estratégias diversificadas. A avaliação sumativa interna consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o grau de desenvolvimento das aprendizagens do aluno, é da responsabilidade dos Professores e dos Órgãos de Gestão Pedagógica da Escola, destina-se a informar o Aluno e/ou o seu Encarregado de Educação sobre o desenvolvimento das aprendizagens definidas para cada disciplina e área não disciplinar e a tomar decisões sobre o percurso Escolar do aluno.

A avaliação sumativa interna realiza-se:

- Integrada no processo de ensino-aprendizagem e formalizada em reuniões do Conselho de Turma, no final dos 1.º, 2.º e 3.º períodos lectivos;
- Através de Provas de Equivalência à Frequência (Art.º 13.º e 14.º da Portaria n.º 550-D/2004, de 21 de Maio e Art.º 16.º e 17.º, da Portaria n.º 550-A/2004, de 21 de Maio, com as alterações introduzidas pelas Portarias n.º 259 e n.º 260, respectivamente, de 14 de Março).

Para efeitos de conclusão do ES, o aluno tem de obter aprovação a todas as disciplinas e áreas não disciplinares do plano de estudo do respectivo curso, bem como aprovação no estágio e na Prova de Aptidão Tecnológica, nos Cursos Tecnológicos (Art.º 14.º, do Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março).

A conclusão do curso do ES depende da aprovação em todas as disciplinas – o que, no caso dos Cursos Científico-Humanísticos, requiere a realização de Exames Nacionais (avaliação sumativa externa), conforme estabeleceu o n.º 5, do Art. 17º, da Portaria n.º 259/2006, de 14 de Março. Para além do exame nacional na disciplina de Português, comum a todos os Cursos Científico-Humanísticos, o aluno realiza mais três exames nacionais, um na disciplina trienal e dois nas duas disciplinas bienais da componente de formação específica, conforme o plano de estudo de cada curso.

Nos Cursos Tecnológicos a avaliação sumativa consubstancia-se exclusivamente na modalidade de avaliação sumativa interna, não havendo lugar à realização de exames nacionais para efeito de conclusão e certificação do ES. Para a certificação da conclusão de um Curso Tecnológico não é considerada em caso algum a realização de Exames Nacionais (n.º 3, do Art.º 15.º, do Decreto-Lei n.º 24/2006, de 6 de Fevereiro).

A actual LBSE está em fase de discussão na Assembleia da República. A proposta de LBSE apresentada pelo actual governo tem sido objecto de análise e de muita discussão pública. Entre os muitos aspectos que têm sido questionados, salienta-se a reorganização dos EB e ES (e a conseqüente redução do EB para 6 anos) e a ênfase dada à formação vocacional no currículo. Seria importante reflectir em torno das lógicas que podem estar a presidir à introdução destas propostas. Em primeiro lugar, aquela proposta de alteração não é de estranhar dada a matriz neoliberal e neoconservadora das opções da política educativa deste governo. De facto, se se tiver em conta a experiência de outros países, da mesma ou idêntica afiliação política, observa-se como eles também tiveram de desnudar os seus sistemas educativos de aspectos mais próximos de lógicas de educação inclusiva e democrática.

Trata-se de reestruturar a actual LBSE, para haver condições legais para pôr em marcha um novo projecto educativo e societal.

Como se sabe, é no campo da Educação que se trava uma das lutas decisivas em torno dos significados: do significado do social, do significado do humano, do significado do político do económico, do cultural e do educativo. Neste sentido, a Educação torna-se um campo estratégico. É o espaço preferencial de confronto dos diferentes significados que estão a ser definidos. Desta batalha surgirão os novos significados que governarão a vida social.

As recentes reformas e Políticas Educativas têm redefinido o significado da educação. No centro do debate está a tentativa de transformar a educação em simples mercadoria em oposição à tradição democrática onde a educação era um campo situado fora do alcance das operações do mercado. Educação é ainda um refúgio dos efeitos perversos do mercado assente na crença do papel nivelador da Escola (apesar desta crença ter sido confrontada com as perspectivas críticas da sociologia da educação que deram visibilidade às teses da Escola como uma instância de reprodução das desigualdades sociais que são reforçadas pelo capitalismo).

Após a década de 80, o processo de “globalização” e o “neoliberalismo” têm influenciado todas as esferas do político, do económico, do social e do educativo.

Sendo o currículo o espaço onde se processa, se produz e se transmite o conhecimento, bem como local, onde se produzem subjectividades, ele vê-se profundamente afectado por esta redefinição.

Assim, o **Currículo** é um dos alvos preferenciais das actuais reformas neoliberais da Educação. Na proposta do governo de alteração da LBSE, a opção pela redução do EB para 6 anos, não só enfraquece a formação de base que o sistema de ensino deve proporcionar aos jovens, como também obriga a que mais precocemente os alunos tenham que escolher entre as vias de formação diferenciadas que o sistema oferece. Aquela e outras opções abrem o caminho para um ensino cada vez mais elitista e selectivo, onde existirão vias diferenciadas de formação e ensino assentes em currículos de Escolarização que produzirão trajectórias Escolares e de vida diferenciadas. Os educadores e professores têm grande responsabilidade neste período de discussão. Torna-se urgente denunciar os efeitos perversos que tal alteração pode produzir na Educação em Portugal.

Outra fonte oficial nacional da Educação é o **Programa do XVIII Governo Constitucional (2009-2013)** que, na área da Educação, define como objectivos prioritários a concretização de uma Educação Pré-Escolar, Básica e Secundária de qualidade para todos e a valorização da Escola pública como instrumento para a igualdade de oportunidades. Portugal poderá vencer com mais confiança os desafios do futuro e ocupar um lugar mais favorável na competição internacional se reforçar o rigor e a exigência na promoção e na consolidação das aprendizagens, as quais deverão naturalmente ser expressas em melhores resultados Escolares.

Por outro lado, o Projecto “**Metas de Aprendizagem**” insere-se na Estratégia Global de Desenvolvimento do Currículo Nacional delineada pelo ME em Dezembro de 2009, que visa assegurar uma educação de qualidade e melhores resultados Escolares nos diferentes níveis educativos. Concretiza-se no estabelecimento de parâmetros que definem de forma precisa e escalonada as metas de aprendizagem para cada ciclo, o seu desenvolvimento e progressão por ano de escolaridade, para cada área de conteúdo, disciplina e área disciplinar.

Corresponde a resultados da investigação nacional e internacional sobre padrões de eficácia no desenvolvimento curricular, que recomendam este tipo de abordagem.

O Projecto “Metas de Aprendizagem” consiste na concepção de referentes de gestão curricular para cada disciplina ou área disciplinar, em cada ciclo de ensino, desenvolvidos na sua sequência por anos de escolaridade. Estes referentes são passíveis de ajustamentos no quadro da autonomia de cada Escola ou Agrupamento de Escolas. Traduzem-se na identificação das competências e desempenhos esperados dos alunos, no entendimento que tais competências e desempenhos evidenciam a efectiva concretização das aprendizagens em cada área ou disciplina e também as aprendizagens transversais preconizadas nos documentos curriculares de referência (Currículo Nacional ou Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e Ensino Básico e Programa ou Orientações Programáticas da Disciplina ou Área Disciplinar).

As Metas de Aprendizagem constituem, assim, instrumentos de apoio à gestão do currículo, e são disponibilizadas para serem utilizadas voluntária e livremente pelos professores no seu trabalho quotidiano. Não sendo documentos normativos, pretende-se que o seu uso efectivo decorra do reconhecimento da sua utilidade prática por parte dos professores, dos alunos e das famílias.

O projecto iniciado em 2009, prevê o seu desenvolvimento em quatro fases, até 2013, envolvendo a elaboração de metas por equipas de peritos e o acompanhamento da sua utilização em Escolas por equipas de consultores curriculares. A sua operacionalização foi objecto de um contrato firmado entre o ME, através da Direcção Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular - DGIDC - e o Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. No âmbito deste contrato, foi constituída uma equipa central, coordenada por Natércio Afonso, e responsável pela concepção, organização e coordenação do projecto.

Na sequência do recente alargamento da escolaridade obrigatória, os doze anos de EB e ES devem ser organizados de uma forma integrada e articulada, a fim de garantir a provisão de uma Escolarização fundamental efectivamente universal, indispensável à integração com sucesso na vida activa e no Ensino Superior.

Resumindo: A estrutura curricular actual dos EB e ES resulta da sobreposição de tradições de Escolarização muito diferentes, consolidadas ao longo do século XX: o ensino primário de quatro anos com mono docência, os ensinos liceal e técnico, organizados por disciplinas em três ciclos, e, a partir do final dos anos 60, o ensino preparatório, organizado por áreas disciplinares, integrando os primeiros ciclos dos ensinos liceal e técnico. Durante as últimas décadas, sobre este conjunto de tradições de Escolarização que se mantiveram vivas, foram sendo construídas sucessivas reformas estruturais, induzidas pela premência de garantir o acesso universal e de reduzir o insucesso e o abandono: alargamento da Educação Pré-Escolar, regimes de fases no ensino primário, unificação do 3.º Ciclo dos ensinos liceal e técnico, e, na sequência da LBSE, de 1986, a reforma curricular de 1989, e a criação e crescente diversificação do Ensino Profissional.

Na década de 1990, em consonância com as tendências curriculares europeias e expressas em documentos e projectos internacionais, foi desencadeado um processo de reorganização curricular, que visava a construção de um Currículo Nacional para o EB (ME, 2001), no quadro de uma intervenção mais autónoma das Escolas através da construção dos seus projectos educativos e curriculares. Este movimento foi antecedido de um período longo de experimentação voluntária por parte de cerca de uma centena de escolas, seguido por um Conselho de Acompanhamento, e com o apoio, no terreno, de 12 instituições de Ensino Superior. A sua apropriação revelou-se produtiva, em muitos casos, mas difícil de incorporar em culturas de Escola tradicionalmente assentes no cumprimento de programas prescritivos. A complexidade resultante da sobreposição destas reformas estruturais sucessivas acentuou-se ainda com a introdução subsequente de mudanças e inovações curriculares: novas disciplinas, áreas curriculares não disciplinares, alguns programas novos ou renovados. Os processos de mudança curricular iniciados em 2001 requerem assim uma reorganização e clarificação da globalidade das prescrições e orientações curriculares. É nessa linha que se situa o Projecto das Metas de Aprendizagem.

A Estratégia para o Desenvolvimento de um Currículo Nacional do EB e ES, agora delineada pelo ME, em que este Projecto se integra, visa promover um percurso de coerência, clarificação e operacionalidade dos documentos curriculares que orientam, no plano nacional, as linhas de acção que as Escolas e os professores devem desenvolver no quadro da sua autonomia e face às diversidades dos seus contextos específicos. Visa nomeadamente operacionalizar, em termos de resultados de aprendizagem esperados, as competências que devem resultar, para cada ciclo e área ou disciplina, do conhecimento sólido dos respectivos conteúdos, conceitos estruturantes e processos de uso e construção desses conhecimentos.

2.1.2. Disciplinas na sua organização vertical e horizontal.

No 3.º Ciclo do EB, a articulação vertical e horizontal entre as disciplinas é feita através da organização dos conteúdos/temas por disciplina e, por sua vez, através da sua articulação com as outras disciplinas.

É necessário promover a **articulação vertical e horizontal do currículo**, no sentido de potenciar a continuidade e o efeito cumulativo das aprendizagens precedentes sobre as posteriores, numa lógica de sequencialidade progressiva. Esta articulação faz-se nas diferentes Estruturas de Orientação Educativa coordenadas pelo Conselho Pedagógico e operacionalizando-se através da execução do PCT.

Deste modo, numa perspectiva de articulação curricular, as Escolas além das reuniões de Departamento Curricular, fazem também reuniões ao nível dos Conselhos de Disciplina (articulação horizontal) e entre todas as disciplinas com continuidade no ciclo subsequente (articulação vertical).

Na articulação vertical (EB/ES) e horizontal (Competências fundamentais básicas a adquirir no 3.º Ciclo) seleccionam-se um conjunto de competências consideradas fundamentais à aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de competências no ES, concluindo-se que as competências a adquirir no EB sejam transversais a várias Áreas Curriculares.

Desta forma, o Conselho Pedagógico é quem aprova as competências a adquirir no EB consideradas fundamentais para o ES.

Como os temas transversais não constituem uma disciplina, os seus objectivos e conteúdos devem estar inseridos em diferentes momentos de cada uma das disciplinas. São trabalhados em ambas, de modos diferentes.

Interdisciplinaridade e Transversalidade alimentam-se mutuamente, pois para trabalhar os temas transversais adequadamente, não se pode ter uma perspectiva disciplinar rígida. Um modo particularmente eficiente de se elaborar os Programas do ensino é fazer dos temas transversais um eixo unificador, em torno do qual se organizam as disciplinas.

No entanto, é importante a definição de linhas orientadoras que permitam a articulação horizontal e vertical de conteúdos. Sendo assim, a Escola deverá:

- ✓ Promover espaços de debate/reflexão e partilha de experiências entre os diferentes ciclos através de reuniões inter-ciclos, desenvolvimento de projectos/actividades de articulação pedagógica;
- ✓ Proporcionar reuniões inter-ciclos para elaboração de turmas;
- ✓ Facilitar reuniões dos Departamentos Curriculares para (re)definição do plano curricular de turma/metodologias de trabalho;
- ✓ Incentivar reuniões de departamentos para a definição de metodologias de trabalho e produção de materiais;
- ✓ Promover reuniões de Directores de Turma.

As “Metas de Aprendizagem” para o 3.º Ciclo têm o mesmo princípio da gestão horizontal das aprendizagens curriculares das diferentes disciplinas, que permanece pertinente nos níveis de ensino subsequentes, mas no 3.º Ciclo reforça-se a abordagem disciplinar especializada, de modo a garantir o aprofundamento e o rigor das diferentes aquisições do conhecimento científico e cultural, sem prejuízo da necessidade de as equipas de professores trabalharem a especificidade dos saberes, a par do seu carácter complementar, face ao conhecimento e à cultura, e desenvolverem em conjunto a capacidade de interpretação da realidade em que os alunos vivem e agem como cidadãos.

O 3.º Ciclo orienta-se assim, na linha das tendências curriculares dominantes para este nível de ensino no conjunto dos países do mundo ocidental, para a consolidação e aprofundamento de conhecimentos, métodos e competências que permitam o prosseguimento e aprofundamento de estudos e a inserção em percursos de vida activa.

No caso do ES, que é actualmente parte integrante da escolaridade obrigatória, está vocacionado para a especialização das diferentes áreas e disciplinas do conhecimento e para a sua abordagem em maior grau de profundidade, de acordo com as diferentes vias que podem ser seguidas pelos alunos.

Contudo, é necessário desenvolver Competências Gerais hierarquizadas, segundo a sua relevância, comuns aos alunos do 3.º Ciclo do EB e do ES.

Neste contexto, mencionam-se de seguida as **10 Competências Gerais** para o **3.º Ciclo do EB**, que são Transversais ao ES, do qual à saída da educação básica, o aluno deverá ser capaz de:

- “1- Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e abordar situações do quotidiano;
- 2- Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar;
- 3 - Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio;
- 4 - Usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em situações do quotidiano e para apropriação da informação;
- 5 - Adoptar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas aos objectivos visados;
- 6 - Pesquisar, seleccionar e organizar informação para transformar em conhecimento mobilizável;
- 7 - Adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões;
- 8 - Realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa;
- 9 - Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns;
- 10 - Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspectiva pessoal e interpessoal, promotora da saúde e da qualidade de vida.”⁴

O desenvolvimento destas competências pressupõe que todas as áreas curriculares actuem em convergência.

Assim, clarifica-se, para cada uma destas competências gerais, a sua operacionalização. Esta deverá ter um carácter transversal.

Compete às diferentes áreas curriculares e seus docentes explicitar de que modo essa operacionalização transversal se concretiza e se desenvolve em cada campo específico do saber e para cada contexto de aprendizagem do aluno.

Explicita-se ainda, para cada competência geral, um conjunto de acções relativas à prática docente que se reconhecem essenciais para o adequado desenvolvimento dessa competência nas diferentes áreas e dimensões do currículo da educação básica.

Para os alunos do **ES**, as **Competências Transversais** são as seguintes:

- “1 - Intervir de forma crítica e responsável na resolução dos problemas locais;
- 2 - Contribuir para a resolução de problemas nacionais e internacionais (ter opinião temática);
- 3 - Seleccionar e gerir a informação, avaliando criticamente as fontes, reflectindo sobre as mensagens recolhidas e ajuizando a sua validade;
- 4 - Valorizar as tecnologias de informação e comunicação para aprofundar saberes científicos e culturais;
- 5 - Usar línguas estrangeiras para contactar/compreender outros universos socioculturais;
- 6 - Mobilizar hábitos de estudo e competências de aprendizagem para uma educação e formação ao longo da vida;

⁴ Currículo Nacional do Ensino Básico - *Competências Essenciais*. (p. 15).

- 7 - Evidenciar capacidade de compreensão e avaliação de factos e realidades históricas, com um correcto sentido das coordenadas de tempo e espaço;
- 8 - Compreender de processos evolutivos, mudanças, rupturas, continuidades e persistências;
- 9 - Desenvolver uma correcta e progressiva estruturação da noção de tempo histórico e de diferentes níveis de duração e ritmo;
- 10 - Saber relacionar, em especial, a História de Portugal e o respectivo contexto internacional, ponderando articulações dinâmicas, realidades análogas e peculiaridades;
- 11 - Percepcionar no meio social, no seu sentido mais vasto, mediante a focagem globalizadora específica da História;
- 12 - Saber valorizar os diversos testemunhos documentais e patrimoniais do passado, reconhecendo a sua relação com as grandes temáticas da história mais formalizada estudada no contexto Escolar;
- 13 - Aplicar conceitos actualizados na área da compreensão e valorização dos bens patrimoniais, empenhando-se conscientemente na sua defesa e preservação;
- 14 - Adquirir capacidade e autonomia no acesso, na valorização, na avaliação, no registo e na comunicação de informação relacionada com a História;
- 15 - Relacionar e integrar informações de origem diversa num corpo estruturado de conhecimentos, moldando a sua própria percepção da História, por via de uma aprendizagem significativa;
- 16 - Exercitar uma prática de recolha e organização da informação, a partir de fontes de natureza diversa e procedendo ao cruzamento crítico de testemunhos;
- 17 - Desenvolver capacidades de questionamento e de reflexão crítica;
- 18 - Desenvolver, em geral, as diversas competências como forma de preparação para a vida futura numa sociedade aberta que confronta os cidadãos com escolhas;
- 19 - Saber intervir de forma autónoma e responsável em contextos diversos (na Escola e no meio), interiorizando valores de cidadania e convivência democrática;
- 20 - Consolidar uma cultura pessoal integradora que lhe permita reflectir sobre as realidades do mundo actual, nas suas múltiplas dimensões;
- 21 - Manifestar iniciativa e capacidade criativa, nas diversas oportunidades de intervenção e formas de expressão;
- 22 - Adquirir um domínio consistente das competências comunicativas, com especial incidência na capacidade de utilizar, com clareza e correcção, em contextos diversos, a língua portuguesa (falada e escrita).”⁵

2.1.3. Programa das disciplinas que configuram especializações em Artes Visuais (Ensino Básico e Ensino Secundário).

A ESAL oferece, no caso do 3.º Ciclo do EB, a disciplina de **Educação Visual** que configura a especialização em Artes Visuais, leccionada nos 7º, 8º e 9º anos, sendo neste último uma disciplina de opção, com a disciplina de Educação Tecnológica ou Oferta de Escola.

A disciplina de Educação Visual está situada na Área de Educação Artística e está ligada aos domínios concretos da expressão plástica e do desenho, entendido este como uma escrita visual de uma linguagem específica das artes plásticas. A Educação visual é uma disciplina fundamental para a formação global do cidadão. Esta disciplina tem como áreas de exploração prioritárias o desenho, a pintura e a escultura (explorações plásticas bidimensionais e tridimensionais), sendo as restantes áreas geridas conforme a disponibilidade da Escola. O desenho é um exercício básico e insubstituível de toda a linguagem plástica e por isso constitui uma ferramenta essencial que deve ser desenvolvida nomeadamente em registos livres, registos de observação ou na representação rigorosa.

No 3.º Ciclo o leque de escolhas na área das Expressões Artísticas, disponibilizado ao aluno é alargado. Para além da Educação Visual, como disciplina obrigatória, é introduzida outra área artística opcional, de carácter obrigatório, de acordo com a Oferta da Escola (Educação Musical, Expressão Dramática, Dança ou outra).

⁵ Retirado a 14 de Maio de 2011 em: <http://historiaseverim.no.sapo.pt/Competsec.htm>.

Tempos lectivos semanais:

- 7.º ano - 1 bloco de 90 minutos;
- 8.º ano - 1 bloco de 90 minutos;
- 9.º ano - 1,5 blocos (90 minutos + 45 minutos).

Desta forma, as finalidades fundamentais da disciplina são:

- Desenvolver, no aluno, a percepção visual através da criação e implementação de hábitos de observação, análise e síntese;
- Desenvolver e amadurecer as capacidades expressivas, comunicativas e interpretativas que se realizem através das linguagens da figuração;
- Favorecer a acção didáctica coordenada pelo Conselho de Turma para uma formação cultural global baseada também na consciência dos valores ambientais e dos valores artísticos.

Destas três finalidades educativas referidas, derivam algumas preocupações igualmente fundamentais para a Educação Visual:

- Levar o aluno a ultrapassar os lugares comuns e os estereótipos na representação, na avaliação, na concepção do belo e da arte;
- Dar ao aluno a consciência do seu processo formativo, verificando com ele os momentos da sua evolução na utilização da imagem como linguagem e como meio de expressão;
- Proporcionar ao aluno as ferramentas, as técnicas e os elementos linguísticos necessários;
- Desenvolver a consciência relativa ao respeito, à valorização dos bens culturais e do território na sua globalidade.

Ao longo do EB as competências que o aluno deve adquirir em Artes Visuais articulam-se em três “eixos estruturantes”. Deste modo, o perfil de competências do aluno à saída do EB é o seguinte:

“Fruição-Contemplação:

1. Reconhecer a importância das artes visuais como valor cultural indispensável ao desenvolvimento do ser humano;
2. Reconhecer a importância do espaço natural e construído, público e privado;
3. Conhecer o património artístico, cultural e natural da sua região, como um valor da afirmação da identidade nacional e encarar a sua preservação como um dever cívico;
4. Identificar e relacionar as diferentes manifestações das Artes Visuais no seu contexto histórico e sociocultural de âmbito nacional e internacional;
5. Reconhecer e dar valor a formas artísticas de diferentes culturas, identificando o universal e o particular.

Produção-Criação:

6. Utilizar diferentes meios expressivos de representação;
7. Compreender e utilizar diferentes modos de dar forma baseados na observação das criações da natureza e do homem;
8. Realizar produções plásticas usando os elementos da comunicação e da forma visual;
9. Usar diferentes tecnologias da imagem na realização plástica;
10. Interpretar os significados expressivos e comunicativos das Artes Visuais e os processos subjacentes à sua criação.

Reflexão-Interpretação:

11. Reconhecer a permanente necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes;

12. Desenvolver o sentido de apreciação estética e artística do mundo recorrendo a referências e a experiências no âmbito das artes visuais;
13. Compreender mensagens visuais expressas em diversos códigos;
14. Analisar criticamente os valores de consumo veiculados nas mensagens visuais;
15. Conhecer os conceitos e terminologias das Artes Visuais.”⁶

No caso do ES, o **Curso Geral de Artes Visuais** é o que engloba disciplinas que configuram especializações em Artes Visuais. Foi no ES que a PES se realizou, sendo que, neste contexto, se optou por analisar e apresentar as disciplinas que configuram especializações, no âmbito do grupo 600 (Artes Visuais).

A tabela a seguir apresentada (Tabela II.3) mostra as disciplinas específicas do Curso Geral de Artes Visuais e os anos de escolaridade correspondentes.

Tabela II.3. - Disciplinas Específicas do Curso Geral de Artes Visuais.
 Figura retirada a 7 de Maio de 2011. Disponível em:
http://www.josearturmatos.eu/artesvisuais/artesvisuais_disciplinas.htm

DISCIPLINAS	10.º ano	11.º ano	12.º ano
Desenho A	X	X	X
Geometria Descritiva A	X	X	-
Oficina de Artes	-	-	X
História da Cultura e das Artes	-	X	X

No Curso Geral de Artes Visuais, a disciplina de **GD-A**, Matemática B e **História da Cultura e das Artes** são disciplinas em que o aluno escolhe duas disciplinas bienais, entre as três disciplinas disponíveis.

Relativamente, às disciplinas de **Oficina de Artes**, **Oficina Multimédia B** e **Materiais e Tecnologias**, que só são leccionadas no 12.º ano, o aluno escolhe uma das disciplinas anuais.

De seguida, foi analisado o Programa do ME, para cada disciplina, da área das Artes Visuais, do Curso Geral de Artes Visuais, nomeadamente, tempos lectivos, finalidades fundamentais, competências a desenvolver e avaliação.

1) DESENHO A

A disciplina de **Desenho A** faz parte do currículo do **Curso Geral de Artes Visuais** do ES. Dominar, perceber e comunicar, de modo eficiente, através dos meios expressivos do desenho, serão as finalidades globais do programa do ME para a disciplina, homologado a 22/02/2001 para o 10.º ano e homologado a 25/03/2001 para os 11.º e 12.º anos.

O Desenho tem uma forma universal de conhecer e de comunicar, não é apenas uma aptidão de expressão ou área de investigação nos mecanismos de percepção e de interpretação, é uma forma de reagir, é uma atitude perante o mundo, exigente. O desenho é uma disciplina que permite, com sucesso, o processo contínuo de integração dos adolescentes. A exploração

⁶ Currículo Nacional do Ensino Básico - *Competências Essenciais*. (p. 157).

proposta para o ES é o complemento dos anos anteriores em que a “educação através da arte” foi posta em prática.

Tempos lectivos semanais:

10.º ano - 3 blocos de 90 minutos.

11.º ano - 3 blocos de 90 minutos.

12.º ano - 3 blocos de 90 minutos.

Segundo o Programa do ME do 10.º ano, a disciplina de Desenho A responde, no leque curricular dos 10.º, 11.º e 12.º anos, a objectivos globais de aquisição de uma eficácia pelo desenho a um nível pré-profissional e intermédio. O programa do ME para os 11.º e 12.º anos abrange os conteúdos a leccionar nos anos correspondentes, assim como sugestões metodológicas específicas.

É uma área estruturadora de muitas outras áreas de exercício profissional, que nela se baseiam ou que do seu exercício partem. Por ser essencial à criação, concepção, projectação, ou comunicação, são as suas teoria e prática, parte do currículo dos 10.º, 11.º e 12.º anos na variante A do Curso Geral de Artes Visuais, na variante B dos Cursos Tecnológicos de Multimédia e de Equipamento e, no 12.º ano, na variante C do Curso Geral de Ciências e Tecnologias. Ao nível do ES, o desenho está na linha de formação comum aos profissionais das áreas de Artes Plásticas, *Design* e Arquitectura, ou ainda da área nova dos interfaces virtuais, novas tecnologias, internet, e edição de conteúdos multimédia.

Desta forma, as finalidades fundamentais da disciplina são:

- ✓ “Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação;
- ✓ Desenvolver as capacidades de representação, de expressão e de comunicação;
- ✓ Promover métodos de trabalho individual e colaborativo, observando princípios de convivência e cidadania;
- ✓ Desenvolver o espírito crítico face a imagens e conteúdos mediatizados e adquirir, com autonomia, capacidades de resposta superadoras de estereótipos e preconceitos face ao meio envolvente;
- ✓ Desenvolver a sensibilidade estética, formando e aplicando padrões de exigência;
- ✓ Desenvolver a consciência histórica e cultural e cultivar a sua disseminação.”⁷

Os objectivos específicos da disciplina são:

- ✓ “Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação;
- ✓ Conhecer as articulações entre percepção e representação do mundo visível;
- ✓ Desenvolver modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho;
- ✓ Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica;
- ✓ Conhecer, explorar e dominar as potencialidades do desenho no âmbito do projecto visual e plástico incrementando, neste domínio, capacidades de formulação, exploração e desenvolvimento;
- ✓ Explorar diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias;
- ✓ Utilizar fluentemente metodologias planificadas, com iniciativa e autonomia;
- ✓ Relacionar-se responsabilmente dentro de grupos de trabalho adoptando atitudes construtivas, solidárias, tolerantes, vencendo idiosincrasias e posições discriminatórias;

⁷ Programa do Ministério da Educação - *Desenho A* (p. 6).

Acedido a 14 de Maio de 2011 em: <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/recursos/>.

- ✓ Respeitar e apreciar modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos;
- ✓ Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros;
- ✓ Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir;
- ✓ Desenvolver a sensibilidade estética e adquirir uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes.”⁸

São apontadas as competências a desenvolver dentro de uma tricotomia global “Ver-Criar-Comunicar”. Assim:

“1. **Observar e analisar** - o aluno estará capaz de observar e registar com elevado poder de análise, tendo em atenção as singularidades presentes e a forma como estas se relacionam com outras, bem como a integração de todas num todo ou unidade decomponível em elementos estruturais. O aluno deverá, mercê do exercício de observação analítica, observar e registar com crescente aptidão: o quotidiano natural ou técnico por meios manuais - riscadores e/ou mancha - ou meios informáticos. Esta área é adequada para permitir o desenvolvimento das capacidades psicomotoras ao nível da aptidão adaptativa simples, composta e complexa;

2. **Manipular e sintetizar** - o aluno estará apto a aplicar procedimentos e técnicas com adequação e correcção e a criar imagens novas. Estará em evidência a capacidade de síntese, quer por tratamento da soma de experiências e de esboços analíticos prévios, quer por aplicação de princípios, ideias, métodos ou conceitos no domínio das operações abstractas. Pressupõe o exercício de sentido crítico, de método de trabalho e a integração num projecto que responda a necessidades da pessoa e do seu contexto, estando implicado o estabelecimento prévio de uma base de conhecimentos que qualifiquem informadamente as respostas;

3. **Interpretar e comunicar** - o aluno conseguirá ler criticamente mensagens visuais de origens diversificadas e agir como autor de novas mensagens, utilizando a criação e a invenção em metodologias de trabalho faseadas. Esta competência pressupõe um domínio crescente nos processos de interpretação e de sentido assentes num “pano de fundo” culturalmente informado. A comunicação poderá dimensionar a disseminação da experiência, de um meio próximo ao global e, ao mesmo tempo, constituir ocasião para exploração de competências transversais no âmbito da cidadania.”⁹

“A avaliação é contínua e integra as modalidades formativa e sumativa. A avaliação formativa advém da constante interacção professor aluno e deve potenciar novas aquisições. A avaliação sumativa traduz a evolução do aluno na disciplina, devendo ser localizada no tempo conforme o critério do professor.

São objecto de avaliação: a aquisição de conceitos; a concretização de práticas e o desenvolvimento de valores e atitudes.”¹⁰

2) GEOMETRIA DESCRITIVA A

A PES foi feita na disciplina de **GD-A**, no 11.º ano, sendo que no capítulo seguinte (Capítulo III), será feita uma abordagem mais detalhada dos pontos mais importantes sobre o Programa da disciplina (objectivos, finalidades, competências, etc).

No entanto, a disciplina de GD, integra a componente de formação específica dos alunos no âmbito do Curso Geral de Ciências e Tecnologias e do Curso Geral de Artes Visuais, visando o aprofundamento, estruturação e sistematização de conhecimentos e competências metodológicas no âmbito da GD.

Dada a natureza do seu objectivo, esta permite o desenvolvimento das capacidades de ver, perceber, organizar e catalogar o espaço envolvente, propiciando instrumentos específicos para trabalhar - em desenho - ou para criar novos objectos ou situações imaginadas. Desta forma o seu alcance formativo é extremamente amplo. É essencial a áreas disciplinares onde

⁸ Programa do Ministério da Educação - *Desenho A* (p. 6).

Acedido a 14 de Maio de 2011 em: <http://sitio.dgidec.min-edu.pt/recursos/>.

⁹ Programa do Ministério da Educação - *Desenho A* (p. 10).

Acedido a 14 de Maio de 2011 em: <http://sitio.dgidec.min-edu.pt/recursos/>.

¹⁰ Programa do Ministério da Educação - *Desenho A* (p. 11).

Acedido a 14 de Maio de 2011 em: <http://sitio.dgidec.min-edu.pt/recursos/>.

é indispensável o tratamento e representação do espaço - como sejam, a Arquitectura, a Engenharia, as Artes Plásticas ou o *Design* - a sua importância faz-se sentir também ao nível das atitudes dirigindo-se ao estudante considerado, globalmente, como uma pessoa humana e não apenas funcionando enquanto aprendiz de um dado ofício.

Tempos lectivos semanais:

10.º ano - 3 blocos de 90 minutos;

11.º ano - 3 blocos de 90 minutos.

3) OFICINA DE ARTES

Oficina de Artes é uma disciplina cujo nome releva da noção de ofício, no sentido que lhe é conferido actualmente pelo operador plástico, enquanto agente de intervenção crítica que, mediante o conhecimento e a valorização do património, é capaz de agir, de modo integrado, na sociedade em que está inserido.

No contexto da reforma curricular do ES, a disciplina de Oficina de Artes integra o plano de estudo do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais - componente de formação específica - e constitui-se como disciplina de opção do 12.º ano.

A inserção de Desenho A no Plano de Estudos do Curso de Artes Visuais, como disciplina estruturante e trienal da componente de formação específica, permitiu que alguns dos conteúdos formativos anteriormente propostos pela Oficina de Artes fossem reintegrados nessa disciplina. Deste modo, à Oficina de Artes compete abordar as áreas de expressão e concretização plásticas bidimensionais e tridimensionais, associadas aos fenómenos da comunicação visual.

Nesta perspectiva, a nova disciplina de Oficina de Artes propõe-se abrir espaço à experimentação e realização do projecto artístico, considerando as sugestões incluídas no desenvolvimento deste Programa do ME, homologado a 15/11/2005.

Tempos lectivos semanais:

12.º ano - 3 blocos de 90 minutos.

Desta forma, as finalidades fundamentais da disciplina são:

- ✓ “Desenvolver a sensibilidade e a consciência crítica, mediante a mobilização do aluno para os conteúdos específicos das diferentes áreas das artes visuais;
- ✓ Fomentar a capacidade de manipulação sensível e técnica dos materiais, dos suportes e dos instrumentos, visando um melhor entendimento do espaço bidimensional e tridimensional em vários domínios da expressão plástica;
- ✓ Incentivar e desenvolver a criatividade, hábitos de pesquisa e métodos de trabalho experimental;
- ✓ Proporcionar aos alunos o acesso aos fundamentos e pressupostos científicos essenciais que determinam grande parte da fenomenologia das artes visuais, desde o acto criativo em si à perspectiva crítica e de intervenção no âmbito da comunidade.”¹¹

¹¹ Programa do Ministério da Educação - *Oficina de Artes* (p. 2).
Acedido a 14 de Maio de 2011 em: <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/recursos/>.

Os objectivos específicos da disciplina são:

- ✓ “Desenvolver conhecimentos e competências já adquiridos em áreas afins, relacionando-os e adequando-os aos diversos modos de projectar;
- ✓ Entender os modos de projectar como parte integrante do processo artístico, relacionando a dinâmica das aprendizagens anteriores com as novas hipóteses expressivas;
- ✓ Conhecer as fases metodológicas do projecto artístico;
- ✓ Desenvolver competências nos domínios da representação bidimensional e tridimensional;
- ✓ Explorar técnicas de representação expressiva e rigorosa do espaço e das formas que o habitam;
- ✓ Compreender as questões utilitárias relacionadas com certos tipos de iconicidade, na área da cidadania;
- ✓ Desenvolver capacidades de trabalho em equipa, necessárias à consecução de projectos.”¹²

Nesta disciplina, pretende-se que o aluno desenvolva competências que o tornem capaz de:

- ✓ “Representar bi e tridimensionalmente através de meios riscadores e/ou informáticos.
- ✓ Manipular, com intencionalidade, os diferentes processos técnicos da representação e expressão visual.
- ✓ Utilizar adequadamente os materiais, os suportes e os instrumentos necessários à construção de uma mensagem visual.
- ✓ Dominar as diferentes fases metodológicas de desenvolvimento de um projecto, nas diversas áreas em estudo.
- ✓ Trabalhar em equipa, gerindo as competências necessárias à concretização de um projecto artístico.
- ✓ Intervir criticamente, no âmbito da realização plástica, na comunidade em que está inserido.”¹³

Os recursos para Oficina de Artes são adaptados à disciplina, exigindo uma sala ampla, com espaço bastante iluminado e virada, preferencialmente, a Norte ou a Nascente. Deverá haver um espaço um pouco mais reduzido do que a sala de aula, para uso de tecnologias específicas (ferramentas e equipamento específico). Deverá haver também, um espaço para arquivo de documentação e arrecadação para materiais e trabalhos. Por último, a sala deverá estar equipada com material audiovisual (projector, televisor, câmara de vídeo/fotográfica, fotocopiadora, etc).

“A avaliação das aprendizagens dos alunos compreende as modalidades de avaliação formativa e avaliação sumativa. A avaliação formativa é contínua e sistemática e tem função diagnóstica, permitindo ao professor, ao aluno, e demais intervenientes no processo educativo obter informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens, com vista ao ajustamento de processos e estratégias.

A avaliação sumativa, para além das actividades próprias que possa envolver, deve ter em conta os dados da avaliação contínua anteriormente referidos.

Para que a avaliação seja eficaz, há que planificar com rigor, estabelecendo para cada trabalho ou projecto metas precisas, de modo que os referenciais de avaliação se articulem com as competências a desenvolver pelos alunos.

No processo de avaliação, sugere-se que os trabalhos desenvolvidos sejam expostos e analisados em conjunto, perante todos os intervenientes. Desta forma, nesse período de discussão, e através de críticas devidamente aferidas pelos objectivos estabelecidos no programa, ou relativos a cada trabalho ou projecto, é possível clarificar os termos de cada motivação e a perspectiva em que assentaram a pesquisa e a experimentação.”¹⁴

¹² Programa do Ministério da Educação - *Oficina de Artes* (p. 3).

Acedido a 14 de Maio de 2011 em: <http://sitio.dgidec.min-edu.pt/recursos/>.

¹³ Programa do Ministério da Educação - *Oficina de Artes* (p. 7).

Acedido a 14 de Maio de 2011 em: <http://sitio.dgidec.min-edu.pt/recursos/>.

¹⁴ Programa do Ministério da Educação - *Oficina de Artes* (p. 9).

Acedido a 14 de Maio de 2011 em: <http://sitio.dgidec.min-edu.pt/recursos/>.

4) HISTÓRIA DA CULTURA E DAS ARTES

Segundo o Programa da disciplina, homologado a 14/09/2004, mais concretamente, no quadro do Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, o nível secundário de educação, correspondentes aos 10.º, 11.º e 12.º anos, organiza-se em: Cursos Científico-Humanísticos, Cursos Tecnológicos, Cursos Artísticos Especializados e Cursos Profissionais.

A disciplina de **História da Cultura e das Artes** insere-se na componente de formação específica dos Cursos Científico-Humanísticos de Artes Visuais e de Línguas e Literaturas, nos 11.º e 12.º anos. Mas insere-se também na componente de formação científica dos Cursos Artísticos Especializados de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, nos 10.º, 11.º e 12.º anos, com uma carga horária de dois tempos lectivos de 90 minutos por semana. Partiria, assim, a elaboração do Programa, do pressuposto teórico de responder ao próprio sentido da criação de uma disciplina de História da Cultura e das Artes e à objectiva necessidade de, sem prejuízo da autonomia epistemológica de cada uma das áreas artísticas analisadas e há muito consagradas, deverem estas ser entendidas como materialização daquela, isto é, de ser a arte, a despeito da forma que tenha revestido, sempre uma forma de expressão da cultura que a gerou.

Porém, se as diversas expressões artísticas não podem ser compreendidas, na sua complexidade, à margem da compreensão global do quadro genérico onde se inscreve o seu devir, a criação de uma disciplina onde a cultura e as artes se estudam, em confronto, permitirá avançar também para um pressuposto, em certo sentido, mais radical: o de que é a própria História da Cultura que adquire uma nova dimensão se analisada em permanente interacção com os objectos artísticos nos quais, no decurso do tempo, se foram materializando as sucessivas formas de entender e questionar o mundo.

O Programa procura consagrar essa perpétua e fundamental interacção entre as artes e a cultura ou entre a cultura e as artes, consoante a perspectiva que se adopte na abordagem da questão. E foi por isso, também, que se procurou favorecer uma abordagem não hierárquica, mas essencialmente dinâmica e transversal dessa interacção.

Tempos lectivos semanais:

11.º ano - 3 blocos de 90 minutos;

12.º ano - 3 blocos de 90 minutos.

Desta forma, as finalidades fundamentais da disciplina são:

“- Ao nível da formação:

- ✓ Qualificar e diversificar a formação cultural e artística;
- ✓ Contribuir para a formação académica e profissional;
- ✓ Promover atitudes de investimento pessoal em formações futuras.

- Ao nível das competências gerais:

- ✓ Preservar e valorizar o património artístico e cultural;
- ✓ Entender a defesa do património como acto de cidadania;
- ✓ Consolidar o sentido de apreciação estética do mundo;
- ✓ Evidenciar uma atitude crítica enquanto receptor de objectos artísticos;
- ✓ Mobilizar os conhecimentos adquiridos na disciplina para criticar a realidade contemporânea;

- ✓ Pesquisar, seleccionar e organizar informação diversificada de uma forma autónoma, responsável e criativa;
- ✓ Compreender o objecto artístico como documento/testemunho do seu tempo histórico;
- ✓ Enquadrar a especificidade do discurso e das categorias analíticas de cada área artística na análise conjuntural do tempo e do espaço (histórico e cultural).”¹⁵

Os objectivos fundamentais da disciplina são:

“- O professor deve estimular no aluno o gosto pela criação artística nas suas múltiplas vertentes. Este objectivo mais abrangente implica quatro objectivos específicos fundamentais:

- “- Ensinar/aprender a ver;
- Ensinar/aprender a ouvir;
- Ensinar/aprender a interpretar;
- Ensinar/aprender a contextualizar.”¹⁶

Os objectivos gerais da disciplina são:

“Propositadamente, e no intuito de contribuir de outro modo para o esclarecimento das categorias analíticas do Tronco Comum, os objectivos gerais da disciplina foram elaborados a partir desses indicadores que se denominam “Tempo”, “Espaço”, “Biografia”, “Local”, “Acontecimento”, “Sínteses” e “Casos Práticos”:

- “- Situar cronologicamente as principais etapas da evolução humana que enquadram fenómenos culturais e artísticos específicos. (Tempo);
- Reconhecer o contexto geográfico dos diversos fenómenos culturais e artísticos. (Espaço).
- Compreender a acção individual como determinante na apreciação dos diversos processos históricos, culturais e artísticos. (Biografia);
- Valorizar o local como cruzamento de múltiplas interacções (culturais, políticas, económicas ou sociais). (Local);
- Relacionar um tempo breve, de natureza especialmente marcante, com o contexto em que se inscreve. (Acontecimento);
- Identificar os elementos estruturantes que caracterizam a singularidade da cultura de cada época. (Sínteses);
- Reconhecer o objecto artístico como produto e agente do processo histórico-cultural em que se enquadra. (Casos Práticos).”¹⁷

Continua-se a considerar relevante partir do “perfil do aluno competente em História” no final dos primeiros nove anos de Escolaridade. O Currículo Nacional do EB - Competências Essenciais - fornece algumas explicações.

São apontadas como competências a desenvolver os seguintes pontos:

- “- Utiliza as noções de evolução, de multicausalidade, de multiplicidade temporal e de relatividade cultural no relacionamento da História de Portugal com a História europeia e mundial;
- Aplica procedimentos básicos da metodologia específica da História, nomeadamente a pesquisa e interpretação de fontes diversificadas, utilizando técnicas diversas de comunicação;
- Integra e valoriza elementos do património histórico português no quadro do património histórico mundial;
- Manifesta respeito por outros povos e culturas.”¹⁸

Assim sendo, crê-se que a disciplina de História da Cultura e das Artes deverá contribuir para consolidar as competências enunciadas no Currículo Nacional do EB e permitir ao aluno:

- “- Utilizar em cada área artística o vocabulário próprio;
- Analisar o objecto artístico na sua especificidade técnica e formal;

¹⁵ Programa do Ministério da Educação - *História da Cultura e das Artes* (p. 5). Acedido a 14 de Maio de 2011 em: <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/recursos/>.

¹⁶ Programa do Ministério da Educação - *História da Cultura e das Artes* (p. 6). Acedido a 14 de Maio de 2011 em: <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/recursos/>.

¹⁷ Programa do Ministério da Educação - *História da Cultura e das Artes* (p. 6). Acedido a 14 de Maio de 2011 em: <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/recursos/>.

¹⁸ Programa do Ministério da Educação - *História da Cultura e das Artes* (p. 7). Acedido a 14 de Maio de 2011 em: <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/recursos/>.

- Reconhecer o objecto artístico como documento/testemunho do seu tempo histórico;
- Reconhecer o estudo do objecto artístico como processo fundamental para o conhecimento do passado;
- Adoptar métodos de trabalho próprios, individuais e/ou de grupo;
- Comunicar correctamente opiniões e resultados de pesquisa (oralmente e por escrito);
- Utilizar diversos recursos na pesquisa e comunicação de informação.”¹⁹

No que concerne às disciplinas no âmbito das Artes Visuais e que poderão ser leccionadas por um professor do grupo 600 (Artes Visuais) também se pode incluir nos Cursos Tecnológicos - Curso Tecnológico de *Design* de Equipamento e Curso Tecnológico de Multimédia, tal como apresentado na Tabela II.4.

Tabela II.4. - Disciplinas Específicas dos Cursos Tecnológicos de *Design* de Equipamento e de Multimédia.

CURSO	DISCIPLINAS	10.º ano	11.º ano	12.º ano
CURSO TECNOLÓGICO DE <i>DESIGN</i> DE EQUIPAMENTO	Desenho B	X	X	X
	Geometria Descritiva B	X	X	-
	História das Artes	X	X	X
	Oficina de <i>Design</i> de Equipamento	X	X	-
	Oficina de <i>Design</i> Cerâmico	-	-	X
	Oficina de <i>Design</i> de Mobiliário	-	-	X
	Tecnologias do Equipamento	X	X	X
CURSO TECNOLÓGICO DE MULTIMÉDIA	Desenho B	X	X	X
	Oficina de <i>Design</i> Multimédia	-	-	X
	História das Artes	X	X	X
	Oficina de Animação e Multimédia	-	-	X
	Oficina de Multimédia A	X	X	-

O Curso Tecnológico de *Design* de Equipamento tem por objectivo a formação de profissionais capazes de interpretar projectos e colaborar na produção de equipamento. Este curso habilita os alunos com um conjunto de saberes, competências e métodos de trabalho (metodologia projectual) nos domínios da representação bidimensional e tridimensional e da utilização dos materiais, instrumentos e técnicas inerentes à produção industrial de equipamento e de artefactos em cerâmica e de mobiliário em madeira e metais.

O curso tem diversas saídas profissionais. Neste sentido, o aluno poderá vir a trabalhar em sectores como os da indústria e do comércio de produtos cerâmicos ou de mobiliário e exercer profissões, obtendo a qualificação obtida neste curso:

- Técnico de desenho;
- Assistente de *design* de equipamento;
- Técnico executor de modelos e protótipos;

¹⁹ Programa do Ministério da Educação - *História da Cultura e das Artes* (p. 7).
Acedido a 14 de Maio de 2011 em: <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/recursos/>.

- Assistente de produção.

Consoante a especificação escolhida, podem ainda exercer, entre outras, as seguintes profissões:

Oficina de *Design* de Mobiliário:

- Assistente de produção de mobiliário;
- Desenhador projectista de mobiliário, de arquitectura de interiores ou de decoração.

Oficina de *Design* Cerâmico:

- Assistente de produção cerâmica;
- Desenhador projectista de *design* de equipamento cerâmico.

Referenciais de emprego:

As profissões integradas neste sector podem ser exercidas em regime de trabalho independente ou em diferentes estruturas, nomeadamente empresas industriais e comerciais de mobiliário e cerâmica, e instituições do sector público ou privado que possuam gabinetes de estudo e de projecto.

Caso o aluno tenha optado por ***Design* Cerâmico**, poderá também trabalhar em locais como oficinas de produção de artefactos ou oficinas semi-industriais do sector da indústria cerâmica. Caso o aluno tenha optado por ***Design* de Mobiliário**, poderá trabalhar em locais como gabinetes de *design* de mobiliário ou gabinetes de arquitectura de interiores ou de decoração.

De seguida, apresenta-se a Figura II.4, que mostra a Matriz Curricular do Curso Tecnológico de *Design* de Equipamento.

CURSO TECNOLÓGICO DE DESIGN DE EQUIPAMENTO

Componentes de Formação	Disciplinas	Ano/Carga Horária Semanal (x 90 minutos)		
		10.º	11.º	12.º
Geral	Português	2	2	2
	Língua Estrangeira I, II ou III a)	2	2	
	Filosofia	2	2	
	Educação Física	2 b)	2 b)	2 b)
	Tecnologias da Informação e Comunicação	2		
Subtotal		10	8	4
Científica	História das Artes	2	2	2
	Geometria Descritiva B	2	2	
Subtotal		4	4	2

		10.º	11.º	12.º	
Tecnológica	Desenho B Tecnologias do Equipamento Oficina e Design de Equipamento	2	2	2	
		2	2	2	
		2	4		
	Subtotal		6	8	4
					Carga Horária Anual (x 90 minutos)
	Área Tecnológica Integrada c)	Disciplina de Especificação d), e)	- Oficina de Design de Mobiliário - Oficina de Design Cerâmico		120
		Projecto Tecnológico e)			27 (147)
		Estágio f)			160 g)
	Educação Moral e Religiosa h)		(1)	(1)	(1)
	Total		20 a 21	20 a 21	17 a 18
Máximo Global (Período de Estágio - horas)				35 a 36.5	

Figura II.4. - Matriz Curricular do Curso Tecnológico de *Design* de Equipamento.

Figura retirada a 11 de Maio de 2011 em:

http://www.dgisd.min-edu.pt/ensinosecundario/data/.../guia_orientacoes_ct.pdf.

No caso do **Curso Tecnológico de Multimédia**, este tem por objectivo a formação de profissionais capazes, de forma autónoma ou integrados em equipa, de desenvolver soluções de informação e comunicação recorrendo a tecnologias multimédia, habilitando os alunos com um conjunto de saberes e de competências no âmbito da animação digital e da utilização de *software* adequado ao desenvolvimento de projectos e de produtos multimédia, em diversos domínios, dos quais a *Internet* é um dos mais significativos, e permite o desempenho de funções de assistência, na articulação entre o projecto e o fabrico, e de manutenção de produtos e sistemas multimédia.

Pela natureza do próprio processo de produção multimédia, este trabalho combina normalmente as ideias e os esforços de vários profissionais de formações diversas, pelo que o

Técnico de Multimédia está apto a desempenhar funções no seio de equipas multidisciplinares que podem ser constituídas por artistas gráficos, editores, animadores, engenheiros de vídeo e de áudio, programadores e produtores.

O aluno que obtenha a qualificação neste curso, poderá vir a integrar equipas de desenvolvimento de aplicações informáticas, a trabalhar em sectores como os da comunicação audiovisual, publicidade ou cinema, como:

- Assistente de produção multimédia;
- Assistente de ilustração multimédia;
- Assistente de realização de produtos publicitários;
- Assistente de realização de vídeo-clips e de jogos electrónicos.

Consoante a Especificação escolhida, podem exercer também, entre outras, as seguintes profissões:

Oficina de Animação e Multimédia:

- Assistente de animação;
- Assistente de ilustração de páginas animadas para a *Web*;
- Assistente de animação em 2D e 3D;
- Assistente de realização de filmes animados.

Oficina de *Design* Multimédia:

- Assistente de *design* multimédia;
- Assistente de *design* de páginas para a *Web*;
- Assistente de ilustração de publicidade;
- Assistente de ilustração em 2D e 3D;
- Auxiliar de comunicação.

Referenciais de emprego:

As profissões integradas neste sector podem ser exercidas por conta própria, em regime de trabalho independente ou de teletrabalho, ou em diferentes estruturas, nomeadamente em gabinetes ou ateliers de arquitectura ou de *design* gráfico ou de empresas gráficas, de comunicação audiovisual, de publicidade, ou de produção e manutenção de páginas para a *Web*, bem como em produtoras de vídeo/televisão ou órgãos de comunicação social.

Caso o aluno tenha optado por Animação e Multimédia, poderá trabalhar em locais como empresas produtoras de cinema de animação. Caso tenha optado por *Design* de Multimédia, poderá também trabalhar em locais como empresas de produção multimédia.

De seguida, apresenta-se a Figura II.5, que mostra a Matriz Curricular do Curso Tecnológico de Multimédia, que engloba disciplinas no âmbito das Artes Visuais.

CURSO TECNOLÓGICO DE MULTIMÉDIA

Componentes de Formação	Disciplinas	Ano/Carga Horária Semanal (x 90 minutos)		
		10.º	11.º	12.º
Geral	Português	2	2	2
	Língua Estrangeira I, II ou III a)	2	2	
	Filosofia	2	2	
	Educação Física	2 b)	2 b)	2 b)
	Tecnologias da Informação e Comunicação	2		
Subtotal		10	8	4
Científica	História das Artes	2	2	2
	Geometria Descritiva B	2	2	
Subtotal		4	4	2

		10.º	11.º	12.º	
Tecnológica	Desenho B Tecnologias dos Multimédia Oficina de Multimédia A	2	2	2	
		2	2	2	
		2	4		
	Subtotal		6	8	4
	Área Tecnológica Integrada c)	Disciplina de Especificação d), e)	- Oficina de Animação e Multimédia		120
			- Oficina de Design Multimédia		
		Projecto Tecnológico e)			27 (147)
	Estágio f)			160 g)	
	Educação Moral e Religiosa h)		(1)	(1)	(1)
	Total		20 a 21	20 a 21	17 a 18
Máximo Global (Período de Estágio - horas)				35 a 36.5	

Figura II.5. - Matriz Curricular do Curso Tecnológico de Multimédia.

Figura retirada a 11 de Maio de 2011 em:

http://www.dgidec.min-edu.pt/ensinosecundario/data/.../guia_orientacoes_ct.pdf.

2.2. Orientações Educativas/Curriculares da Escola. Documentos Reguladores.

Neste ponto expõem-se os vários projectos e documentos orientadores oficiais que regulamentam as orientações educativas/curriculares da ESAL, no sentido de enquadrar e perceber a Comunidade Educativa da mesma.

Segundo o RI da ESAL, O PE, o RI, os Planos Anual e Plurianual de Actividades, o Orçamento, o Relatório Anual de Actividades, a Conta de Gerência e o Relatório de Auto-Avaliação são, de acordo com a Lei:

“Os instrumentos de autonomia das Escolas, a qual se desenvolve através de competências acrescidas nos domínios estratégico e pedagógico, administrativo e financeiro e da organização interna, de regulamentação e regulação do seu funcionamento e de gestão e formação dos seus recursos humanos”.

“De acordo com o disposto nos pontos 1 e 2, do Artigo 9º, do Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril, que aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação Pré -Escolar e dos Ensinos Básico e Secundário, os documentos referidos acima são entendidos como:

Projecto educativo (PE) - o documento que consagra a orientação educativa da Escola, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais a Escola se propõe cumprir a sua função educativa;

Regulamento Interno (RI) - o documento que define o regime de funcionamento da Escola, de cada um dos seus órgãos de administração e gestão, das estruturas de orientação e dos serviços administrativos, técnicos e técnico-pedagógicos, bem como os direitos e deveres dos membros da comunidade Escolar;

Planos Anual e Plurianual de Actividades - os documentos de planeamento, que definem, em função do projecto educativo, os objectivos, as formas de organização e de programação das actividades e que procedem à identificação dos recursos necessários à sua execução;

Orçamento - o documento em que se prevêem, de forma discriminada, as receitas a obter e as despesas a realizar pela Escola;

Relatório de Auto-Avaliação - o documento que procede à identificação do grau de concretização dos objectivos fixados no projecto educativo, à avaliação das actividades realizadas pela Escola e da sua organização e gestão, designadamente no que diz respeito aos resultados Escolares e à prestação do serviço educativo;

Conta de Gerência - o documento que relaciona as receitas obtidas e despesas realizadas;

Relatório Anual de Actividades - o documento que relaciona as actividades efectivamente realizadas pela Escola e identifica os recursos utilizados nessa realização.

Ainda de acordo com os pontos 3 e 4 do mesmo artigo do normativo supracitado, o contrato de autonomia constitui o instrumento de desenvolvimento e aprofundamento da autonomia da Escola e é celebrado na sequência de procedimentos de auto-avaliação e avaliação externa, observados os termos do capítulo VII do referido Decreto-Lei, bem como os termos da Portaria n.º 1260/2007, de 26 de Setembro, que consagra a autonomia das Escolas, prevendo a transferência progressiva de atribuições e competências para as organizações Escolares, traduzindo o reconhecimento pelo Estado da capacidade das Escolas em melhor gerirem os recursos educativos de forma consistente com o seu PE, a qual se integra em anexo ao RI.”

O RI rege-se pelo quadro normativo vigente, sendo um instrumento indispensável à concretização do processo de autonomia, como se pode ler no Art.º 3.º, n.º 1, do Decreto-Lei 115-A/98 de 4 de Maio, que aprovou o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos da educação Pré-Escolar e dos EB e ES.

“Autonomia é o poder reconhecido à Escola pela administração educativa de tomar decisões nos domínios estratégico, pedagógico, administrativo, financeiro e organizacional, no quadro do seu projecto educativo e em função das competências e dos meios que lhe estão consignados.”²⁰

Pelo RI, deve-se reger a comunidade educativa da ESAL, no que diz respeito às relações entre os seus elementos, à responsabilidade individual e colectiva no cumprimento das normas, bem como todos os utentes das instalações. Regulamenta as “Linhas Orientadoras do Comportamento dos Membros da Comunidade Educativa”, nomeadamente: Alunos (direitos e deveres dos alunos, medidas educativas especiais - não cumprimento do Estatuto do Aluno); Professores (direitos e deveres do professor) e Corpos Administrativos e Auxiliar de Acção Educativa (direitos, deveres, deveres específicos, dependências hierárquicas diversas e responsabilidade disciplinar).

²⁰ Regulamento Interno da ESAL (p. 4).

O Conselho Geral, o Director, o Conselho Pedagógico e o Conselho Administrativo exercem as funções atribuídas, por lei, segundo as orientações definidas no PE da ESAL e no RI.

O RI apresenta vários pontos importantes para o regime do funcionamento da ESAL, de cada um dos seus órgãos de administração e gestão, das estruturas de orientação e dos serviços administrativos, técnicos e técnico-pedagógicos, bem como os direitos e deveres dos membros da comunidade Escolar (Director, Alunos, Docentes, Não Docentes, Pais e Encarregados de Educação, Espaço Escolar, etc), do qual se pode salientar alguns pontos mais relevantes do seu conteúdo.

Um dos capítulos muito importantes do RI é o Capítulo III, que fala sobre as “Estruturas de Orientação Educativa e Articulação Curricular e Pedagógica e Serviços de Apoio Educativo”, em concreto, as estruturas que colaboram e interagem com o Conselho Pedagógico e com o Director no sentido de assegurar a orientação educativa e a articulação curricular e pedagógica da ESAL, já referidas no ponto 1.4, do Capítulo I.

A Participação dos Pais e Encarregados de Educação e da sua Associação também é muito importante na vida da ESAL, pois esta participação inscreve-se no quadro legal em vigor, é potenciada pelos princípios e orientação que informa o projecto educativo da ESAL e baseia-se no princípio da reciprocidade e complementaridade de interesses. A Associação de Pais e Encarregados de Educação constitui-se como actor educativo representativo dos interesses das famílias, dos Encarregados de Educação e dos seus educandos.

Quanto ao PE da ESAL, realizado sempre para três anos (2007-2010), estando a ser elaborado o próximo, incide na ideia colectiva, fruto das vontades de todos que assim o fizeram e nele se revêem e comprometem; no encontro de querereres que orientam a vida da Escola-viva; no futuro, a construir na acção prática dos actores; na referência para a coerência e a unidade da acção educativa; no quadro regulador das vivências e dos processos e afirmação da identidade da ESAL.

A ESAL é uma Escola centrada no Currículo e por isso define com clareza em que tipo de PE se encontra empenhada, isto é, qual o tipo de formação com que pretende dotar os alunos. O Currículo da ESAL constitui o PE que desenvolve a ESAL. É, por isso, o PE integrado, um currículo da ESAL, enquanto projecto educativo-formativo integrado.

O PE assenta em bases, metas, objectivos gerais e princípios. A construção do PE assenta nos seguintes pilares fundamentais: autonomia, currículo-projecto educativo próprio, participação e responsabilização.

A autonomia da ESAL concretiza-se na definição e execução do seu PE com a participação e responsabilização de todos os actores educativos no quadro das suas atribuições. O PE centra-se no aluno, nos seus interesses e nas suas necessidades e prossegue as metas gerais que balizam o modelo de formação da ESAL. As metas especificam-se em objectivos gerais.

Do PE, também fazem parte as Opções Curriculares, principalmente, os Cursos, Modelo de Formação e Orientações e Autonomia Cultural.

A ESAL investe essencialmente nos Cursos do ES, com uma tendência para que o 3.º Ciclo do EB venha a desaparecer gradualmente.

Tal como já se mencionou, no quadro da estrutura do ES, a ESAL reparte a sua oferta pelos Cursos Científico-Humanísticos, Tecnológicos e Profissionais. A oferta de Cursos Profissionais tem mantido a tradição e faz da ESAL uma das escolas que, a nível nacional, oferece um maior leque de escolhas nesta área de ensino.

A orientação curricular definida no parágrafo anterior exige, contudo, a reorganização e o restauro dos espaços existentes e a adaptação e requalificação de outras áreas em resposta à necessidade de criação de condições de bem-estar e de trabalho e de humanização geral do espaço.

O PE reafirma a oferta, de forma equilibrada, desses cursos, de modo a proporcionar percursos diversificados que, segundo a escolha dos alunos, permitam o prosseguimento de estudos ou a integração imediata no mundo do trabalho.

Segundo o PE, a ESAL assenta em orientações pedagógicas, nomeadamente, a organização e a condução do processo ensino-aprendizagem segundo os princípios da “Escola Activa”, centrada no aluno, onde a aprendizagem se liga a um processo posto em marcha por exigências, capacidades e necessidades individuais e é resultado de estímulos, de participações e de produções.

De acordo com as ofertas no âmbito do ES, conforme descrito no ponto 2.1.1, deste Capítulo (Tabela II.2), a **oferta formativa** da **ESAL** compreende três Cursos Científico-Humanísticos, de acordo com as Matrizes Curriculares e os Planos de Estudos:

1. Ciências e Tecnologias;
2. Ciências Socioeconómicas;
3. Artes Visuais.

Por conseguinte, dos três cursos acima mencionados, a ESAL dispõe de dois que englobam disciplinas com especializações em Artes Visuais no ES, a saber:

- Curso Geral de Artes Visuais - Cursos Científico-Humanísticos de Artes Visuais e de Ciências e Tecnologias.

Como a disciplina de Estágio foi a GD-A e como fazia parte, tanto do Curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias, como do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, decidiu-se apenas falar destes dois cursos.

A ESAL oferece várias orientações vocacionais no âmbito das Artes Visuais, das quais reúne disciplinas opcionais e outras obrigatórias, englobadas nos cursos anteriormente descritos.

No **Curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias** do **ES**, o aluno escolhe duas disciplinas anuais, sendo uma delas obrigatoriamente do conjunto b) de opções, de acordo com o Plano Curricular específico para o curso (Decreto-Lei n.º 272/2007, de 26 de Julho).

A disciplina de Estágio, a GD-A, é de opção, não sendo obrigatória, com as disciplinas de Biologia e Geologia e Física e Química A.

As saídas profissionais e académicas para um aluno que frequente este curso divide-se em diversas áreas, a saber:

1 - Área das Tecnologias - Biotecnologia, Ciências da Computação, Ciências e Tecnologias do Ambiente, Ciências e Tecnologias da Documentação e Informação, Energia e Ambiente, Informática, Novas Tecnologias da Comunicação e Tecnologia dos equipamentos de Saúde;

2 - Área de Educação Física e Desporto - Educação Física, Desporto e Treino Desportivo;

3 - Área da Engenharia - Aeroespacial, Aeronáutica, Alimentar, Ambiente, Automação, Controlo e Instrumentação Automóvel, Biológica, Biomédica, Civil, Automóvel, Computação e Instrumentação, Médica, Computadores e Telemática, Comunicações, Eléctrica e Electrónica, Mecânica, Polímeros, Química, Redes de Comunicação e Multimédia, Redes e Sistemas Informáticos, Têxtil, Informática, Electromecânica, Electrónica Industrial e Computadores Electrónica e Redes de Computadores, Electrónica e Telecomunicações, Electrotécnica, Energias, Física, Geográfica, Geológica, Geotécnica, Gestão Industrial e Materiais;

4 - Área da Saúde - Análises Clínicas e Saúde Pública, Anatomia Patológica, Citológica e Tanatológica, Audiologia, Cardiopneumologia, Ciências Farmacêuticas, Enfermagem, Fisioterapia, Gerontologia, Medicina, Medicina Dentária, Medicina Veterinária, Medicina Nuclear, Neurofisiologia, Optometria, Ciências da Nutrição, Radiologia, Radioterapia, Reabilitação Psicomotora, Terapia da Fala e Psicologia;

5 - Área das Ciências - Astronomia, Bioengenharia, Biologia, Geologia, Biomecânica, Bioquímica, Química, Ciência Alimentar, Estatística Aplicada, Física, Matemática e Geofísica.

A ESAL também permite ao aluno a possibilidade de escolher o **Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais do ES**, que tem por objectivo dotar o aluno de um conjunto de saberes que lhe possibilitem:

- ✓ Desenvolver as capacidades de representação, de expressão gráfica e plástica, de comunicação social e de análise e compreensão das obras de arte;
- ✓ Ampliar a percepção visual, a sensibilidade estética, a consciência crítica e a expressão, nos domínios da comunicação visual e da linguagem gráfica e plástica;
- ✓ Favorecer a capacidade de manipulação dos materiais e técnicas de desenho e um correcto entendimento do espaço bidimensional e tridimensional, contribuindo para o desenvolvimento da actividade criativa;
- ✓ Identificar os elementos estruturantes que caracterizam a singularidade da cultura de cada época, e reconhecer o objecto artístico como produto e agente do processo histórico-cultural em que se enquadra.

Para este curso, as saídas profissionais e académicas para um aluno que o frequente são:

- **Área das Artes e do Espectáculo** - Dança, Estudos Artísticos, Música, Som e Imagem, Teatro, Pintura, Designer, Cinema e Arquitectura;
- **Potenciais Cursos Superiores a que dá acesso:** Arquitectura (vários cursos), Engenharia Civil, Arquitectura Paisagista, Estudos de Artes, Design de Comunicação, Artes Gráficas, Artes Plásticas, Escultura, Pintura e Design/Projectação.

Tal como o Curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias, no Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais do ES, o aluno escolhe duas disciplinas anuais, sendo uma delas obrigatoriamente do conjunto b) de opções, de acordo com o Plano de Estudos Curricular (Decreto-Lei n.º 272/2007, de 26 de Julho), exposto na Tabela II.2, deste Capítulo. A disciplina de GD-A é obrigatória neste curso, sendo que os alunos optam por duas das disciplinas bienais estruturantes - opção c) - GD-A e Matemática B ou História da Cultura e das Artes.

Há que referir que, houve mudanças nas disciplinas para que se pudessem abordar conteúdos e adquirir competências de disciplinas que desapareceram (como Teoria do *Design* e História de Arte que passou a ser História da Cultura e das Artes). Mesmo assim tornam-se mais abrangentes e, conseqüentemente, menos específicas em relação às “Artes Visuais”.

A ESAL dispõe, também, de um Curso Profissional no âmbito das Artes Visuais: o **Curso Profissional de *Design* de Equipamento**. As disciplinas de Desenho B, Oficina de *Design* Multimédia, História das Artes, Oficina de Animação e Multimédia, Oficina de Multimédia A são leccionadas por professores do grupo de Artes Visuais.

Segundo os **Indicadores de Medida** da ESAL, a Oferta Curricular da Escola (Cursos Científico-Humanísticos, Cursos Tecnológicos e Cursos Profissionais), apresenta indicadores de sucesso para o ES, com as características e as problemáticas inerentes às classificações do ano lectivo anterior e ao esforço que a Escola tem vindo a desenvolver no sentido de a tornar mais visível e com melhores resultados.

A Escola estabelece indicadores de sucesso e de absentismo Escolar, para o ES (Cursos Científico-Humanísticos, Cursos Tecnológicos e Cursos Profissionais), que se encontram definidos nesses Indicadores de Medida.

Neste documento, a Escola compromete-se a uma série de medidas importantes para o desenvolvimento e o sucesso Escolar na ESAL.

Outro instrumento bastante importante é o PCT, que tem por referência o PCE e é feito para responder às especificidades da turma e para permitir o nível de articulação (horizontal e vertical) entre áreas disciplinares e conteúdos. É ao nível do PCT que é possível respeitar os alunos reais e articular a acção dos professores da turma, cabendo ao Conselho de Turma construir essa articulação.

Segue as mesmas linhas orientadoras definidas para o 3.º Ciclo do EB, com os seguintes objectivos:

- Promover o trabalho em equipa dos professores;
- Centrar a acção educativa na aprendizagem dos alunos;
- Promover a coordenação do processo de ensino;
- Estabelecer uma linha de actuação comum dos professores da turma em todos os domínios da sua acção perante os alunos;
- Facilitar a articulação horizontal dos conteúdos de ensino e a integração dos saberes;
- Adequar as estratégias do ensino às características, motivações e interesses dos alunos.”

Os aspectos enunciados devem constituir linhas de orientação para a construção dos PCT, as quais deverão ser desenvolvidas e eventualmente adaptadas pelos respectivos Conselhos de Turma, tendo em consideração as diversas características particulares de cada conjunto de alunos que integram as turmas.

A **Avaliação do PCT** é feita ao longo do seu processo de execução, implicando reuniões periódicas dos actores envolvidos e conduzindo, eventualmente:

- À alteração de actividades, trabalhos e projectos e previstos;
- À inclusão de novas actividades, trabalhos e projectos;
- Ao reforço da motivação dos actores e à correcção de erros e comportamentos;
- À superação de obstáculos e dificuldades reveladas.

Para finalizar, será realizada a avaliação final do PCT, salientando o nível de cumprimento, em termos de processo e de resultados.

A avaliação do PCT deve ser um processo contínuo de modo a permitir uma adequada flexibilização. Atendendo a que este processo deve obedecer a princípios de diferenciação, adequação e flexibilização, sendo incompatível com orientações e quadros de actuação rígidos e uniformes, a avaliação do projecto deve acompanhar os ajustamentos e adaptações que forem sendo introduzidos.

Esta avaliação incide, designadamente, sobre os processos desenvolvidos e os resultados das aprendizagens, cabendo ao Conselho Pedagógico a coordenação do trabalho a desenvolver neste domínio. Por sua vez, devem os professores integrados em cada Departamento/Grupo Disciplinar e nos Conselhos de Turma fazer o balanço dos procedimentos adoptados pelos diversos intervenientes com vista à concretização do projecto.

A avaliação do projecto deve ser feita sempre que as circunstâncias o aconselharem, sem prejuízo de o ser obrigatoriamente no fim do ano lectivo.

O PE da ESAL é a “horta” que alimenta as iniciativas que integram o PAA da ESAL. Com a coerência possível que o tempo permite e a profissionalidade exige, propõe-se ser não só um documento de programação e articulação do trabalho lectivo e não lectivo a desenvolver, mas também o retrato dos rostos que enrugam e dos cabelos que embranquecem quando as alavancas dão por nome dinâmica, trabalho cooperativo, transpiração, também alegria.

Os diferentes actores educativos das variadas estruturas desta Comunidade Escolar construíram as propostas para chegar a este documento final que mais não é do que um bordado, ou talvez manta de retalhos, mas que pretende ser uma rede de interacções que deseja a melhoria da qualidade das aprendizagens, o sucesso educativo dos alunos, o desenvolvimento de uma cidadania responsável.

São variados os “canteiros a regar”, ou seja, a diversidade de campos e tipo de estratégias em que se enquadram as propostas: as acções de formação e informação, as iniciativas de carácter cultural e animação sócio-comunitária, os projectos de Escola, as visitas de estudo e os intercâmbios, os planos da Biblioteca Escolar, o Plano Tecnológico da Educação, a Direcção. A ESAL, Escola, tem uma tradição documentada pelos diferentes nomes que a identificaram: Comercial e Industrial, Secundária de Castelo Branco; hoje, ESAL: foi, é e será uma Escola que a todos acolhe, sem selecção de perfis, antecipadamente bem sucedida.

O PAA baseou-se nas medidas do PE-ESAL e centra-se no aluno, nos seus interesses e nas suas necessidades e prossegue as seguintes metas que balizam o modelo de formação da ESAL:

“- Formação humanística, na perspectiva da formação para os valores e para a literacia relacional, no respeito pela diversidade e no quadro da solidariedade entre os homens e entre os povos;
- Formação para a cidadania, enquanto exercício de participação informada e de influência na vida das comunidades local, nacional e mundial e na resolução dos problemas, das tensões e dos conflitos que afectam essas comunidades;
- Formação científico-técnica que proporcione o desenvolvimento das atitudes e a aquisição das capacidades e das competências, visando o prosseguimento de estudos, a integração na vida activa e o exercício profissional.”

As metas especificam-se nos seguintes **objectivos gerais**:

- Promover atitudes e comportamentos sócio-culturais compatíveis com os valores humanísticos expressos na sociedade portuguesa, entre outros, o respeito e a tolerância por si próprio, pelos outros e pelas instituições, através da realização, divulgação e participação em actividades ou iniciativas, lectivas ou não lectivas, previstas ou não no plano anual de actividades;
- Promover atitudes e comportamentos sócio-culturais que levem ao conhecimento e/ou intervenção na instituição e na comunidade envolvente, entre outros a cooperação e a entreaajuda, através da realização, divulgação e participação em actividades ou iniciativas, lectivas ou não lectivas, previstas ou não no plano anual de actividades;
- Promover o sucesso educativo, usando possibilidades legais e didáctico-pedagógicas passíveis de implementar e incrementar;
- Prevenir o abandono Escolar através de medidas, colectivas ou individuais, de despiste, aconselhamento e acompanhamento que procurem soluções para casos particulares.”

O grupo de Artes Visuais desenvolveu, com os respectivos professores pertencentes ao **Grupo Disciplinar das Artes Visuais** (grupo 600), uma grelha com as actividades (ex: Visitas de Estudo a diferentes Museus, Exposição de Trabalhos de Alunos, etc), a incluir no **PAA da ESAL [Anexo II.1]**, do ano lectivo 2010/2011, do qual o OC fez parte.

Deste modo, sempre que algum professor ou equipa de professores realizasse uma actividade prevista no PAA, era obrigado a preencher uma grelha de avaliação de actividade, que incluía: a identificação da actividade (data, local, responsáveis, intervenientes, número de participantes e consta no PAA); grau de consecução dos objectivos; descrição sumária da actividade; impacto da actividade; integração no PE/relação com as metas, princípios, orientações do PE; e dificuldades/observações/outras informações.

Foi também cedida uma grelha com um resumo das actividades, já elaboradas e dos Relatórios das Actividades em falta, concretamente uma avaliação intermédia desde Setembro de 2010 a Fevereiro de 2011.

Os Critérios de Avaliação Gerais da ESAL foram definidos em Conselho Pedagógico, definindo estratégias para o EB, CEF, ES Geral e Cursos Profissionais. Ver [Anexo II.2]²¹.

Os procedimentos para o ES incidiram na avaliação das disciplinas da formação geral, específica e técnica, da seguinte forma:

“- Aprendizagens e Competências;

- Participação, Metodologia de Trabalho e Domínio da Língua Portuguesa;

- Valores e Atitudes.”²²

Os critérios apresentaram, também, a forma como deveria ser feita a avaliação dos trabalhos de grupo.

Intervém, obrigatoriamente, a observação efectuada pelo professor, no decurso das actividades na sala de aula, o trabalho realizado, a auto-avaliação, a hetero-avaliação e a apresentação global do trabalho. Na classificação final do período lectivo devem ser considerados todos os instrumentos de avaliação aplicados até à data.

Os Critérios de Avaliação pertinentes para as Artes Visuais, estão expostos e descritos no Capítulo III, ponto 3.1.2, mais concretamente, na Tabela III.2.

²¹ Anexo em CD.

²² Uniformização de procedimentos no processo de avaliação dos alunos da ESAL - *Procedimentos para o ensino secundário*. (p. 10).

Capítulo III:

Prática Pedagógica.

3.1. Actividades Desenvolvidas.

3.1.1. Geometria Descritiva A. Programa do Ministério da Educação.

A Área Disciplinar de Intervenção seleccionada foi a disciplina de GD-A, a duas turmas do 11.º ano (11.º E e 11.º N), do ES, que deu continuidade à mesma disciplina do 10.º ano, no ano lectivo anterior, ao nível dos conhecimentos adquiridos, até então, pelos alunos, com **finalidades educativas fundamentais**, segundo o **Programa de GD-A do ME**, para o 10º e 11.º anos [Anexo III.1]²³, a saber:

- Desenvolver a capacidade de percepção dos espaços, das formas visuais e das suas posições relativas;
- Desenvolver a capacidade de visualização mental e representação gráfica, de formas reais ou imaginadas;
- Desenvolver a capacidade de interpretação de representações descritivas de formas;
- Desenvolver a capacidade de comunicar através de representações descritivas;
- Desenvolver as capacidades de formular e resolver problemas;
- Desenvolver a capacidade criativa;
- Promover a auto-exigência de rigor e o espírito crítico;
- Promover a realização pessoal mediante o desenvolvimento de atitudes de autonomia, solidariedade e cooperação.”²⁴

O Programa define, para além das finalidades expostas no início deste ponto, os objectivos, a visão geral dos temas/conteúdos, os conteúdos para cada ano (10º e 11.º anos), as sugestões metodológicas gerais, as competências a desenvolver, a avaliação, os recursos, o desenvolvimento do Programa, os modelos didácticos possíveis para aplicar na disciplina da GD, glossário e bibliografia usada e de apoio ao estudo da GD.

No que concerne aos **objectivos** dados pelo referido Programa do ME, o aluno deve:

- Conhecer a fundamentação teórica dos sistemas de representação diédrica e axonométrica;
- Identificar os diferentes tipos de projecção e os princípios base dos sistemas de representação diédrica e axonométrica;
- Reconhecer a função e vocação particular de cada um desses sistemas de representação
- Representar com exactidão sobre desenhos que só têm duas dimensões os objectos que na realidade têm três e que são susceptíveis de uma definição rigorosa (Gaspard Monge);
- Deduzir da descrição exacta dos corpos as propriedades das formas e as suas posições respectivas (Gaspard Monge);
- Conhecer vocabulário específico da Geometria Descritiva;
- Usar o conhecimento dos sistemas estudados no desenvolvimento de ideias e na sua comunicação;
- Conhecer aspectos da normalização relativos ao material e equipamento de desenho e às convenções gráficas;
- Utilizar correctamente os materiais e instrumentos cometidos ao desenho rigoroso;
- Relacionar-se responsabilmente dentro de grupos de trabalho, adoptando atitudes comportamentais construtivas, solidárias tolerantes e de respeito.”²⁵

²³ Anexo em CD.

²⁴ Programa do Ministério da Educação - *Geometria Descritiva A* (p. 5)
Acedido a 15 de Abril de 2011 em: <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/recursos/>.

Por último, e no que respeita às **competências** a desenvolver, o aluno deve:

- “- Percepcionar e visualizar no espaço;
- Aplicar os processos construtivos da representação;
- Reconhecer a normalização referente ao desenho;
- Utilizar os instrumentos de desenho e executar os traçados;
- Utilizar a Geometria Descritiva em situações de comunicação e registo;
- Representar formas reais ou imaginadas;
- Ser autónomo no desenvolvimento de actividades individuais;
- Planificar e organizar o trabalho;
- Cooperar em trabalhos colectivos. “²⁶

O Programa do ME (Departamento do ES) para a disciplina de GD-A foi homologado a 22/02/2001, para os 10.º e 11.º anos ou 11.º e 12.º anos, dos Cursos Científico-Humanísticos de Ciências e Tecnologias e de Artes Visuais, Cursos Artísticos Especializados de *Design* de Comunicação, de *Design* de Produto e de Produção Artística, cujos autores são João Pedro Xavier (Coordenador) e José Augusto Rebelo, visando o aprofundamento, estruturação e sistematização de conhecimentos e competências metodológicas no âmbito da GD.

O ES, que é actualmente parte integrante da escolaridade obrigatória (12 anos), está vocacionado para a especialização das diferentes áreas e disciplinas do conhecimento e para a sua abordagem em maior grau de profundidade, de acordo com as diferentes vias que podem ser seguidas pelos alunos.

O seu desenvolvimento é objecto da 2.ª fase do Projecto “Metas de Aprendizagem”, prevendo-se a sua divulgação até ao final do ano lectivo 2010/2011.

“Uma vez que a Geometria Descritiva permite, dada a natureza do seu objecto, o desenvolvimento das capacidades de ver, perceber, organizar e catalogar o espaço envolvente, propiciando instrumentos específicos para o trabalhar - em desenho - ou para criar novos objectos ou situações, pode compreender-se como o seu alcance formativo é extremamente amplo. Sendo essencial a áreas disciplinares onde é indispensável o tratamento e representação do espaço - como sejam, a arquitectura, a engenharia, as artes plásticas ou o *design* - a sua importância faz-se sentir também ao nível das atitudes dirigindo-se ao estudante considerado globalmente enquanto pessoa humana e não apenas funcionalmente enquanto aprendiz de um dado ofício.”²⁷

“Desse modo, o sentido da presença desta disciplina no repertório curricular do ensino secundário é o de contribuir para a formação de indivíduos enquanto tal e, particularmente, para quem seja fundamental o “diálogo” entre a mão e o cérebro, no desenvolvimento recíproco de ideias e representações gráficas.”²⁸

Relativamente às turmas do EP (11.º E e 11.º N), o 11.º ano assume-se como um ano terminal da disciplina de GD-A, pois é um ano de Exame Nacional para os alunos, de acordo com a nova organização curricular. Assim, o “Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem”, tem o cuidado de acrescentar aos conteúdos uma proposta de abordagem sequencial, baseada na experiência de prática lectiva e tendo presente o desenvolvimento cognitivo dos jovens.

²⁵ Programa do Ministério da Educação - *Geometria Descritiva A* (p. 5)
Acedido a 15 de Abril de 2011 em: <http://sitio.dgidec.min-edu.pt/recursos/>.

²⁶ Programa do Ministério da Educação - *Geometria Descritiva A* (p. 13)
Acedido a 15 de Abril de 2011 em: <http://sitio.dgidec.min-edu.pt/recursos/>.

²⁷ Programa do Ministério da Educação - *Geometria Descritiva A* (p. 3)
Acedido a 15 de Abril de 2011 em: <http://sitio.dgidec.min-edu.pt/recursos/>.

²⁸ Programa do Ministério da Educação - *Geometria Descritiva A* (p. 3)
Acedido a 15 de Abril de 2011 em: <http://sitio.dgidec.min-edu.pt/recursos/>.

Os conteúdos constantes do Programa da disciplina de GD-A, após o módulo inicial de introdução à geometria no espaço, abordam dois sistemas de representação - diédrico e axonométrico - considerados como fundamentais ou basilares na formação secundária de um aluno no âmbito da GD os quais se constituem, como denominador comum às várias vias de prosseguimento de estudos.

O Programa abrange a leccionação dos dois sistemas de representação referidos na sequência indicada, já que parece justificável que o estudo do sistema de representação axonométrica se faça, no ES, com um grau de desenvolvimento maior do que no EB, onde este sistema merece apenas uma abordagem pertencente ao domínio do Desenho Técnico aliada à representação de formas bastante simples, predominantemente paralelepípedicas, na disciplina de Educação Visual do 9.º ano.

Sendo assim, embora o estudo da Axonometria continue a visar, fundamentalmente, a representação de formas ou objectos tridimensionais, interessa agora fazer a desmontagem do sistema, conhecer os seus princípios e entender o seu funcionamento, o que implica uma síntese de operações abstractas que o aluno não está apto a realizar no início do 10.º ano, além de pré-requisitos específicos que o estudo desenvolvido do sistema de representação diédrica lhe deverá fornecer.

É exactamente a Representação Diédrica que constitui o cerne do Programa, dado que o conhecimento deste sistema de representação não só fornece os pré-requisitos necessários para a aprendizagem de qualquer outro, como se revela bastante eficaz na consecução do objectivo essencial de desenvolver a capacidade de ver e de representar o espaço tridimensional.

Também o recurso a *software* de geometria dinâmica (por exemplo: GeoGebra) pode, em contraponto com os modelos tridimensionais, ser muito interessante e estimulante nas actividades de ensino-aprendizagem por permitir registar graficamente o movimento e, sobretudo, por facilitar a detecção, em tempo real, das invariantes dos objectos geométricos quando sujeitos a transformações, favorecendo, por conseguinte, a procura do que permanece constante no meio de tudo o que varia.

Outra opção seguida consiste na partição de UP, o que se julga, pedagogicamente, mais adequado a alunos do ES e mais ajustado à divisão inevitável do Programa em dois anos lectivos (10.º e 11.º anos ou 11.º e 12.º anos). Deve-se pensar que um Programa não se destina apenas a alunos bons, para os quais qualquer método pedagógico se adapta, mas também para o aluno médio com algumas dificuldades na aprendizagem.

Como afirma Barth (1996) no seu livro:

“... para poder utilizar os seus conhecimentos mais tarde o aluno deve, ele próprio, construir o seu saber, mobilizando ferramentas intelectuais de que dispõe e que podem ser aperfeiçoadas. Reproduzir um saber não é a mesma coisa que construí-lo. Nesta óptica, a responsabilidade do professor é transmitir o saber de tal modo que esta construção pessoal seja possível (...) dado que o saber não é

estático, mas sim dinâmico, convém "pará-lo" numa dada altura, nem que seja de modo provisório, a fim de situar pontos de referência.”²⁹

O estudo de uma determinada unidade de aprendizagem de forma exaustiva, implicando uma enumeração maciça de conceitos pode, por um lado, criar um desgaste e, por outro, provocar lacunas intermédias que impedirão o aluno de atingir o nível pretendido. Se esse mesmo estudo for construído por fragmentos com graus de dificuldade crescente, permitirá a reflexão nos tempos de paragem, a fim de relembrar e sedimentar os conhecimentos adquiridos, avançando posteriormente para uma nova etapa de forma mais segura e consciente.

“Em relação à sequência do ensino-aprendizagem dos conteúdos no âmbito da Representação Diédrica ainda que, em cada ano, o percurso se inicie com situações que implicam um maior grau de abstracção, foi procurado atenuar esta componente, através das didácticas e metodologia propostas. Deste modo, para que a aprendizagem da abstracção seja favorecida, propõe-se que seja realizada em ligação ao concreto, através do recurso sistemático a modelos tridimensionais nos quais se torna possível simular, de forma visível e palpável, as situações espaciais que o aluno irá representar posteriormente na folha de papel - após ter visto e compreendido - sem decorar apenas traçados, situação que, irremediavelmente, o impediria de resolver problemas mais complexos. Refira-se, porém, que o recurso a modelos é apenas um ponto de partida a adoptar nas fases iniciais da aprendizagem que irá sendo progressivamente abandonado à medida que o aluno for atingindo maior capacidade de abstracção e maturidade na visualização a três dimensões, ainda que possa reutilizá-los, se necessário, em situações pontuais.”³⁰

Os diferentes conteúdos a desenvolver na disciplina de GD-A, necessitam obrigatoriamente de serem abordados sequencialmente. O facto de as competências específicas se encontrarem organizadas de acordo com uma determinada estrutura significa que essa ordem seja um critério a seguir.

Neste caso, as dinâmicas pedagógicas implementadas tentaram estar de acordo com a realidade da comunidade em que se inserem, com o PE da Escola e com as características dos alunos das duas turmas. Conforme é referido no Programa de GD-A, do ME:

“O Programa é composto por um módulo inicial que contempla conteúdos essenciais de Geometria Euclidiana do Espaço extraídos do Programa de Matemática do 3.º ciclo do EB. Segue-se uma introdução geral à Geometria Descritiva, muito sintética, para se passar ao estudo da Representação Diédrica que constitui o tema central do Programa, que se reparte, inevitavelmente, pelos dois anos lectivos. Conclui o programa o estudo dos fundamentos da Representação Axonométrica e sua aplicação na representação de formas tridimensionais”.³¹

A repartição temática do Programa e o respectivo peso de cada unidade aparece esquematizada na tabela seguinte (Tabela III.1).

²⁹ Barth, B.-M. (1996). *O saber em construção. Para uma pedagogia da compreensão*. Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget. (p. 22-23).

³⁰ Programa do Ministério da Educação - *Geometria Descritiva A* (p. 3)
Acedido a 15 de Abril de 2011 em: <http://sitio.dgidc.min-edu.pt/recursos/>.

³¹ Programa do Ministério da Educação - *Geometria Descritiva A* (p. 6)
Acedido a 15 de Abril de 2011 em: <http://sitio.dgidc.min-edu.pt/recursos/>.

Tabela III.1. - Quadro Resumo do Programa de Geometria Descritiva A.
Tabela retirada a 26 de Abril de 2011 em:
http://sitio.dgdc.min-edu.pt/secundario/Paginas/Programas_ES_G.aspx.

Módulo Inicial	9 aulas
Introdução à Geometria Descritiva	4 aulas
Representação Diédrica	164 aulas
Representação Axonométrica	21 aulas
Total de aulas de 90 minutos	198 aulas

Os conteúdos seleccionados são considerados como essenciais e estruturantes para o desenvolvimento do conhecimento do espaço articulado com a aprendizagem da representação descritiva de formas no âmbito dos sistemas de representação a estudar.

É proposta uma sequência, em correspondência com sugestões metodológicas específicas, que se julga ser mais conveniente. Isso não obsta, no entanto, a que cada professor leccione o Programa de modo diverso do proposto, tanto mais se a sua experiência de leccionação por outras vias tenha demonstrado ser igualmente positiva. Fundamentalmente importa reter que a rigidez na compartimentação dos conteúdos é mais aparente do que real podendo, em múltiplas situações, a sua sobreposição ou reordenação revelar-se mais vantajosa.

Como exemplo, referem-se os temas de representação de “Figuras Planas” contidas em “Planos ou de Sólidos com base assente em Planos”, que sucedem o estudo dos “Métodos Geométricos Auxiliares”, que podem ser abordados em paralelo ou mesmo os “Problemas Métricos” que, embora constituam um item autónomo, poderão ser tratados parcialmente à medida que os alunos se vão familiarizando com os referidos métodos. É natural focar a questão da determinação da “Distância de dois pontos” logo que o aluno tenha condições de determinar a Verdadeira Grandeza do segmento que eles definem tal como parece lógico solicitar a determinação do “Ângulo de duas Rectas” ou a “Distância de um Ponto a uma Recta” mal seja possível rebater qualquer Plano. Como estas, muitas outras situações podem permitir a sobreposição de itens ou mesmo alterações de sequência, que poderão ser tanto mais profícuas quanto maior for a experiência metodológica do professor.

Para além dos conteúdos referidos, a que corresponde uma carga horária determinada, existem questões transversais que se prendem com a normalização do desenho, relativamente a equipamento (instrumentos e materiais de traçado e medição: critérios de escolha, manutenção e conservação; suportes: critérios de escolha, conservação) e aspectos de representação (princípios gerais de representação; escrita, formatos dos desenhos, material de desenho; termos relativos a desenhos técnicos), que não poderão deixar de ser veiculados. Como metodologia de trabalho, a Autora deste Relatório, teve sempre a preocupação de entender a organização de actividades por UP, como trabalhos individuais que implicam um processo de desenvolvimento e um produto final, procurando diversas estratégias de aprendizagem.

Uma das principais estratégias de ensino é a de favorecer o desenvolvimento da representação no espaço, de forma individual.

A disciplina de GD-A, de acordo com o Programa do ME, prevê três blocos de 90 minutos (270 minutos), de aulas semanais, totalizando 92 semanas no final do ano.

Depois de uma análise ao Programa de GD-A, foram detectadas várias debilidades, que poderão contribuir para as dificuldades sentidas pelos alunos na aquisição dos conhecimentos da disciplina, nomeadamente:

- A gestão da carga horária pressupõe a metodologia proposta na apresentação e gestão dos conteúdos e considera como carga horária 4,5 horas x 33 semanas = 148,5 horas/ano, o que perfaz o total de 99 aulas de 90 minutos cada;
- A atribuição de carga horária, expressa em números de aulas de 90 minutos cada, à abordagem de cada ponto do Programa é uma sugestão passível de alteração, quer causada por demoras imprevistas nas actividades de desenvolvimento dessas abordagens, quer pela necessidade de organização da turma em grupos com ritmos de aprendizagem diferentes ou com trabalhos de execução de diferentes durações, tempo disponibilizado para as avaliações (testes sumativos e respectiva correcção) e para as avaliações finais de período.

O Programa aponta, em paralelo com a apresentação dos conteúdos, **sugestões metodológicas** que, embora não vinculativas, apontam para um modo preciso de encaminhar as actividades e para uma forma concreta de articulação das abordagens teóricas dos assuntos com a execução prática de problemas e traçados.

As aulas deverão ter um cariz teórico-prático, privilegiando a participação dos alunos. Mesmo nos momentos de explanação teórica de conceitos, o professor deverá conseguir provocar o questionamento das situações que apresenta, dando espaço para a indução ou para a construção dedutiva por parte do aluno. Esta postura metodológica envolvente facilitará a compreensão das situações espaciais que se colocam, permitindo vislumbrar o seu encadeamento e fundamentação. Para isso será indispensável que as respostas sejam testadas e, eventualmente, comprovadas mediante a resolução prática de problemas. Esta metodologia da resolução de problemas, ao promover um processo de ensino-aprendizagem em que o aluno se torna actor de uma investigação, devidamente conduzida pelo professor, deverá ser, por isso mesmo, uma via a explorar. Aliás, são numerosas as sugestões didácticas específicas, que apontam esse caminho.

O Programa aponta, concretamente, para uma didáctica assente no uso de modelos tridimensionais (por exemplo: pirâmide, prisma, cone, cubo, etc), especificamente concebidos para leccionar GD, mas será sempre possível utilizar outros mais rudimentares (em papel, acrílico ou cartolina) que os próprios alunos podem executar.

Além disso, será da maior conveniência generalizar o uso do referido *software* de geometria dinâmica e, se possível, permitir aos alunos a sua manipulação, dadas as potencialidades deste *software* de promover um tipo de ensino-aprendizagem, que corresponde ao que elegemos, baseado na experimentação e na descoberta que, ademais, se revela altamente sedutor, estimulante e consequente.

Sugere-se sempre que possível, uma abordagem interdisciplinar, nomeadamente com a Área de Projecto. Concretamente, poderão ser efectuados levantamentos de edifícios, de espaços, de equipamento ou mobiliário com a respectiva representação rigorosa, projectos cenográficos ou outros que envolvam a organização espacial ou a criação de pequenos objectos (como seja a organização de uma exposição a realizar na Escola, por exemplo). Qualquer das situações referidas poderá exigir a produção de maquetas tridimensionais e, no caso de os alunos já possuírem conhecimentos de *CAD* (Desenho Assistido por Computador), o que é raro, será de extremo interesse proceder à construção de modelos virtuais.

Por outro lado, será útil convidar personalidades para dar palestras, ou até participar nas aulas, provenientes de diferentes ramos de actividade (Arquitectura, Engenharia, Artes Plásticas, *Design*...) onde a presença da GD constitui uma ferramenta fundamental para a concepção, compreensão e representação das formas que produzem. Sessões do mesmo tipo focando aspectos da história da GD poderão também permitir entender as razões que levaram à necessidade de criação dos sistemas descritivos presentes no Programa, ao entendimento do modo como evoluíram e ao equacionamento de perspectivas para o seu futuro, particularmente, se forem tidos em conta questões relacionadas com a História da Arte.

Relativamente aos **recursos didácticos** sugeridos no Programa do ME para a disciplina de GD, no ES, pressupõe a possibilidade de uso, na sala de aula, de materiais e equipamentos diversificados, tais como: Material de desenho para o quadro e para o trabalho individual (régua, esquadro, compasso, transferidor); Modelos tridimensionais (cones, prismas, etc); Vídeo didáctico sobre a manipulação dos modelos tridimensionais para os alunos (como sugestão: imaginar e projectar uma cadeira e uma mesa de trabalho para as aulas de GD); Sólidos geométricos construídos pelos alunos em contexto de sala de aula, em diversos materiais (placas, arames, palhinhas, acetatos, acrílico, vinil com líquido colorido, madeira); Meios audiovisuais (retroprojector, acetatos e canetas, projectores de diapositivos e de vídeo); Computadores com *software* de geometria dinâmica e/ou de *CAD*; Projector de luz e Fita métrica de 10m.

Assim, seria conveniente que cada Escola dispusesse de uma sala específica para a disciplina de GD, com os materiais referidos instalados e devidamente salvaguardados, assim como de armários e/ou cacifos para guardar o material individual dos alunos.

A ESAL não possuía material, como modelos tridimensionais ou vídeos didácticos de simulação 3D, tendo-se sentido a falta de computadores com *software* de Geometria Dinâmica.

O OC deu as aulas desenhando sobre o quadro branco, canetas, recorrendo raramente, ao projector (*data-show*). Pelo contrário, a Professora Estagiária recorreu em todas as Aulas Assistidas ao uso do *data-show*, com a projecção dos conteúdos ou dos exercícios propostos e as respectivas resoluções passo a passo. Tornou-se bastante mais eficaz, pois os alunos perceberam melhor os conteúdos e os exercícios propostos, e sobretudo, quanto à evolução dos traçados, a construção dos exercícios, em *Powerpoint*, permite voltar atrás, sem

ter que apagar o exercício todo. Outra vantagem é cumprir-se com o rigor geométrico que a GD exige.

Quanto à **avaliação** em GD, esta é contínua e integra três componentes: diagnóstica, formativa e sumativa. A avaliação diagnóstica não foi realizada pelo OC, por opção própria, pois começou por uma revisão geral da matéria do 10.º ano, tendo durado aproximadamente uma semana, o que fez com que os alunos se relembassem dos conteúdos abordados no ano lectivo anterior. Esta revisão dos conteúdos tinha como referência os objectivos e a aferição das competências adquiridas previamente e, define-se segundo domínios - **conceitos, técnicas, realização, atitudes e técnicas e instrumentos de avaliação**:

No **domínio dos conceitos**, é objecto de avaliação a aplicação dos conceitos decorrentes dos conteúdos do Programa: os implicados no conhecimento dos fundamentos teóricos dos sistemas de representação diédrica e axonométrica; os implicados no conhecimento dos processos construtivos da representação e os implicados no conhecimento da normalização.

A **avaliação do conhecimento dos princípios teóricos** far-se-á tendo em conta: a interpretação de representações de formas; a identificação dos sistemas de representação utilizados; a distinção entre as aptidões específicas de cada método, com vista à sua escolha na resolução de cada problema concreto de representação; o relacionamento de métodos e/ou processos.

A **avaliação do conhecimento dos processos construtivos** far-se-á tendo em conta: a interpretação de dados ou de descrições verbais de procedimentos gráficos; aplicação dos processos construtivos na representação de formas; economia nos processos usados e a descrição verbal dos procedimentos gráficos para a realização dos traçados.

A **avaliação do conhecimento relativo à normalização** far-se-á tendo em conta: a interpretação de desenhos normalizados e a aplicação das normas nos traçados.

No **domínio das técnicas**, são objecto de avaliação: a utilização dos instrumentos de desenho e a execução dos traçados.

Quanto à **utilização dos instrumentos**, a avaliação será feita tendo em conta: a escolha dos instrumentos para as operações desejadas; a manipulação dos instrumentos e a manutenção dos instrumentos.

No que respeita à **avaliação da execução dos traçados**, serão tidos em conta: o cumprimento das normas; o rigor gráfico; a qualidade do traçado e a legibilidade das notações.

No **domínio da realização**, são objecto de avaliação: competências implicadas na utilização imediata da GD em situações de comunicação ou registo; competências que actuam na capacidade de percepção e de visualização.

A **avaliação da utilização da GD como instrumento de comunicação ou registo**, será feita tendo em conta: o recurso à representação de formas, para as descrever; a legibilidade e poder expressivo das representações e a pertinência dos desenhos realizados.

A avaliação da capacidade de representação de formas imaginadas ou reais terá em conta: a representação gráfica e a reprodução gráfica de formas memorizadas.

No **domínio das atitudes**, consideram-se as atitudes manifestadas no trabalho, incidindo a avaliação sobre: autonomia no desenvolvimento de actividades individuais; cooperação em trabalhos colectivos e planificação e organização.

Da parte do OC as **técnicas e instrumentos de avaliação**, utilizados, compreenderam recolha de dados para a avaliação, através de: trabalhos realizados nas actividades desenvolvidas nas aulas ou delas decorrentes, quer em termos dos produtos finais quer em termos dos materiais produzidos durante o processo; observação directa das operações realizadas durante a execução de exercícios nas aulas; intervenções orais; fichas de trabalho; provas de avaliação sumativa expressamente propostas; atitudes reveladas durante as actividades e da auto e hetero-avaliação no final de cada período.

Seguidamente, e após um ano de prática pedagógica, tornou-se pertinente, tecer observações e dar sugestões sobre o Programa da GD, de modo a que se possa melhorar e facilitar o ensino-aprendizagem da mesma.

Desta forma, chegou-se à conclusão ou observou-se que, existe uma sobrecarga de conteúdos no 11.º ano, face aos previstos no 10.º ano. A divisão do tempo, pelas diferentes UP também não será a mais correcta. Assim, no 10.º ano, poder-se-iam trabalhar mais conteúdos, uma vez que o Programa proposto para o 11.º ano, é excessivamente extenso, para se aprofundar os conteúdos da disciplina e preparar os alunos para o Exame Nacional.

Os conteúdos programáticos propostos pelo próprio Programa são difíceis de trabalhar na componente prático-experimental. Por exemplo:

- 1) O módulo inicial é muito extenso, não havendo necessidade para uma abordagem tão exaustiva, pois os alunos vêm com bases do 3.º Ciclo do EB e durante todo o programa da GD-A, no início de cada Unidade, será necessário rever vários conceitos. Daí a importância de um diagnóstico inicial para poder dedicar mais tempo a outras UP, nomeadamente, os “Problemas Métricos I e II”, que são necessários para a resolução da maioria dos exercícios;
- 2) Percebe-se também que não estão contempladas no Programa as avaliações, na distribuição da carga horária;
- 3) As Escolas não dispõem dos recursos solicitados, tais como, “salas específicas para a disciplina, modelos tridimensionais, vídeos didácticos, *softwares*,” etc., a fim de se aplicar as metodologias e as actividades propostas;
- 4) Mais importante e necessário seria desenvolver o Programa da disciplina em 3 anos e, também, criar uma interdisciplinaridade entre a GD e as disciplinas ditas TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação);

- 5) A GD sendo uma disciplina teórico-prática exige uma participação activa do aluno, no entanto, o mesmo necessita de espaço para a construção dedutiva e para exercitar a GD. Torna-se inexequível criar essa capacidade com turmas de grandes dimensões, superiores a 15 alunos, o que é o caso de uma das turmas do EP - 11.º N;
- 6) A leccionação da GD-A é, em apenas dois anos lectivos (embora já tenha tido 3 anos lectivos), com uma carga horária semanal de seis tempos lectivos (3 blocos de 90 minutos por semana). Torna-se difícil ao aluno desenvolver as capacidades cognitivas e espaciais pretendidas no Programa. Como solução, 2 blocos de 90 minutos por semana em 3 anos, o que daria um total de 36 blocos de 90 minutos por ano, totalizando nos 3 anos 108 blocos de 90 minutos, proporcionando assim, o tempo suficiente para uma aprendizagem constante e com tempo razoável para exercitar e compreender os conteúdos. Ao desenvolver-se o Programa em três anos permitir-se-ia que o aluno amadurecesse as suas capacidades de síntese, de visão do espaço e de abstracção;
- 7) Por fim, no geral, os alunos têm uma enorme dificuldade de progressão nas aprendizagens e uma desmotivação crescente, porque, segundo os Indicadores de Sucesso para o EB e ES e os Indicadores de Absentismo Escolar previamente estabelecidos pela ESAL, a redução das taxas de abandono, tendo em conta o contexto socioeducativo, deve-se às especificidades e complexidades da disciplina, no qual o OC sensibilizou e apelou os alunos, desde o início do ano lectivo, à colaboração de todos para atingir um objectivo comum. Quanto às estatísticas dos resultados na disciplina de GD-A, no ano lectivo anterior, a ESAL apresentou, resultados pouco satisfatórios, nos resultados do Exame Nacional.

3.1.2. Prática de Ensino Supervisionada. Memória Descritiva.

Este ponto serviu para expor, analisar e reflectir sobre a PES realizada na Escola de Estágio, na ESAL, ao longo do ano lectivo 2010/2011, principalmente, do 1.º e 2.º períodos, pois o 3.º período foi dedicado à execução do *Dossier* de EP e do Relatório de EP final, para posterior Defesa Pública.

A PES foi constituída: a) pela Observação de Aulas e Aulas Assistidas ou Regências; b) pela Concepção, Planificação e Leccionação de aulas; c) pela dinamização de um Trabalho Extra-Curricular; d) pela participação em processos de avaliação dos alunos das duas turmas do 11.º ano, na disciplina de GD-A e e) pela materialização de tudo num *Dossier* de Estágio.

A PES teve início no mês de Setembro, aquando do início das aulas do ano lectivo 2010/2011 (1 de Setembro de 2010).

Numa primeira fase, a função dos Professores Estagiários passou sobretudo por assistir às aulas do OC. Permitiu o primeiro contacto com as turmas, entendê-las enquanto grupo de alunos com características e necessidades individuais específicas.

No início do ano lectivo, o Grupo de Estágio das Artes Visuais reuniu com o OC, a fim de decidir as UP a leccionar no 1.º Período, porque as UP a leccionar no 2.º Período, só seriam programadas e calendarizadas no início deste (Janeiro de 2011).

A distribuição das Aulas Assistidas foi planificada de modo a que cada estagiário leccionasse, pelo menos, um conjunto de 6 aulas no 1.º e 2.º Períodos, de acordo com o Protocolo da UBI - Art.º 3.º, ponto C, alínea 2.1) - “O número mínimo de aulas a leccionar pelo estudante estagiário será de 6 (seis) horas por período lectivo”.

Uma vez que era uma disciplina de carácter contínuo e que não podia existir continuidade por parte dos Professores Estagiários, ou melhor, como os Professores Estagiários não podiam estar presentes a todas as aulas da semana nas duas turmas, foi decidido com o OC, que só iam às quartas-feiras, todo o dia, assistindo a duas aulas de GD-A (uma na turma do 11.º E e outra na turma do 11.º N). Estas quartas-feiras também serviram para o Grupo de Estágio reunir, organizar e preparar as Aulas Assistidas, debater assuntos relacionados com a prática pedagógica, entre outros assuntos relevantes para o Estágio.³²

Por opção e compensação dos Professores Estagiários, com Estatuto “Trabalhador-Estudante” optou-se por leccionar todas as aulas possíveis, mais precisamente, todas as quartas-feiras, até ao final do ano lectivo. Pretendia-se, para além de um equilíbrio e harmonia entre os Professores Estagiários, uma melhor racionalização dos recursos disponíveis e um aprofundamento dos objectos de ensino. Assim, as UP definidas estiveram enquadradas em todo o programa de GD-A, contemplando os objectivos gerais e competências, indicados pelo ME.

Foi proposto, por parte da Directora do Curso do Mestrado, Prof.ª Doutora Fátima Caiado e a pedido de todos os Professores Estagiários, que todos os OC libertassem os Professores Estagiários, se possível, no final do 2.º período (após as férias da Páscoa).

Deste modo, os Professores Estagiários e o OC decidiram que o EP terminava no final do 2.º período, pois o resto do tempo teria que ser dedicado para Redacção do Relatório para posterior Defesa Pública.

Após esta decisão, as Aulas Assistidas, da responsabilidade da Professora Estagiária tiveram lugar ao longo do ano lectivo e ocorreram em apenas quatro aulas de 90 minutos (8 horas no total dos dois períodos), por não ter sido possível leccionar as seis horas mínimas por período lectivo, previstas no Protocolo da UBI, tendo sido distribuídas por diferentes meses: Outubro, Novembro e Fevereiro, de acordo com o Calendário de Estágio (Capítulo I, ponto 1.2.1).

Esta situação deveu-se ao facto do EP ter terminado no fim do 2.º período e o OC considerou as Aulas Assistidas suficientes, pois os Professores Estagiários estiveram sempre presentes nas restantes Aulas Observadas.

Os Professores Estagiários assistiram a todas as aulas do OC, conforme agendado no Horário do Estágio, exposto no ponto 1.2.2, do Capítulo I.

³² Ver no Horário de Estágio apresentado neste Relatório - Capítulo I, ponto 1.2.2. (p. 15).

A componente de observação do trabalho realizado pelo OC num EP assume um papel fundamental e relevante no processo de aprendizagem e de desenvolvimento dos novos profissionais educativos. É sabido que o ser humano se desenvolve e organiza, ao longo da sua vida, com base nos modelos que o rodeiam, interpelando-os, assimilando-os e reproduzindo-os com maior ou menor intensidade. Deste modo, a oportunidade de realizar uma observação consciente, inquiridora e geradora de sólidas ferramentas e padrões educativos, constituiu um dos factores primordiais na construção da essência dos futuros educadores.

Foi com esta consciência que, a Autora deste Relatório, iniciou o EP e foi com base nela que tentou pautar a sua observação relativa à actuação do OC. Deve, no entanto, confessar que, inicialmente, não possuía uma ideia tão clara quer da relevância desta observação, quer das suas múltiplas dimensões. Com efeito, a sua atenção detinha-se apenas, e sobretudo, em aspectos relativos ao trabalho lectivo e à gestão da sala de aula, não contemplando áreas igualmente fundamentais como o envolvimento e a participação no desenvolvimento integral dos alunos, a relação com os colegas e a participação activa na vida escolar. Ao longo do Estágio, todas estas dimensões foram sendo progressivamente reveladas e/ou clarificadas.

Antes ainda de iniciar o relato das observações e reflexões, no próximo ponto (3.1.3), é relevante fazer uma breve descrição da organização quotidiana das salas de aula, uma vez que elas determinaram, de alguma forma, o modo como as respectivas observações (do OC e da Professora Estagiária) foram efectuadas.

Relativamente às Aulas Assistidas (leccionadas pela Autora deste RE), o OC sentou-se sempre numa posição de melhor visibilidade, para que pudesse tirar apontamentos sobre as suas prestações.

Sempre que foi preciso prestou o auxílio necessário, participando activamente e oportunamente na aula, quando isso se revelou no melhor interesse da aprendizagem dos alunos. Por outro lado, e como já foi referido anteriormente, quando as aulas possuíram um carácter mais explorativo ou prático (com recurso a fichas formativas), o OC colaborou no que foi necessário.

Desta forma, o processo de recolha de observações ocorreu num ambiente de participação activa. Se por um lado, este facto poderá ter condicionado de alguma forma a recolha de informação, por outro, constituiu, uma grande mais-valia no processo de aprendizagem do que é ser professor de GD-A.

Seguidamente foi exposto o resultado das suas observações do OC, que abarcaram várias dimensões: actividade lectiva; gestão de sala de aula; participação no desenvolvimento integral dos alunos; relação com os colegas e participação na vida escolar. Apesar de os enumerar e de os passar a especificar em separado, todos estes níveis de actuação devem ser encarados como indissociáveis e igualmente fundamentais para a concretização de um objectivo único: a formação de indivíduos pessoalmente realizados e socialmente válidos.

No que respeita à actividade lectiva, sublinha-se o extremo cuidado e rigor científico com que o OC trabalhou os conteúdos na sala de aula.

No respeitante à observação das aulas do OC, por parte da Professora Estagiária contribuiu para os Professores Estagiários apreciarem e ampliarem o leque de metodologias ou estratégias de ensino-aprendizagem. Foi também apreciada a forma como o OC leccionou as suas aulas. A Professora Estagiária concluiu que os alunos facilmente perceberam os conteúdos e exercícios propostos. Ainda neste domínio, o OC preocupou-se sempre em apresentar estratégias diversificadas e motivadoras, quer recorrendo a actividades e investigações com o recurso ao computador, tentando assim criar ambientes de aprendizagem dinâmicos e desafiantes, quer elaborando material destinado a explorar diferentes aspectos da aprendizagem: ficha de apoio à aula para apoio aos alunos na construção de novos conceitos; fichas de consolidação de conceitos; fichas de recuperação para auxiliarem os alunos nos conteúdos em que apresentaram maiores dificuldades; fichas de revisões globais e fichas formativas.

O OC apresentou, assim, um elevado cuidado em atender às especificidades e dificuldades de todos os elementos da turma, sempre tendo em linha de conta as capacidades e competências a desenvolver.

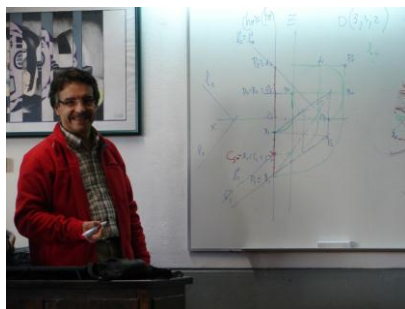


Figura III.1.

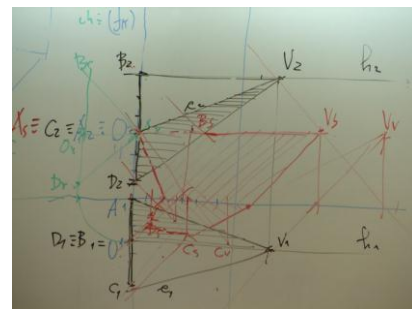


Figura III.2.

Figura III.1. - Aula leccionada pelo OC - 11.º E.
 Figura III.2. - Exercício de GD-A executado pelo OC - 11.º E.

Uma das preocupações mais assinaláveis do OC foi exactamente a atenção que dedicou a todos e a cada um dos seus alunos. Os alunos mais reservados, mais apáticos, os que se posicionaram na sala, nos lugares mais discretos, foram alunos a quem, por exemplo, prestou um particular cuidado. O OC trabalhou sempre, e na medida do possível, para que nenhum aluno corresse o risco de se isolar da dinâmica da sala de aula e dos conteúdos aí explorados.



Figura III.3. - Aula leccionada pelo OC - 11.º E.



Figura III.4. - Aula leccionada pelo OC - 11.º E.



Figura III.5. - Aula leccionada pelo OC - 11.º E.



Figura III.6. - Aula leccionada pelo OC - 11.º E.

No domínio do relacionamento com os alunos, o OC constituiu realmente um grande exemplo na formação, mantendo com estes, em todas as ocasiões uma relação de grande proximidade. O OC manteve-se permanentemente atento a qualquer sinal de mal-estar individual ou colectivo, intervindo prontamente através de diálogos abertos, francos e isentos, prevenindo, assim, a montante, possíveis processos de discriminação ou exclusão.

O OC participou sempre muito activamente no desenvolvimento integral dos alunos, tentando transmitir-lhes importantes valores e boas regras de comportamento pessoal e social.

Como resultado desta excelente relação pedagógica mantida pelo Orientador com os alunos, uma relação assente na abertura, mas também no equilíbrio e no rigor, a gestão de sala de aula revelou-se com um carácter algo pacífico.

Por fim, não poderia deixar de dedicar algumas palavras à forma como a Professora Estagiária sentiu o trabalho do OC, no que diz respeito à sua própria orientação. O OC revelou, em todos os momentos, uma preocupação constante com a formação, ou seja, com a formação de uma futura docente de Artes Visuais, quer pelo seu próprio exemplo, quer através de comunicação directa. O OC transmitiu sempre valores de rigor, de humildade e de gosto pelo ensino e de atenção pelos alunos.

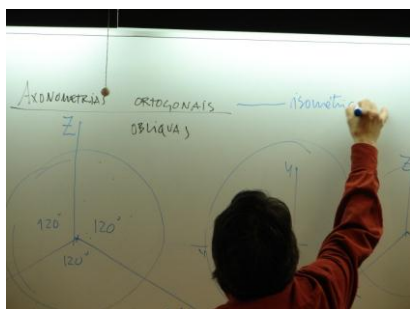


Figura III.7.



Figura III.8.

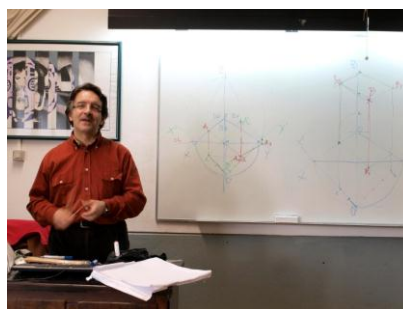


Figura III.9.

Figura III.7. - Aula leccionada pelo OC - 11.º E.

Figura III.8. - Aula leccionada pelo OC - 11.º E.

Figura III.9. - Aula leccionada pelo OC - 11.º E.

Em suma, foram todos estes ensinamentos do OC que a Professora Estagiária tenciona aplicar ao longo da sua, própria, carreira docente.

As aulas foram planificadas tendo simultaneamente em linha de conta uma desejável sequência pedagógica e de conteúdos e o ritmo de aprendizagem dos alunos do 11.º ano de escolaridade, de acordo com a **Planificação Anual [Anexo III.2]** elaborada para a disciplina de GD-A.

A Planificação Anual representa a planificação originalmente efectuada, sendo que foi totalmente cumprida, até ao final do 2.º período, aquando da terminação do EP, tendo sido feitos alguns ajustes, ao longo da leccionação dos conteúdos.

Seguidamente, no ponto 3.1.4, são expostas todas as Regências, pela Professora Estagiária. As aulas encontram-se organizadas por datas e com todos os mecanismos inerentes às Aulas Assistidas, sendo finalizadas por uma reflexão pessoal (Relatório de Aula).

A Planificação Anual dos conteúdos da disciplina de GD-A foi elaborada em função do Programa do ME (Departamento do ES), para os 10º e 11.º anos ou 11.º e 12.º anos, para os Cursos Científico-Humanísticos de Ciências e Tecnologias e de Artes Visuais, Cursos Artísticos Especializados de *Design* de Comunicação, de *Design* de Produto e de Produção Artística.

As Aulas Assistidas começaram a ser preparadas desde o início do EP, ao nível do debate e da ponderação de todas as dúvidas pedagógicas e científicas e da presença em todas as aulas com o Orientador.

A planificação anual, elaborada pelo grupo dos Professores Estagiários, foi a primeira etapa e implicou o primeiro contacto com a necessidade de enquadrar as UP, com a gestão dos tempos lectivos.

A Planificação contemplou Unidades, Objectivos, Conteúdos e Calendarização (organização temporal e o número das aulas previstas).

Os objectivos gerais foram distribuídos ao longo dos três períodos, conforme Planificação Anual.

Para cada período ficou estipulado serem efectuados, pelo menos, dois testes sumativos e desenvolver algumas fichas formativas ao longo das aulas leccionadas.

Foram também elaboradas **Planificações a Curto Prazo**, para as duas turmas, mas só para algumas UP, em concreto:

- 22 de Setembro de 2010, sobre a UP 3.11 - Paralelismo de Rectas e de Planos;
- 27 de Setembro de 2010, sobre a UP 3.12 - Perpendicularidade de Rectas e de Planos;
- 1 de Outubro de 2010, sobre a UP 3.11 - Paralelismo de Rectas e de Planos e a UP 3.12 - Perpendicularidade de Rectas e de Planos - exercícios de aplicação;
- 26 de Janeiro de 2011, sobre a UP 3.17 - Secções de Sólidos.

Estas planificações foram mais descritivas e pormenorizadas, no que respeita aos objectivos de aprendizagem e de desenvolvimento pretendidos.

Encontram-se estruturadas num conjunto de conhecimentos, nomeadamente: conteúdos, objectivos, estratégias/actividades, materiais ou recursos, temporização e observações.

A necessidade de seleccionar e hierarquizar os objectivos reflectiu as preocupações de gerir os conteúdos programáticos, em que os objectivos específicos eram mais importantes, para que o aluno atingisse os mesmos de uma forma mais correcta e rigorosa.

Reflectindo sobre a planificação realizada, verificou-se uma distribuição uniformizada dos conteúdos, relativamente ao Programa proposto pelo ME.

Contudo, a exposição de conceitos teóricos faz, por vezes atrasar a leccionação dos conteúdos atempadamente, devido às características da turma não permitirem uma exposição mais acelerada sobre o tema, correndo o risco de não conseguir cumprir com todos os objectivos de ensino.

É de salientar que, à partida, a leitura do Programa e a respectiva Planificação elaborada parecem ser facilmente geridas ao longo dos períodos, mas a existência de determinadas aulas como a realização de, por exemplo: apresentação, auto e hetero-avaliação, testes sumativos, etc. têm de ser quantificadas. Deste modo, o docente fica bastante condicionado pelo calendário e pela necessidade de seguir, com algum rigor, a gestão de tempos sugerida pelo Programa do ME.

Os Critérios de Avaliação definidos para a disciplina de GD-A foram pautados pelos Critérios de Avaliação Gerais da Escola, apresentados no ponto 2.2, do Capítulo II.

O quadro seguinte (Tabela III.2) mostra um resumo dos **Critérios de Avaliação Gerais da ESAL**, que foram **aplicados para a disciplina de GD-A**, para o 11.º ano, tendo sido elaborados pelos professores do grupo de Artes Visuais, incluindo o OC. Isto implicou que nem todos os instrumentos foram utilizados para a disciplina de GD-A, como por exemplo: trabalhos de grupo e testes escritos, dado o carácter da disciplina e a necessidade de insistir na compreensão dos conteúdos que levam à resolução correcta dos exercícios práticos.

É de salientar que todos os trabalhos desenvolvidos pelos alunos de GD-A foram individuais, nomeadamente: testes sumativos, fichas formativas, exercícios propostos nas aulas, caderno diário, mais precisamente, **“Portfólio do Aluno”**, que incluía os conteúdos e exercícios resolvidos de todas as aulas (dos três períodos), solicitado pelo OC aos alunos, no início do ano lectivo, o qual fez parte do conjunto, na avaliação final da disciplina de GD-A.

Os objectivos do **“Portfólio do Aluno”** foram: o aluno ter um documento orientador de estudo, para a disciplina de GD-A e um compilar de todas as tarefas executadas (exercícios, etc) ao longo de todas as aulas, o qual iria servir de apoio ao Exame Nacional, a realizar no final do ano lectivo.

Tabela III.2. - Critérios de Avaliação Gerais para a disciplina de Geometria Descritiva A.
Tabela retirada a 26 de Abril de 2011 em: *Uniformização de Procedimentos no Processo de Avaliação dos Alunos* - Critérios de Avaliação da ESAL.

OBJECTO DA AVALIAÇÃO		ITENS /PARÂMETROS	INSTRUMENTOS	PESOS
COMPETÊNCIAS E APRENDIZAGENS	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	Conteúdos programáticos da disciplina.	Testes escritos. Trabalhos de grupo. Trabalhos Individuais. Caderno Diário. Testes Intermédios.	85%
COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS	PARTICIPAÇÃO, DOMÍNIO DA LÍNGUA PORTUGUESA E METODOLOGIA DE TRABALHO	<ul style="list-style-type: none"> - Intervém com frequência, pertinência e a propósito nas aulas. - Levanta dúvidas e dá opiniões. - Tem facilidade de expressão oral. - Realiza os trabalhos de casa. - Apresenta o material necessário para a aula. 	Questionários Oraís. Grelha de registo de observações.	10%
	VALORES / ATITUDES	<ul style="list-style-type: none"> - Respeita colegas e professores. - Revela interesse e empenho nas actividades propostas. - É responsável no cumprimento das tarefas. - Respeita as normas de funcionamento das aulas. - Respeita as instalações e o ambiente. - É regularmente pontual. - É assíduo. 	Grelha de registo de observações.	5%

“Nas disciplinas de Português e Língua Estrangeira, a oralidade é avaliada, a nível das Competências e Aprendizagens, com um peso de 25% e 30%, respectivamente. Nas disciplinas de Física e Química A, Biologia e Geologia, Biologia, Geologia e Física e Química, a componente prática e ou experimental, no âmbito das Competências e Aprendizagens, é avaliada com um peso de 30%.”

Dando seguimento ao enquadramento contextual e teórico da PES, foi executado o **Cronograma Anual** da disciplina de GD-A, pelo OC e com a colaboração dos Professores Estagiários, para as duas turmas do 11.º ano (11.º E e 11.º N), as UP inseridas numa temporização, de acordo com o Programa de GD-A do ME.

O Cronograma contemplou vários pontos importantes, dos 1.º e 2.º períodos, nos quais os Professores Estagiários estiveram sempre presentes, contemplando também o 3.º período (já numa fase de ausência dos Professores Estagiários), a saber:

- UP distribuídas ao longo do tempo programado, segundo a calendarização Escolar do ano lectivo de 2010/2011;

- Dias estipulados para a realização de testes sumativos e respectivas correcções;
- A avaliação do final de cada período (auto e hetero-avaliação);
- O número de aulas previstas para cada UP;
- Os dias em que os Professores Estagiários leccionaram as aulas supervisionadas pelo OC, inseridos nas respectivas UP.

O Cronograma também englobou a identificação dos Professores Estagiários, com a atribuição de uma letra de identificação, para cada aluno estagiário, que serviu para marcar os dias de leccionação dos Professores Estagiários, conforme a tabela apresentada. (Tabela III.3).

Tabela III.3. - Tabela resumo com a identificação dos Professores Estagiários no Cronograma Anual.

LETRA DE IDENTIFICAÇÃO	NOME DO PROFESSOR ESTAGIÁRIO
A	António Pedro Martins
E	EUGÉNIA MORGADO (Professora Estagiária)
P	Paulo Chambino
S	Sónia Martins

3.1.3. Estratégias de intervenção e avaliação da intervenção na Prática de Ensino Supervisionada.

Este ponto descreve e justifica as estratégias de acção e de avaliação da acção, incluindo justificação da sequenciação da calendarização das aulas e de todas as actividades em Estágio (das UP e de trabalho leccionadas pela Professora Estagiária, observação das aulas do OC, reuniões de Núcleo de Estágio, etc).

A Planificação das Aulas foi importante porque foi a expressão: 1.º da forma de preparar a organização das actividades de aprendizagem dos alunos; 2.º da selecção dos conteúdos e estratégias de ensino do próprio professor.

As características do planeamento dependem da maturidade profissional ou experiência do docente. Contudo, foi importante demonstrar, o nível de estruturação de trabalho na sala de aula, como evidência de atenção prestada às necessidades de aprendizagem de cada aluno (que de início eram desconhecidas) e do modo como o professor preparou o seu trabalho, quer por unidades temporais - aula a aula, semana a semana, mensalmente, quer por unidades didácticas, competências, projectos e actividades a desenvolver, etc..

Assim, a PES, factor de fundamental importância na preparação de um docente, foi sempre devidamente planificada. Essa planificação foi sempre assistida pelo OC, segundo a distribuição definida na tabela apresentada a seguir (Tabela III.4):

Tabela III.4. - Tabela resumo com a distribuição das Aulas Assistidas pelos Professores Estagiários.

DIA/MÊS	TURMA 11.º E	TURMA 11.º N	TEMA da UNIDADE de TRABALHO
6 de Outubro de 2010	Paulo Chambino	EUGÉNIA MORGADO (Professora Estagiária)	Paralelismo e Perpendicularidade de Rectas e de Planos.
13 de Outubro de 2010	Sónia Martins	António Pedro Martins	Paralelismo de Rectas e de Planos; Perpendicularidade de Rectas e de Planos.
20 de Outubro de 2010	Paulo Chambino e António Pedro Martins	EUGÉNIA MORGADO (Professora Estagiária) e Sónia Martins	Métodos Geométricos Auxiliares I
27 de Outubro de 2010	Paulo Chambino	António Pedro Martins	Métodos Geométricos Auxiliares I
3 de Novembro de 2010	EUGÉNIA MORGADO (Professora Estagiária)	Sónia Martins	Métodos Geométricos Auxiliares I
2 de Fevereiro de 2011	Paulo Chambino	António Pedro Martins	Secções de um Cubo e de um Cilindro por Planos Projectantes.
9 de Fevereiro de 2011	Sónia Martins	EUGÉNIA MORGADO (Professora Estagiária)	Secções de um Cone por Planos Projectantes.

No início do ano lectivo os Professores Estagiários reuniram com o OC, para determinarem o número de Aulas Assistidas (mínimo de 6 horas por período), previstas no Protocolo da UBI, supervisionadas pelo OC e, sempre, pelos colegas Professores Estagiários. Ficou definido que cada Professor Estagiário teria, obrigatoriamente, que assistir a todas as aulas de cada colega de Estágio.



Figura III.10.



Figura III.11.



Figura III.12.

Figura III.10. - Aula observada pelos Professores Estagiários de uma aula leccionada pelo OC - 11.º E.
 Figura III.11. - Aula observada pelos Professores Estagiários de uma aula leccionada pelo OC - 11.º E.
 Figura III.12. - Aula observada pelos Professores Estagiários de uma aula leccionada pelo OC - 11.º E.

No entanto, logo nesta reunião verificou-se que seria impossível as seis aulas previstas, pois uma disciplina como a GD-A, implicava uma continuidade constante dos Professores Estagiários no EP e isso foi impossível acontecer, pois só um dos elementos da turma é que não era Trabalhador/Estudante.

Mesmo usufruindo do Estatuto Trabalhador/Estudante, a Professora Estagiária, Autora deste RE, assistiu sempre a todas as sessões estipuladas no início do ano lectivo com o OC, desde reuniões de Grupo de Estágio e Aulas Observadas/Assistidas. Todas as dúvidas de carácter

científico foram expostas e analisadas, assim como as medidas pedagógicas a adoptar nas aulas, semana a semana.

Os passos a seguir para a preparação das aulas foram vários, mas sempre com o intuito de motivar os alunos, conseguir transmitir, de forma cientificamente correcta, os conteúdos propostos e obter um *feedback* positivo por parte das turmas.

A preparação e leccionação de cada aula, permitiu reflectir sobre as dúvidas mais comuns dos discentes, sobre as metodologias usadas e as que seriam mais adequadas, assim como reflectir sobre o *design* de metodologias de ensino-aprendizagem, ainda mais produtivas.

O processo de avaliação, de cada Aula Assistida, consistiu sempre na elaboração do Plano de Aula, discutido pelos 5 elementos do Grupo de Estágio, em reuniões conjuntas (o OC e os 4 Professores Estagiários) e de Fichas de Trabalho (fichas formativas); Critérios de Avaliação (dos quais os alunos eram informados, antes do início da aula/actividade); Grelhas de Correção; e material didáctico-pedagógico (apresentações em *PowerPoint* dos conteúdos leccionados, essencialmente de exercícios resolvidos), sempre que a aula exigisse estes documentos.

No final de cada Aula Assistida e Supervisionada pelo OC foi, sempre, entregue um Relatório de Aula, realizado pela Professora Estagiária, com a colaboração dos colegas Professores Estagiários.

Todos os documentos foram sempre elaborados em conjunto, pelos Professores Estagiários, para que estivessem, sempre, todos dentro dos conteúdos a leccionar e para que todos participassem, ajudassem e colaborassem na execução dos documentos para cada Aula Assistida.

Deste modo, e para concluir, todos os documentos usados nas Aulas Assistidas da Autora deste Relatório, apresentam-se na descrição detalhada de cada uma, nos pontos 3.1.3.1, 3.1.3.2, 3.1.3.3 e 3.1.3.4.

A leitura deste ponto deve ser realizada em paralelo com a consulta dos documentos associados a cada aula leccionada pela Professora Estagiária, ver em anexo, e em simultâneo, com a actividade extra-curricular desenvolvida pelos Professores Estagiários, etc.

Este RE contém, em Anexos ou Apêndices, todos os recursos e trabalhos produzidos ao longo do Estágio e que se afiguram essenciais ao acompanhamento dos conteúdos aqui apresentados: Planos de Aula, Relatórios de Aula, Fichas de Trabalho e respectivas soluções/resoluções/classificações (fichas formativas), Material de Apoio Didáctico-Pedagógico às aulas (apresentações em *PowerPoint*), momentos lectivos desenvolvidos e ainda todos os exercícios concebidos pelos Professores Estagiários. Não esquecer que todas as aulas leccionadas foram concebidas em grupo, conforme proposta dos Professores Estagiários ao OC, no início do ano lectivo, do qual teve consentimento por parte do OC.

No âmbito da experiência de ensino, descrita neste Relatório, foram leccionadas quatro aulas (4 blocos de 90 minutos). Seguidamente é apresentada uma descrição de cada uma delas,

tendo sobretudo em atenção os conteúdos abordados, as actividades desenvolvidas e as estratégias metodológicas implementadas.

3.1.3.1. Aula Assistida - 6 de Outubro de 2010 - aulas n.º 19/20 - Turma 11.º N.

É precisamente nesta UP que a Professora Estagiária iniciou a sua participação activa no desenrolar das aulas e que teve início a prática de ensino, com a turma do 11.º N.

Antes de iniciar a actividade lectiva foi imprescindível elaborar o **Plano de Aula [Anexo III.3]**, composto por: contextualização (unidade didáctica e objectivo principal da aula); o sumário; os conteúdos programáticos; as competências/aprendizagens esperadas e específicas; as estratégias/metodologia de trabalho (desenvolvimento da aula); a aprendizagem complementar/trabalho; os recursos/materiais necessários; os critérios da avaliação formal/informal das aprendizagens e um espaço para reflexão da aula sobre as actividades e experiências de aprendizagem desenvolvidas, depois da aula leccionada.

Os elementos da avaliação da Aula Assistida neste dia compreenderam a elaboração do **material didáctico-pedagógico**, com a apresentação dos conteúdos com recurso a **PowerPoint [Anexo III.4]**³³ (enunciados de seis exercícios para resolver, com a posterior resolução dos mesmos, sobre “Paralelismo e Perpendicularidade de Rectas e de Planos”).

No final da aula foi feita uma reflexão - **Relatório de Aula [Anexo III.5]** - que traduziu os aspectos positivos e negativos, resultantes da auto-avaliação da Professora Estagiária, com base nos critérios do OC, salientando-se:

Aspectos Positivos:

- Os alunos mostraram-se autónomos e com empatia perante os exercícios;
- No geral, revelaram resultados positivos;
- Alguns alunos foram ao quadro resolver os exercícios propostos por iniciativa própria;
- Houve alunos que mostraram mais empenho e interesse pela aula, do que outros, e que resolveram os exercícios com mais facilidade;
- Os alunos com mais facilidades de aprendizagem ajudaram outros com mais dificuldades;
- Durante a execução dos exercícios, alguns alunos tiveram a necessidade de trabalhar em grupo, na tentativa de tirar algumas dúvidas que foram surgindo ao longo da sua resolução, o que potenciou o trabalho de grupo/pares.

Aspectos Negativos:

- No geral, demonstraram falta de rigor nos traçados e notações;
- Como não houve tempo para resolver os 6 exercícios previstos, foram lançados os restantes para resolver em casa, como forma de estudo e treino desta UP;

³³ Anexo em CD.

- Por fim, houve um aluno que revelou bastante falta de confiança na resolução dos exercícios, pois solicitou a ajuda da professora, várias vezes, mesmo quando os exercícios já estavam resolvidos correctamente e verificava, sempre com os colegas as resoluções finais.

Posteriormente, uma apreciação final por parte do OC e dos colegas Professores Estagiários, relativamente à prestação da Professora Estagiária na Aula Assistida. Deste modo, foi realizada a auto e hetero-avaliação em relação ao desempenho da mesma, registados no **Relatório da reunião do Grupo de Estágio [Anexo III.6]**, após a Aula Assistida, a saber:

- A Professora Estagiária referiu que, para primeira aula leccionada no Estágio, correu muito bem, apesar de já se sentir “à vontade”, pois está a leccionar noutra Escola e já leccionou em anos anteriores; referiu ainda, que não cumpriu o Plano de Aula, conforme previamente previsto, não tendo tido tempo para a resolução de todos os exercícios previstos;
- O OC alertou para a falta de temporização previsível no Plano de Aula, que deverá conter uma divisão temporal do desenvolvimento da aula; Deve controlar melhor o tempo que estava estipulado no Plano de Aula, apesar de se ter mostrado “à vontade”, mantendo diálogo com a turma ao longo da execução dos exercícios;
- O Professor Estagiário Paulo Chambino referiu que a aula da Professora Estagiária correu bem, conseguiu que a turma participasse e que os alunos se mostrassem empenhados e interessados pelos conteúdos leccionados (exercícios);
- Os Professores Estagiários Sónia Martins e António Pedro Martins referiram, também, que a aula correu bem e que se conseguiu perceber que já leccionou e lecciona no ensino.

CONCRETIZAÇÃO / LECCIONAÇÃO:

A aula começou com a apresentação da Professora Estagiária aos alunos da turma do 11.º N. Foi pedido aos alunos que resolvessem seis exercícios de aplicação de conhecimentos sobre “Paralelismo e Perpendicularidade entre Rectas e Planos”, com os enunciados apresentados em *PowerPoint*, com o apoio simultâneo de uma explicação pela Professora Estagiária, que os alunos acompanharam através da resolução de cada exercício.

A visualização através da apresentação em *PowerPoint* foi bastante produtiva, pois foi uma estratégia favorável ao reforço da compreensão dos exercícios propostos. De acordo com o plano de aula, a exposição foi clara, mas não foram resolvidos todos os exercícios (seis), apenas foram resolvidos três, devido à falta de alguns conhecimentos por parte dos alunos da turma e do ritmo lento na execução dos exercícios, por parte de alguns alunos.

O número reduzido de alunos, desta turma, permitiu dar um apoio e esclarecer as dúvidas de forma mais individualizada.

Na generalidade acompanharam bem a aula, prestando atenção aos conteúdos leccionados e resolveram atentamente, mas ao seu ritmo, aquilo que lhes foi solicitado, colocando dúvidas à Professora Estagiária sempre que consideraram necessário.

O comportamento de alguns alunos, irrequietos e faladores, dificultou por vezes o bom funcionamento da aula.

Em termos gerais, e como primeira Aula Assistida, correu com normalidade. Os alunos mostraram-se despertos e com bastante motivação. Por outro lado, de modo a incentivar ainda mais os alunos, a Professora Estagiária agiu sempre no sentido de lhes atribuir responsabilidade na execução desta tarefa, pois sabiam que o resultado do seu trabalho ia fazer parte da avaliação final da disciplina de GD-A.

A Professora Estagiária informou os alunos da turma que ia mandar via correio electrónico, o *PowerPoint* usado na aula, com a resolução de todos exercícios passo-a-passo, onde estavam também, incluídos os 3 exercícios, deixados para resolver como trabalho de casa.

Deste modo, apresentam-se, em anexo, os quatro exercícios [Anexo III.7] ³⁴ que um dos alunos da turma do 11.º N, mais precisamente, o único aluno que realizou o “Portfólio do Aluno”, resolveu durante a aula (exercícios da Ficha Formativa). É de salientar a dedicação deste aluno e a sua consciência de que a disciplina de GD-A era muito relevante para o seu futuro profissional, no âmbito das Artes Visuais.

3.1.3.2. Aula Assistida - 20 de Outubro de 2010 - aulas n.º 31/32 - Turma 11.º N.

Foi uma aula diferente, por ter sido a par com a Professora Estagiária Sónia Martins, que foi a primeira vez que leccionou nesta turma.

Assim, o **Plano de Aula** [Anexo III.8] foi elaborado e organizado em conjunto e estruturado de acordo com os parâmetros da aula anterior.

O material didáctico-pedagógico consistiu na apresentação do *PowerPoint* [Anexo III.9] ³⁵, com os conteúdos “Métodos Geométricos Auxiliares I” (revisões) - “Mudança de Planos” (ponto, recta e plano); “Rotação” e “Rebatimento de Ponto” e explicação teórica dos mesmos e aplicações práticas, com exemplos de exercícios resolvidos para cada caso.

No final da aula foi feita uma reflexão - **Relatório de Aula** [Anexo III.10] - que traduziu os aspectos positivos e negativos considerados por parte das estagiárias e de acordo com os critérios do OC, com uma breve conclusão, salientando-se os seguintes:

Aspectos Positivos:

- A apresentação do *PowerPoint* com a matéria sobre os conteúdos leccionados foi um aspecto bastante positivo, pois os alunos integraram-se dos conteúdos abordados no ano lectivo anterior, tendo sido dados exemplos para cada situação;
- Os alunos mostraram-se com bastante empatia e interesse perante uma nova forma de expor a matéria, intervindo de forma correcta e pertinente, com a perspectiva de relembrar e consolidar alguns conteúdos anteriormente abordados.

³⁴ Anexo em CD.

³⁵ Anexo em CD.

Aspectos Negativos:

- Aula bastante expositiva, o que se tornou confusa e por ter sido leccionada por duas estagiárias.

Da Aula Assistida resultaram algumas observações em relação à prestação de cada estagiária, registadas no **Relatório da reunião do Grupo de Estágio [Anexo III.11]**, tal como na aula anteriormente descrita, a saber:

- A Professora Estagiária referiu que houve falta de organização prévia em grupo, pouco tempo para preparar a aula e falta de organização de alguns conteúdos;
- A Professora Estagiária Sónia Martins referiu que se sentiu nervosa, por falta de organização e preparação dos conteúdos e alguma insegurança;
- O OC alertou igualmente para a necessidade de se fazer um Plano de Aula individualizado para cada Aluno Estagiário; apontou alguns aspectos negativos para a leccionação da aula com dois Professores Estagiários, argumentando que teve algumas dúvidas quanto à sua eficácia; sugeriu que as aulas a leccionar pelos Professores Estagiários sejam feitas em regime de rotação, dando a estes a oportunidade de leccionar as duas turmas; ter, em atenção, uma forma mais ordenada de organização e exposição dos conteúdos, porque leccionar a pares tem as suas vantagens (ajuda mútua na exposição dos conteúdos) e desvantagens;
- Os Professores Estagiários Paulo Chambino e António Pedro Martins referiram que o Plano de Aula tinha demasiado conteúdo para uma aula de 90 minutos e alguma falta de preparação.

CONCRETIZAÇÃO / LECCIONAÇÃO:

Foi pedido aos alunos que estivessem atentos à aula sobre “Métodos Geométricos Auxiliares I” (revisões) - “Mudança de Planos” (ponto, recta e plano); “Rotação e Rebatimento de Ponto”, com os conteúdos apresentados em *PowerPoint*, em simultâneo com a Estagiária Sónia Martins. Verificou-se que os alunos acompanharam de uma forma empenhada e participativa.

A visualização através da apresentação em *PowerPoint* foi bastante produtiva, pois foi uma estratégia favorável ao reforço da compreensão dos conteúdos a leccionar. Tendo-se tratado de uma aula mais expositiva, que a anterior, careceu de unidade pelo facto de ter sido leccionada por duas estagiárias. Teria sido necessária uma maior coordenação entre as duas e sentiu-se uma falta de preparação relativamente a alguns dos conteúdos abordados.

Tal como na aula anteriormente leccionada, o número reduzido de alunos permitiu dar um apoio e esclarecer as dúvidas de forma individual, o que se pode considerar um factor bastante positivo.

Na generalidade, os alunos acompanharam bem a aula, prestando atenção aos conteúdos leccionados, colocando dúvidas às estagiárias sempre que consideraram necessário. Na apresentação do *PowerPoint* muitos demonstraram interesse, fazendo sucessivos comentários. A Professora Estagiária informou os alunos da turma que ía mandar via correio electrónico, o *PowerPoint* usado na aula, para ajudar os alunos a estudar, estratégia adoptada em todas as Aulas Assistidas.

Por fim, apresentam-se, em anexo, dois exercícios [Anexo III.12],³⁶ igualmente do aluno que realizou, o já referido “Portfólio do Aluno”, que foram realizados ao longo da apresentação em *PowerPoint*.

3.1.3.3. Aula Assistida - 3 de Novembro de 2010 - aulas n.º 43/44 - Turma 11.º E.

Terceira Aula Assistida, primeira aula à turma do 11.º E.

Antes de iniciar a actividade lectiva foi imprescindível elaborar o **Plano de Aula** [Anexo III.13], estruturado de acordo com os parâmetros considerados nas aulas anteriores.

Após a Professora Estagiária se ter apresentado à turma, a aula consistiu na execução de seis exercícios de aplicação apresentados através de uma **Ficha Formativa** [Anexo III.14], sobre “Métodos Geométricos Auxiliares I” (revisões) - “Mudança de Planos” (ponto, recta e plano); “Rotação” e “Rebatimento de Ponto” e preparou-se e apresentou-se um *PowerPoint* (material didáctico-pedagógico - **Anexo III.15**)³⁷ com a resolução dos exercícios propostos na Ficha Formativa, com a **grelha de correcção** e os **critérios de classificação** [Anexo III.16].

No final da aula foi feita a habitual reflexão da aula - **Relatório de Aula** [Anexo III.17] - salientando-se os seguintes aspectos positivos e negativos:

Na primeira parte da aula, os alunos resolveram dois exercícios acompanhados pela professora, revelando mais interesse e empenho nas suas resoluções, que nas aulas anteriores, apesar de alguns erros de resolução, detectados em alguns alunos.

Quanto à resolução dos quatro exercícios da ficha de trabalho, denotou-se pouca autonomia por parte dos alunos. Desta forma, a professora foi constantemente solicitada, servindo de auxílio para a resolução de alguns exercícios, nomeadamente, o exercício n.º 5 (rotação de um segmento de recta) e o exercício n.º 6 (mudança de plano de projecção).

Durante a execução dos exercícios da ficha de trabalho, os alunos tiveram a necessidade de trabalhar em grupo, na tentativa de tirar algumas dúvidas que foram surgindo ao longo da sua resolução, o que potenciou o trabalho de grupo/pares. No entanto, esta necessidade de colaboração e apoio demonstrou pouca autonomia e compreensão da ficha de trabalho, como elemento de avaliação individual.

Os alunos acabaram por revelar resultados positivos, demonstrando no geral, bastantes dificuldades, falta de rigor nos traçados, falta de notações e dificuldades no exercício de rotação (exercício n.º 5). Por se ter tornado uma ficha de trabalho com a resolução em grupo ou em pares, houve uma tendência para a melhoria dos resultados, sobretudo dos alunos com mais dificuldades nesta disciplina.

³⁶ Anexo em CD.

³⁷ Anexo em CD.

Da Aula Assistida resultaram algumas observações em relação à prestação da Professora Estagiária, registadas no **Relatório da reunião do Grupo de Estágio [Anexo III.18]**:

- A Professora Estagiária referiu que conseguiu cumprir o Plano de Aula e que os alunos se entusiasmaram com os exercícios propostos e que os conseguiram resolver;
- O OC referiu que se observou que a Professora Estagiária leccionou a aula com facilidade e de forma bem preparada, tendo cumprido o previsto no Plano de Aula;
- Os Professores Estagiários António Pedro Martins, Paulo Chambino e Sónia Martins referiram que a aula da Professora Estagiária correu muito bem, foi bem preparada, mostrando domínio nos conteúdos. Apesar do excesso dos exercícios na ficha de trabalho, funcionou de uma forma bastante positiva, pois conseguiu que todos os alunos resolvessem a ficha na sua totalidade.

CONCRETIZAÇÃO / LECCIONAÇÃO:

A Ficha Formativa foi planeada como revisão e aferição sobre os conteúdos leccionados nas aulas anteriores. Foi produtiva para os alunos mais empenhados, ainda que os menos interessados não lhe tivessem prestado a atenção devida, pois não quiseram perceber todos os conteúdos, observando-se alguma distração e conversa.

Tiveram que resolver seis exercícios. A Professora Estagiária mostrou a resolução de dois exercícios, projectada em *PowerPoint*, e os restantes quatro exercícios, foram resolvidos autonomamente, para posterior correcção.

Nem todos os alunos conseguiram executar todos os exercícios da ficha, quer por comportamentos perturbadores e lentidão, de alguns alunos, quer por falta de conhecimento dos conteúdos.

Alguns alunos demonstraram entusiasmo na realização dos exercícios e até vontade de partilhar com os colegas os resultados dos mesmos.

Embora o número excessivo de alunos da turma não permitisse dar um apoio muito individualizado, estes foram receptivos à apresentação e aos exercícios e gostaram da proposta de trabalho sugerida (ficha de trabalho).

As expectativas, comparativamente com a aula anterior, foram ajustadas, ou seja, aquilo que se determinou como experiências de aprendizagem esteve mais ao alcance das capacidades da turma. Relativamente às aulas anteriormente leccionadas, os alunos compreenderam, no geral, o enunciado da ficha e demonstraram uma maior autonomia na execução do trabalho proposto.

Houve, na generalidade, um maior espírito de iniciativa e empenho, apesar da irreverência e falta de concentração de alguns alunos.

Os resultados da ficha foram satisfatórios, de acordo com a Grelha de Correcção e Critérios de Classificação, dentro do esquema dos Exames Nacionais, de forma a estimular e sensibilizar os alunos para a sua execução no final do ano lectivo.

A Professora Estagiária informou os alunos da turma que ía mandar via correio electrónico, os exercícios resolvidos da ficha passo-a-passo e o enunciado da mesma.

Para finalizar, ver em anexo, os **seis exercícios** [Anexo III.19]³⁸ executados por um dos alunos da turma, aquando da realização da Ficha Formativa ao longo da aula, para posterior avaliação.

3.1.3.4. Aula Assistida - 9 de Fevereiro de 2011 - aulas n.º 109/110 - Turma 11.º N.

A Professora Estagiária terminou a sua participação activa no desenrolar das aulas, com a quarta e última Aula Assistida, novamente com a turma do 11.º N.

Antes de iniciar a actividade lectiva foi de novo elaborado um **Plano de Aula** [Anexo III.20], estruturada de acordo com os mesmos parâmetros que as aulas anteriores.

A aula consistiu na execução de um exercício de aplicação, com três alíneas, ministrado através de uma **Ficha Formativa** [Anexo III.21], sobre “Secções de Sólidos” (Secções de Cones), com a execução de um **PowerPoint** [Anexo III.22]³⁹ e com a resolução dos exercícios propostos na Ficha Formativa, a **grelha de correcção** e os **critérios de classificação** [Anexo III.23].

No final da aula foi feita uma reflexão - **Relatório de Aula** [Anexo III.24] - seleccionando-se alguns aspectos:

- A Professora Estagiária foi constantemente solicitada, servindo de auxílio para a resolução de alguns exercícios, nomeadamente, nas alíneas b) e c), da ficha de trabalho, sobretudo na construção da Secção e da Verdadeira Grandeza.

Durante a execução dos exercícios da ficha de trabalho, os alunos tiveram a necessidade de trabalhar em grupo, na tentativa de tirar algumas dúvidas que foram surgindo ao longo da sua resolução. Os alunos mostraram-se pouco autónomos e pouco responsáveis perante a ficha formativa, ou seja, perante a avaliação. Por conseguinte, os alunos revelaram resultados positivos, no entanto, demonstraram, no geral, bastantes dificuldades, falta de rigor nos traçados, falta de notações e dificuldades mais concretamente na alínea b), da qual perderam muito tempo na sua resolução.

Por fim, foi lançado um exercício complementar para resolver em casa, tendo como base os dados do cone do exercício da ficha formativa. Não houve resultados negativos na turma e todos os alunos resolveram todos os exercícios propostos na ficha formativa, apesar de se terem verificado algumas dificuldades interpretativas dos enunciados, por alguns alunos, o que se reflectiu no tempo disposto na resolução de cada exercício.

Da Aula Assistida resultaram algumas observações em relação à prestação da Professora Estagiária, registadas na **Relatório da reunião do Grupo de Estágio** [Anexo III.25], tal como nas aulas anteriormente descritas, a saber:

³⁸ Anexo em CD.

³⁹ Anexo em CD.

- A Professora Estagiária referiu que foi uma aula idêntica à anterior, no sentido de se sentir muito bem organizada, dominando muito bem os exercícios propostos na ficha formativa e os conteúdos intrínsecos;
- O OC referiu que, tal como na aula anteriormente leccionada, se denotou que a Professora Estagiária leccionou a aula com facilidade e de forma bem preparada, tendo cumprido o previsto no Plano de Aula;
- Os Professores Estagiários António Pedro Martins, Paulo Chambino e Sónia Martins referiram que a aula da Professora Estagiária correu muito bem e foi bem preparada e estruturada.

CONCRETIZAÇÃO / LECCIONAÇÃO:

À semelhança da Aula Assistida de 3 de Novembro, foi entregue mais uma Ficha Formativa, de modo a reforçar os conhecimentos dos alunos, sobre Secções de Sólidos, mais precisamente, sobre Secções de um Cone.

O objectivo desta ficha de apoio era rever e aferir os conhecimentos adquiridos. Tratava-se de mais um elemento de avaliação, facto que os alunos foram alertados logo no início da aula. Os alunos tiveram que resolver os exercícios autonomamente.

No geral, os alunos demonstraram entusiasmo na realização dos exercícios, partilhando de novo, com os colegas, os resultados dos mesmos.

Mesmo assim e comparativamente, com a aula anterior, as restantes expectativas foram alcançadas. Os alunos compreenderam, no geral, o enunciado da ficha e demonstrando uma maior autonomia na execução do trabalho proposto e um maior espírito de iniciativa e empenho.

Os resultados da ficha foram satisfatórios. A Grelha de Correção e Critérios de Classificação, foram construídos de acordo com os Exames Nacionais, de forma a preparar, estimular e sensibilizar os alunos para a sua execução no final do ano lectivo.

Os resultados da ficha formativa apontaram para uma mediana de 183 e uma média de 171.

Os exercícios resolvidos da ficha passo-a-passo e o enunciado da mesma, foram enviados via correio electrónico, para os alunos.

As Figuras que se apresentam a seguir mostram o trabalho da Professora Estagiária, exercido em contexto de sala de aula, na Aula Assistida do dia 9 de Fevereiro, na turma do 11.º N. Pode-se verificar que é uma turma bastante pequena, com a vantagem de se poder trabalhar com cada aluno individualmente, tirando todas as dúvidas dos exercícios que estavam a resolver.



Figura III.13.



Figura III.14.

Figura III.13. - Aula leccionada pela Professora Estagiária - 11.º N.

Figura III.14. - Aula leccionada pela Professora Estagiária - 11.º N.



Figura III.15.



Figura III.16.

Figura III.15. - Aula leccionada pela Professora Estagiária - 11.º N.

Figura III.16. - Aula leccionada pela Professora Estagiária - 11.º N.



Figura III.17. - Aula leccionada pela Professora Estagiária - 11.º N.

Para terminar, ver em anexo, o exercício proposto com as respectivas três alíneas [Anexo III.26]⁴⁰ executado pelo mesmo aluno, das Aulas Assistidas dos dias 6 e 20 de Outubro de 2010, de resolução da Ficha Formativa ao longo da aula, para posterior avaliação.

⁴⁰ Anexo em CD.

3.1.4. Avaliação do desempenho dos Professores Estagiários, pelos Alunos.

A avaliação do desempenho dos Professores Estagiários, pelos alunos, foi uma forma de poder ter algum *feedback*, dos mesmos, perante as aulas leccionadas pelos Professores Estagiários. Deste modo, um inquérito foi executado pelos Professores Estagiários, com a aprovação do OC, conforme o exemplo apresentado a seguir:

Nome do professor/estagiário: <u>Eugénia Morgado</u>	<u>Aula de 20/10/2010</u>		
Este questionário é anónimo. O objectivo deste questionário é conhecer a vossa opinião sobre o desempenho do professor/estagiário. Para responder às questões marca com um X a tua resposta.			
	SIM	ÀS VEZES	NÃO
Interacção estabelecida entre professor e aluno.			
O professor transmite o conteúdo da disciplina com clareza.			
O professor demonstra domínio do conteúdo da disciplina.			
O professor orienta o aluno na realização das actividades teórico-práticas.			
SUGESTÕES / OPINIÕES de forma a melhorar a nossa prestação: _____ _____			

Figura III.18. - Inquérito elaborado pelos Professores Estagiários dos momentos de avaliação do desempenho dos Professores Estagiários, pelos Alunos.

Os inquéritos foram preenchidos no final das aulas leccionadas de (6, 13, 20 e 27 de Outubro de 2010) pelos Professores Estagiários, nos últimos cinco minutos da aula, tendo sido distribuídos pelos próprios.

No dia 27 de Outubro só foram distribuídos na turma da manhã, pois foi decidido após a reunião de grupo de Estágio, ainda na manhã desse dia, que já não fazia sentido usar os inquéritos. Esta decisão deveu-se ao facto das respostas dos alunos começarem a ser repetitivas. Deste modo, nas restantes Aulas Assistidas deixou de haver inquéritos.

De seguida, apresentam-se respostas e resultados desses inquéritos, relativamente às aulas leccionadas pela Professora Estagiária, (mencionando-se o dia, a respectiva turma e as sugestões dos alunos, face às prestações Professora Estagiária nos dias 6 e 20 de Outubro de 2010).

EUGÉNIA MORGADO					
Aula 06 / 10 / 2010 - 11.º N		sim	às vezes	não	total
Interacção estabelecida entre professor e aluno		8	2	0	10
O professor transmite o conteúdo da disciplina com clareza		8	2	0	10
O professor demonstra domínio do conteúdo da disciplina		8	2	0	10
O professor orienta o aluno na realização das actividades teórico-práticas		8	2	0	10
Sugestões:					
1	A meu ver, foi a aula mais produtiva que tive até hoje.				
2	Boa prestação.				
3	Não há nada a acrescentar. Foi uma aula muito produtiva.				
4	Boa relação Professor / Aluno.				
5	Gostei bastante da aula, pois consegui aprender mais do que com o professor Aníbal.				

Figura III.19. - Resultados do Inquérito aos alunos elaborado no dia 6 de Outubro de 2010.

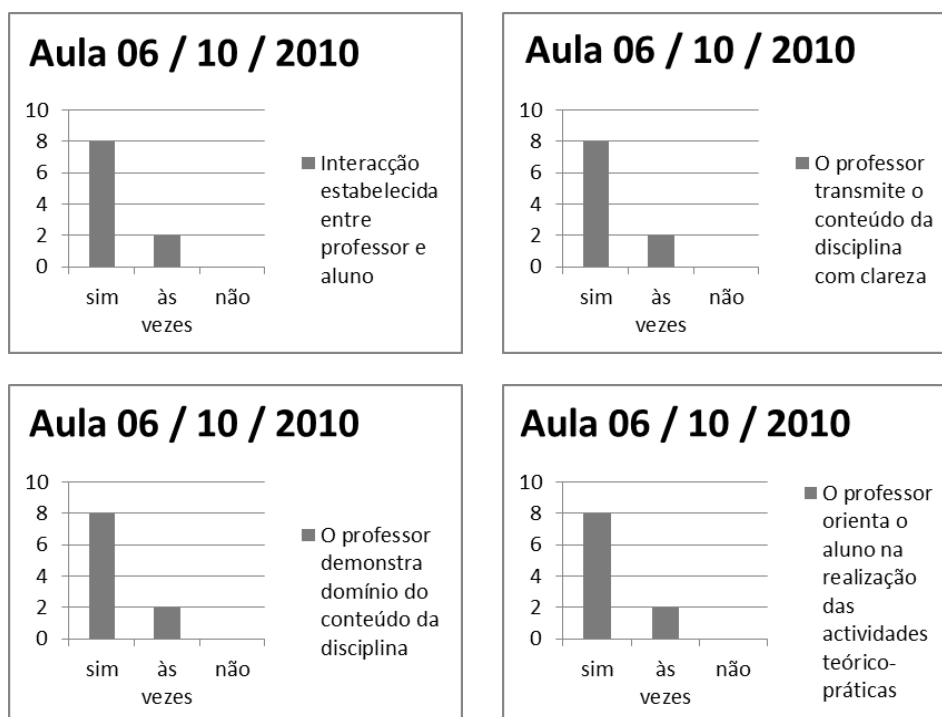


Figura III.20. - Gráficos com os resultados dos Inquéritos do dia 6 de Outubro de 2010.

EUGÉNIA MORGADO					
<u>Aula 20 / 10 / 2010 - 11.º N</u>		sim	às vezes	não	total
Interacção estabelecida entre professor e aluno		8	0	0	8
O professor transmite o conteúdo da disciplina com clareza		8	0	0	8
O professor demonstra domínio do conteúdo da disciplina		8	0	0	8
O professor orienta o aluno na realização das actividades teórico-práticas		7	1	0	8
Sugestões:					
1	As aulas podiam ser todas dadas pelos estagiários.				

Figura III.21. - Resultados do Inquérito aos alunos elaborado no dia 20 de Outubro de 2010.

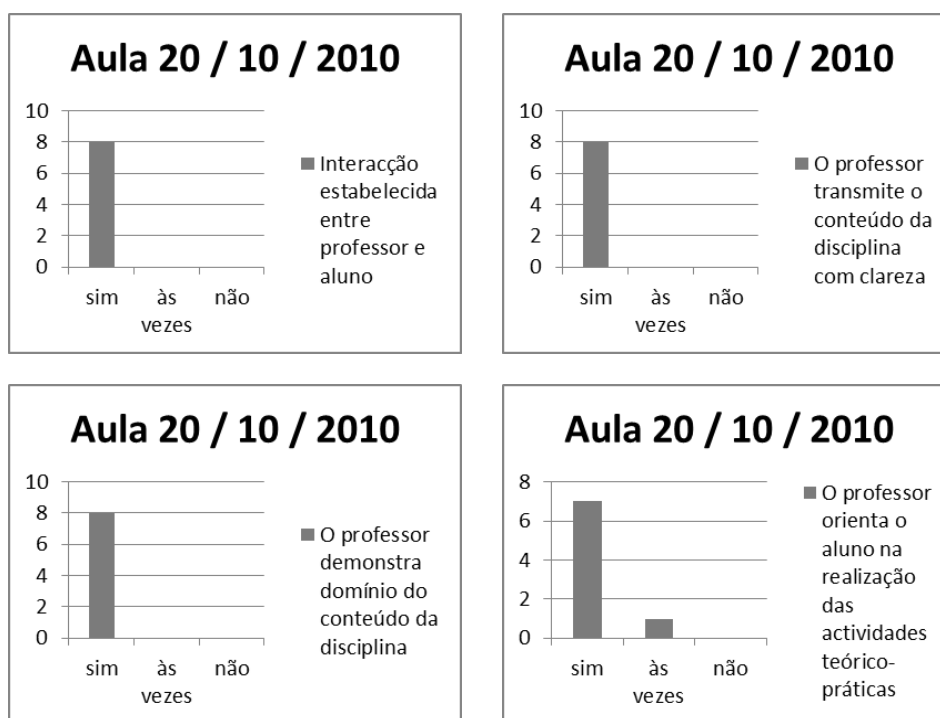


Figura III.22. - Gráficos com os resultados dos Inquéritos do dia 20 de Outubro de 2010.

3.1.5. Registo de reuniões do Grupo de Estágio.

As Aulas Assistidas foram sempre antecedidas de reuniões com o OC e os colegas Professores Estagiários. Nestes encontros definiam-se as linhas orientadoras: conteúdos, objectivos, metodologias, actividades, etc.

Após o grupo definir, com exactidão, os objectivos e conteúdos de ensino, a preocupação residu em facilitar a compreensão desses por parte dos alunos. Procuraram-se metodologias

apelativas, discursos simplificados e gerir o tempo de cada aula de modo a conseguir o máximo de concentração por parte de todo o grupo/turma.

Todas as reuniões de Grupo de Estágio com o OC foram na Biblioteca Escolar/Centro de Recursos, todas as quartas-feiras, conforme estipulado desde o início do EP, de acordo com o Horário de Estágio (Capítulo I, ponto 1.2.2) estipulado, o que as tornou, por vezes, pouco privadas, no sentido de que o espaço da biblioteca não era para reuniões, mas sim para ler e trabalhar em silêncio.



Figura III.23.



Figura III.24.



Figura III.25.

Figura III.23. - Reunião do Grupo de Estágio na Biblioteca Escolar.

Figura III.24. - Reunião do Grupo de Estágio no fim de uma Aula Assistida.

Figura III.25. - Reunião do Grupo de Estágio - Execução de um exercício de GD-A.

No entanto, conseguiu-se sempre estruturar e preparar o trabalho desenvolvido ao longo do Estágio, em que todas as reuniões de grupo com o OC, foram muito importantes e relevantes para o EP.



Figura III.26.



Figura III.27.

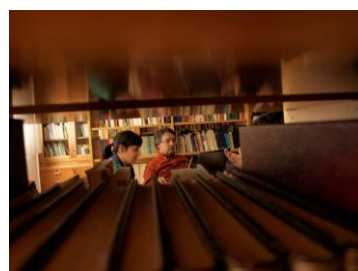


Figura III.28.

Figura III.26. - Reunião do Grupo de Estágio no fim de uma Aula Observada.

Figura III.27. - Reunião do Grupo de Estágio no fim de uma Aula Observada.

Figura III.28. - Reunião do Grupo de Estágio no fim de uma Aula Observada.

Deste modo, ver em anexo, todos os **Relatórios das Reuniões de Grupo [Anexo III.27]**⁴¹, com o OC, com todos os assuntos tratados e discutidos nas referidas reuniões (27 Relatórios de grupo de Estágio), desde o dia 1 de Setembro de 2010 até ao dia 6 de Abril de 2011, último dia de comparência no EP.

⁴¹ Anexo em CD.

3.1.6. Colaboração e Participação em reuniões de Conselho de Turma.

Ao longo do ano lectivo, a Professora Estagiária não participou em reuniões de Conselhos de Turma das turmas do 11.º E e 11.º N, mais precisamente, nas reuniões de Conselhos de Turma de final do 1.º período e do 2.º período e intercalares, por incompatibilidade de horários. Esta situação deveu-se ao facto da Professora Estagiária ter estado a leccionar noutra Escola e coincidir com o serviço.

É nestas reuniões que se obtém a maior parte da informação, relativamente ao aproveitamento dos alunos das duas turmas e às atitudes e valores, no que respeita ao comportamento dos alunos.

Adicionalmente, os Conselhos de Turma constituem um importante espaço para conhecer um pouco das histórias pessoais dos alunos e da família, o que constitui uma mais-valia no processo de organização das intervenções pedagógico/didácticas de um professor. Os Conselhos de Turma constituem ainda espaços privilegiados para o debate de ideias e de soluções pedagógicas concertadas, com vista a uma evolução desejavelmente positiva dos percursos Escolares e académicos de todos os elementos de cada turma. Entre outros temas abordados, são discutidas possibilidades de solução para uma certa apatia e desinteresse verificado na turma e para o respectivo reflexo na maioria das avaliações quantitativas dos seus elementos.

Uma vez que a Professora Estagiária possuía bastante conhecimento relativamente à necessidade real da existência destas reuniões, foi com muita pena sua, que não pôde participar, pois destas reuniões obtiveram-se informações, relativamente aos aspectos relevantes de cada turma, tendo, no entanto, tido acesso às actas de Conselhos de Turma das respectivas reuniões (disponibilizadas pelas Directoras de Turma) e às pautas, com as avaliações quantitativas dos alunos das duas turmas, de onde foram retirados os dados mais importantes, relativamente aos alunos (avaliação qualitativa, comportamento, etc).

3.1.7. Actividades, complementares, extra-curriculares.

Neste ponto apresenta-se a única actividade extra-curricular, dinamizada pelo grupo de Professores Estagiários, no âmbito da disciplina de GD-A, ao longo do ano lectivo: Execução da capa para o Jornal da Escola “eSalpicos”, para a edição de Abril de 2011.

No 3.º período era para ter sido feita uma Exposição de trabalhos dos alunos da disciplina de GD-A, mas não foram elaborados: 1.º por falta de tempo disponível, no período das aulas (1.º e 2.º períodos); 2.º por ter terminado o Estágio antes do tempo previsto e 3.º por os alunos estarem preocupados e bastante empenhados, no 3.º período, para o Exame Nacional.

A exposição teria sido uma estratégia de ensino-aprendizagem, bastante relevante no contexto do Estágio, da qual constava uma componente expositiva e também interactiva, pois só assim seria possível combinar a vertente lúdica com a pedagógica.

Aspirava-se mostrar, a toda a comunidade Escolar, o trabalho desenvolvido pelos alunos na disciplina de GD-A e também possibilitar a interactividade entre os visitantes e as actividades existentes. Porém, para que o objectivo da exposição fosse correctamente interpretado, assim como eventuais dúvidas científicas resolvidas, o Grupo de Estágio promovia visitas guiadas a todos os que o solicitassem.

3.1.7.1. Ilustração da capa para o Jornal da Escola “eSalpicos” - edição Abril 2011.

O jornal “eSalpicos”, com três anos de existência, tinha uma periodicidade trimestral. O jornal era coordenado por uma equipa de seis professores (Conceição Neves, Etelvina Maria, Hélder Rodrigues, Hermínia Pombo, Raquel Afonso, Rui Duarte) e toda a comunidade Escolar era incentivada a participar, surgindo vários colaboradores, consoante o tema e as diferentes actividades desenvolvidas.

Neste sentido, no dia 19 de Janeiro, enquanto o grupo de Estágio reunia na Biblioteca Escolar/Centro de Recursos da ESAL, a professora Raquel Afonso, professora bibliotecária e pertencente à equipa do jornal, solicitou a colaboração do grupo de Estágio (beneficiando do apoio de todo o grupo de Artes Visuais) no sentido de construir a ilustração para a capa do jornal da Escola, para publicar no mês de Abril de 2011.

Com o objectivo de contribuir para o desenvolvimento da Educação para os Media, divulgar as actividades desenvolvidas na Escola, fomentar o respeito pela diversidade de opiniões, estimular o espírito crítico, criativo e imaginativo, promover iniciativas que conduzam ao incremento de hábitos de leitura e escrita, promover a articulação Escola/meio e fomentar a educação para a cidadania, os Professores Estagiários aceitaram o desafio e contribuíram na execução da capa para o referido jornal, para a Edição de Abril de 2011.

Cada edição era subordinada a um tema geral, tendo sido escolhido para o mês de Abril o tema “*Redes Sociais*”. Deste modo, a ilustração foi realizada com recurso a programas informáticos de tratamento de imagem e de desenho vectorial e enviada posteriormente à equipa da Biblioteca Escolar, em formato “JPG” como solicitado (figura III.38).

Pôde-se considerar que foi um trabalho bastante interessante e entusiasmante, pois foi o trabalho dos e Professores Estagiários, visto por toda a comunidade Escolar e comunidade envolvente.

Mais interessante teria sido a execução desta capa, em colaboração com os vários alunos de GD-A, o que foi impossível, por falta de tempo durante as aulas de GD-A, devido ao extenso Programa da disciplina.

O Plano Anual de Actividades do grupo de Artes Visuais (grupo 600) não contemplou actividades para a disciplina de GD-A, à excepção da construção e montagem do Presépio de Natal no átrio da Escola, do qual o OC fazia parte da equipa.

Quanto às restantes actividades, onde as turmas de Estágio estavam envolvidas, pode-se destacar a Visita de Estudo ao Museu Cargaleiro, em Castelo Branco, ao Museu Tavares Proença Júnior e à Sala da Nora, ambos também em Castelo Branco, com o professor Álvaro Ramos Espadanal, no âmbito da disciplina de Desenho A (11.º E). Houve a destacar também, exposições de trabalhos de alunos desenvolvidos ao longo do 1.º e 2.º períodos, da responsabilidade da professora Maria Natividade Domingues, na disciplina de Desenho A, do 12.º ano, conforme o **PAA do Grupo de Artes Visuais** apresentado em anexo [Anexo II.1].

A ilustração da capa foi bem aceite pela comunidade Escolar. Foi um elemento muito motivador para os Professores Estagiários, pois de algum modo, viram o seu trabalho reconhecido e exposto na primeira página do Jornal da Escola (figura III.39).

Os alunos mostraram curiosidade perante a capa elaborada pelos Professores Estagiários, pois uma das alunas do 11.º E (Artes Visuais) apareceu na capa, como uma das “redes sociais” da ESAL.

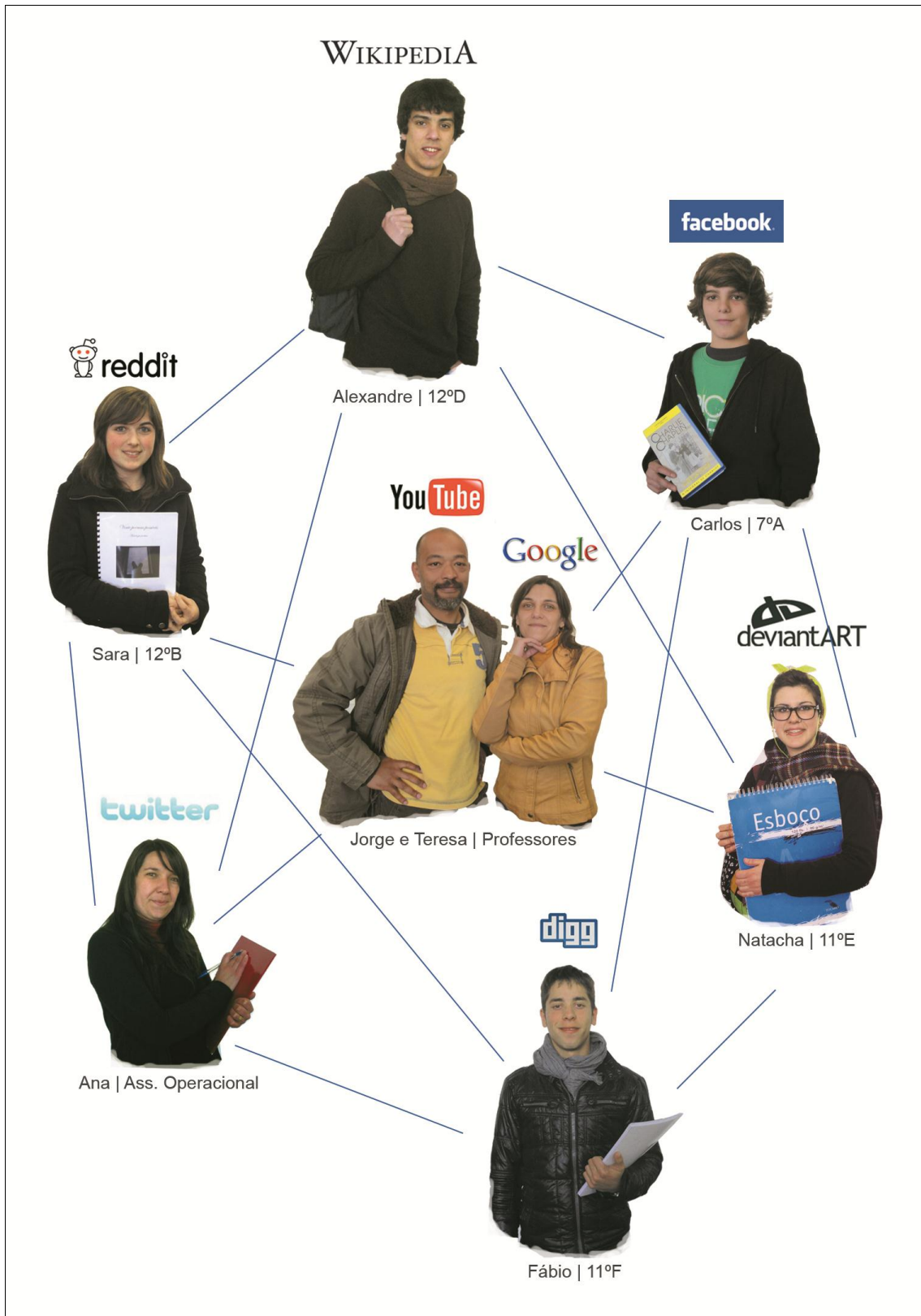


Figura III.29. Capa para o Jornal “eSalpicos” da ESAL - edição de Abril de 2011.

eSalpicos

Ano IV - Nº 2 Abril 2011

Jornal da Escola Secundária/3 de Amato Lusitano

Editorial

Em pleno século XXI sabemos que a tecnologia está cada vez mais presente na vida de milhares de pessoas em todo o mundo, principalmente na dos jovens. Para muitos, ela tornou-se algo inseparável, sendo a internet a sua maior expressão.

Esta liberdade preocupa pais, educadores e a sociedade em geral, mas, segundo especialistas, o que pode fazer a diferença na hora de usar a web, principalmente as redes sociais, é a Educação.

Segundo diversos autores ela é uma forma de mostrar aos jovens como fazer um uso seguro e responsável da internet, sendo por isso necessário que escolas, professores e sociedade se juntem para mostrar as boas possibilidades de utilização que as redes nos trazem.

É de facto uma evidência que as redes sociais estão aqui e que os nossos jovens as usam e é por isso nosso dever como educadores que aprendam a usá-las corretamente e de forma adequada. É preciso educá-los no seu uso. Mas também nós, professores e respetivas famílias, temos que acompanhá-los, devendo saber o que eles fazem nas redes sociais, quem são os seus amigos digitais, assim como nos preocupamos com os seus amigos analógicos.

Algumas escolas proibem o acesso dos alunos com o intuito de protegê-los de eventuais problemas. Mas deve ter-se em conta que todos precisam aprender a utilizar estes recursos de forma adequada, responsável, que não coloque em risco a nossa segurança e a escola não se deve furtar dessa tarefa. O aprender a usar este recurso, reconhecer quais são os comportamentos aceitáveis devem fazer parte dos objetivos daqueles que se propõe a utilizar as TIC.

João Belém

Salpicos das redes sociais



Salpicos da Esal

ESAL vence concurso de robótica

Pág. 4

da imaginação

crónicas... traços... escritas...

Págs. 6 e 7

reportagem

Redes Sociais

Pág. 8

da biblioteca

Salpicos da Semana da Leitura

Pág. 12

eSalpicos

Escola E/3 de Amato Lusitano
Av. Padre Álvaro Cabral
985-8000 Castelo Branco
Tel. 272339280
Fax. 272339776
E-mail: esal@esal.edu.pt
www.esal.edu.pt



3.2. Resultados obtidos.

Os resultados obtidos focarão a prestação da Professora Estagiária perante a sua participação e convivência com os alunos das duas turmas do 11.º ano (11.º E e 11.º N), quer no 1.º período, quer no 2.º período, na Escola de Estágio.

A Professora Estagiária ficou com uma visão global do que é leccionar, na disciplina de GD-A, no ES, tendo sido a primeira vez que leccionou no ES.

O impacto dos Professores Estagiários é relativo na prestação final dos alunos, apesar de positivo e pontual, tal como demonstraram as respostas, dos alunos, aos inquéritos.

No final da leccionação das aulas de GD-A estava estabelecida uma relação privilegiada entre o Grupo de Estágio e os discentes, baseada nalguma cumplicidade, sem contudo descurar o papel do professor e do aluno.

Na generalidade, as duas turmas mostraram-se bastante empenhadas e participativas na totalidade das actividades realizadas. Durante a PES, alguns alunos revelaram-se sempre interessados nos conteúdos programáticos, tentando estabelecer relações e colocar dúvidas.

O objectivo em cada aula não era, de todo, obter uma turma em silêncio e apenas atenta à exposição de conteúdos, mas sim um grupo interessado e trabalhador. Esse interesse ficou patente, muitas vezes, em dúvidas colocadas, pertinentemente, que conduziram até a alterações do Plano de Aula.

Quanto à realização do inquérito (Capítulo III, ponto 3.1.4), sobre a prestação da Professora Estagiária, por parte dos alunos, na turma do 11.º N, no âmbito da leccionação das Aulas Assistidas, dos dias 6 e 20 de Outubro, foi possível concluir através das respostas dadas pelos alunos que:

- Prezaram a prestação da Professora Estagiária de forma produtiva e muito interessante;
- Consideraram que contribuiu para uma melhor aquisição de conhecimentos;
- Concordaram que a relação professor - aluno condiciona a aprendizagem;
- Atribuíram aos exercícios práticos vantagens na aprendizagem;
- Apreciaram a utilização de novos materiais didáctico-pedagógicos (*PowerPoint*).

Na generalidade, o resultado da verificação feita durante a PES e as respostas foi coerente com as reacções das turmas. No decorrer das aulas constatou-se que as maiores dificuldades surgiram, sobretudo, na estruturação dos conhecimentos e na resolução de exercícios, particularmente, os que foram mais complexos.

Perante a **avaliação dos alunos** foram feitos todos os registos das Avaliações dos alunos, que passou por Fichas de Trabalho de Avaliação Formativa, Testes de Avaliação Sumativa e as respectivas Grelhas de Correção com os resultados obtidos por parte dos alunos, de acordo com os tempos marcados no Cronograma Anual da disciplina.

Concretamente, as fichas de trabalho para avaliação formativa foram fichas realizadas quer pelo OC, quer pelos Professores Estagiários.

Foram elaboradas várias fichas ao longo do ano, em que duas foram usadas nas Aulas Assistidas da Professora Estagiária (dia 3 de Novembro de 2010 e 9 de Fevereiro de 2011) e outras realizadas pelo OC nas suas aulas leccionadas sem a presença dos Professores Estagiários.

No dia 19 de Janeiro de 2011, na reunião de grupo de EP, o OC propôs a cada aluno estagiário, a elaboração de um enunciado de um exercício e a respectiva resolução, sobre Rebatimento de Polígonos e Sólidos em Planos Projectantes. Esta ficha de trabalho teve como objectivo a sua resolução por parte dos alunos das duas turmas (11.º E e 11.º N), no dia 21 de Janeiro, que segue em anexo - o **enunciado da ficha e os exercícios propostos resolvidos [Anexo III.28]**.⁴²

Os **testes de avaliação sumativa** foram todos realizados e elaborados pelo OC, sempre com o objectivo de avaliar os alunos em todas as UP da disciplina de GD-A, de acordo com a planificação anual e o cronograma anual da disciplina.

Os testes sumativos foram elaborados no 1.º período e no 2.º período, para as turmas 11.º E e 11.º N. A turma do 11.º E teve cinco testes sumativos, sendo dois do 1.º período e três do 2.º período. A turma do 11.º N teve quatro testes sumativos, sendo dois do 1.º período e dois do 2.º período. A turma do 11.º E teve mais um teste sumativo (5º teste), pois a turma obteve, no geral, maus resultados no 4º teste sumativo, o que fez com que se decidisse realizar mais um teste sumativo extra, de recuperação.

As **Grelhas de Correção** foram elaboradas pelo OC, em colaboração com os Professores Estagiários. As grelhas foram usadas não só para as fichas formativas, como também para os testes de avaliação sumativa.

Relativamente aos **resultados obtidos** através dos testes de avaliação do final do 1.º período e do 2.º período, estes não permitiram uma relação directa com a prática pedagógica, pois foram resultado de aulas leccionadas por todo o grupo de Estágio e, principalmente, pelo OC. Para além disso, a turma foi um conjunto de indivíduos com características individuais distintas e que condicionaram a aprendizagem. Deste modo, o facto de o rendimento verificado ter sido inferior a 50% (em média), não levou a conclusões específicas mas sim à necessidade de efectuar reflexões sobre o melhor modo de alterar a conjuntura, nas turmas, futuramente.

No final de cada período existiu sempre uma avaliação final para cada aluno, em reuniões de CT. Deste modo, todos os alunos das duas turmas do 11.º E e 11.º N foram avaliados à disciplina de GD-A, tendo sido registadas em pautas de avaliação final e nas actas correspondentes e, também, no mapa resumo de aproveitamento dos alunos.

⁴² Anexo em CD.

Por conseguinte, foram apresentados todos os dados e resultados, que saíram dessas reuniões do 11.º E e 11.º N, de final de período, correspondentes ao 1.º período e ao 2.º período.

De seguida, expõe-se por turma, as classificações de frequência da disciplina para os dois períodos, (1.º e 2.º), pois os Professores Estagiários não estiveram presentes no EP no 3.º período. Também mostra os alunos que anularam a matrícula à disciplina (AM).

Tabela III.5. - Classificações de Frequência da disciplina de Geometria Descritiva A (1.º período e 2.º período) - 11.º E.

TURMA 11.º E	1.ºP	2.ºP
nº 3	11	12
nº 4	18	19
nº 5	12	AM
nº 8	9	9
nº 10	10	9
nº 11	10	12
nº 12	9	AM
nº 16	14	AM
nº 18	15	15
nº 20	12	12
nº 22	10	8
nº 23	9	8
nº 24	12	11
nº 25	10	9
nº 26	9	8
nº 27	12	10
nº 28	14	14
nº 29	9	8
nº 30	9	8
nº 32	13	16

Pôde-se verificar através da tabela apresentada (Tabela III.5) que os resultados da turma do 11.º E, pioraram do 1.º período para o 2.º período, aumentando o número de negativas de seis para oito (representadas a vermelho). Pelo contrário, destacaram-se dois alunos, pelas melhores classificações da turma, no 2.º período - 16 e 19 valores (representados a verde). Por conseguinte, houve alunos que subiram os resultados e que tiveram uma ligeira melhoria. Os restantes mantiveram os resultados.

Se compararmos os géneros (rapazes e raparigas) denotou-se que em quinze raparigas, oito desceram os resultados do 1.º para o 2.º período, duas subiram, duas mantiveram e três anularam a matrícula à disciplina (representado a azul). Quanto aos cinco rapazes, dois subiram os resultados de um período para o outro, um desceu e dois mantiveram a classificação. Conclusão, as raparigas obtiveram piores resultados.

Desta forma, pôde-se concluir que alguns alunos adquiriram as competências previamente estipuladas nos planos anuais e os objectivos da disciplina de GD-A, tendo obtido bons resultados. Por outro lado, houve alunos que não conseguiram atingir os objectivos e as competências da disciplina de GD-A, conforme previa o Programa do ME.

Estes resultados foram inquietantes, pois os alunos irão estar sujeitos a um Exame Nacional no final do ano lectivo.

É de evidenciar que, nenhum aluno desta turma (11.º E) realizou o “Portfólio do Aluno” de GD-A, solicitado no início do ano lectivo, pelo OC, o que se tornou preocupante, pois foi reflexo de falta de estudo e de empenho por parte de alguns alunos, daí os resultados de alguns alunos pouco satisfatórios.

Na Tabela III.6 apresentam-se os resultados da turma do 11.º N, do 1.º período e do 2.º período. Nesta turma verificou-se o oposto, relativamente à turma do 11.º E, uma vez que as classificações de frequência melhoraram, passou de três negativas para duas (representadas a vermelho).

Tabela III.6. - Classificações de Frequência da disciplina de Geometria Descritiva A (1.º período e 2.º período) - 11.º N.

TURMA 11.º N	1.ºP	2.ºP
nº 1	9	9
nº 15	9	10
nº 19	8	9
nº 22	14	16
nº 23	10	15
nº 24	10	13
nº 26	12	17
nº 32	12	13
nº 36	10	13
nº 37	17	18
nº 38	18	19

Se compararmos os géneros (rapazes e raparigas) verificaram-se bastantes melhorias e melhores resultados nos dois géneros, ou seja, todos os alunos subiram as notas, à excepção de uma aluna, que manteve a classificação de 9 valores. Destacaram-se alguns alunos pelos melhores resultados (representados a verde) e pôde-se confirmar pelos resultados que houve uma grande evolução e significativa, tanto nos rapazes, como nas raparigas, sendo que o factor mais relevante foi a grande motivação que estes tiveram perante a disciplina de GD-A.

É de salientar, que o aluno que obteve a classificação de 19 valores, ou seja, o melhor aluno da turma do 11.º N, foi o único que realizou, o já referido “Portfólio do Aluno” de GD-A, solicitado no início do ano lectivo, pelo OC.

Uma vez que se denotou, no geral, o desinteresse e a irresponsabilidade por parte dos alunos das duas turmas, o OC avaliou e contemplou essa falta de interesse e de responsabilidade da execução do “Portfólio do Aluno”, na avaliação final da disciplina de GD-A.

De seguida apresentam-se algumas imagens, do único portfólio (dividido em dois *dossiers*) elaborado por um dos alunos da turma do 11.º N, que serviu de apoio e orientação ao estudo.

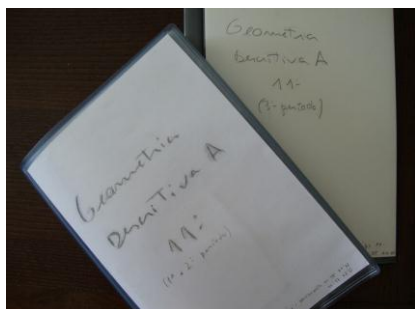


Figura III.31.



Figura III.32.

Figura III.31. - Exemplo de um “Portfólio do Aluno” por parte de um aluno da turma do 11.º N.
Figura III.32. - Exemplo de um “Portfólio do Aluno” por parte de um aluno da turma do 11.º N.

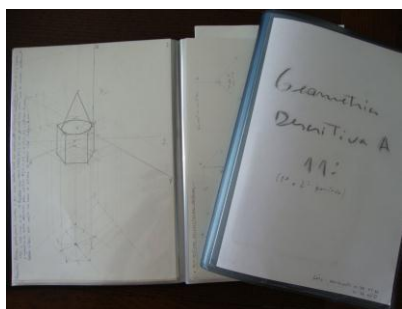


Figura III.33.

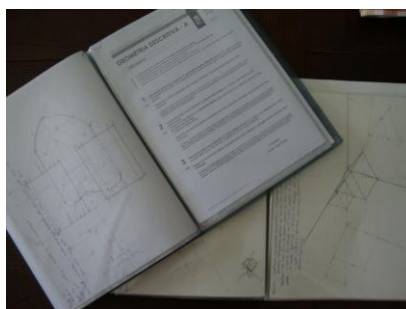


Figura III.34.

Figura III.33. - Exemplo de um “Portfólio do Aluno” por parte de um aluno da turma do 11.º N.
Figura III.34. - Exemplo de um “Portfólio do Aluno” por parte de um aluno da turma do 11.º N.

Seguem, em anexo, alguns exemplos de exercícios resolvidos ao longo das aulas de GD-A, em diferentes UP, do mesmo aluno/autor do “Portfólio do Aluno” - [Anexo III.29]⁴³.

Para concluir, pôde-se afirmar que a turma do 11.º N obteve melhores resultados, talvez por ser uma turma mais pequena (11 alunos), em relação à turma do 11.º E, que obteve, no geral, resultados Pouco Satisfatórios.

De seguida, foi feita uma análise à turma do 11.º E na disciplina de GD-A, comparativamente com os resultados obtidos pelos alunos, a saber:

1.º período:

De acordo com o mapa de aproveitamento elaborado em reunião de avaliação de final do 1.º período, os alunos obtiveram na disciplina de GD-A 31,6% de negativas (6 alunos) e 68,4% de

⁴³ Anexo em CD.

positivas (13 alunos). A média de positivas foi de 12,3 valores, a média de negativas foi de 9 valores e média da disciplina foi de 11,3 - Tabela III.7.

Tabela III.7. - Tabela resumo com os resultados da avaliação do final do 1.º período - 11.º E.

% DE POSITIVAS	% DE NEGATIVAS	MÉDIA DE POSITIVAS	MÉDIA DE NEGATIVAS	MÉDIA DA DISCIPLINA DE GD-A
31,6% - 6 alunos	68,4% - 13 alunos	12,3	9	11,3

Os gráficos apresentados de seguida (Figuras III.35 e III.36), mostram os resultados das avaliações de final de período (classificações de frequência), em percentagens, da disciplina de GD-A, para a turma do 11.º E, analogamente ao 1.º período.

Verificou-se que a grande percentagem foi para os resultados entre os 10 valores e os 14 valores, de 67%. A seguir ficaram os resultados de 6 a 9 valores, com 22%, posteriormente, 11% para os alunos com resultados entre os 15 e os 20 valores. A percentagem de 0% refere-se a valores entre 0 e 5, da qual não houve nenhum caso.

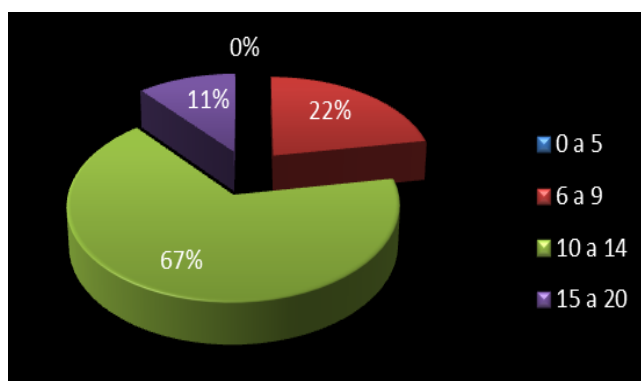


Figura III.35. - Gráfico com a percentagem das Classificações de Frequência da disciplina de GD-A (1.º período) - 11.º E.

Na Figura III.36 estão apresentados os resultados do 1.º período, da turma do 11.º E, por aluno, de forma a perceber a relação entre o número de alunos e os resultados obtidos.

Deste modo, os alunos deviam ter-se empenhado mais nas actividades das aulas, para ter colmatado as suas dificuldades, ter estado mais atentos e ter participado mais e de forma correcta. Por outro lado, destacaram-se alguns alunos que se empenharam e trabalharam de forma a obter bons resultados. Foram alunos que demonstraram a sua responsabilidade e autonomia de trabalho em GD.

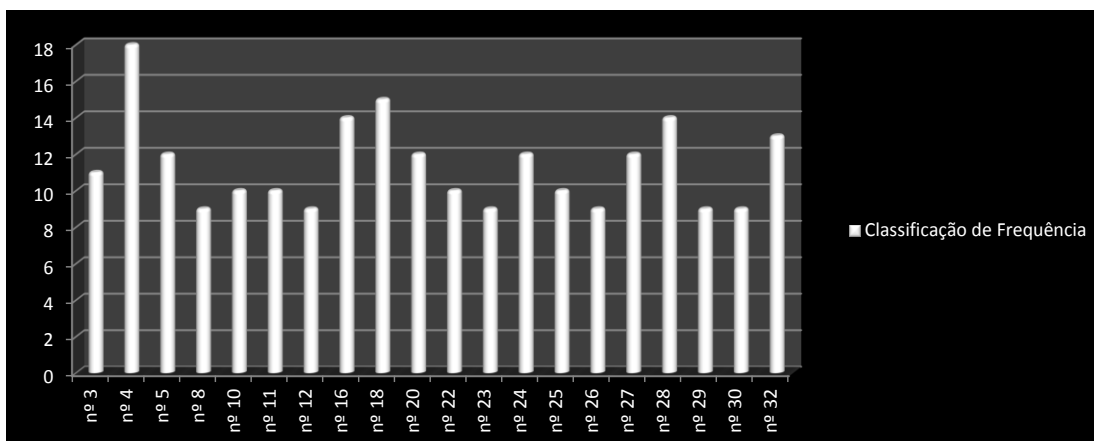


Figura III.36. - Gráfico com as Classificações de Frequência da disciplina de GD-A por aluno (1.º período) - 11.º E.

2.º período:

De acordo com o mapa de aproveitamento elaborado em reunião de avaliação final do 2.º período, os alunos obtiveram na disciplina de GD-A, 47,1% de negativas (8 alunos) e 52,9% de positivas (9 alunos). A média de positivas foi de 13,4 valores, a média de negativas foi de 8,4 valores e média da disciplina foi de 11,1 - Tabela III.8.

Tabela III.8. - Tabela resumo com os resultados da avaliação do final do 2.º período - 11.º E.

% DE POSITIVAS	% DE NEGATIVAS	MÉDIA DE POSITIVAS	MÉDIA DE NEGATIVAS	MÉDIA DA DISCIPLINA DE GD-A
47,1% - 8 alunos	52,9% - 9 alunos	13,4	8,4	11,1

Depois da análise ao gráfico mostrado de seguida (Figura III.37) verificou-se que 50% dos alunos obtiveram negativa à disciplina de GD-A, sendo que foi reflexo de falta de estudo e de trabalho, falta de métodos de trabalho, falta de empenho e interesse pelos conteúdos leccionados na disciplina de GD-A, ao longo do 1.º e 2.º períodos.

Contudo, 37% dos alunos obteve resultados entre 10 e 14 valores e 13% entre 15 e 20 valores. Relativamente ao 2.º período denotou-se uma descida nas classificações dos alunos, pois a maioria dos alunos não fez um esforço para atingir os objectivos da disciplina.

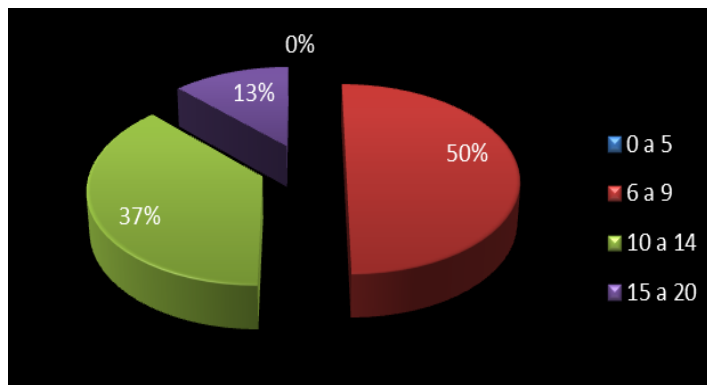


Figura III.37. - Gráfico com a percentagem das Classificações de Frequência da disciplina de GD-A (2.º período) - 11.º E.

Do gráfico exposto (Figura III.38), analisou-se que em vinte alunos iniciais, três anularam a matrícula à disciplina de GD-A (sem resultados), conforme já foi referido anteriormente. Mas o que interessou, aqui afirmar, foi que apenas foram classificados com nota, 17 alunos, em que 8 alunos obtiveram nota inferior a 10 valores, ou seja, negativa, em quase metade da turma.

Do 1.º período para o 2.º período, denotou-se um decréscimo de rentabilidade de trabalho por parte dos alunos da turma do 11.º E, nomeadamente, na realização das actividades propostas e pouca vontade de partilhar com os colegas os resultados obtidos.

Deste facto, a atitude dos alunos foi desprovida de empenho, interesse e intervenção (a nível de comportamento) sendo a turma, de modo geral, pouco participativa, falta de concentração/atenção dos alunos, com níveis negativos, revestiu as desvantagens a um adequado processo ensino-aprendizagem.

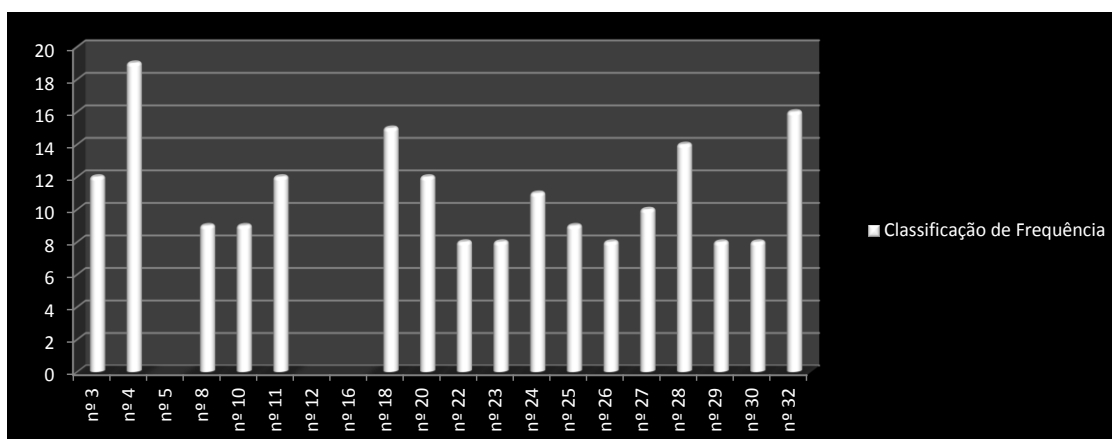


Figura III.38. - Gráfico com as Classificações de Frequência da disciplina de GD-A por aluno (2.º período) - 11.º E.

Face aos maus resultados globais apresentados pela turma, as estratégias passaram por uma maior incentivação ao trabalho, muito mais empenho e atitude na sala de aula e maior

assiduidade. No que respeita à assiduidade na disciplina de GD-A, houve a destacar duma forma negativa a generalidade da turma.

No que respeita à turma do **11.º N** na disciplina de GD-A os resultados foram os seguintes:

1.º período:

Perante os resultados obtidos, o aproveitamento global da turma foi considerado Satisfatório, atendendo a que se trataram de alunos que estiveram a repetir a frequência das disciplinas. De acordo com o mapa de aproveitamento elaborado em reunião de avaliação de final do 1.º período, os alunos obtiveram na disciplina de GD-A 27,3% de negativas (3 alunos) e 72,7% de positivas (8 alunos). A média de positivas foi de 12,9 valores, a média de negativas foi de 8,7 valores e média da disciplina foi de 11,7 - Tabela III.9.

Tabela III.9. - Tabela resumo com os resultados da avaliação do final do 1.º período - 11.º N.

% DE POSITIVAS	% DE NEGATIVAS	MÉDIA DE POSITIVAS	MÉDIA DE NEGATIVAS	MÉDIA DA DISCIPLINA DE GD-A
27,3% - 3 alunos	72,7% - 8 alunos	12,9	8,7	11,7

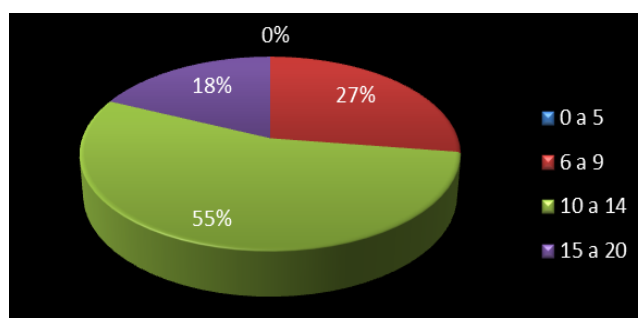


Figura III.39. - Gráfico com a percentagem das Classificações de Frequência da disciplina de GD-A (1.º período) - 11.º N.

Na Figura III.39 observa-se que 55% dos alunos da turma do 11.º N obtiveram classificações finais do 1.º período de 10 a 14 valores; 27% entre 6 a 9 valores e 18% de 15 a 20 valores. Denotou-se bastante empenho e interesse por parte de alguns alunos, sendo que demonstraram mais estudo e mais método de trabalho, em relação à turma do 11.º E. Por ter sido uma turma mais pequena, teve a vantagem de contribuir para um acompanhamento mais individualizado.

O gráfico da Figura III.40 apresenta os resultados por aluno, relativamente ao 1.º período, tal como foi feito para a turma do 11.º E.

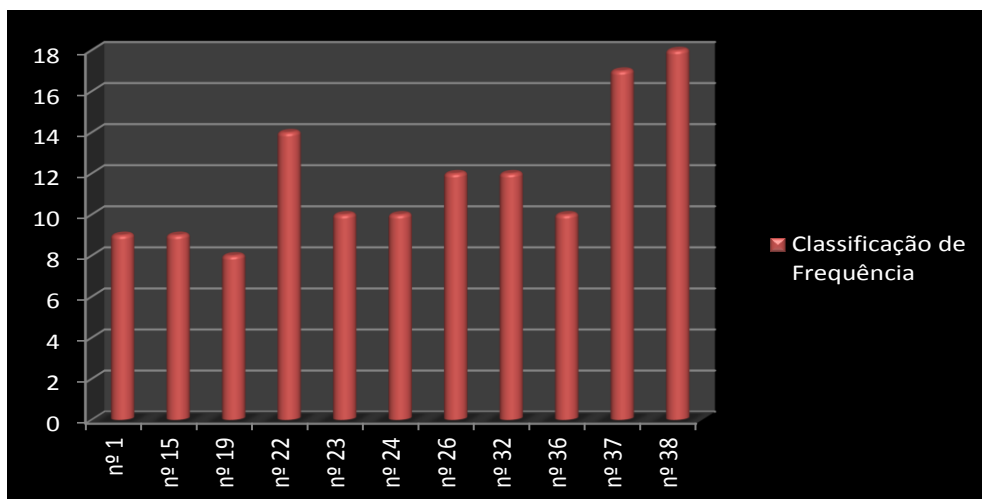


Figura III.40. - Gráfico com as Classificações de Frequência da disciplina de GD-A por aluno (1.º período) - 11.º N.

2.º período:

Perante os resultados obtidos, o aproveitamento global da turma foi considerado Bom, atendendo a que se trataram de alunos que estiveram a repetir a frequência das disciplinas, que se deve a uma série de factores, nomeadamente, aquisição de hábitos de trabalho e de estudo, empenho nas actividades desenvolvidas na aula e fora da aula e concentração/atenção na aula.

De acordo com o mapa de aproveitamento elaborado em reunião de avaliação de final do 2.º período, os alunos obtiveram na disciplina de GD-A 18,2% de negativas (2 alunos) e 81,8% de positivas (9 alunos). A média de positivas foi de 14,9 valores, a média de negativas foi de 9 valores e média da disciplina foi de 13,8 - Tabela III.10.

Tabela III.10. - Tabela resumo com os resultados da avaliação do final do 2.º período - 11.º E.

% DE POSITIVAS	% DE NEGATIVAS	MÉDIA DE POSITIVAS	MÉDIA DE NEGATIVAS	MÉDIA DA DISCIPLINA DE GD-A
18,2% - 3 alunos	81,8% - 8 alunos	14,9	9	13,8

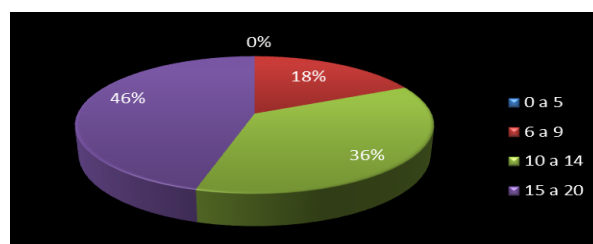


Figura III.41. - Gráfico com a percentagem das Classificações de Frequência da disciplina de GD-A (2.º período) - 11.º N.

A turma do 11.º N melhorou bastante os resultados no 2.º período, conforme se pode verificar na Figura III.41. Deste modo, 46% os alunos obtiveram resultados entre os valores 15 e 20, 36% de 10 a 14 valores e 18% de 6 a 9 valores.

Revelou-se uma evolução bastante significativa em relação ao 1.º período, em que os alunos obtiveram um aproveitamento bastante Satisfatório, apenas houve duas negativas na turma. Estes factores revelaram mais estudo e mais método de trabalho, mais participação nas aulas e os alunos tiraram mais dúvidas em contexto de sala de aula, aquando da leccionação dos conteúdos.

Pode-se verificar esta situação no gráfico apresentado (Figura III.42), em que se denotou o aumento das classificações, isto é, no geral os alunos obtiveram melhores resultados.

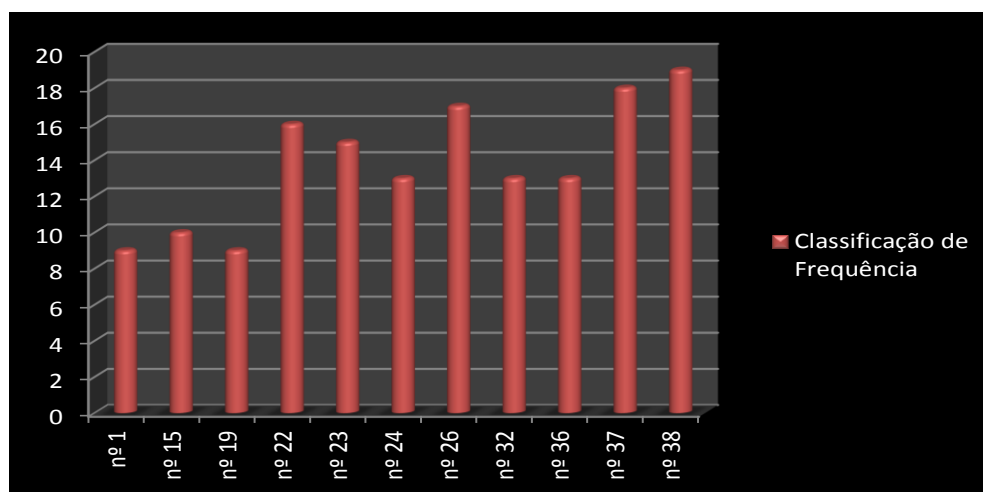


Figura III.42. - Gráfico com as Classificações de Frequência da disciplina de GD-A por aluno (2.º período) - 11.º N.

Em suma, de acordo com os dados acima descritos verificou-se que na turma do 11.º E, a percentagem de classificações negativas, ou seja, inferiores a 10 valores, aumentou. Esta situação deveu-se ao facto dos conteúdos leccionados serem mais complexos, o que fez com que os alunos não conseguissem acompanhar correctamente os conteúdos, principalmente, por falta de empenho e de estudo e de métodos e hábitos de trabalho, por parte dos alunos. Pelo contrário, na turma do 11.º N, verificou-se uma evolução significativa e positiva, no que se refere ao crescente empenho e autonomia dos alunos, na execução das tarefas propostas e maior interesse pela disciplina.

Após uma análise reflexiva de cada Aula Assistida e observada pelo OC, foi possível seleccionar as dificuldades mais comuns e persistentes. Com o decorrer das aulas, ao nível cognitivo pode referir-se sobretudo as dificuldades sentidas por alguns alunos das duas turmas, que mostraram pouca autonomia e falta de hábitos e de postura na sala de aula. A PES foi sempre encarada de modo evolutivo. As aulas foram gratificantes, na medida em que houve a participação dos alunos em todas as actividades propostas. Porém, verificou-se

constantemente uma resistência à realização de TPC, nomeadamente, na preparação para os testes sumativos e na concretização de um estudo individual.

Os resultados obtidos na avaliação do final do 1.º Período foram reflexo da falta de empenho, por parte de alguns alunos, nas actividades, e da falta de execução de exercícios de aplicação dos conteúdos em casa.

Um dos principais objectivos da disciplina foi que os alunos adquirissem as competências mínimas estipuladas no Programa do ME e obter uma turma, como um grupo de trabalho, que conseguissem cumprir com as tarefas ou actividades propostas. Sem dúvida que inúmeras vezes foram necessárias algumas intervenções e interrupções aos alunos, que provocaram alguma instabilidade na sala de aula, nomeadamente, na turma do 11.º E, que se mostraram muito faladores e conversadores.

Para concluir, verificou-se que estava estabelecida uma relação privilegiada entre professor e alunos, baseada nalguma cumplicidade, sem contudo deixar de ter em conta o papel dos diferentes intervenientes no processo ensino-aprendizagem.

3.3. Reflexão crítica sobre as actividades desenvolvidas e propostas de melhoria.

Uma ponderação reflexiva sobre a PES e as tarefas nela concretizadas, permitiu tecer algumas conclusões. Numa primeira análise, generalizada, foi possível afirmar que foi um ano de grande empenho e investimento pessoal. Tentou-se absorver os conteúdos transmitidos, tirar partido das experiências vividas, ultrapassar as dúvidas e conseguindo as conquistas de ensino-aprendizagem.

Foi um ano lectivo pautado pela mudança de espaço físico, de responsabilidades e expectativas. Na sala de aula os alunos exigiram todas as atenções. A preocupação fundamental foi promover um ensino-aprendizagem, com estratégias e metodologias diversificadas de tal modo que conduzissem ao sucesso das turmas.

O trabalho de prática pedagógica desenvolvido, com inserção na Comunidade Escolar, foi muito construtivo (realizado numa perspectiva de evolução). Contribuiu para o aprofundamento da compreensão dos objectos de ensino visados, alargou conhecimentos sobre a concepção e operacionalização de uma pedagogia centrada no aluno e no desenvolvimento das capacidades de “aprender a aprender”. Paralelamente, forneceu ferramentas para regular as próprias práticas didácticas e desenvolver estratégias de autoformação profissional.

Importa realçar que se procurou sempre implementar uma metodologia reflexiva de investigação - acção: programar, construir, desenvolver e avaliar. A etapa menos conseguida foi a avaliação. Não que existisse uma causa concreta, mas sim pelas características da PES actual. A Professora Estagiária apenas dinamizou algumas aulas. As restantes aulas foram

leccionadas pelos outros Professores Estagiários e pelo OC - estas mudanças implicaram uma limitação na avaliação dos resultados obtidos.

As classificações obtidas pelos alunos da turma, no final do ano lectivo, não foram as desejáveis. O ensino não é restrito à sala de aula nem a Escola o único lugar onde se educa, a única fonte de aprendizagem. O ambiente e a condição social, profissional e económica, dos Encarregados de Educação, condiciona, em parte, a aprendizagem do aluno. Compete ao professor ensinar (diversificar estratégias, guiar, motivar), mas é dever do aluno predispor-se a aprender. O querer aprender não se verificou em alguns discentes, que evocaram, insistentemente, a vontade de mudar de área científica. Verificou-se que as maiores dificuldades estiveram relacionadas com a falta de bases do 10.º ano. Quaisquer dessas tarefas, para serem ultrapassadas, necessitaram de esforço e algum treino pessoal. Esse trabalho individualizado, exigido aos alunos, foi insistentemente referido mas nem sempre realizado.

Relativamente às actividades propostas, pelo OC, constatou-se uma evolução significativa dos Professores Estagiários, centrada sempre na aprendizagem dos alunos. O apoio e a orientação foram importantes permitindo um aperfeiçoamento do desempenho. A relação estabelecida, com a Escola - professores, alunos, funcionários - possibilitou a verificação do trabalho burocrático que esta carreira exige.

Verificou-se a importância de interligar os conceitos da GD-A, para promover uma aprendizagem sequenciada e contínua. Esta aprendizagem, passará sempre por um estudo contínuo do professor.

Sendo a GD-A, muito importante para o raciocínio do aluno, considera-se fundamental a concretização de actividades de índole prática. Pensa-se que o ensino pode ser optimizado com a concretização de actividades apelativas, devidamente contextualizadas com os conceitos abordados, em horários extra-curriculares. Seria positivo envolver as restantes disciplinas das Artes Visuais, como Desenho, História da Cultura e das Artes, etc, nesse projecto, de modo a desenvolver um trabalho comum, tendo como primordial objectivo melhorar o ensino-aprendizagem e apelar aos alunos que a GD é muito importante para a área das Artes Visuais. Tudo isto seria possível se houvesse mais iniciativas na Escola, no âmbito das Artes como por exemplo: *workshops*, seminários, concursos e ainda sessões de esclarecimentos da importância da GD nos cursos e profissões da área das Artes Visuais.

Relativamente à PES, é sempre positiva, a participação activa dos Professores Estagiários na vida das Escolas, durante o curso. Permitiria, sem dúvida, uma visão geral do funcionamento da comunidade Escolar e das dificuldades inerentes à leccionação.

Acredita-se que, com o apoio da Escola e com a colaboração activa do corpo docente, seja possível testar novas metodologias, sempre com o objectivo de melhorar a qualidade do ensino. O conhecimento de investigações que estudam o impacto de metodologias de ensino

inovadoras deve despertar o interesse dos professores e fomentar a reflexão sobre as práticas pedagógicas. Um conhecimento prévio das vantagens de uma metodologia de ensino, das dificuldades que se podem encontrar e da reacção dos alunos, podem diminuir as dúvidas dos professores e o receio em modificarem os seus hábitos de trabalho e constituir uma orientação para a implementação de novas estratégias.

Conclusões.

Ao iniciar o EP, existia algum “à-vontade”, quer relativamente aos conteúdos a abordar e a enfrentar uma audiência, dado à experiência de leccionação adquirido previamente e o conhecimento de todas as particularidades inerentes ao trabalho lectivo de um Docente. No entanto, adquiriu espírito de missão, um compromisso permanente com o rigor e o profissionalismo, de que o docente não pode nunca alhear-se. Nomeadamente, o rigor na linguagem corrente utilizada e do código próprio da GD, que foi progressivamente corrigindo, otimizando e adequando ao nível cognitivo dos alunos.

Neste, como noutros aspectos (interacção com os alunos, organização e dinamização da sala de aula, atenção ao rigor científico, entre outros), apresentou uma evolução global francamente positiva ao longo do EP. Sentiu-se claramente mais preparada e muito mais desperta para os variados contornos e dimensões científico-pedagógicos que se colocam quotidianamente a um professor de Artes Visuais.

O EP foi realmente um instrumento pedagógico que permitiu estabelecer uma ponte fundamental entre um “saber-fazer” teórico e racional e um “fazer” concreto e efectivo, fundamental a um educador.

Um aspecto contraproducente do Estágio, residiu no facto de o grupo de Professores Estagiários ser demasiado grande (quatro Professores Estagiários).

Para concluir, a Autora deste RE, gostava de realçar um dos grandes ensinamentos que interiorizou e reteve com o seu Estágio: a grande importância em o professor se manter sempre atento a todas as dimensões da sala de aula, encontrando-se continuamente preparado para questionar as suas estratégias e compromissos e para encetar novos caminhos e aprendizagens, conforme isso se justifique. Esta permanente atenção e contínua evolução e aprendizagem do professor, devia ocorrer não só na fase da sua formação, como também ao longo de toda a sua carreira como docente. E sempre no melhor interesse da evolução Escolar e pessoal dos seus alunos.

Em primeiro lugar, a Professora Estagiária decidiu fazer o curso de Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do EB e no ES, por leccionar já há alguns anos e ainda não ter tido a possibilidade de fazer a profissionalização em serviço. A experiência, como Professora Estagiária, foi muito enriquecedora, uma vez que sempre gostou de transmitir os seus conhecimentos aos alunos e, sobretudo, de ver os resultados obtidos pelos trabalhos realizados por eles, para além de privilegiar o contacto com os mais novos, o que permitiu uma interacção de ideias e saberes. Considerou gratificante poder dar a oportunidade de desenvolver a criatividade e a expressividade que foi, frequentemente, descurada.

Os critérios que usou para classificar a sua eficácia como Professora Estagiária foram, essencialmente: dar a conhecer os conteúdos da disciplina de uma forma diversificada, proporcionando aos alunos diferentes modos de aprendizagem; manter com os alunos uma

relação de proximidade, no sentido de prestar esclarecimentos sempre que solicitados; e conseguir transmitir saberes e interagir com os alunos para os ajudar a desenvolver capacidades importantes para a sua vida futura.

No fundo, o ensino de Arte requer, por um lado, um professor que oriente, incentive a produção e promova o desenvolvimento estético do aluno, por outro lado, que esteja situado num contexto que exige permanente actualização.

A Arte é fundamental na educação, ajudando a construir uma sensibilidade artística das crianças e dos jovens, uma nova forma de “ver” o mundo, uma expansão da própria “alma”, numa sociedade contemporânea que enfrenta constantes mudanças.

O modo como o ensino da Arte pode imprimir no aluno uma formação essencial para uma ajustada adequação à sua inserção social, cultural e profissional, prende-se sobretudo com a aprendizagem criadora, reflexiva e inovadora. Foi ainda de salientar o desenvolvimento de autonomia e auto-estima, a utilização e a percepção de uma linguagem visual e a transmissão do pensamento sob forma artística.

Pode dizer-se que foi um ano de grande empenho e investimento pessoal. Tentou-se sistematizar os conteúdos científicos transmitidos, tirar partido das experiências vividas e conseguir algumas conquistas de ensino-aprendizagem, com estratégias e metodologias diversificadas, ultrapassando algumas dúvidas, de tal modo que conduzisse ao sucesso da turma ou tentando que todos os alunos tivessem bons resultados na disciplina de GD-A. Foi um ano lectivo marcado por responsabilidades e expectativas.

O EP permitiu a organização e optimização dos métodos e experiências que se foram adquirindo ao longo de um ano. No fundo, foi o resultado do somatório de tudo aquilo que considerou como factores determinantes para poder exercer a profissão que escolheu - professora. Estágio significa aprendizagem, através de actividades práticas exercidas de forma orientada. O Estágio permitiu uma recolha dos elementos essenciais de tudo o que foi pensado, estruturado por diversos agentes, colocado em prática e criticado ou avaliado com pareceres positivos e negativos, pondo em causa uma metodologia de ensino e exercendo uma pressão no sentido de se reflectir sobre essa própria metodologia.

O EP foi fundamental, uma vez que serviu para aprender, reflectir, aperfeiçoar e corrigir “vícios” que não constituíam a melhor estratégia perante determinada situação. Com os outros foi possível apreender novas vivências e repensar outras ideias e conceitos, diferentes daqueles que já experimentou.

Compete ao professor ensinar (diversificar estratégias, guiar, motivar), mas é dever do aluno predispor-se a aprender. O querer aprender não se verificou em alguns discentes, principalmente os alunos pouco empenhados e com menos autonomia. O esforço da Professora Estagiária em resolver este tipo de atitudes foi constante, com algum sucesso.

O apoio e a orientação foram muito importantes, permitindo um aperfeiçoamento do desempenho e das práticas de ensino, constatando-se uma evolução significativa.

O objectivo foi, é e será sempre a aprendizagem dos alunos, com vista à obtenção de mais conhecimentos e desenvolvimento de competências tais, que lhes permitam transferi-los para a sua vida futura, a nível profissional, pessoal e social.

Moran et al. (2009) definiram claramente os objectivos de um professor:

“Ensinar é orientar, estimular, relacionar, mais que informar. Mas só orienta aquele que conhece, que tem uma boa base teórica e que sabe comunicar-se. O professor vai ter que atualizar-se sem parar, vai precisar abrir-se para as informações que o aluno vai trazer, aprender com o aluno, interagir com ele.”

O papel do professor actual é bem diferente do que era há alguns anos. Estamos em constantes mudanças: tecnológicas, sociais e culturais. Os valores são outros, mas o professor tem de se adaptar a essas mudanças e tentar compreender e aceitar desafios futuros.

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, Luís de Camões.

A Escola imutável, tal como a conhecíamos até algumas décadas atrás, em que o modelo educativo se centrava na figura do Professor, o Mestre, que instruía e fornecia informação aos alunos, mudou rápida e inesperadamente. A Escola hoje não é reprodutora de saberes, de alguns estratos sociais, mas tem de contribuir para o sucesso e integrar populações em risco. Com a Escola de massas, o Professor não tem só que ajudar a desenvolver capacidades e competências em alunos de classes sociais médias e elevadas. Para além desta tarefa de ajudar ao desenvolvimento intelectual, moral e social de classes socialmente favorecidas, tem também de integrar os desfavorecidos, os alunos oriundos de outros países com outras culturas e ajudar a superar as suas dificuldades.

Para tal, o professor vê-se confrontado cada vez mais com a necessidade de especialização na sua área e também terá de disputar esse tempo com formação social.

Magalhães (2005) afirmou na sua entrevista à Revista *A Página da Educação*, que “Desenvolver indivíduos, formar cidadãos e preparar trabalhadores” constituiu a missão da Educação e da Escola.

Há que reconhecer a complexidade da profissão, esta enorme tarefa que é educar, numa época caracterizada por constantes mudanças e cada vez mais aceleradas, pois nada “muda já como soía”, em que se espera que os professores devam ser capazes de preparar os estudantes para uma sociedade e uma economia que esperarão deles autonomia na aprendizagem, atitude e motivação para aprender, ao longo de toda a sua vida.

Enquanto pessoa, a Professora Estagiária descobriu no ensino um gosto especial, que se identificou com aquilo que resultou da mensagem que a mesma conseguiu transmitir.

Do mesmo modo que se ensina, também se aprende simultaneamente. Quando há a percepção de que há um incentivo, um reforço que é benéfico e impulsionador, há a sensação de que se está de facto a trabalhar e a fazer algo que “vale a pena”.

No final deste EP, fruto da experiência vivida, algumas sugestões surgiram naturalmente. Após a verificação do sucesso de todas as actividades realizadas, foi importante sugerir a sua continuidade. Revelaram-se fundamentais no estabelecimento de relações positivas e de confiança entre a comunidade Escolar e o Grupo de Estágio.

Pela experiência da leccionação em anos anteriores, a Professora Estagiária entendeu que a carga horária semanal de três aulas de 90 minutos, tornou-se insuficiente para uma disciplina onde se considerou fundamental a concretização de actividades práticas e em que o Programa foi muito extenso.

Relativamente à PES, entende-se que poderá ser benéfica a presença passiva dos futuros Professores Estagiários na vida Escolar durante o primeiro ano do curso do Mestrado (embora no caso da Professora Estagiária não se aplique pelo facto de a mesma já ter adquirido experiência desde o ano lectivo 2002/2003). Sem dúvida, esta permitiria uma visão geral do funcionamento da Comunidade Escolar e das dificuldades inerentes à leccionação.

Deve-se investir no recurso a “manuais digitais”, pois cada vez mais se sente que os alunos ignoram a obrigatoriedade de adquirir um manual para esta disciplina, apesar da Escola ter um manual adoptado para a disciplina, mas que o OC não usou, recorrendo sempre a uma forma muito pessoal de leccionar a GD-A. Devem testar-se novas metodologias, sempre com o objectivo de melhorar a qualidade do ensino. O conhecimento de investigações que estudam o impacto de metodologias de ensino inovadoras deverá despertar o interesse de professores e fomentar a reflexão sobre as práticas pedagógicas. Um conhecimento prévio das vantagens de uma metodologia de ensino, das dificuldades que se poderão encontrar e da reacção dos alunos, podem diminuir as dúvidas do professor e o receio em modificarem os seus hábitos de trabalho e constituir uma orientação para a implementação de novas estratégias.

No momento actual existe um modelo de currículo em que, face a um passado recente se desvalorizam as artes e a criatividade que é talvez aquilo a que se deve prestar mais atenção, pois as ideias prevalecem num mundo tão competitivo. Apesar do ME referir no Currículo Nacional do EB, que:

“As Artes são elementos essenciais indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspectivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade em que se vive”.⁴⁴

⁴⁴ Currículo Nacional do Ensino Básico. *As artes no currículo do ensino básico*. (p.149).

A disciplina de Educação Visual passou a ser opcional no 9.º ano. No ES, a disciplina de GD passou de 3 anos para ser bienal; a disciplina de Teoria do *Design* desapareceu do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais; a disciplina de História da Arte (que era essencialmente direccionada para as Artes Visuais, numa perspectiva mundial) passou a ser História da Cultura e das Artes (abordando todas as Artes, preferencialmente em contexto português).

Logicamente, o modo de pensar é influenciado quer pela vivência artística, quer pela forma como se apreende e como se interpretam os significados do quotidiano, quer pela maneira de comunicar. As artes, de uma forma geral, ajudam a construir uma identidade pessoal e social, nacional multicultural.

“A Arte assume-se como uma componente integrante da Lei de Bases do Sistema Educativo. Nos três ciclos da educação básica os alunos têm a oportunidade de contactar, de forma sistemática, com a Educação Artística como área curricular. A abordagem às Artes Visuais faz-se através da Expressão Plástica, da Educação Visual e Tecnológica e da Educação Visual, que desempenham um papel essencial na consecução dos objectivos da Lei de Bases.”⁴⁵

A heterogeneidade dos referentes culturais, a diversidade dos modos de construir a cidadania, a incerteza e crises de valores e a pouca credibilidade da educação Escolar como um bem, as crises do trabalho e de ansiedade quanto ao futuro, colocam à Escola uma grande dificuldade para dar resposta ao seu mandato social.

As contradições sociais afectam as finalidades e organização tradicional dos sistemas de ensino, não só em Portugal mas em todo o mundo ocidental.

É necessário tentar participar na mudança pela intervenção profissional, cívica e social.

Após a conclusão do EP, a 18 de Maio de 2011, foi elaborada a auto-avaliação sobre a prestação da Professora Estagiária no EP e do *Dossier* de Estágio, tendo sido entregue ao OC. Esta auto-avaliação consistiu no preenchimento de uma Grelha de Avaliação da Prática Profissional da Estagiária (GAPPE), disponibilizada pelo Directora do Curso do Mestrado, Prof.^a Doutora Fátima Oliveira Caiado, onde constaram vários critérios e dimensões de avaliação. No final foi atribuído um nível de desempenho, mediante os níveis atribuídos nos vários critérios.

Como conclusão, a Autora deste RE, termina com um poema do poeta António Gedeão (Rómulo de Carvalho), intitulado “Pedra Filosofal”, com que começou o Estágio, porque o considera pleno de significado. Depois de vários dias dedicados exclusivamente a este Relatório, são as palavras de outro mais sábio que ajudaram a exprimir de forma breve um ano tão longo. A Escola foi a própria vida.

⁴⁵ Currículo Nacional do Ensino Básico. *Arte, educação e cultura*. (p.155).

Pedra Filosofal

*Eles não sabem que o sonho
é uma constante da vida
tão concreta e definida
como outra coisa qualquer,
como esta pedra cinzenta
em que me sento e descanso,
como este ribeiro manso
em serenos sobressaltos,
como estes pinheiros altos
que em verde e oiro se agitam,
como estas aves que gritam
em bebedeiras de azul.*

*Eles não sabem que o sonho
é vinho, é espuma, é fermento,
bichinho álcree sedento,
de focinho pontiagudo,
que fossa através de tudo
num perpétuo movimento.*

*Eles não sabem que o sonho
é tela, é cor, é pincel,
base, fuste, capitel,
arco em ogiva, vitral,
pináculo de catedral,
contraponto, sinfonia,
máscara grega, magia,
que é retorta de alquimista,
mapa do mundo distante,
rosa-dos-ventos, Infante,
caravela quinhentista,
que é cabo da Boa Esperança,
ouro, canela, marfim,
florete de espadachim,
bastidor, passo de dança,
Colombina e Arlequim,
passarola voadora,
pára-raios, locomotiva,
barco de proa festiva,
alto-forno, geradora,
cisão do átomo, radar,
ultra-som, televisão,
desembarque em foguetão
na superfície lunar.*

*Eles não sabem, nem sonham,
que o sonho comanda a vida,
que sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança.*

António Gedeão, *in* Movimento Perpétuo.

Bibliografia e Netgrafia.

Barth, B.-M. (1996). *O saber em construção. Para uma pedagogia da compreensão*. Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget. (p. 22-23).

Eurydice (2007). *Estrutura dos sistemas de ensino, formação profissional e educação de adultos na europa*. Acedido em 26 de Maio de 2011, em: <http://eurydice.giase.min-edu.pt/>.

Eurydice (2007b). *Organização do sistema educativo em portugal*. Acedido a 26 de Maio de 2011. Disponível em: <http://eurydice.giase.min-edu.pt/>.

Eurydice (2009). *Fichas síntese nacionais sobre os sistemas educativos na europa e reformas em curso*. Acedido a 26 de Maio de 2011, em: <http://eurydice.giase.min-edu.pt/>.

Gonçalves, L. (coord.) & Alírio, E. (2005). *Programa de Oficina de Artes - 12.º ano. Cursos Científico-Humanísticos de Artes Visuais*. Ministério da Educação. DGIDC. Retirado a 14 de Maio de 2011, no Web site da DGIDC: <http://sitio.dgipc.min-edu.pt/>.

Moran, J. M., Masetto, M. & Behrens, M. (2009). Texto inspirado no primeiro capítulo do livro: *Novas tecnologias e mediação pedagógica. Desafios da internet para o professor*. 16ª edição. Campinas: Papyrus. p.12-17. Acedido a 14 de Maio de 2011, em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/desaf_int.htm.

Magalhães, A. (2005). As políticas educativas e sociais à luz da reconfiguração dos estados europeus - Não há performance sem pedagogia e não há pedagogia sem performance. *Revista A Página da Educação*. nº 149, Ano XIV, p. 11-13. Acedido a 26 de Maio de 2011, em: <http://www.apagina.pt/>.

Pimentel, A. (coord.) et al. (2004). *Programa de História da Cultura e das Artes. Cursos Científico-Humanísticos de Artes Visuais e de Línguas e Literaturas 11.º e 12.º anos. Cursos Artísticos Especializados de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro 10º, 11.º e 12.º anos*. Ministério da Educação. DGIDC. Retirado a 14 de Maio de 2011, no Web site da DGIDC: <http://sitio.dgipc.min-edu.pt/>.

Ramos, A. (coord.) et al. (2001). *Programa de Desenho A - 10.º ano. Cursos Científico-Humanísticos de Artes Visuais*. Ministério da Educação. Departamento do Ensino Secundário. Retirado a 14 de Maio de 2011, no Web site da DGIDC: <http://sitio.dgipc.min-edu.pt/>.

Ramos, A. (coord.) et al. (2001). *Programa de Desenho A - 11.º e 12.º anos. Cursos Científico-Humanísticos de Artes Visuais*. Ministério da Educação. Departamento do Ensino Secundário. Retirado a 14 de Maio de 2011, no Web site da DGIDC: <http://sitio.dgipc.min-edu.pt/>.

Santa-Rita, J. (2009). *Geometria descritiva A. Bloco 2 - 11.º/12.º ano*. (Vol. 2). 1ª Edição. Porto: Texto Editores, Lda.

Xavier, J. (coord.) & Rebelo, J. (2001). *Programa de Geometria Descritiva A - 10º e 11.º anos ou 11.º e 12.º anos. Cursos Científico-Humanísticos de Ciências e Tecnologias e de Artes Visuais e Cursos Artísticos especializados de Design de Comunicação, de Design de Produto e de Produção Artística*. Ministério da Educação. Departamento do Ensino Secundário. Retirado a 14 de Maio de 2011, no Web site da DGIDC: <http://sitio.dgipc.min-edu.pt/>.

Documentos Oficiais:

Constituição da República Portuguesa (2005). *VII Revisão Constitucional*. Texto Integral. Lisboa. CRP.

Ministério da Educação (1997). *Desenvolver, consolidar, orientar. Documento Orientador das Políticas para o Ensino Secundário*. Lisboa. ME.

Ministério da Educação (1998). *Ensino secundário - Ajustar para consolidar*. Lisboa. ME.

Ministério da Educação (2001). *Ajustamento do programa de educação visual - 3.º Ciclo*. Lisboa. DEB.

Ministério da Educação (2005). *Currículo nacional do ensino básico - Competências Essenciais*. Lisboa. ME. Acedido a 14 de Maio de 2011, em: <http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/>.

Ministério da Educação (2006). *Operacionalização dos Cursos Tecnológicos - Guia de Orientações*. Lisboa. ME. Acedido a 14 de Maio de 2011, em: www.dgipc.min-edu.pt/.

Ministério da Educação (2010). *Programa Educação 2015*. Lisboa. ME. Acedido a 26 de Abril de 2011, em: http://www.min-edu.pt/data/docs_destaque/programa_educacao_2015.pdf.

Programa do XVIII Governo Constitucional 2009-2013. Lisboa. GCP. Acedido a 4 de Junho de 2011, em: <http://www.portugal.gov.pt/>.

Legislação:

- Decreto-Lei n.º 115-A/98 de 4 de Maio. *Diário da República n.º 102/1998 (Suplemento)* - I Série A. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro. *Diário da República n.º 15/2001* - I Série A. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 7/2001 de 18 de Janeiro. *Diário da República n.º 15/2001* - I Série A. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 240/2001 de 30 de Agosto. *Diário da República n.º 201/2001* - I Série A. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 74/2004 de 26 de Março. *Diário da República n.º 73/2004* - I Série A. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 24/2006 de 6 de Janeiro. *Diário da República n.º 26/2006* - I Série A. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 74/2006 de 24 de Março. *Diário da República n.º 60/2006* - I Série A. Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 213/2006 de 27 de Outubro. *Diário da República n.º 208/2006* - I Série. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 43/2007 de 22 de Fevereiro. *Diário da República n.º 38/2007* - 1ª Série. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 272/2007 de 26 de Julho. *Diário da República n.º 143/2007* - 1ª Série. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 272/2007 de 26 de Julho. *Diário da República n.º 143/2007* - 1ª Série. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 220/2009 de 8 de Setembro. *Diário da República n.º 174/2009* - 1ª Série. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 286/89 de 29 de Agosto. *Diário da República n.º 198/1989* - I Série. Ministério da Educação. Lisboa.
- Deliberação do Senado n.º 41/2007 - *Regulamento do Grau de Mestre da Universidade da Beira Interior.*
- Despacho n.º 13/2006 - *Regulamento dos Estágios Pedagógicos da Universidade da Beira Interior.*
- Lei n.º 46/1986 de 14 de Outubro. *Diário da República n.º 237/2009* - I Série. Assembleia da República. Lisboa.
- Lei n.º 115/97 de 19 de Setembro. *Diário da República n.º 217/1997* - I Série A. Assembleia da República. Lisboa.
- Lei n.º 49/2005 de 30 de Agosto. *Diário da República n.º 166/2005* - I Série A. Assembleia da República. Lisboa.
- Lei n.º 85/2009 de 27 de Agosto. *Diário da República n.º 166/2009* - 1ª Série. Assembleia da República. Lisboa.

Portaria n.º 550-A,B,C,D,E/2004 de 21 de Maio. *Diário da República n.º 119/2004* - I Série B. Ministério da Educação. Lisboa.

Portaria n.º 259/2006 de 14 de Março. *Diário da República n.º 52/2006* - I Série B. Ministério da Educação. Lisboa.

Portaria n.º 260/2006 de 14 de Março. *Diário da República n.º 52/2006* - I Série B. Ministério da Educação. Lisboa.

Portaria n.º 1322/2007 de 4 de Outubro. *Diário da República n.º 192/2007* - 1ª Série. Ministério da Educação. Lisboa.

Portaria n.º 1189/2010 de 17 de Novembro. *Diário da República n.º 223/2010* - 1ª Série. Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Lisboa.

Portaria n.º 781/2006 de 9 de Agosto. *Diário da República n.º 153/2006* - 1ª Série. Ministério da Educação. Lisboa.

Normas:

Regulamento Interno da ESAL. Acedido a 26 de Abril de 2011, em: <http://moodle.esal.edu.pt/>.

Projecto Educativo 2007/2010 ESAL. Acedido a 26 de Abril de 2011, em: <http://moodle.esal.edu.pt/>.

Projecto Curricular de Escola 2009/2010 ESAL. Acedido a 26 de Abril de 2011, em: <http://moodle.esal.edu.pt/>.

Plano Anual de Actividades 2010/2011 ESAL. Acedido a 26 de Abril de 2011, em: <http://moodle.esal.edu.pt/>.

PCE - Mundo de Cores 2009/2010 Caracterização ESAL. Acedido a 26 de Abril de 2011, em: <http://moodle.esal.edu.pt/>.

Uniformização de Procedimentos no Processo de Avaliação dos Alunos da ESAL - *Procedimentos para o Ensino Secundário*.

Netgrafia:

<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/015-TC-A2.htm>

http://www.dgdc.min-edu.pt/recursos/Lists/.../Curriculo_Nacional.pdf

http://www.dgdc.min-edu.pt/basico/Paginas/Programas_OrientacoesCuriculares_3EA.aspx

<http://www.min-edu.pt/index.php?s=sistema-educativo&pid=163>

http://www.dgdc.min-edu.pt/secundario/Paginas/Curriculo_ES.aspx

<http://www.dgdc.min-edu.pt/secundario/Paginas/default.aspx>

<http://sitio.dgdc.min-edu.pt/Paginas/default.aspx>

<http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/ensino-basico/apresentacao/>

<http://www.min-edu.pt/>

<http://www.sg.min-edu.pt/pt/>

APÊNDICES

Lista de Apêndices

Apêndice 1 - *Curriculum Vitae* da Autora do Relatório de Estágio.

157

Apêndice 1 - *Curriculum Vitae* da Autora do Relatório de Estágio.

CURRICULUM VITAE

Eugénia Morgado architecta



EUGÉNIA MORGADO
A R Q U I T E C T A

INFORMAÇÃO PESSOAL

Nome	MORGADO, Eugénia Margarida de Figueiredo
Morada	Rua Prof. Dr. Aristides Amorim Girão, n.º10 – 3670-237 Vouzela, Portugal
Telefone / Telemóvel	232772474 . 917181223 . 966233927
Cartão de Cidadão	10755029 -6-ZZ5, válido até 03.12.2013
Contribuinte	209 509 597
Correio electrónico	arqgeni@gmail.com
Nacionalidade	portuguesa
Data de nascimento	05 de Agosto de 1976

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

De 8 de Outubro de 2010 a 31 de Agosto de 2011

- Nome e endereço do empregador
- Tipo de empresa ou sector
- Função ou cargo ocupado
- Principais actividades e responsabilidades

Agrupamento de Escolas de Trancoso - Escola EB 2,3 de Trancoso

Ensino do 1.º, 2.º e 3.º Ciclos
Professora contratada do grupo 600
horário de 22 horas semanais (completo)
Professora na disciplina de Educação Visual – 7.º, 8.º e 9.º anos; Área de Projecto (7.º anos); Direcção de Turma (8.º ano)

De 24 de Setembro de 2009 a 31 de Agosto de 2010

- Nome e endereço do empregador
- Tipo de empresa ou sector
- Função ou cargo ocupado
- Principais actividades e responsabilidades

Agrupamento de Escolas de Trancoso - Escola Básica Integrada de Trancoso

Ensino do 1.º, 2.º e 3.º Ciclos
Professora contratada do grupo 600
horário de 20 horas semanais
Professora na disciplina de Educação Visual – 7.º, 8.º e 9.º anos; Área de Projecto (7.º e 9.º anos); Direcção de Turma (8.º ano)

De 22 de Setembro de 2009 a 22 de Outubro de 2009

- Nome e endereço do empregador
- Tipo de empresa ou sector
- Função ou cargo ocupado
- Principais actividades e responsabilidades

Escola Secundária / 3.º CEB de Oliveira do Hospital

Ensino do 3.º Ciclo e Secundária
Professora contratada do grupo 600
horário de 17 horas semanais – **1 dia de serviço**
Professora da disciplina de Geometria Descritiva do 11.º ano; disciplina de Desenho de Construção do 10.º ano, do Curso Profissional de Técnico de Construção Civil, variante de Medições e Orçamentos; disciplina de História da Cultura e das Artes do 11.º ano, do Curso Profissional de Técnico de Ambiental e Rural; Coordenadora do Curso Profissional de Técnico de Construção Civil, variante de Medições e Orçamentos

De 14 de Setembro de 2009 a 28 de Fevereiro de 2010

- Nome e endereço do empregador
- Tipo de empresa ou sector
- Função ou cargo ocupado
- Principais actividades e responsabilidades

Servimerc, Lda

Prestação de Serviços

Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico

horário de 5 horas semanais – **18 dias de serviço**

Professora na disciplina de Expressões Artísticas – no âmbito do Programa de Generalização do Ensino do Inglês e Outras Actividades de Enriquecimento Curricular (AEC)

De 15 de Setembro de 2008 a 19 de Junho de 2009

- Nome e endereço do empregador
- Tipo de empresa ou sector
- Função ou cargo ocupado
- Principais actividades e responsabilidades

Bestcenter

Prestação de Serviços em Regime de Avença

Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico

horário de 8 horas semanais - **58 dias de serviço**

Professora na disciplina de Expressões Artísticas – no âmbito do Programa de Generalização do Ensino do Inglês e Outras Actividades de Enriquecimento Curricular (AEC)

Avaliação das AEC (2008/2009)

Auto-avaliação - Muito Bom

Avaliação Município - Muito Bom

Avaliação Agrupamento de Escolas de Campia (Outeiro) – Excelente

Avaliação Agrupamento de Escolas de Campia (Carvalho de Vermilhas) – Muito Bom

Avaliação Agrupamento de Escolas de Vouzela (Ventosa) - Excelente

11 de Setembro de 2008 a 31 de Agosto de 2009

- Nome e endereço do empregador
- Tipo de empresa ou sector
- Função ou cargo ocupado
- Principais actividades e responsabilidades

Agrupamento de Escolas de Campia - Escola Básica Integrada de Campia

Ensino do 1.º, 2.º e 3.º Ciclos

Professora contratada do grupo 600

horário de 11 horas semanais - **178 dias de serviço**

Professora na disciplina de Educação Visual – 7º, 8º e 9ºs anos

Junho de 2008

- Nome e endereço do empregador
- Tipo de empresa ou sector
- Função ou cargo ocupado
- Principais actividades e responsabilidades

Sema / Futurenet

Prestação de Serviços

Formadora

Curso de Novas Tendências / Arquitectura / Design – URBCOM

Albergaria-a-Velha – 174 horas

Abril de 2008

- Nome e endereço do empregador
- Tipo de empresa ou sector
- Função ou cargo ocupado
- Principais actividades e responsabilidades

JMB – Arquitécnica, Lda

Gabinete de Arquitectura

Arquiteta

Colaboração em Projectos de Arquitectura

Abril de 2008 - Projecto de um Edifício de Habitação Multifamiliar – Mortágua

Maio de 2008 - Projecto de um Bar para o Centro Histórico de Oliveira de Fardes

Maio de 2008 – Projecto de um Pavilhão Desportivo – Ribeiradio –

- Oliveira de Frades
- 1 de Abril de 2008 a 30 de Junho de 2008**
- Nome e endereço do empregador
 - Tipo de empresa ou sector
 - Função ou cargo ocupado
 - Principais actividades e responsabilidades
- Sema / Futurenet**
Prestação de Serviços
Formadora
Curso de Novas Tendências / Arquitectura / Design – URBCOM
Torreira – 193 horas
- De 15 de Outubro de 2007 a 26 de Outubro de 2007**
- Nome e endereço do empregador
 - Tipo de empresa ou sector
 - Função ou cargo ocupado
 - Principais actividades e responsabilidades
- Escola Profissional de Vouzela**
Prestação de Serviços
Formadora
Curso de CAD nível 2 (pós-laboral) – 15 de Outubro a 26 de Outubro de 2007
- 11 de Setembro de 2007 a 20 de Julho de 2008**
- Tipo de empresa ou sector
 - Função ou cargo ocupado
 - Principais actividades e responsabilidades
- Câmara Municipal de Vouzela**
Prestação de Serviços em Regime de Avença
Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico
horário de 11 horas semanais - **72 dias de serviço**
Professora de Expressões Artísticas – no âmbito do Programa de Generalização do Ensino do Inglês e Outras Actividades de Enriquecimento Curricular (AEC)
Avaliação das AEC (2007/2008)
Auto-avaliação - Muito Bom
Avaliação Município - Muito Bom
Avaliação Agrupamento de Escolas de Campia - Muito Bom
Avaliação Agrupamento de Escolas de Vouzela - Muito Bom
- 20 de Setembro de 2007 a 27 de Setembro de 2007**
- Tipo de empresa ou sector
 - Função ou cargo ocupado
 - Principais actividades e responsabilidades
- Escola ES/3 de Vouzela**
Ensino do 3.º Ciclo e secundário
Professora Contratada
7 horas semanais - **3 dias de serviço**
Professora na disciplina de Desenho Técnico, no curso profissional de Mecatrónica Automóvel (11.º ano) e 4h no curso profissional de Energias Renováveis (10.º ano)
- De 16 de Julho de 2007 a 20 de Julho de 2007**
- Nome e endereço do empregador
 - Tipo de empresa ou sector
 - Função ou cargo ocupado
 - Principais actividades e responsabilidades
- Escola Profissional de Vouzela**
Prestação de Serviços
Formadora
Curso de CAD nível 2 (laboral) – 16 de Julho a 20 de Julho de 2007
- De 10 de Abril de 2007 a 30 de Junho de 2007**
- Nome e endereço do empregador
 - Tipo de empresa ou sector
- Câmara Municipal de Vouzela**
Prestação de Serviços em Regime de Avença

- Função ou cargo ocupado Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico
horário de 11 horas semanais - **19 dias de serviço**
- Principais actividades e responsabilidades Professora na disciplina de Educação Musical – no âmbito do Programa de Generalização do Ensino do Inglês e Outras Actividades de Enriquecimento Curricular (AEC)

Fevereiro de 2007

- Nome e endereço do empregador **Betonilhas Beira Alta, Lda**
- Tipo de empresa ou sector Obras Públicas e Particulares
- Função ou cargo ocupado Arquitecta
- Principais actividades e responsabilidades Contrato de trabalho a tempo parcial – 10 horas semanais

Junho de 2006

- Nome e endereço do empregador **Profissão Liberal**
- Tipo de empresa ou sector Arquitectura
- Função ou cargo ocupado Arquitecta
- Principais actividades e responsabilidades **Projectos de Arquitectura**

Setembro de 2005 - Projecto de Arranjos Exteriores de uma Habitação Unifamiliar, Ereira – Oliveira de Frades

Outubro de 2005 - Projecto de Remodelação de um espaço para loja comercial (produtos regionais), Vouzela

Março de 2006 - Projecto de Recuperação e Ampliação de uma Habitação Unifamiliar, Bordonhos - São Pedro do Sul (em estudo prévio)

Junho de 2006 - Projecto de Recuperação e Ampliação de uma Habitação Unifamiliar, Baiões - São Pedro do Sul

Julho de 2006 - Projecto de Remodelação de um espaço para Restaurante, Vouzela

Novembro de 2006 - Projecto de uma Habitação Unifamiliar, Gafanha da Nazaré – Ílhavo

Dezembro de 2006 - Projecto de Reconversão de uma antiga Casa de Guarda (Casa Florestal) em Habitação Unifamiliar, Aldeia, Sul, São Pedro do Sul (em estudo prévio)

Dezembro de 2006 - Projecto de uma Habitação Unifamiliar, Cambarinho, Campia – Vouzela (em estudo prévio)

Dezembro de 2006 - Projecto de uma Habitação Unifamiliar, Chã, Carvalhal de Vermilhas – Vouzela (em estudo prévio)

Janeiro de 2007 - Projecto de uma Habitação Unifamiliar, Gafanha da Nazaré – Ílhavo (em estudo prévio)

Novembro de 2008 - Projecto de um Edifício de Habitação Multifamiliar e outro edifício de Hospedaria, São Pedro do Sul (em estudo prévio)

Junho de 2009 - Projecto de Remodelação de espaço comercial para Restauração, Vouzela

De 04 Maio de 2006 a 02 Junho de 2006

- Nome e endereço do empregador
- Tipo de empresa ou sector
- Função ou cargo ocupado
- Principais actividades e responsabilidades

Agrupamento de Escolas de Vil de Soito - Escola EB 2/3 D. Duarte – Viseu

Ensino do 2.º e 3.º Ciclos
Professora contratada do 5º grupo (código 17)
horário de 18 horas semanais (incompleto) - **24 dias de serviço**
Professora na disciplina de Educação Visual – 7º, 8º e 9ºs anos
Informática (7.º ano)

Fevereiro de 2006

- Nome e endereço do empregador
- Tipo de empresa ou sector
- Função ou cargo ocupado
- Principais actividades e responsabilidades

Ministério das Finanças – Direcção Geral dos Impostos

Prestação de Serviços
Perito Avaliador Regional
Avaliação de Imóveis da Propriedade Urbana (CIMI), no distrito de Viseu

De 01 Fevereiro de 2006 a 30 Abril de 2006

- Nome e endereço do empregador
- Tipo de empresa ou sector
- Função ou cargo ocupado
- Principais actividades e responsabilidades

Projecto Ocupacional (POC Subsidiado)

Junta de Freguesia de Campia
Arquiteta

Colaboradora em Projectos de Arquitectura com a Câmara Municipal de Vouzela

Fevereiro de 2006 - Projecto de Requalificação do espaço envolvente à Alameda D. Duarte de Almeida (em estudo prévio)
Março de 2006 - Projecto de uma Creche para Rebordinho - Campia, solicitado pela ADRL

De 02 Maio de 2003 a 01 Maio de 2005

- Nome e endereço do empregador
- Tipo de empresa ou sector
- Função ou cargo ocupado
- Principais actividades e responsabilidades

Câmara Municipal de Vouzela

Gabinete Técnico Local (GTL) - Reabilitação das aldeias de Cambra e Campia

Arquiteta de 2ª Classe

Projectos de Arquitectura e Planeamento

Julho de 2003 - Projecto de Reversão da envolvente à Torre de Cambra – Vouzela

Novembro de 2003 - Projecto de Reabilitação e Requalificação do Largo da Igreja e do Largo do Cruzeiro

Dezembro de 2003 - Projecto de Jardim Infantil de Vouzela

Janeiro/Julho de 2004 - Plano de Pormenor da aldeia de Campia de Cima – versão preliminar

Agosto de 2004 - Projecto de Reabilitação e Requalificação do espaço envolvente à Igreja de Campia

Janeiro de 2005 - Plano de Pormenor da aldeia de Caveirós – versão preliminar

Fevereiro de 2005 - Projecto de um Centro Paroquial para Cambra
(em estudo prévio)

**De 24 Setembro de 2002 a 01
Maio de 2003**

- Nome e endereço do empregador
- Tipo de empresa ou sector
- Função ou cargo ocupado
- Principais actividades e responsabilidades

Agrupamento de Escolas de Silgueiros - Escola EB 2/3 D. Luís de Loureiro – Viseu

Ensino do 2.º e 3.º Ciclos
Professora contratada do 5º grupo (código 17)
horário de 22 horas semanais (completo) - **215 dias de serviço**
Professora na disciplina de Educação Visual (7º e 9.º ano), Área de Projecto (7.º ano), Estudo Acompanhado (9.º ano) e Clube de Decoração da Escola (Anim'Arte a Escola)

**De Outubro de 2001 a Março de
2005**

- Nome e endereço do empregador
- Tipo de empresa ou sector
- Função ou cargo ocupado
- Principais actividades e responsabilidades

Profissão Liberal

Arquitectura
Arquiteta

Projectos de Arquitectura

Junho de 1998 - Decoração e remodelação interior de um espaço comercial, Óptica de São Pedro do Sul

Abril de 2001 - Projecto de recuperação e reconversão de uma antiga habitação em Casa de Turismo Rural, Paços de Vilharigues, Vouzela

Abril de 2001 - Projecto de recuperação e reconversão de uma antiga habitação em Casa de Campo, no âmbito do Turismo, em Pedrais, Sul, São Pedro do Sul

Junho de 2001 - Elaboração da planta de emergência para a Escola E B 2 de Vouzela

Junho de 2001 - Edifício de habitação colectiva, projecto de execução para várias fracções, em Vouzela

Junho de 2002 - Habitação Unifamiliar – Cercosa / Campia - Vouzela

Outubro de 2002 - Habitação Unifamiliar – projecto de execução – Massarocas – São Pedro do Sul

Junho de 2003 - Projecto de recuperação e reconversão do antigo Solar da Quinta Amorim Girão em Casa de Agro-Turismo, Fataunços, Vouzela

Maio de 2004 - Projecto de recuperação de uma habitação unifamiliar, em Aldeia de Sul, São Pedro do Sul

Março de 2005 - Conjunto de Edifício Multifamiliar e Edifício de Restauração, São Pedro do Sul

De Junho de 2001 a Julho 2002

- Nome e endereço do empregador
- Tipo de empresa ou sector

Arquitectos Carlos Sottomayor Negrão e João Paulo Coimbra – Rua Gonçalo Cristóvão - Porto

Gabinete de Arquitectura

- Função ou cargo ocupado
- Principais actividades e responsabilidades

Arquiteta

Colaboração em Projectos de Arquitectura

Junho de 2001 - Habitação unifamiliar, Pereiro / Baião

Julho de 2001 - Habitação unifamiliar, Paranhos / Porto

Setembro de 2001 - Recuperação e remodelação de um apartamento na Rua do Bonjardim, no Porto

Setembro de 2001 - Projecto de requalificação de uma habitação unifamiliar, na Rua do Almada, no Porto

Outubro de 2001 - Projecto de remodelação das instalações sanitárias públicas da Alfândega do Freixieiro

Novembro de 2001 - Multimarcas de Seia (Pans / Pizza Hut / Cafeteria / Bowling) – projecto de licenciamento para restaurantes – Seia

Dezembro de 2001 - Remodelação e ampliação do Ginásio “Shape 2”, Matosinhos

Dezembro de 2001 - Bombas da Total + Burguer King – projecto de licenciamento para restaurante – Foz do Porto

Fevereiro de 2002 - Pizza Hut – projecto de licenciamento para restaurante – Viseu

Março de 2002 - Concurso Público - Projecto de ampliação e execução da Escola Primária de S. Félix da Marinha / Vila Nova de Gaia

Março de 2002 - Concurso Público - Projecto de ampliação e execução da Escola Primária de Corveiro / Grijó, Vila Nova de Gaia

De Outubro de 1999 a Outubro de 2000

- Nome e endereço do empregador
- Tipo de empresa ou sector
- Função ou cargo ocupado
- Principais actividades e responsabilidades

Arquiteta Manuela Soutinho – Vila Nova de Gaia

Gabinete de Arquitectura

Estudante de Arquitectura

Colaboração em projectos de arquitectura

FORMAÇÃO ACADÉMICA E PROFISSIONAL

23 de Outubro de 2009/2011

- Nome e tipo da organização de ensino ou formação
 - Principais disciplinas/competências profissionais
- Designação da qualificação atribuída
- Classificação obtida (se aplicável)

Mestrado em Ensino de Artes Visuais do 3.º Ciclo no Ensino Básico e do Ensino Secundário

Universidade da Beira Interior - Covilhã

Mestre

1.º ano – ano curricular – concluído – média de 16 valores.

Creditação de 30.0 UC da Licenciatura em Arquitectura – 12 valores
História e Teoria da Educação – 16 valores
Psicologia da Educação – 18 valores
Políticas Educativas e Organização da Educação – 16 valores
Temas e Problemas da Educação – 16 valores
Investigação Educacional – 13 valores

2.º ano – a concluir o Relatório de Estágio.

Seminário de Investigação em Artes Visuais I – 17 valores

De 08 de Março de 2007 a 04 de Maio de 2007

- Nome e tipo da organização de ensino ou formação
 - Principais disciplinas/competências profissionais
- Designação da qualificação atribuída
- Classificação obtida (se aplicável)

Curso de Formação Profissional de Formação Pedagógica Inicial de Formadores

Centro de Promoção Social de Carvalhais – São Pedro do Sul

Formadora

Classificação final de curso – Muito Bom – conforme Certificado de Formação Profissional e Certificado da Aptidão Profissional(CAP) – **106 horas**

Novembro de 2004

- Nome e tipo da organização de ensino ou formação
 - Principais disciplinas/competências profissionais
- Designação da qualificação atribuída
- Classificação obtida (se aplicável)

Mestrado em Planeamento do Território – Ordenamento da Cidade – 2 anos + 6 meses de prorrogação

Universidade de Aveiro

Mestre

Pós-Graduação (1.º ano) – média de 14 valores – concluído.

Mestrado (2.º ano) - por concluir - Tema da Tese de Dissertação de Mestrado - O Circular e o Estar Pedonal na Cidade – O Espaço Público Urbano (EPU)

De Outubro de 1994 a Março de 2001

- Nome e tipo da organização de ensino ou formação
 - Principais disciplinas/competências

Escola Superior Artística do Porto . ESAP

Efectua o 6º ano, no ano lectivo 1999/2000, o Projecto de Estágio, com um projecto de reconversão do antigo Hospital Asilo de Vouzela

- profissionais em Pousada, com a classificação de 16 valores, tendo sido orientada pelo Arqto José Mancelos
- Designação da qualificação atribuída
 - Classificação obtida (se aplicável)
- Licenciatura em Arquitectura
- Classificação final de curso - **14 valores** – conforme Certificado de Habilitações

APTIDÕES E COMPETÊNCIAS PESSOAIS.

PRIMEIRA LÍNGUA **PORTUGUÊS**

OUTRAS LÍNGUAS

Auto-avaliação Nível europeu (*)	COMPREENSÃO				CONVERSAÇÃO				ESCRITA	
	Compreensão Oral		Leitura		Interacção Oral		Produção Oral			
INGLÊS	B2	Utilizador Independente	C1	Utilizador Avançado	A2	Utilizador Básico	A2	Utilizador Básico	B2	Utilizador Independente
FRANCÊS	C1	Utilizador Avançado	C1	Utilizador Avançado	C1	Utilizador Avançado	C1	Utilizador Avançado	C1	Utilizador Avançado
ESPAÑHOL	C1	Utilizador Avançado	B2	Utilizador Independente	A2	Utilizador Básico	A2	Utilizador Básico	A2	Utilizador Básico

(*) *Nível do Quadro Europeu Comum de Referência (CECR)*

APTIDÕES E COMPETÊNCIAS SOCIAIS.
Praticante de Ginástica de Manutenção e Cardio-Fitness Praticante de Danças Latinas Praticante de Natação Livre Voluntária da Associação dos Animais de Vouzela – “Arca de Noé”

APTIDÕES E COMPETÊNCIAS DE ORGANIZAÇÃO
Sentido de responsabilidade Sentido de organização Sentido de gestão de vida coordenada

APTIDÕES E COMPETÊNCIAS TÉCNICAS.
Conhecimentos gerais de informática: sistema <i>Windows, Word, Excel, PowerPoint</i> e <i>Corel Draw</i>
Programas de CAD (aplicados à arquitectura): <i>Autocad 2D, 3D</i> e <i>Adobe Photoshop</i>
Curso de <i>Autocad 14</i> , na TECLA, Porto, com a classificação de 14 valores
Formação em “Competências Básicas em Tecnologias da Informação”, com aproveitamento satisfatório
Utilização frequente da Internet para pesquisas e contactos pessoais e profissionais

APTIDÕES E COMPETÊNCIAS ARTÍSTICAS	<p>DESENHO PINTURA ESCRITA MÚSICA (1989/1993) – Formação em Música, na Academia de Artes, em São Pedro do Sul, nas disciplinas de Formação Musical e Órgão, nos anos lectivos 1989/1990, 1990/1991, 1991/1992 e 1992/1993 FOTOGRAFIA DANÇA</p>
---	---

OUTRAS APTIDÕES E COMPETÊNCIAS	<p>Membro da Ordem dos Arquitectos da Secção Regional Norte – membro n.º 10468</p>
---------------------------------------	--

CARTA DE CONDUÇÃO	<p>Categoria B (ligeiros) VS-98231/9 emitida em 13.02.1998</p>
--------------------------	--

PARTICIPAÇÃO EM SEMINÁRIOS, WORKSHOPS, EXPOSIÇÕES E CONCURSOS

1998 e 2003 - Exposição colectiva de “Pintores Vouzelenses” no Museu Municipal de Vouzela

Fevereiro de 1999 - Exposição Colectiva de Alunos da Escola Superior Artística do Porto, realizada no Edifício do “Solar dos Ferrazes” em, com o trabalho de ampliação da ESAP, efectuada no 5ºano na cadeira de projecto

30 de Agosto a 18 de Setembro de 1999 - Seminário Internacional de Arquitectura e Desenho Urbano - Porto/Roterdão 2001, na Alfândega do Porto

Junho 2001 - Exposição colectiva ARTE FLORAL no Museu Municipal de Vouzela, expondo o projecto final de curso - Reversão do antigo Hospital Asilo de Vouzela em Pousada

Maio de 2003 - IV Seminário de Turismo, subordinado ao tema “O Património no Turismo”

Setembro de 2003 - 2ª edição do Programa Nacional de Bolsas de Investigação para Finalistas e Jovens Licenciados na área de Arquitectura, com o tema “Cidade e Democracia – 25 anos Depois”

Março de 2004 - Seminário da I Semana Florestal de Lafões, subordinado ao tema “A Estrutura da Propriedade Florestal na região de Lafões”

17 de Junho de 2004 - V Seminário de Turismo, subordinado ao tema “Turismo e Qualidade em Espaço Rural”

Maio de 2005 - VI Seminário de Turismo, subordinado ao tema “Turismo e Qualidade em Espaço Rural”

24 de Outubro de 2006 - Seminário “A Intervenção dos Engenheiros na Determinação do Nível de Estado de Conservação dos Imóveis”, Coimbra

2 de Abril de 2009 - I Fórum da Educação – no âmbito das Actividades de Enriquecimento Curricular (AEC), Vouzela

2 de Abril de 2009 - I Fórum da Educação – Workshop de “A Dança Tradicional e Criativa em Contexto Educativo”, Vouzela

10 a 17 de Maio de 2009 – Exposição Colectiva de Trabalhos de Docentes da Escola Básica Integrada de Campia, intitulada ARTESCOLA, no Museu Municipal de Vouzela

ANEXOS

ANEXO 1

1989/1990, 1990/1991, 1991/1992 e 1992/1993 – Formação em Música, na Academia de Artes, em São Pedro do Sul, nas disciplinas de Formação Musical e Órgão

ANEXO 2

Novembro de 1998 - Curso de Autocad 14, na TECLA, Porto, com a classificação de 14 valores

ANEXO 3

30 de Agosto a 18 de Setembro de 1999 - Seminário Internacional de Arquitectura e Desenho Urbano - Porto/Roterdão 2001, na Alfândega do Porto

ANEXO 4

Ano lectivo 2002/2003 - Agrupamento de Escolas de Silgueiros - Escola EB 2/3 D. Luís de Loureiro - Viseu, como Professora contratada do 5º grupo (código 17), na disciplina de Educação Visual (7º e 9º ano), Área de Projecto (7º ano), Estudo Acompanhado (9º ano) e Clube de Decoração da Escola (Anim'Arte a Escola)

ANEXO 5

2 de Maio de 2003 a 2 de Maio de 2005 - Gabinete Técnico Local (GTL) - Reabilitação das aldeias de Cambra e Campia, como Arquitecta de 2ª Classe

ANEXO 6

22 de Maio de 2003 - IV Seminário de Turismo, subordinado ao tema "O Património no Turismo"

ANEXO 7

15 de Setembro de 2003 - 2ª edição do Programa Nacional de Bolsas de Investigação para Finalistas e Jovens Licenciados na área de Arquitectura, com o tema "Cidade e Democracia – 25 anos Depois"

ANEXO 8

21 de Março de 2004 - Seminário da I Semana Florestal de Lafões, subordinado ao tema "A Estrutura da Propriedade Florestal na região de Lafões"

ANEXO 9

14 de Abril de 2004 - Formação em "Competências Básicas em Tecnologias da Informação", com aproveitamento satisfatório

ANEXO 10

Ano lectivo 2004/2005 – Agrupamento de Escolas de Vil de Soito - Escola EB 2/3 D. Duarte – Vil de Soito - Viseu, como Professora contratada do 5º grupo (código 17), na disciplina de Educação Visual (7º, 8º e 9ºs anos) e Informática (7º ano)

ANEXO 11

Junho de 2004 - V Seminário de Turismo, subordinado ao tema "Turismo e Qualidade em Espaço Rural"

ANEXO 12

Novembro de 2004 a Abril de 2007 - Mestrado em Planeamento do Território – Ordenamento da Cidade, na Universidade de Aveiro

1.º conclusão da pós-graduação - comprovativo

2.º a desenvolver a tese de dissertação de mestrado – comprovativo

ANEXO 13

Fevereiro de 2006 – Início das avaliações de imóveis da propriedade urbana (CIMI), em prestação de serviços - perito avaliador regional

ANEXO 14

24 de Outubro de 2006 – Seminário “A Intervenção dos Engenheiros na Determinação do Nível de Estado de Conservação dos Imóveis ”, Coimbra

ANEXO 15

8 de Março de 2007 a 4 de Maio de 2007 – Certificado de Formação Profissional - Curso de Formação Profissional de Formação Pedagógica Inicial de Formadores – 106 horas – classificação de Muito Bom – para obtenção de Certificação da Aptidão Profissional de Formador (CAP)

ANEXO 16

10 de Abril de 2007 – Contrato de Serviços Prestados em Regime de Avença, com a Câmara Municipal de Vouzela - Professora do 1.º ciclo do ensino básico da disciplina de Educação Musical – Expressões plástica e musical - no âmbito do Programa de Generalização do Ensino do Inglês e Outras Actividades de Enriquecimento Curricular (Agrupamento de Vouzela e Campia)

ANEXO 17

16 de Julho de 2007 – Formação em Autocad nível 2 – 30h de 16 de Julho de 2007 a 20 de Julho de 2007 e 35h de 15 de Outubro de 2007 a 26 de Outubro de 2007 – formadora na Escola Profissional de Vouzela

ANEXO 18

17 de Setembro de 2007 – Contrato de Serviços Prestados em Regime de Avença, com a Câmara Municipal de Vouzela - Professora do 1.º ciclo do ensino básico da disciplina de Expressões Artísticas - no âmbito do Programa de Generalização do Ensino do Inglês e Outras Actividades de Enriquecimento Curricular (Agrupamento de Vouzela e Campia)

ANEXO 19

20 de Setembro de 2007 – Escola ES/3 de Vouzela, como Professora Contratada para leccionar a disciplina de Desenho Técnico, 7 horas semanais, 3h no curso de Mecatrónica Automóvel (11.º ano) e 4h no curso de Energias Renováveis (10.º ano).

ANEXO 20

11 de Setembro de 2008 - Agrupamento de Escolas de Campia - Escola Básica Integrada de Campia - Vouzela, como Docente Contratada do grupo 600, na disciplina de Educação Visual (7º, 8º e 9º anos)

ANEXO 21

15 de Setembro de 2008 – Contrato de Serviços Prestados em Regime de Avença, com a Bestcenter, Formação e Consultoria, Lda - Professora do 1.º ciclo do ensino básico da disciplina de Expressões Artísticas - no âmbito do Programa de Generalização do Ensino do Inglês e Outras Actividades de Enriquecimento Curricular (Agrupamento de Vouzela e Campia)

ANEXO 22

2 de Abril de 2009 – I Fórum da Educação – no âmbito das Actividades de Enriquecimento Curricular (AEC), Vouzela

ANEXO 23

2 de Abril de 2009 - I Fórum da Educação – Workshop de “A Dança Tradicional e Criativa em Contexto Educativo”, Vouzela

ANEXO 24

10 a 17 de Maio de 2009 – Exposição Colectiva de Trabalhos de Docentes da Escola Básica Integrada de Campia, intitulada ARTESCOLA, no Museu Municipal de Vouzela

ANEXO 25

14 de Setembro de 2009 – Contrato de Serviços Prestados em Regime de Avença, com a Servimerc, Lda – Professora do 1.º ciclo do ensino básico da disciplina de Expressões Artísticas - no âmbito do Programa de Generalização do Ensino do Inglês e Outras Actividades de Enriquecimento Curricular (Agrupamento de Campia)

ANEXO 26

22 de Setembro de 2009 a 22 de Outubro de 2009 – Escola Secundária / 3.º CEB de Oliveira de Hospital, como Docente Contratada do grupo 600, na disciplina de Geometria Descritiva do 11.º ano; disciplina de Desenho de Construção do 10.º ano, do Curso Profissional de Técnico de Construção Civil, variante de Medições e Orçamentos; disciplina de História da Cultura e das Artes do 11.º ano, do Curso Profissional de Técnico de Ambiental e Rural; Coordenadora do Curso Profissional de Técnico de Construção Civil, variante de Medições e Orçamentos

ANEXO 27

24 de Setembro de 2009 a 31 de Agosto de 2010 - Agrupamento de Escolas de Trancoso - Escola Básica Integrada de Trancoso, como Docente Contratada do grupo 600, na disciplina de Educação Visual (7.º, 8.º e 9.º anos), Área de Projecto (7.º e 9.º anos) e Directora de Turma (8.º ano)

ANEXO 28

23 de Outubro de 2009 - Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Secundário, na Universidade da Beira Interior.

1.º ano – ano curricular – concluído / **2.º ano** – Estágio pedagógico / tese de dissertação

ANEXO 29

8 de Outubro de 2010 a 31 de Agosto de 2011 - Agrupamento de Escolas de Trancoso - Escola EB 2,3 de Trancoso, como Docente Contratada do grupo 600, na disciplina de Educação Visual (7.º, 8.º e 9.º anos), Área de Projecto (7.º anos) e Directora de Turma (8.º ano)

Vouzela, Junho de 2011


Eugénia Margarida de Figueiredo Morgado

ANEXOS

Lista de Anexos

Anexo I.1 - Relatório da reunião de Grupo de Estágio do dia 17 de Setembro de 2010.	177
Anexo II.1 - Plano Anual de Actividades do grupo das Artes Visuais (grupo 600).	178
Anexo III.2 - Planificação Anual da disciplina de Geometria Descritiva A.	180
Anexo III.3 - Plano de Aula do dia 6 de Outubro de 2010.	184
Anexo III.5 - Relatório de Aula do dia 6 de Outubro de 2010.	189
Anexo III.6 - Relatório da reunião de Grupo de Estágio do dia 6 de Outubro de 2010.	191
Anexo III.8 - Plano de Aula do dia 20 de Outubro de 2010.	193
Anexo III.10 - Relatório de Aula do dia 20 de Outubro de 2010.	198
Anexo III.11 - Relatório da reunião de Grupo de Estágio do dia 20 de Outubro de 2010.	199
Anexo III.13 - Plano de Aula do dia 3 de Novembro de 2010.	201
Anexo III.14 - Ficha de Trabalho do dia 3 de Novembro de 2010.	206
Anexo III.16 - Grelha de Correção e Critérios de Classificação do dia 3 de Novembro de 2010.	207
Anexo III.17 - Relatório de Aula do dia 3 de Novembro de 2010.	215
Anexo III.18 - Relatório da reunião de Grupo de Estágio do dia 3 de Novembro de 2010.	217
Anexo III.20 - Plano de Aula do dia 9 de Fevereiro de 2011	219
Anexo III.21 - Ficha de Trabalho do dia 9 de Fevereiro de 2011	222
Anexo III.23 - Grelha de Correção e Critérios de Classificação do dia 9 de Fevereiro de 2011	223
Anexo III.24 - Relatório de Aula do dia 9 de Fevereiro de 2011.	230
Anexo III.25 - Relatório da reunião de Grupo de Estágio do dia 9 de Fevereiro de 2011.	233

Anexo I.1 - Relatório da reunião de Grupo de Estágio do dia 17 de Setembro de 2010.

escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO	CURSO CIENTIFICO-HUMANÍSTICO DE ARTES VISUAIS 708 disciplina de: GEOMETRIA DESCRITIVA . A Reunião com o Orientador de Estágio Pedagógico RELATÓRIO 3	ano lectivo 2010 / 2011 17 . 09 . 2010
		

HORA	10:20h - 13:30h 16:50h – 18:20h
LOCAL	Biblioteca Escolar/Centro de Recursos
Ordem de Trabalhos	- Planificação Anual da disciplina de Geometria Descritiva A; - Horários dos estagiários; - Assistência às aulas observadas/dadas pelo Orientador.
Desenvolvimento	<p>Depois da primeira aula observada, ou melhor, depois da primeira aula dada pelo Professor Orientador, os alunos estagiários reuniram com o Orientador de Estágio para definir com maior exactidão a planificação a curto, médio e longo prazo, tendo sido feita uma análise e rectificação do horário dos alunos estagiários.</p> <p>Desta forma, foi distribuído um novo horário definitivo dos alunos estagiários, pois o dia mais conveniente passou a ser a quarta-feira, assistindo às aulas do 11ºE e 11ºN, uma vez que dois dos estagiários estão a leccionar noutras escolas, como trabalhadores/estudantes. Apenas o aluno estagiário, Paulo Chambino, irá comparecer às aulas de estágio, às quartas-feiras só no período da manhã (11ºE) e às sextas-feiras, no período da tarde (11ºN), comparecendo sempre às reuniões de Estágio Pedagógico, às quartas-feiras de manhã e de tarde.</p> <p>Foram discutidos conteúdos programáticos a abordar na próxima aula.</p>

O professor Orientador,
Aníbal Cravo Nunes

Os alunos Estagiários,
António Pedro Martins
Eugénia Morgado
Paulo Chambino
Sónia Martins

Anexo II.1 - Plano Anual de Actividades do grupo das Artes Visuais.

Actividades a incluir no PAA

PROPONENTE


Grupo 600 – Artes Visuais

Acção	Data	Objectivos	Responsáveis/ Intervinentes	Observações
Arte em Estúdio	Ao longo do ano lectivo	Criar e executar objectos artísticos Melhorar e animar visualmente o espaço escolar Contribuir para a animação de eventos/actividades Valorizar a Esal	M ^a Conceição Morão M ^a João Serrasqueiro M ^a Piedade Rodrigues	
Visitas de Estudo: Museu Cargaleiro,	22/09/2010	Contribuir para a formação pessoal e artística dos alunos.	Álvaro Espadana/alunos	11 ^o E desenho A
Visitas de Estudo: Museu Tavares Proença Júnior	18/11/2010	Contribuir para a formação pessoal e artística dos alunos.	Álvaro Espadana/alunos	
Visitas de Estudo: Sala da Nora	2010/2011 em dia a definir	Contribuir para a formação pessoal e artística dos alunos.	Álvaro Espadana/alunos	
Criação de um Robot	1 ^o e 2 ^o Períodos	Participar no concurso de “robots” a realizar no ano lectivo 2010/2011.	M ^a Conceição Morão M ^a João Serrasqueiro	
Postal de Natal.	1 ^o Período	Sensibilizar para os valores da partilha, da amizade, do amor e do espírito natalício na Comunidade Educativa.	M ^a Conceição Morão M ^a João Serrasqueiro M ^a Piedade Rodrigues	

Construção e montagem do Presépio de Natal da ESAL.	1º Período	Animar o Átrio da Escola com o Presépio de Natal. Sensibilizar para os valores da partilha, da amizade, do amor e do espírito natalício na Comunidade Educativa.	Mª Conceição Morão Mª João Serrasqueira Natividade Domingues José Manuel Santos Aníbal Cravo Nunes	11ºE e 11ºN GDA
Exposição de Trabalhos	2º Período	Exposição de trabalhos realizados, pelos alunos, durante o 2º Período.	Natividade Domingues	
Exposição de Trabalhos	1º Período	Exposição de trabalhos realizados pelos alunos durante o 1º Período.	Natividade Domingues	

ESAL, 30 /Setembro /2010 Responsável: O Coordenador de Artes Visuais

Anexo III.2 - Planificação Anual da disciplina de Geometria Descritiva A.

<p>escola secundária/3. ano letivo lusitano 400830 - CASTELO BRANCO</p> 	<p>CURSO CIENTIFICO-HUMANÍSTICO DE ARTES VISUAIS</p> <p>708</p> <p>PLANIFICAÇÃO ANUAL DA DISCIPLINA DE GEOMETRIA DESCRITIVA A (continuação)</p> <p>1º ANO</p> <p>Turmas E / N</p>	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="5">AULAS PREVISTAS</th> </tr> <tr> <th>1ºP</th> <th>2ºP</th> <th>3ºP</th> <th colspan="2">total</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>14</td> <td>14</td> <td>7</td> <td colspan="2">35</td> </tr> <tr> <td>39</td> <td>40</td> <td>19</td> <td colspan="2">98</td> </tr> </tbody> </table>	AULAS PREVISTAS					1ºP	2ºP	3ºP	total		14	14	7	35		39	40	19	98	
AULAS PREVISTAS																						
1ºP	2ºP	3ºP	total																			
14	14	7	35																			
39	40	19	98																			

PLANIFICAÇÃO ANUAL DE GEOMETRIA DESCRITIVA A

UNIDADES	MÉTODOS	CONTEÚDOS	OBJECTIVOS	Nº DE AULAS previstas
1º PERÍODO				
REVISÕES DA MATÉRIA DO ANO ANTERIOR – 10º ANO				
3.11 Paralelismo de rectas e de planos		3.11.0 Rectas paralelas 3.11.1 Recta paralela a um plano 3.11.2 Plano paralelo a uma recta 3.11.3 Planos paralelos (definidos ou não pelos traços)	Conhecer a fundamentação teórica dos sistemas de representação diédrica e axonométrica; Identificar os diferentes tipos de projecção e os princípios base dos sistemas de representação diédrica e axonométrica;	2
3.12 perpendicularidade de rectas e de planos		3.12.0 Rectas perpendiculares 3.12.1 Recta perpendicular a um plano 3.12.2 Plano perpendicular a uma recta 3.12.3 Planos perpendiculares (definidos ou não pelos traços)	Reconhecer a função e vocação particular de cada um desses sistemas de representação;	2
3.13 métodos geométricos auxiliares II	3. Representação diédrica	3.13.0 Mudança de diedros de projecção (casos que impliquem mudanças sucessivas) 3.13.0.1 Transformação das projecções de uma recta definidores de um plano 3.13.0.2 Transformação das projecções de elementos 3.13.1 Rotações (casos que impliquem mais do que uma rotação) 3.13.1.1 Rotação de uma recta 3.13.1.2 Rotação de um plano 3.13.1.3 Rebatimento de planos não projectantes - rampa - oblíquo	Representar com exactidão, sobre desenhos que só têm duas dimensões, os objectos que na realidade têm três e que são susceptíveis de uma definição rigorosa (Gaspard Monge); Deduzir da descrição exacta dos corpos as propriedades das formas e as suas posições respectivas (Gaspard Monge); Conhecer vocabulário específico da Geometria Descritiva;	9
			Usar o conhecimento dos sistemas estudados no	39

escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO	CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS 708 GEOMETRIA DESCRITIVA A (continuação) 11º ANO Turmas E / N	AULAS PREVISTAS <table border="1"> <tr> <td></td> <td>1ºP</td> <td>2ºP</td> <td>3ºP</td> <td>total</td> </tr> <tr> <td>Nº de semanas</td> <td>14</td> <td>14</td> <td>7</td> <td>35</td> </tr> <tr> <td>Nº de blocos (90min)</td> <td>39</td> <td>40</td> <td>19</td> <td>98</td> </tr> </table>		1ºP	2ºP	3ºP	total	Nº de semanas	14	14	7	35	Nº de blocos (90min)	39	40	19	98
	1ºP	2ºP	3ºP	total													
Nº de semanas	14	14	7	35													
Nº de blocos (90min)	39	40	19	98													

3.14 problemas métricos – distâncias e ângulos	3.14.0 Distâncias 3.14.0.1 Distância entre dois pontos 3.14.0.2 Distância de um ponto a uma recta 3.14.0.3 Distância de um ponto a um plano 3.14.0.4 Distância entre dois planos paralelos 3.14.1 Ângulos 3.14.1.1 Ângulo de uma recta com um plano frontal ou com um plano horizontal 3.14.1.2 Ângulo de um plano com um plano frontal ou com um plano horizontal 3.14.1.3 Ângulo de duas rectas concorrentes ou de duas rectas enfiadas 3.14.1.4 Ângulo de uma recta com um plano 3.14.1.5 Ângulo de dois planos	desenvolvimento de ideias e na sua comunicação; Conhecer aspectos da normalização relativos ao material e equipamento de desenho e às convenções gráficas; Utilizar correctamente os materiais e instrumentos cometidos ao desenho rigoroso; Relacionar-se responsabilmente dentro de grupos de trabalho, adoptando atitudes comportamentais construtivas, solidárias, tolerantes e de respeito.	12
3.15 figuras planas III	3.15.1 Figuras planas situadas em planos não projectantes		4
2º PERÍODO			
3.16 sólidos III	3.16.1 Pirâmides e prismas regulares com base(s) situada(s) em planos não projectantes		7
3.17 secções	3.17.0 Secções em sólidos (pirâmides, cones, prismas, cilindros) por planos - horizontal, frontal e de perfil 3.17.1 Secções de cones, cilindros e esfera por planos projectantes 3.17.2 Secções em sólidos (pirâmides e prismas) com base(s) horizontal(ais), frontal(ais) ou de perfil por qualquer tipo de plano 3.17.3 Truncagem		12 40

	1ºP	2ºP	3ºP	total
Nº de semanas	14	14	7	35
Nº de blocos (90min)	39	40	19	98

3.18 sombras

3.18.0 Generalidades
3.18.1 Noção de sombra própria, espacial, projectada (real e virtual)
3.18.2 Direcção luminosa convencional
3.18.3 Sombra projectada de pontos, segmentos de recta e recta nos planos de projecção
3.18.4 Sombra própria e sombra projectada de figuras planas (situadas em qualquer plano) sobre os planos de projecção
3.18.5 Sombra própria e sombra projectada de pirâmides e de prismas, com base(s) horizontal(ais), frontal(ais) ou de perfil, nos planos de projecção
3.18.6 Planos tangentes às superfícies cónica e cilíndrica:
- num ponto da superfície
- por um ponto exterior
- paralelos a uma recta dada
3.18.7 Sombra própria e sombra projectada de cones e de cilindros, com base(s) horizontal(ais), frontal(ais) ou de perfil, nos planos de projecção

Conhecer a fundamentação teórica dos sistemas de representação diédrica e axonométrica;

Identificar os diferentes tipos de projecção e os princípios base dos sistemas de representação diédrica e axonométrica;

Reconhecer a função e vocação particular de cada um desses sistemas de representação;

Representar com exactidão, sobre desenhos que só têm duas dimensões, os objectos que na realidade têm três e que são susceptíveis de uma definição rigorosa (Gaspard Monge);

Deduzir da descrição exacta dos corpos as propriedades das formas e as suas posições respectivas (Gaspard Monge);

Conhecer vocabulário específico da Geometria Descritiva;

Usar o conhecimento dos sistemas estudados no desenvolvimento de ideias e na sua comunicação;

Conhecer aspectos da normalização relativos ao material e equipamento de desenho e às convenções gráficas;

Utilizar correctamente os materiais e instrumentos cometidos ao desenho rigoroso;

Relacionar-se responsabilmente dentro de grupos de trabalho, adoptando atitudes comportamentais construtivas, solidárias, tolerantes e de respeito.

16

4

4.1 introdução ao sistema de representação axonométrica

4.2 axonométricas ortogonais: trimetria, dimetria e issometria

4.representação axonométrica

Cavaleira e Planométrica
4.2.0 Generalidades
4.2.1 Direcção e inclinação das projectantes
4.2.2 Determinação gráfica da escala axonométrica do eixo normal ao plano de projecção através do rebatimento do plano projectante desse eixo
4.2.3 Axonométricas clinogonais normalizadas

escola secundária 3 amato lusitano
400830 - CASTELO BRANCO



CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS

708

PLANIFICAÇÃO ANUAL DA DISCIPLINA DE

GEOMETRIA DESCRITIVA A (continuação)

ano lectivo 2010 / 2011

11º ANO

Turmas E / N

AULAS PREVISTAS				
	1ºp	2ºp	3ºp	total
Nº de semanas	14	14	7	35
Nº de blocos (90min)	39	40	19	98

3º PERÍODO

4.3
axonométricas obliquas ou
clinogonais: cavaleira e
planométrica

Trimetria, Dimetria e Isometria
4.3.0 Generalidades
4.3.1 Determinação gráfica das escalas axonométricas
4.3.1.1 Rebatimento do plano definido por um par de eixos
4.3.1.2 Rebatimento do plano projectante de um eixo

4. representações axonométricas

4.4
representação axonométrica de
formas tridimensionais

4.3.2 Axonométricas ortogonais normalizadas
Métodos de construção
4.4.0 Método das coordenadas
4.4.1 Método do paralelepípedo circunscrito ou envolvente
4.4.2 Método dos cortes (só no caso da axonometria ortogonal)

REVISÕES PARA O EXAME NACIONAL

total **98**


Os professores estagiários,

Eugénia Morgado, Sónia Martins, António Pedro Martins e Paulo Chambino.

Anexo III.3 - Plano de Aula do dia 6 de Outubro de 2010

escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO	CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS disciplina de:	708 GEOMETRIA DESCRITIVA A PLANO DE AULA	ano lectivo 2010 / 2011 11º N 11/98 90 minutos 06.10.2010
UNIDADES		3.11 paralelismo de rectas e de planos (exercícios de aplicação) 3.12 perpendicularidade de rectas e de planos (exercícios de aplicação)	

CONTEXTUALIZAÇÃO	
UNIDADES DIDÁCTICAS	3.11 paralelismo de rectas e de planos (exercícios de aplicação) 3.12 perpendicularidade de rectas e de planos (exercícios de aplicação)
OBJECTIVO PRINCIPAL DA AULA	Executar 4 exercícios sobre paralelismo e perpendicularidade de rectas e de planos, de preparação para o teste de avaliação, de forma a que os alunos exercitem a capacidade de resolver qualquer tipo de exercício sobre as unidades em questão.
SUMÁRIO	
	Exercícios de aplicação sobre paralelismo e perpendicularidade de rectas e de planos.
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	
3.11 paralelismo de rectas e de planos	3.11. Rectas paralelas 3.11.1 Recta paralela a um plano 3.11.2 Plano paralelo a uma recta 3.11.3 Planos paralelos (definidos ou não pelos traços)
3.12 perpendicularidade de rectas e de planos	3.12 Rectas perpendiculares 3.12.1 Recta perpendicular a um plano 3.12.2 Plano perpendicular a uma recta 3.12.3 Planos perpendiculares (definidos ou não pelos seus traços)


escola secundária 2.º ano luso 400830 - CASTELO BRANCO	CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS	708	ano lectivo 2010 / 2011
	disciplina de:	GEOMETRIA DESCRITIVA A	11º N
	UNIDADES	PLANO DE AULA	11/98
		3.11 paralelismo de rectas e de planos (exercícios de aplicação)	90 minutos
		3.12 perpendicularidade de rectas e de planos (exercícios de aplicação)	06.10.2010


COMPETÊNCIAS / APRENDIZAGEM ESPERADA


- Identificar a representação de duas rectas paralelas;
- Representar uma recta paralela a um plano;
- Representar uma recta paralela a um plano;
- Representar dois planos paralelos;
- Identificar a representação de duas rectas paralelas;
- Representar uma recta perpendicular a um plano;
- Representar um plano perpendicular a uma recta;
- Representar dois planos perpendiculares.

ESTRATÉGIAS / METODOLOGIA (DESENVOLVIMENTO DA AULA)

15:10	A aula será iniciada com a confirmação da presença dos alunos na sala de aula. A aula continuará com a escrita do sumário.
15:12	De seguida, o professor relembra que irá dar continuidade às unidades tratadas nas aulas anteriores com a execução da ficha de trabalho, com exercícios sobre a matéria dada.
15:13	Na continuação, o professor irá começar por apresentar um powerpoint onde estarão os exercícios a desenvolver na aula.
15:14	O professor começará por questionar a turma sobre paralelismo: Quando é que uma recta é paralela a um plano? O professor projectará a solução à pergunta.
15:15	De seguida, o professor lançará o exercício 1 da ficha de trabalho: Exercício 1 É dado um plano vertical γ que faz um diedro de 45° (a.e.) com o Plano Frontal de Projectão (plano XZ - ϕ_0) e que corta o eixo X num ponto com 1 cm de abscissa. Determine as projecções de uma recta r , oblíqua, paralela a γ e passando por P (-2; 3; 3), sabendo que a sua projecção frontal faz um ângulo de 60° (a. d.) com o eixo X.


escola secundária/3 anexo lusitano 400830 - CASTELO BRANCO 	CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS disciplina de:	708 GEOMETRIA DESCRITIVA A PLANO DE AULA UNIDADES 3.11 paralelismo de rectas e de planos (exercícios de aplicação) 3.12 perpendicularidade de rectas e de planos (exercícios de aplicação)	ano lectivo 2010 / 2011 11º N 11/98 90 minutos 06.10.2010
		Durante a aula, os alunos serão frequentemente solicitados a participar na construção e na resolução dos exercícios, quer interagindo com o professor quer com os colegas.	
		O professor dará algum tempo aos alunos para resolver o exercício 1.	
		Serão esclarecidas, todas as dúvidas que eventualmente surjam durante a execução do exercício 1.	
		O professor pretenderá sublinhar, durante a execução do exercício, a importância para o facto do exercício ser muito simples e de fácil resolução.	
		O professor irá dar apoio por aluno durante a execução do exercício e esclarecer todas as dúvidas que possam surgir.	
		Após a resolução do exercício por parte dos alunos, o professor indica um aluno para ir ao quadro resolver o exercício 1.	
		O professor mostra através da projecção em <i>powerpoint</i> a resolução do exercício passo a passo, de forma a que os alunos tenham mais consciência do rigor geométrico do mesmo.	
15:35			
EXERCÍCIO 2	15:40	Antes do professor lançar o exercício 2 sobre perpendicularidades, o professor irá questionar: O que são rectas perpendiculares? O professor projectará a solução à pergunta.	
		Exercício 2 É dada uma recta h , horizontal (de nível), e um ponto $P (-3; 7; 5)$. A recta h faz um ângulo de 60° (a. e.) com o Plano Frontal de Projecção (plano XZ - φ_0) e contém o ponto A (0; 3; 3). Desenhe as projecções de uma recta p , perpendicular a h e contendo P.	
		Os alunos resolvem o exercício autonomamente e o professor tira as dúvidas solicitadas pelos alunos durante a execução do exercício 2.	
		O professor dará algum tempo aos alunos para resolver o exercício 2.	
		Após a resolução do exercício por parte dos alunos, o professor indica um aluno para ir ao quadro resolver o exercício 2.	
	15:55	O professor mostra através da projecção em <i>powerpoint</i> a resolução do exercício passo a passo, de forma a que os alunos tenham mais consciência do rigor geométrico do mesmo.	
EXERCÍCIO 3	16:00	Antes do professor lançar o exercício 3 sobre paralelismo, o professor irá questionar: Quando é que dois planos são paralelos? O professor projectará a solução à pergunta.	

<p>escola secundária 2.º ano luso 400830 - CASTELO BRANCO</p> 	<p>CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS</p> <p>708</p> <p>GEOMETRIA DESCRITIVA A</p> <p>PLANO DE AULA</p> <p>UNIDADES 3.11 paralelismo de rectas e de planos (exercícios de aplicação) 3.12 perpendicularidade de rectas e de planos (exercícios de aplicação)</p>	<p>ano lectivo 2010 / 2011</p> <p>11º N</p> <p>11/98</p> <p>90 minutos</p> <p>06.10.2010</p>
	<p>Exercício 3 É dada uma recta r, oblíqua, cujas projecções fazem ângulos de 30° (a. e.) e 45° (a. e.) com o eixo X, respectivamente a projecção frontal e a projecção horizontal. A recta r contém o ponto A (-1; 2; 4). Determine os traços de um plano vertical, paralelo à recta r e contendo o ponto P (3; 2; 2).</p> <p>Os alunos resolvem o exercício autonomamente e o professor tira as dúvidas solicitadas pelos alunos durante a execução do exercício 3.</p> <p>O professor dará algum tempo aos alunos para resolver o exercício 3.</p> <p>Após a resolução do exercício por parte dos alunos, o professor indica um aluno para ir ao quadro resolver o exercício 3.</p>	
<p>16:15</p>	<p>O professor mostra através da projecção em <i>powerpoint</i> a resolução do exercício passo a passo, de forma a que os alunos tenham mais consciência do rigor geométrico do mesmo.</p>	
<p>EXERCÍCIO 4</p> <p>16:20</p>	<p>Antes do professor lançar o exercício 4 sobre perpendicularidades, o professor irá questionar: Quando é que um plano é perpendicular a uma recta? O professor projectará a solução à pergunta.</p> <p>Exercício 4 São dados um plano γ, vertical, e um ponto P (1; 4; 3). O plano γ corta o eixo X num ponto com -2 de abscissa e faz um diedro de 60° (a. d.) com o Plano Frontal de Projecção. Desenhe as Projecções de uma recta p, ortogonal ao plano e passando por P. De que recta se trata?</p> <p>Os alunos resolvem o exercício autonomamente e o professor tira as dúvidas solicitadas pelos alunos durante a execução do exercício 4.</p> <p>O professor dará algum tempo aos alunos para resolver o exercício 4.</p> <p>Após a resolução do exercício por parte dos alunos, o professor indica um aluno para ir ao quadro resolver o exercício 4.</p> <p>O professor mostra através da projecção em <i>powerpoint</i> a resolução do exercício passo a passo, para que os alunos tenham mais consciência do rigor geométrico do mesmo.</p> <p>O professor de seguida irá sugerir que os alunos resolvam o restante dos exercícios em casa como forma de estudo para o teste.</p> <p>Preenchimento de um pequeno questionário com a avaliação dos alunos ao professor/estagiário sobre a prestação da aula.</p>	
<p>16:30</p>		
<p>16:35</p>		

escola secundária/3 anato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO 	CURSO CIENTIFICO-HUMANÍSTICO DE ARTES VISUAIS disciplina de: 708 GEOMETRIA DESCRITIVA A PLANO DE AULA UNIDADES 3.11 paralelismo de rectas e de planos (exercícios de aplicação) 3.12 perpendicularidade de rectas e de planos (exercícios de aplicação)	ano lectivo 2010 / 2011 11º N 11/98 90 minutos 06.10.2010
16:40 Encerramento da aula.		
APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR / TRABALHO Resolver em casa o exercício 4.		
RECURSOS / MATERIAL NECESSÁRIO Modelos, Desenhos, Folhas A4, Quadro, Canetas, Computador, Projector e PowerPoint.		
AVALIAÇÃO FORMAL / INFORMAL DAS APRENDIZAGENS A avaliação dos alunos será baseada nos seguintes aspectos: <ul style="list-style-type: none"> ○ Interesse demonstrado durante a aula; ○ Participação na exposição do tema; ○ Colaboração com o professor e com os colegas na resolução dos exercícios propostos; ○ Aplicação de conhecimentos adquiridos anteriormente; ○ Uso de terminologia e simbologia adequada; ○ Uso do material adequado; ○ Comportamento na sala de aula. 		
Vieram ao quadro resolver os exercícios os alunos seguintes: Mariana – exercício 1; Raquel – exercício 2 e Sérgio – exercício 5		
REFLEXÃO DA AULA / OBSERVAÇÕES Ficaram por resolver os seguintes exercícios: exercícios 3, 4 e 6 Relatório de Aula.		

A professora estagiária responsável,
Eugénia Morgado

Anexo III.5 - Relatório de Aula do dia 6 de Outubro de 2010.

escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO 	CURSO CIENTIFICO-HUMANÍSTICO DE ARTES VISUAIS 708	ano lectivo 2010 / 2011
	disciplina de: GEOMETRIA DESCRITIVA . A 3.11 paralelismo de rectas e de planos 3.12 perpendicularidade de rectas e de planos RELATÓRIO DE AULA	11º N 06 . 10 . 2010

CONTEÚDOS	3.11 paralelismo de rectas e de planos (exercícios de aplicação)
	3.12 perpendicularidade de rectas e de planos (exercícios de aplicação)
FORMA	1. Executar 6 exercícios sobre Paralelismo e Perpendicularidade de rectas e de planos
MÉTODO	1. Apresentação do <i>PowerPoint</i> com os enunciados dos exercícios e as suas resoluções. 2. Resolução dos exercícios, autonomamente por cada aluno.
RESULTADOS	<p>A aula desenvolveu-se com a resolução de 6 exercícios, sobre os conteúdos acima descritos, tendo sido feitas de início algumas questões aos alunos sobre paralelismo de rectas e de planos.</p> <p>De seguida, foi lançado o enunciado do primeiro exercício, sobre o qual os alunos conseguiram resolver no tempo previsto, demonstrando autonomia, empenho e interesse.</p> <p>No entanto, a professora foi solicitada, servindo de auxílio para a resolução do exercício, nomeadamente as alunas n.º15 e n.º1.</p> <p>Os exercícios seguintes foram resolvidos da mesma forma, ao mesmo tempo que eram lembrados alguns conceitos e conteúdos sobre paralelismo e perpendicularidade de rectas e de planos.</p> <p>Durante a execução dos exercícios, alguns alunos tiveram a necessidade de trabalhar em grupo, na tentativa de tirar algumas dúvidas que foram surgindo ao longo da sua resolução, do qual potenciou o trabalho de grupo/pares, que não funcionou da melhor forma, pois a turma é muito heterogénea.</p> <p>Os alunos mostraram-se autónomos e empatia perante os exercícios. Por conseguinte, os alunos revelaram resultados positivos, no entanto, demonstraram, no geral, falta de rigor nos traçados e falta de notações.</p> <p>Como não houve tempo para resolver os 6 exercícios, foram lançados os restantes para resolver em casa, como forma de estudo e treino desta unidade programática.</p>


	<p>Alguns pontos importantes sobre os resultados gerais da turma, a saber:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Vieram ao quadro resolver os exercícios os alunos seguintes: n.º 26 – exercício 1; n.º 32 – exercício 2 e n.º 38 – exercício 5. - Os alunos já sabiam da ficha de avaliação pelos alunos do 11.º E. - A aluna n.º 15 foi a última a entregar a ficha de trabalho resolvida e a que teve mais dificuldades na sua resolução. - Os alunos n.º 22; n.º 23 e n.º 38 foram os alunos da turma, que mostraram mais empenho e interesse pela aula e que resolveram os exercícios com mais facilidade. <p>Por se ter tornado uma aula com a resolução em grupo ou em pares, observou-se em aula, que houve uma tendência para a resolução dos exercícios e as capacidades de alguns alunos, mas que são alunos com muitas dificuldades à disciplina, a saber:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A aluna n.º 15 foi apoiada pelas alunas n.º 32 e n.º 24; - A aluna n.º 1 obteve positiva, pois a aluna obteve ajuda constante da aluna n.º 26 e do aluno n.º 36; - Os alunos n.º 37, n.º 23, n.º 32, n.º 26, n.º 24, n.º 38 e n.º 22 solicitaram poucas vezes a ajuda da professora e ajudaram os alunos com mais dificuldades; - O aluno n.º 19 revelou bastante falta de confiança na resolução dos exercícios, pois solicitou a ajuda da professora, várias vezes, mesmo quando os exercícios já estavam resolvidos correctamente e verificava, sempre com os colegas, as resoluções finais. <p>OBSERVAÇÕES:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A aluna n.º 1 não trouxe para a aula compasso e aristo, assim como o aluno n.º 36 que não trouxe o compasso.
--	---

A professora estagiária responsável,
Eugénia Morgado

Anexo III.6 - Relatório da reunião de Grupo de Estágio do dia 6 de Outubro de 2010.

escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO	CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS 708 disciplina de: GEOMETRIA DESCRITIVA . A Reunião com o Orientador de Estágio Pedagógico RELATÓRIO 6	ano lectivo 2010 / 2011 <div style="text-align: center;">06 . 10 . 2010</div>
---	--	---

HORA	10:20h - 13:30h 16:50h - 18:20h
LOCAL	Biblioteca Escolar/Centro de Recursos
Ordem de Trabalhos	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação da aula assistida do aluno estagiário - Paulo Chambino – 11ºE – 8:30h; - Auto e hetero-avaliação; - Preparação das aulas assistidas para o dia 13 de Outubro; - Avaliação da aula assistida da aluna estagiária – Eugénia Morgado – 11ºN – 15:10h; - Auto e hetero-avaliação.
Desenvolvimento	<p><u>10:20h</u></p> <p>Reunião realizada na Biblioteca Escolar/Centro de Recursos, com presença dos Alunos Estagiários e do Professor Orientador do estágio pedagógico, onde foi feita uma análise da aula dada pelo aluno estagiário Paulo Chambino, previamente preparada.</p> <p>Foi realizada a auto e hetero-avaliação em relação ao desempenho do Aluno Estagiário na leccionação da aula assistida.</p> <p>Aspectos positivos/aspectos negativos sobre a aula leccionada pelo Paulo Chambino:</p> <p><u>Professor Orientador</u> – Alertou para a falta de temporização previsível no Plano de Aula, que deverá conter uma divisão temporal do desenvolvimento da aula; Sugeriu que fosse elaborado um inquérito para que os alunos das turmas possam fazer uma avaliação aos alunos estagiários que leccionam a aula;</p> <p><u>Paulo</u> – Correu bem e os alunos participaram com entusiasmo;</p> <p><u>Eugénia</u> – O Paulo mostrou-se muito à vontade, projectando bem a voz e enfrentando a turma muito bem, sendo a primeira vez que estava a leccionar na turma;</p> <p><u>Sónia</u> – Correu bem, conseguiu cumprir o plano de aula;</p> <p><u>António</u> – Cumpriu o plano de aula.</p> <p>Foi ainda abordado os conteúdos a leccionar na próxima aula assistida do dia 13 de Outubro.</p> <p><u>16:50h</u></p> <p>Foi realizada a auto e hetero-avaliação em relação ao desempenho do Aluno Estagiário na leccionação da aula assistida.</p> <p>Aspectos positivos/aspectos negativos sobre a aula leccionada pela Eugénia Morgado:</p> <p><u>Professor Orientador</u> – Alertou para a falta de temporização previsível no Plano de Aula, que deverá conter uma divisão temporal do desenvolvimento da aula; A Eugénia tem que controlar melhor o tempo que estava estipulado no plano de aula, apesar de se ter mostrado à vontade, mantendo diálogo com a turma ao longo da execução dos exercícios;</p> <p><u>Eugénia</u> – Como primeira aula leccionada no estágio correu muito bem, apesar de já me sentir à vontade pois estou a leccionar noutra escola e já lecciono há quatro anos; não cumpri o plano de aula</p>

escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO	CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS 708	ano lectivo 2010 / 2011
	disciplina de: GEOMETRIA DESCRITIVA . A	06 . 10 . 2010
	Reunião com o Orientador de Estágio Pedagógico RELATÓRIO 6	

	<p>conforme previamente previsto, não tendo tido tempo para a resolução do último exercício;</p> <p><u>Paulo</u> – Correu bem, conseguiu que a turma participasse e que os alunos se mostrassem empenhados e interessados pelos conteúdos leccionados – exercícios;</p> <p><u>Sónia</u> – Correu bem e consegue-se perceber que a Eugénia já leccionou e lecciona no ensino;</p> <p><u>António</u> – Correu bem, conseguiu que a turma participasse e que os alunos se mostrassem empenhados e interessados pelos exercícios executados.</p>
--	--


O professor Orientador,
Aníbal Cravo Nunes

Os alunos Estagiários,
António Pedro Martins
Eugénia Morgado
Paulo Chambino
Sónia Martins

Anexo III.8 - Plano de Aula do dia 20 de Outubro de 2010.

escola secundária/3.º ano luso 400830 - CASTELO BRANCO	CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS disciplina de:	708 GEOMETRIA DESCRITIVA A PLANO DE AULA Métodos Geométricos Auxiliares I Mudança de Plano de Projecção, Rotação e Rebatimento (revisões do 10ºano)	ano lectivo 2010 / 2011 11º N 17/98 90 minutos 20.10.2010
---	---	---	---

CONTEXTUALIZAÇÃO	
UNIDADES DIDACTICAS Métodos geométricos auxiliares I 1 - Mudança de Plano de Projecção 2 - Rotação 3 – Rebatimento	Aplicação sobre métodos geométricos auxiliares, de forma que os alunos exercitem a capacidade de resolver qualquer tipo de exercício sobre as unidades em questão.
SUMÁRIO	
	Rever os diferentes métodos geométricos auxiliares abordados no 10.º ano, com exercícios de aplicação.
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	
Estrutura comparada dos métodos auxiliares – características e aptidões	
1 Mudança de planos de projecção (casos que impliquem apenas uma mudança)	Transformação das projecções de um ponto Transformação das projecções de uma recta Transformação das projecções de elementos definidores de um plano
2 rotações (casos que impliquem apenas uma rotação)	Rotação do ponto Rotação da recta Rotação de um plano projectante
3 rebatimentos (casos que impliquem apenas um rebatimento)	Rebatimento de planos projectantes

escola secundária3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO	CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS disciplina de:	708 GEOMETRIA DESCRITIVA A	ano lectivo 2010 / 2011
	UNIDADES	PLANO DE AULA	11º N
	Métodos Geométricos Auxiliares I		17/98
	Mudança de Plano de Projectação, Rotação e Rebatimento (revisões do 10ºano)		90 minutos
			20.10.2010

COMPETÊNCIAS / APRENDIZAGEM ESPERADA

Nesta fase de estudo é de propor aos alunos a resolução dos seguintes problemas-tipo:

Transformar:

- recta horizontal em recta de topo;
- recta frontal em recta vertical;
- recta oblíqua em recta horizontal ou frontal;
- plano de topo em plano horizontal;
- plano vertical em plano frontal.

No estudo da rotação da recta propõem-se os seguintes problemas-tipo:

Transformar:


- uma recta horizontal numa recta fronto-horizontal ou numa recta de topo;
- uma recta frontal numa recta fronto-horizontal ou numa recta vertical;
- uma recta oblíqua numa recta horizontal ou frontal.


Sendo o rebatimento um caso particular de rotação deve o aluno ser alertado para o facto de que na rotação de um plano, o eixo mais conveniente a utilizar deverá estar contido no próprio plano; nestas circunstâncias, a rotação passará a denominar-se rebatimento.


O aluno deverá resolver problemas de rebatimento, tanto para os planos de projecção como para planos paralelos a estes.

ESTRATÉGIAS / METODOLOGIA (DESENVOLVIMENTO DA AULA)

15:10	A aula será iniciada com a confirmação da presença dos alunos na sala de aula. A aula continuará com a escrita do sumário.
15:12	De seguida, o professor relembra que irá dar início a uma nova unidade os métodos geométricos auxiliares II, contudo antes de iniciar a unidade irá fazer revisões dos métodos geométricos auxiliares I, matéria do 10º ano. Em seguimento da aula e como motivação aos alunos, realizar-se-á exercícios ao longo dos conteúdos de revisão da matéria.
15:13	Na continuação, o professor irá começar por apresentar um powerpoint onde estará a matéria e os exercícios a realizar.
15:14	O professor começará por apresentar as generalidades dos métodos geométricos auxiliares e descrever os três tipos de MGA: - mudança de plano de projecção, rotação e rebatimento.

<p>escola secundária3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO</p> 	<p>CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS</p> <p>708</p> <p>disciplina de: GEOMETRIA DESCRITIVA A</p> <p>PLANO DE AULA</p> <p>UNIDADES Métodos Geométricos Auxiliares I Mudança de Plano de Projectão, Rotação e Rebatimento (revisões do 10ºano)</p>	<p>ano lectivo 2010 / 2011</p> <p>11º N</p> <p>17/98</p> <p>90 minutos 20.10.2010</p>
	<p>15:15</p>	<p>De seguida, o professor irá começar com a apresentação do primeiro MGA, relativamente à mudança de plano de projectão, definindo-o, explicando o método e exemplificando.</p>
	<p>15:20</p>	<p>Em seguimento o professor irá expor o segundo MGA, a rotação, onde explica os elementos básicos da rotação e, por fim, a exemplificação da rotação.</p>
	<p>15:25</p>	<p>Por fim, o professor apresentará o terceiro MGA, o rebatimento, explicando em que consiste, qual o objectivo, a diferença entre a rotação e o rebatimento e o processo de rebatimento.</p>
	<p>15:30</p>	<p>Depois dos conceitos gerais do MGA I, o professor irá individualizar cada método para o ponto, para segmentos de recta e rectas e para planos.</p>
	<p>15:35</p>	<p>Para o ponto: MUDANÇA DE PLANOS DE UM PONTO ROTAÇÃO DE UM PONTO REBATIMENTO DE UM PONTO</p> <p>E por fim realizar-se-á um exercício de aplicação da matéria.</p>
	<p>15:55</p>	<p>Para os segmentos de recta e rectas: MUDANÇA DE PLANO: TRANSFORMAÇÃO DE UM SEGMENTO DE RECTA OBLÍQUO NUM SEGMENTO DE RECTA HORIZONTAL TRANSFORMAÇÃO DE UM SEGMENTO DE RECTA OBLÍQUO NUM SEGMENTO DE RECTA FRONTAL TRANSFORMAÇÃO DE UMA RECTA HORIZONTAL NUMA RECTA DE TOPO</p> <p>ROTAÇÃO: ROTAÇÃO DE UM SEGMENTO DE RECTA ROTAÇÃO DE UMA RECTA ROTAÇÃO DE UM SEGMENTO DE RECTA PARA OBTER A SUA VERDADEIRA GRANDEZA</p> <p>REBATIMENTO: REBATIMENTO DE UMA RECTA DE PERFIL</p> <p>E por fim realizar-se-á um exercício de aplicação da matéria.</p>

<p>escola secundária3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO</p> 	<p>CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS</p> <p>disciplina de:</p>	<p>708</p> <p>GEOMETRIA DESCRITIVA A</p> <p>PLANO DE AULA</p> <p>UNIDADES Métodos Geométricos Auxiliares I Mudança de Plano de Projectação, Rotação e Rebatimento (revisões do 10ºano)</p>	<p>ano lectivo 2010 / 2011</p> <p>11º N</p> <p>17/98</p> <p>90 minutos 20.10.2010</p>
	<p>16:15 Quanto ao Plano: MUDANÇA DE PLANO: TRANSFORMAÇÃO DE UM PLANO VERTICAL NUM PLANO FRONTAL TRANSFORMAÇÃO DE UM PLANO DE TOPO NUM PLANO HORIZONTAL ROTAÇÃO: ROTAÇÃO DE PLANOS PROJECTANTES REBATIMENTO: REBATIMENTO DE PLANOS VERTICAIS OU DE TOPO REBATIMENTO DE UM PLANO VERTICAL PARA UM PLANO FRONTAL REBATIMENTO DE UM PLANO VERTICAL PARA O PLANO FRONTAL DE PROJEÇÃO REBATIMENTO DE UM PLANO VERTICAL PARA UM PLANO FRONTAL REBATIMENTO DE UM PLANO DE PERFIL E por fim realizar-se-á um exercício de aplicação da matéria.</p>		
	<p>16:35 Conclusão da aula com o questionário aos professores/estagiários.</p>		
	<p>16:40 Encerramento da aula.</p>		
APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR / TRABALHO			
Resolução de exercícios de revisão e de aplicação de MGA I			
RECURSOS / MATERIAL NECESSÁRIO			
Modelos, Desenhos, Folhas A4, Quadro, Canetas, Computador, Projector e PowerPoint.			
AValiação FORMAL / INFORMAL DAS APRENDIZAGENS			
A avaliação dos alunos será baseada nos seguintes aspectos:			
	<ul style="list-style-type: none"> <input type="radio"/> Interesse demonstrado durante a aula; <input type="radio"/> Participação na exposição do tema; 		

escola secundária3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO	CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS disciplina de:	708 GEOMETRIA DESCRITIVA A PLANO DE AULA	ano lectivo 2010 / 2011 11º N
	UNIDADES	Métodos Geométricos Auxiliares I Mudança de Plano de Projecção, Rotação e Rebatimento (revisões do 10ºano)	17/98 90 minutos


- Colaboração com o professor e com os colegas na resolução dos exercícios propostos;
- Aplicação de conhecimentos adquiridos anteriormente;
- Uso de terminologia e simbologia adequada;
- Uso do material adequado;
- Comportamento na sala de aula.

REFLEXÃO DA AULA / OBSERVAÇÕES

Relatório de Aula.

As professoras estagiárias responsáveis,
Eugénia Morgado e Sónia Martins

Anexo III.10 - Relatório de Aula do dia 20 de Outubro de 2010.

escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO	CURSO CIENTIFICO-HUMANÍSTICO DE ARTES VISUAIS 708	ano lectivo 2010 / 2011
	disciplina de: GEOMETRIA DESCRITIVA . A	11º N
	Métodos Geométricos Auxiliares I Mudança de Plano de Projecção, Rotação e Rebatimento (revisões do 10ºano)	20 . 10 . 2010
	RELATÓRIO DE AULA	

CONTEÚDOS	Métodos Geométricos Auxiliares I
	Mudança de Plano de Projecção, Rotação e Rebatimento (revisões do 10.º ano)
FORMA	1. Aula expositiva com conteúdos sobre revisão dos Métodos Geométricos Auxiliares I (10.º ano).
MÉTODO	1. Apresentação em PowerPoint sobre Métodos Geométricos Auxiliares I (10.º ano). 2. Diálogo com os alunos sobre alguns conceitos abordados no ano anterior de MGA e explicação de alguns exemplos para cada situação.
RESULTADOS	<p>Por ter sido uma aula expositiva em conjunto, ou seja, duas professoras estagiárias a leccionar a aula, foi uma experiência positiva, pois foi necessário coordenar a exposição dos conteúdos.</p> <p>A aula começou com a apresentação de um PowerPoint com a matéria sobre Métodos Geométricos Auxiliares, nomeadamente, com conteúdos de revisão do 10.º ano, de forma a que os alunos se integrassem na Unidade já abordada no ano anterior.</p> <p>Desta forma, tornou-se uma aula mais expositiva de conteúdos, mas sempre com o objectivo de motivar os alunos e de tornar a aula mais interactiva, com a aplicação de novas tecnologias.</p> <p>Os alunos mostraram-se com bastante empatia e interesse perante um nova forma de expor a matéria, intervindo de forma correcta e pertinente, com a perspectiva de relembrar e consolidar alguns conteúdos.</p> <p>Durante a apresentação do <i>PowerPoint</i> foram dados sempre exemplos para cada situação, mais precisamente, sobre rotações, mudanças de plano e rebatimentos, com pontos, rectas e planos.</p>


As professoras estagiárias responsáveis,

Eugénia Morgado e Sónia Martins

Anexo III.11 - Relatório da reunião de Grupo de Estágio do dia 20 de Outubro de 2010.

escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO	CURSO CIENTIFICO-HUMANÍSTICO DE ARTES VISUAIS 708 disciplina de: GEOMETRIA DESCRITIVA . A Reunião com o Orientador de Estágio Pedagógico RELATÓRIO 8	ano lectivo 2010 / 2011 20 . 10 . 2010
---	--	--

HORA	10:20h - 13:30h 16:50h - 18:20h
LOCAL	Biblioteca Escolar/Centro de Recursos
Ordem de Trabalhos	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação da aula assistida dos alunos estagiários – António Pedro Martins e Paulo Chambino - 11ºE - 8:30h; - Auto e hetero-avaliação; - Avaliação da aula assistida da aluna estagiária - Sónia Martins e Eugénia Morgado - 11ºN – 15:10h; - Auto e hetero-avaliação; - Preparação das aulas assistidas para o dia 27 de Outubro – António Pedro Martins e Paulo Chambino.
Desenvolvimento	<p>10:20h</p> <p>Reunião realizada na Biblioteca Escolar/Centro de Recursos, com a presença dos Alunos Estagiários e do Professor Orientador do estágio pedagógico, onde foi feita uma análise da aula dada pelos alunos estagiários António Pedro Martins e Paulo Chambino, previamente preparada, assim como os aspectos contidos no Plano de Aula e abordados durante a aula.</p> <p>Foi realizada a auto e hetero-avaliação em relação ao desempenho dos dois alunos estagiários na leccionação da aula assistida. Desta, resultaram algumas observações em relação à prestação de cada Aluno Estagiário.</p> <p>Aspectos positivos/aspectos negativos sobre a aula leccionada pelo António Pedro Martins e Paulo Chambino:</p> <p><u>Professor Orientador</u> – Alertou para a necessidade de se fazer um Plano de Aula individualizado por cada Aluno Estagiário. Apontou alguns aspectos negativos para a leccionação da aula com dois estagiários, argumentando que tem algumas dúvidas quanto à sua eficácia; sugere que as aulas a leccionar pelos Alunos Estagiários sejam feitas em regime de rotação, dando a estes a oportunidade de leccionar as duas turmas; ter em atenção na organização e na exposição dos conteúdos, de forma mais ordenada, porque leccionar a pares tem as suas vantagens e desvantagens;</p> <p><u>António</u> – Falta de preparação e “atrapalhei-me” no início da aula;</p> <p><u>Paulo</u> – Demasiado conteúdo; Foi perdido muito tempo no início mas depois conseguimos acompanhar;</p> <p><u>Eugénia</u> – Falta de organização prévia em grupo; pouco tempo para preparar a aula; falta de organização de conteúdos;</p> <p><u>Sónia</u> – Mostraram-se nervosos por falta de organização e preparação dos conteúdos; insegurança.</p> <p>Ainda nesta reunião foram abordados e discutidos os conteúdos a leccionar para o dia 27 de Outubro, tendo o Professor Orientador sugerido a realização de uma aula de exercícios práticos sobre os conteúdos leccionados nas últimas aulas – Métodos Geométricos Auxiliares I.</p>

escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO 	CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS 708 disciplina de: GEOMETRIA DESCRITIVA . A Reunião com o Orientador de Estágio Pedagógico RELATÓRIO 8	ano lectivo 2010 / 2011 20 . 10 . 2010
--	---	--


	<p>16:50h</p> <p>Foi realizada a auto e hetero-avaliação em relação ao desempenho das duas alunas estagiárias na leccionação da aula assistida. Desta, resultaram algumas observações em relação à prestação de cada Aluno Estagiário.</p> <p>Aspectos positivos/aspectos negativos sobre a aula leccionada pela Eugénia Morgado e Sónia Martins:</p> <p><u>Professor Orientador</u> – Alertou igualmente para a necessidade de se fazer um Plano de Aula individualizado por cada Aluno Estagiário. Apontou alguns aspectos negativos para a leccionação da aula com dois estagiários, argumentando que tem algumas dúvidas quanto à sua eficácia; sugere que as aulas a leccionar pelos Alunos Estagiários sejam feitas em regime de rotação, dando a estes a oportunidade de leccionar as duas turmas; ter em atenção na organização e na exposição dos conteúdos, de forma mais ordenada, porque leccionar a pares tem as suas vantagens e desvantagens.</p> <p><u>Eugénia</u> – Falta de organização prévia em grupo; pouco tempo para preparar a aula; falta de organização de conteúdos;</p> <p><u>Sónia</u> – Nervosa por falta de organização e preparação dos conteúdos; insegurança.</p> <p><u>António</u> – Falta de preparação e organização;</p> <p><u>Paulo</u> – Demasiado conteúdo e falta de preparação.</p> <p>Foram ainda abordados os conteúdos a leccionar para a aula assistida do dia 27 de Outubro - Métodos Geométricos Auxiliares I – aplicação dos conhecimentos com exercícios práticos sobre mudança de planos, rotação e rebatimento., por parte dos alunos estagiários António Pedro Martins (11ºN) e Paulo Chambino (11ºE).</p> <p>Proposta de uma ficha de trabalho sobre Métodos Geométricos Auxiliares I, para o dia 3 de Novembro, em aulas leccionadas pelas alunas estagiárias Eugénia Morgado (11ºE) e Sónia Martins (11ºN).</p> <p>Para finalizar, concluiu-se que a leccionação a pares numa disciplina deste carácter não funciona, o que fez com que a experiência fosse menos positiva. Desta forma, ficou decidido entre os presentes que as próximas aulas dadas pelos alunos estagiários seriam sempre individuais e que no fim de cada aula assistida será feito um relatório de aula, contando com as aulas já leccionadas até ao momento. Nesse relatório constarão os aspectos positivos e negativos da aula, dificuldades e facilidades dos alunos, desempenho dos alunos, relação de pares, autonomia, interesse, etc – Conteúdos, Forma, Método e Resultados obtidos.</p>
--	--


O professor Orientador,
Anibal Cravo Nunes
 Os alunos Estagiários,
António Pedro Martins
Eugénia Morgado
Paulo Chambino
Sónia Martins


Anexo III.13 - Plano de Aula do dia 3 de Novembro de 2010.


escola secundária/3.º ano luso 400830 - CASTELO BRANCO	CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS disciplina de:	708 GEOMETRIA DESCRITIVA A PLANO DE AULA Métodos Geométricos Auxiliares Mudança de Plano de Projecção, Rotação e Rebatimento	ano lectivo 2010 / 2011 11º E 22/98 90 minutos 03.11.2010
---	---	--	--

CONTEXTUALIZAÇÃO	
UNIDADES DIDACTICAS	Métodos geométricos auxiliares 1 - Mudança de Plano de Projecção 2 - Rotação 3 - Rebatimento
OBJECTIVO PRINCIPAL DA AULA	Rever os diferentes métodos geométricos auxiliares, de forma a que os alunos exercitem a capacidade de resolver qualquer tipo de exercício sobre as unidades em questão.
SUMÁRIO	
Ficha de Trabalho com exercícios de aplicação sobre Métodos Geométricos Auxiliares - Mudança de Plano de Projecção, Rotação e Rebatimento.	
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	
Estrutura comparada dos métodos auxiliares – características e aptidões	
1 Mudança de planos de projecção (casos que impliquem apenas uma mudança)	Transformação das projecções de elementos definidores de um plano
2 rotações (casos que impliquem apenas uma rotação)	Rotação de um segmento de recta
3 rebatimentos (casos que impliquem apenas um rebatimento)	Rebatimento de planos projectantes
COMPETÊNCIAS / APRENDIZAGEM ESPERADA	
Nesta fase de estudo é de propor aos alunos a resolução dos seguintes problemas-tipo:	

<p>escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO</p> 	<p>CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS</p> <p>708</p> <p>GEOMETRIA DESCRITIVA A</p> <p>PLANO DE AULA</p> <p>UNIDADES Métodos Geométricos Auxiliares</p> <p>Mudança de Plano de Projecção, Rotação e Rebatimento</p>	<p>ano lectivo 2010 / 2011</p> <p>11º E</p> <p>22/98</p> <p>90 minutos 03.11.2010</p>
<p>- Transformar um plano vertical em plano frontal, determinado a VG de um triângulo equilátero, através do MGA, da mudança de planos de projecção;</p> <p>- Transformar um plano de perfil num plano de topo, determinando a VG de um triângulo, através do MGA, da mudança de planos de projecção;</p> <p>- Rebatir um triângulo equilátero, contido num plano de topo (plano projectante);</p> <p>- Transformar um plano de perfil num plano horizontal, determinar a VG de um triângulo, através do MGA, da mudança de planos de projecção;</p> <p>- Rodar um ponto, em torno de um eixo vertical;</p> <p>- Transformar um plano de topo num plano horizontal, determinando a VG de um triângulo, através do MGA, da mudança de planos de projecção.</p>		
<p>ESTRATÉGIAS / METODOLOGIA (DESENVOLVIMENTO DA AULA)</p>		
	<p>8:30</p>	<p>A aula será iniciada com a confirmação da presença dos alunos na sala de aula. A aula continuará com a escrita do sumário.</p>
	<p>8:31</p>	<p>De seguida, o professor informará os alunos da continuidade dos conteúdos leccionados nas últimas aulas, concretamente dos métodos geométricos auxiliares, com recurso a exercícios práticos para resolução. (O professor, no decorrer da aula, poderá questionar os alunos sobre alguns conceitos dados sobre a matéria).</p>
	<p>8:32</p>	<p>O professor informará a turma de que todos os exercícios resolvidos nesta aula serão para avaliação e que terão de os resolver em folhas A4, um por folha, de forma a serem avaliados e que contarão para a nota da disciplina.</p>
<p><u>DIAPOSITIVO 1</u></p>	<p>8:33</p>	<p>Na continuação, o professor irá começar por apresentar um PowerPoint onde estarão os exercícios a desenvolver na aula.</p>
<p><u>DIAPOSITIVO 2</u></p>	<p>8:35</p>	<p>De seguida, o professor lançará o exercício 1 (PowerPoint) e irá questionar os alunos de alguns conceitos ligados aos MGA.</p> <p>Exercício 1 MUDANÇA DE PLANO DE PROJEÇÃO São dados dois pontos, A (-2;1;4) e B (-4;2;0), pertencentes ao plano α, que é vertical. Os pontos A e B são dois vértices de um triângulo equilátero [ABC], contido nesse plano. Desenha as projecções do triângulo, construindo previamente a figura em VG, após transformar o plano α num plano frontal (de frente) com 2 cm de afastamento. (Durante a aula, os alunos serão frequentemente solicitados a participar na construção e na resolução dos exercícios, quer interagindo com o professor quer com os colegas). O professor dará algum tempo aos alunos para resolver o exercício 1.</p>

<p>escola secundária/3. amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO</p> 	<p>CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS</p> <p>disciplina de:</p>	<p>708</p> <p>GEOMETRIA DESCRITIVA A</p> <p>PLANO DE AULA</p> <p>Métodos Geométricos Auxiliares</p> <p>Mudança de Plano de Projeção, Rotação e Rebatimento</p>	<p>ano lectivo 2010 / 2011</p> <p>11º E</p> <p>22/98</p> <p>90 minutos 03.11.2010</p>
<p>8:45</p>		<p>Depois de os alunos resolverem o exercício, o professor mostra através da projecção em PowerPoint a resolução do exercício 1, passo a passo, de forma a que os alunos tenham mais consciência do rigor geométrico do mesmo.</p>	
<p>8:48</p>	<p>DIAPOSITIVO 3</p>	<p>Será lançado o exercício 2 também sobre mudança de plano de projecção, onde o professor irá questionar alunos de alguns conceitos ligados aos MGA.</p>	
		<p>Exercício 2 MUDANÇA DE PLANO DE PROJECCÃO É dado um triângulo [MNO], contido num plano de perfil α, sendo M (3;2;1), N (3;1;5) e O (3;5;3). Determine a VG do triângulo, transformando α num plano frontal (de frente) com 2 cm de afastamento.</p> <p>Os alunos, à semelhança do exercício anterior, serão frequentemente solicitados a participar na construção e na resolução dos exercícios, quer interagindo com o professor quer com os colegas.</p> <p>O professor dará algum tempo aos alunos para resolver o exercício 2.</p>	
<p>8:58</p>		<p>O professor mostra através da projecção em PowerPoint a resolução do exercício 2, passo a passo, de forma a que os alunos tenham mais consciência do rigor geométrico do mesmo.</p>	
<p>9:00</p>	<p>FICHA DE TRABALHO 2</p>	<p>O professor distribui a ficha de trabalho 2, onde constam 6 exercícios, dos quais 2 já foram resolvidos na aula – exercícios nº 1 e 2.</p>	
<p>9:02</p>	<p>Exercício 3 REBATIMENTO</p>	<p>O professor solicita aos alunos que terão de resolver os exercícios nº 3, 4, 5 e 6, autonomamente, durante o tempo restante da aula</p> <p>São dados dois pontos: A (1;3;1) e B (-2;1;4). Os pontos A e B são dois vértices de um triângulo equilátero [ABC], contido num plano de topo β, situado no 1º Diedro. Desenha as projecções do triângulo, recorrendo ao método do rebatimento.</p>	
<p>9:15</p>	<p>Exercício 4 MUDANÇA DE PLANO DE PROJECCÃO</p>	<p>É dado um triângulo [MNO], contido num plano de perfil α, sendo M (2;2;1), N (2;1;5) e O (2;5;3). Determine a VG do triângulo, transformando α num plano horizontal (de nível) com 3 cm de cota.</p>	
<p>9:30</p>	<p>Exercício 5 ROTAÇÃO DE UM SEGMENTO DE RECTA</p>		

<p>escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO</p> 	<p>CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS</p> <p>708</p> <p>disciplina de: GEOMETRIA DESCRITIVA A</p> <p>PLANO DE AULA</p> <p>UNIDADES Métodos Geométricos Auxiliares</p> <p>Mudança de Plano de Projecção, Rotação e Rebatimento</p>	<p>ano lectivo 2010 / 2011</p> <p>11º E</p> <p>22/98</p> <p>90 minutos 03.11.2010</p>
	<p>9:45</p> <p>Exercício 6 MUDANÇA DE PLANO DE PROJEÇÃO É dado um triângulo [PQR], definido pelos pontos P (1;5;4), Q (-2;1;2) e R (4;1), contido num plano de topo β. Determine a VG do triângulo, transformando o plano β num plano horizontal (de nível) com 3 cm de cota.</p>	<p>É dado um segmento de recta [PQ], obliquo, sendo P (-2;4;4) e Q (-4;2;1). É dada também uma recta e, de topo, que tem de 1cm de abscissa e 1cm de cota. Determine a VG de [PQ], transformando [PQ], num segmento de recta horizontal (de nível), em torno da recta e, com recurso ao método da rotação.</p>
	<p>9:59</p> <p>Conclusão da aula com a entrega da ficha de trabalho 2 ao professor, por parte dos alunos, para posterior correcção e avaliação.</p>	
	<p>10:00</p> <p>Encerramento da aula.</p>	
<p>APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR / TRABALHO</p> <p>Resolução de exercícios de aplicação sobre MGA, em casa.</p>		
<p>RECURSOS / MATERIAL NECESSÁRIO</p> <p>Modelos, Desenhos, Folhas A4, Quadro, Canetas, Computador, Projector e PowerPoint.</p>		
<p>AVALIAÇÃO FORMAL / INFORMAL DAS APRENDIZAGENS</p> <p>A avaliação dos alunos será baseada nos seguintes aspectos:</p> <ul style="list-style-type: none"> o Interesse demonstrado durante a aula; o Participação na exposição do tema; o Colaboração com o professor e com os colegas na resolução dos exercícios propostos; o Aplicação de conhecimentos adquiridos anteriormente; o Uso de terminologia e simbologia adequada; o Uso do material adequado; <p>Comportamento na sala de aula.</p>		

escola secundária/3.º ano luso 400830 - CASTELO BRANCO 	CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS disciplina de:	708 GEOMETRIA DESCRITIVA A PLANO DE AULA Métodos Geométricos Auxiliares Mudança de Plano de Projecção, Rotação e Rebatimento	ano lectivo 2010 / 2011 11º E 22/98 90 minutos 03.11.2010
--	---	---	---

REFLEXÃO DA AULA / OBSERVAÇÕES

A indicação temporal enunciada anteriormente para cada exercício, de aproximadamente 15 minutos para cada exercício da ficha de trabalho, apesar de ser meramente indicativa, revelou-se coerente. O exercícios 1 e 2 da ficha de trabalho, foram resolvidos com o apoio da professora e eram os mais simples e de resolução mais rápida e imediata. Os exercícios seguintes, 3, 4, 5 e 6 foram resolvidos autonomamente pelos alunos, tendo sido resolvidos durante o restante da aula.

Relatório de aula.

A professora estagiária responsável,
Eugénia Morgado

Anexo III.14 - Ficha de Trabalho do dia 3 de Novembro de 2010.

escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO	CURSO CIENTIFICO-HUMANÍSTICO DE ARTES VISUAIS 708	ano lectivo 2010 / 2011
	disciplina de: GEOMETRIA DESCRITIVA . A	11º E
	MÉTODOS GEOMÉTRICOS AUXILIARES mudança de plano de projecção, rotação e rebatimento	03 . 11 . 2010
FICHA DE TRABALHO 2		

1. As representações abaixo descritas referem-se ao **método de dupla projecção ortogonal**.
2. As coordenadas estão expressas em centímetros e são indicadas pela seguinte ordem: **abcissa, afastamento, cota**.
3. A prova deve ser resolvida a **lápiz**, em tamanho natural (sem reduções e sem ampliações).
4. Materiais necessários para a execução dos exercícios: folhas A4, lápis, borracha, régua, esquadro, transferidor, compasso, afiadeira.


-
- 1**
20pts
São dados dois pontos, **A** (-2;1;4) e **B** (-4;2;0), pertencentes ao plano α , que é vertical.
Os pontos **A** e **B** são dois vértices de um triângulo equilátero **[ABC]**, contido nesse plano.
Desenha as projecções do triângulo, construindo previamente a figura em VG, após transformar o plano α num plano frontal (de frente) com 2 cm de afastamento.
 - 2**
20pts
É dado um triângulo **[MNO]**, contido num plano de perfil α , sendo **M** (3;2;1), **N** (3;1;5) e **O** (3;5;3).
Determine a VG do triângulo, transformando α num plano frontal (de frente) com 2 cm de afastamento.
 - 3**
40pts
São dados dois pontos: **A** (1;3;1) e **B** (-2;1;4).
Os pontos **A** e **B** são dois vértices de um triângulo equilátero **[ABC]**, contido num plano de topo β , situado no 1.º Diedro.
Desenha as projecções do triângulo, recorrendo ao método do rebatimento.
 - 4**
40pts
É dado um triângulo **[MNO]**, contido num plano de perfil α , sendo **M** (2;2;1), **N** (2;1;5) e **O** (2;5;3).
Determine a VG do triângulo, transformando α num plano horizontal (de nível) com 3 cm de cota.
 - 5**
40pts
É dado um segmento de recta **[PQ]**, oblíquo, sendo **P** (-2;4;4) e **Q** (-4;2;1).
É dada também uma recta **e**, de topo, que tem 1cm de abcissa e 1cm de cota.
Determine a VG de **[PQ]**, transformando **[PQ]**, num segmento de recta horizontal (de nível), em torno da recta **e**, com recurso ao método da rotação.
 - 6**
40pts
É dado um triângulo **[PQR]**, definido pelos pontos **P** (1;5;4), **Q** (-2;1;2) e **R** (4;1), contido num plano de topo β .
Determine a VG do triângulo, transformando o plano β num plano horizontal (de nível) com 3 cm de cota.

A professora,
Eugénia Morgado

Anexo III.16 - Grelha de Correção e Critérios de Classificação do dia 3 de Novembro de 2010.

3 de Novembro de 2010				2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	
PERGUNTAS	ALÍNEAS	COTAÇÕES	TOTAL																				
				3	4	5	8	10	11	12	16	18	20	22	23	24	25	26	27	28	29	30	
1	A B	2		2	2	2	2	2	2	2	2	0	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
	traços H F de α	2		2	1	2	2	2	1	2	2	0	1	2	2	2	2	2	2	2	1	2	1
	MDP	3		3	3	3	3	3	3	0	3	1	1	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
	A4 B4 C4 e C	7		7	6	7	7	7	6	0	5	1	4	7	7	7	3	7	7	7	7	7	7
	VG do triângulo	3		3	2	3	3	3	0	0	0	1	1	3	3	3	0	3	3	3	3	3	3
	D & N	3		3	2	1	1	1	1	1	2	1	1	3	1	1	1	1	1	1	1	2	1
			20	20	16	18	18	18	13	5	14	4	10	20	18	18	11	18	18	17	19	17	17
2	M N O	3		3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2
	traços H F de α	1		1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	MDP	5		5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	0	5	5	5	5	5	5
	M4 N4 O4	5		5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	3	0	5	2	5	5	3	3
	VG do triângulo	3		3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	0	0	3	1	3	3	0	3
	D & N	3		2	2	1	2	1	1	2	1	1	2	3	1	1	1	1	1	1	1	2	1
			20	19	19	18	19	18	18	19	18	18	18	18	20	13	5	18	13	18	19	12	15
3	A B	2		2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
	traços H F de β	3		3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
	Rebatimento Ar Br	10		10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	0	10	10	10	10	10	10	10
	ponto Cr	5		0	5	5	5	5	0	5	5	0	0	0	5	5	5	5	5	5	0	5	5
	Projeções ponto C	5		0	5	5	5	5	0	5	5	0	0	0	5	5	5	5	5	5	0	5	5
	VG triângulo	10		0	10	10	10	10	0	10	10	0	0	0	10	10	10	10	10	10	0	10	10
	D & N	5		4	4	2	3	2	2	3	3	3	4	2	2	2	3	4	4	4	3	3	3
			40	19	39	37	38	37	17	38	38	18	19	7	37	37	38	39	39	39	39	18	38
4	M N O	3		3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
	traços H F de α	2		2	2	2	2	2	1	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	0	0	
	MDP	10		10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	0	0	10	10	10	10	10	10
	M4 N4 O4	10		10	10	10	0	0	10	10	3	10	10	0	0	0	10	10	10	10	10	10	0
	VG do triângulo	10		10	10	10	0	0	10	10	0	10	10	0	0	0	10	10	10	10	10	10	0
	D & N	5		3	4	4	3	1	2	2	2	3	1	1	1	1	3	4	4	4	3	1	
			40	38	39	39	8	6	36	37	19	38	36	6	6	6	38	39	39	39	36	4	
5	P Q	2		2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
	eixo e	3		3	3	3	3	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	0	3	
	ponto A	4		4	2	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	4	0	0	4	0	0	
	rotação de A	4		3	4	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	4	0	0	4	0	0	
	rotação de P	4		3	4	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	4	0	0	4	0	0	
	rotação de Q	4		4	4	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	4	0	0	4	0	0	
	projeções P' Q'	4		3	4	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	4	0	0	4	0	0	
	VG de PQ	10		5	10	0	0	0	0	0	10	0	0	0	0	0	10	0	0	10	0	0	
	D & N	5		2	2	1	1	1	1	1	2	1	1	2	1	1	3	1	1	3	0	1	
			40	29	35	6	6	6	6	3	37	6	6	7	6	6	38	6	6	38	2	6	
6	P Q R	3		3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	
	traços H F de β	2		2	2	2	2	2	0	2	2	2	2	0	2	2	2	2	2	2	2	2	
	MDP	10		10	10	0	10	0	10	0	10	10	10	0	0	10	10	10	0	10	10	10	
	P4 Q4 R4	10		10	10	0	10	0	10	0	10	10	10	0	0	10	10	0	0	10	10	10	
	VG do triângulo	10		10	10	0	10	0	10	0	10	10	10	0	0	10	10	0	0	10	10	10	
	D & N	5		3	4	4	2	1	1	1	5	2	4	1	1	3	3	2	2	3	3	3	
			40	38	39	9	37	6	36	4	40	37	39	3	6	38	38	17	7	38	38	38	
	TOTAL		200	163	187	127	126	91	126	106	166	121	128	63	86	110	181	132	127	190	125	118	

mediana 126
média 130

escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO 	CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS 708	ano lectivo 2010 / 2011
	disciplina de: GEOMETRIA DESCRITIVA . A MÉTODOS GEOMÉTRICOS AUXILIARES mudança de plano de projecção, rotação e rebatimento	11º E / N
CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO		

COTAÇÕES

1			
	Tradução gráfica dos dados	4 pontos	20 pontos
	Processo de resolução	10 pontos	
	Apresentação gráfica da solução	3 pontos	
	Observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados	3 pontos	
2			
	Tradução gráfica dos dados	4 pontos	20 pontos
	Processo de resolução	10 pontos	
	Apresentação gráfica da solução	3 pontos	
	Observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados	3 pontos	
3			
	Tradução gráfica dos dados	5 pontos	40 pontos
	Processo de resolução	20 pontos	
	Apresentação gráfica da solução	10 pontos	
	Observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados	5 pontos	
4			
	Tradução gráfica dos dados	5 pontos	40 pontos
	Processo de resolução	20 pontos	
	Apresentação gráfica da solução	10 pontos	
	Observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados	5 pontos	
5			
	Tradução gráfica dos dados	5 pontos	40 pontos
	Processo de resolução	20 pontos	
	Apresentação gráfica da solução	10 pontos	
	Observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados	5 pontos	
6			
	Tradução gráfica dos dados	5 pontos	40 pontos
	Processo de resolução	20 pontos	
	Apresentação gráfica da solução	10 pontos	

	Observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados	5 pontos	
	TOTAL DA PROVA		200 pontos

DURAÇÃO DA PROVA

A prova tem a duração de 60 minutos.

CRITERIOS GERAIS DE CLASSIFICAÇÃO

A classificação a atribuir a cada item é obrigatoriamente:

- um número inteiro;
- um dos valores resultantes da aplicação dos critérios gerais e específicos de classificação e previstos na respectiva grelha de classificação.

As respostas que se revelem ilegíveis ou que não possam ser claramente identificadas são classificadas com zero pontos. No entanto, em caso de omissão ou de engano na identificação de um item, o mesmo pode ser classificado se, pela resposta apresentada, for possível identificá-lo inequivocamente.

Se o examinando responder a um mesmo item mais do que uma vez, não eliminando inequivocamente a(s) resposta(s) que não deseja que seja(m) classificada(s), deve ser apenas considerada a resposta que surgir em primeiro lugar.

Todos os itens apresentam critérios específicos de classificação organizados por níveis de desempenho no parâmetro observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados. No caso de, ponderados todos os dados contidos nos descritores, permanecerem dúvidas quanto ao nível a atribuir, deve optar-se pelo nível mais elevado de entre os dois tidos em consideração.

Pontuações referentes à **tradução gráfica de dados**:

As pontuações indicadas para a tradução gráfica dos dados dos problemas não podem ser subdivididas: qualquer representação total ou parcialmente incorrecta de um dado é classificada com zero pontos.

Pontuações referentes ao **processo de resolução**:

- a) Considerando a diversidade de métodos susceptíveis de serem utilizados na resolução gráfica dos problemas propostos, as sequências de passos que são indicadas nos critérios específicos de classificação de alguns dos itens constituem apenas exemplos.

As sequências de passos indicadas nos exemplos podem não corresponder às dos processos adoptados pelo examinando. Assim, desde que os problemas tenham sido correctamente resolvidos, a pontuação prevista para este parâmetro deve ser atribuída na totalidade. Em caso de erro, e após análise dos traçados apresentados, esta pontuação global deve ser subdividida de forma adequada ao processo de resolução apresentado.

- b) Nenhuma resposta deve ser classificada com zero pontos pelo facto de apresentar erros em alguns traçados intermédios, ou dados incorrectamente traduzidos. Desde que não se verifique uma descaracterização, ou uma diminuição do grau de dificuldade do problema a resolver, todos os passos metodologicamente correctos do processo de resolução, ainda que isoladamente considerados, devem ser classificados de acordo com os critérios específicos de classificação, mesmo que existam erros em traçados ou construções precedentes.

Pontuações referentes à **apresentação gráfica da solução**:

As pontuações indicadas para as figuras, ou traçados, correspondentes à conclusão dos problemas resolvidos só podem ser atribuídas se as soluções apresentadas estiverem, efectivamente, correctas.

Soluções incompletas ou parcialmente correctas, contudo, podem ser proporcionalmente valorizadas com a atribuição de uma fracção da pontuação total indicada, sempre arredondada, por excesso, a um número inteiro de pontos.

Os quadros seguintes indicam a pontuação a atribuir nas situações indicadas:

SITUAÇÃO		CLASSIFICAÇÃO	
TRADUÇÃO GRÁFICA DOS DADOS	PROCESSO DE RESOLUÇÃO	APRESENTAÇÃO GRÁFICA DA SOLUÇÃO	
	Incorreção na tradução dos dados que não produz diminuição do grau de dificuldade.	Correcto	90% da cotação
	Incorreção na tradução dos dados que produz diminuição do grau de dificuldade.	Correcto	50% da cotação

SITUAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO	
	PROCESSO DE RESOLUÇÃO	APRESENTAÇÃO GRÁFICA DA SOLUÇÃO
O examinando revela dominar as competências que o processo de resolução implica, mas comete erro(s) ocasional(ais).	0 a 50% da cotação, no(s) passo(s) incorrecto(s)	0 a 50% da cotação
O examinando revela desconhecimento do processo de resolução, mas cumpre pontualmente alguns dos passos descritos.	50 a 100% da cotação, no(s) passo(s) correcto(s)	0

No parâmetro **observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados**, as classificações a atribuir são estabelecidas por níveis de desempenho, de acordo com a seguinte tabela:

Soma das pontuações previamente atribuídas nos outros parâmetros		11 a 17 pontos	18 a 24 pontos	25 a 31 pontos	32 a 38 pontos	39 a 45 pontos	
		Pontuação a adicionar a)					
Níveis de desempenho relativos à observância de convenções, ao rigor e à expressão b) c) d)	2	<ul style="list-style-type: none"> • Notações legíveis, correctamente posicionadas e de acordo com as convenções usuais • Construções genericamente rigorosas • Traçados de fácil legibilidade, regulares e com diferenciações de espessuras e/ou de intensidades de traço nítidas e adequadas • Execução correcta de tracejados ou de manchas de preenchimento de secções e áreas de sombra • Desenho bem enquadrado 	2	3	3	4	5
	1	<ul style="list-style-type: none"> • Notações incompletas, pouco legíveis, ou mal posicionadas, mas de acordo com as convenções usuais • Construções com falhas de rigor que não comprometem a eficácia do processo de resolução gráfica do problema • Traçados regulares, mas de fraca legibilidade, sem diferenciações nítidas, ou com diferenciações pouco adequadas de espessura e/ou de intensidade • Execução com irregularidades de tracejados ou de manchas de preenchimento de secções e áreas de sombra • Deficiente enquadramento do desenho na área útil da folha de prova 	1	1	2	2	3
TOTAL:		11 a 19 pontos	18 a 27 pontos	25 a 34 pontos	32 a 42 pontos	39 a 50 pontos	

NOTAS:

- a) Caso a soma das classificações atribuídas nos outros parâmetros seja inferior a 11 pontos, a pontuação a adicionar é zero pontos.
- b) O nível de desempenho seleccionado deve ser aquele a que corresponda o maior número de descritores ajustados à situação observada.
- c) No caso de, ponderados todos os dados contidos nos descritores, permanecerem dúvidas quanto ao nível a atribuir, deve optar-se pelo nível mais elevado de entre os dois tidos em consideração.
- d) Não são pontuáveis as notações inexistentes, ilegíveis, ou em desacordo com as convenções usuais, as construções com falta de rigor, comprometedoras da eficácia do processo de resolução gráfica do problema, os traçados de difícil legibilidade, ou irregulares, com espessuras e/ou intensidades aleatórias, a execução muito deficiente de tracejados ou de manchas de preenchimento de secções e áreas de sombra e o desenho ostensivamente mal enquadrado na área útil da folha de prova.

Esta tabela é aplicada em todos os itens.

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO DA FICHA DE TRABALHO

1			
	Tradução gráfica dos dados	4 pontos	20 pontos
	1. Abcissa, afastamento e cota do ponto A	1 ponto	
	2. Abcissa, afastamento e cota do ponto B	1 ponto	
	3. Traço horizontal do plano α	1 ponto	
	4. Traço frontal do plano α	1 ponto	
	Processo de resolução	10 pontos	
	1. Transformar o plano α num plano frontal (de frente) com 2 cm de afastamento (MDP)	3 pontos	
	2. Determinar as cotas dos pontos A4 e B4 com a mudança de plano de projecção	3 pontos	
	3. Determinar o ponto C4 , com a construção do triângulo equilátero	2 pontos	
	4. Determinar a cota e o afastamento do ponto C	2 pontos	
	Apresentação gráfica da solução	3 pontos	
	1. VG do triângulo equilátero	3 pontos	
	Observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados*	3 pontos	
2			
	Tradução gráfica dos dados	4 pontos	20 pontos
	1. Abcissa, afastamento e cota do ponto M	1 ponto	
	2. Abcissa, afastamento e cota do ponto N	1 ponto	
	3. Abcissa, afastamento e cota do ponto O	1 ponto	
	4. Traços H e F do plano de perfil α	1 ponto	
	Processo de resolução	10 pontos	
	5. Transformar o plano α num plano frontal (de frente) com 2 cm de afastamento (MDP)	5 pontos	
	6. Determinar as cotas dos pontos M4 , N4 e O4 com a mudança de plano de projecção	5 pontos	
	Apresentação gráfica da solução	3 pontos	
	1. VG do triângulo	3 pontos	
	Observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados*	3 pontos	
3			

	Tradução gráfica dos dados	5 pontos	40 pontos
	1. Abcissa, afastamento e cota do ponto A	1 ponto	
	2. Abcissa, afastamento e cota do ponto B	1 ponto	
	3. Traço horizontal do plano β (definido pelos pontos A e B)	1 ponto	
	4. Traço frontal do plano β	2 pontos	
	Processo de resolução	20 pontos	
	Rebatimento dos pontos A e B – Ar e Br	10 pontos	
	Determinar o ponto Cr	5 pontos	
	Determinar As projecções de C (afastamento e cota)	5 pontos	
	Apresentação gráfica da solução	10 pontos	
	1. VG do triângulo	11 pontos	
	Observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados*	5 pontos	
4			
	Tradução gráfica dos dados	5 pontos	40 pontos
	1. Projecções do ponto M	1 ponto	
	2. Projecções do ponto N	1 ponto	
	3. Projecções do ponto O	1 ponto	
	4. Traços do plano de perfil α	2 pontos	
	Processo de resolução	20 pontos	
	5. Transformar o plano α num plano horizontal (de nível) com 3 cm de cota (MDP)	5 pontos	
	6. Determinar as cotas dos pontos M4 , N4 e O4 com a mudança de plano de projecção	5 pontos	
	Apresentação gráfica da solução	10 pontos	
	1. VG do triângulo	10 pontos	
	Observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados*	5 pontos	
5			
	Tradução gráfica dos dados	5 pontos	40 pontos
	1. Projecções do ponto P	1 ponto	
	2. Projecções do ponto Q	1 ponto	
	3. Projecção do eixo de rotação – recta de topo e	3 pontos	
	Processo de resolução	20 pontos	
	4. Determinação de uma recta concorrente com o eixo e perpendicular ao segmento de recta [PQ] – <u>determinação do ponto A</u>	4 pontos	

	5. Rotação do segmento de frente tornando-o vertical para que a projecção frontal fique uma projecção de nível – ponto A'2 – <u>rotação do ponto A</u>	4 pontos	
	6. Determinação do segmento de recta [A2Q2] = [A'2Q'2] – <u>rotação do ponto P</u>	4 pontos	
	7. Determinação do segmento de recta [A2P2] = [A'2P'2] – <u>rotação do ponto Q</u>	4 pontos	
	8. Determinação da projecção horizontal [P'1Q'1]	4 pontos	
	Apresentação gráfica da solução	10 pontos	
	1. VG segmento de recta [PQ] transformado-o num segmento de recta de nível por rotação	10 pontos	
	Observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados*	5 pontos	
6			
	Tradução gráfica dos dados	5 pontos	
	1. Projecções do ponto P	1 ponto	
	2. Projecções do ponto Q	1 ponto	
	3. Projecções do ponto R	1 ponto	
	4. Traços H e F do plano de topo β	2 pontos	
	Processo de resolução	20 pontos	
	5. Transformar o plano β num plano horizontal (de nível) com 3 cm de cota (MDP)	10 pontos	
	6. Determinar as cotas dos pontos P4 , Q4 e R4 com a mudança de plano de projecção	10 pontos	
	Apresentação gráfica da solução	10 pontos	
	1. VG do triângulo	10 pontos	
	Observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados*	5 pontos	
	TOTAL DA PROVA		200 pontos

* Aplicar a tabela da página 4.

As professoras responsáveis,
Eugénia Morgado e Sónia Martins

Anexo III.17 - Relatório de Aula do dia 3 de Novembro de 2010.

escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO 	CURSO CIENTIFICO-HUMANÍSTICO DE ARTES VISUAIS 708	ano lectivo 2010 / 2011
	disciplina de: GEOMETRIA DESCRITIVA . A MÉTODOS GEOMÉTRICOS AUXILIARES mudança de plano de projecção, rotação e rebatimento	11º E
RELATÓRIO DE AULA		

RELATÓRIO SOBRE OS RESULTADOS DA FICHA DE TRABALHO


CONTEÚDOS	MÉTODOS GEOMÉTRICOS AUXILIARES:
	1. Mudança de plano de projecção
	2. Rotação de um segmento de recta
	3. Rebatimento de um plano projectante
FORMA	1. Apresentação em PowerPoint
	2. Ficha de trabalho em papel A4, como forma de síntese da unidade dos MGA.
MÉTODO	1. Resolução de 2 exercícios acompanhados pela professora
	2. Apresentação da solução dos 2 exercícios em PowerPoint, passo a passo e explicados pela professora
	3. Distribuição da ficha de trabalho (por aluno)
	4. Resolução dos 4 exercícios da ficha de trabalho, autonomamente por cada aluno
RESULTADOS	<p>Na primeira parte da aula, os alunos resolveram dois exercícios acompanhados pela professora, dos quais revelaram mais interesse e mais empenho nas suas resoluções, apesar de alguns erros de resolução, por parte de alguns alunos.</p> <p>Quanto à resolução dos quatro exercícios da ficha de trabalho, denotou-se pouca autonomia por parte dos alunos. Desta forma, a professora foi constantemente solicitada, servindo de auxílio para a resolução de alguns exercícios, nomeadamente, o exercício n.º 5 (rotação de um segmento de recta) e o exercício n.º 6 (mudança de plano de projecção).</p> <p>Durante a execução dos exercícios da ficha de trabalho, os alunos tiveram a necessidade de trabalhar em grupo, na tentativa de tirar algumas dúvidas que foram surgindo ao longo da sua resolução, do qual potenciou o trabalho de grupo/pares, que não funcionou da melhor forma, pois a turma é muito heterogénea. Os alunos mostraram-se pouco autónomos e pouca empatia perante</p>

	<p>a ficha de trabalho, ou seja, perante a avaliação.</p> <p>Por conseguinte, os alunos revelaram resultados positivos, no entanto, demonstraram, no geral, bastantes dificuldades, falta de rigor nos traçados, falta de notações e dificuldades no exercício de rotação (n.º 5).</p> <p>Alguns pontos importantes sobre os resultados gerais da turma, a saber:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A média dos resultados da turma foi de 130. - A mediana dos resultados da turma foi de 126. - O aluno n.º 11 chegou atrasado à aula. - A aluna n.º 20 foi a última a entregar a ficha de trabalho resolvida. - As alunas n.º 3, n.º 4, n.º 16, n.º 25 e n.º 28 foram as alunas com melhores resultados na turma, mostrando empenho e interesse pela disciplina. <p>Por se ter tornado uma ficha de trabalho com a resolução em grupo ou em pares, houve uma tendência para os resultados, que potenciou melhores e piores resultados e as capacidades de alguns alunos que obtiveram resultados positivos, mas que são alunos com muitas dificuldades à disciplina, a saber:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A aluna n.º 30 obteve 118 na ficha de trabalho, do qual nas aulas e em testes de avaliação individual não obtém resultados positivos, do qual a aluna n.º 24, que a ajudou a resolver todos os exercícios. - As alunas n.º 10, n.º 22 e n.º 23 obtiveram resultados negativos. - Os alunos n.º 5, n.º 8, n.º 11, n.º 12, n.º 18, n.º 20, n.º 24, n.º 26, n.º 27 e n.º 29 obtiveram resultados positivos. - Os alunos n.º 8, n.º 22 e n.º 24 são alunos conhecidos do ano lectivo anterior.
--	--


A professora estagiária responsável,

Eugénia Morgado

Anexo III.18 - Relatório da reunião de Grupo de Estágio do dia 3 de Novembro de 2010.

escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO 	CURSO CIENTIFICO-HUMANÍSTICO DE ARTES VISUAIS 708 disciplina de: GEOMETRIA DESCRITIVA . A Reunião com o Orientador de Estágio Pedagógico RELATÓRIO 10	ano lectivo 2010 / 2011 03 . 11 . 2010
--	--	--

HORA	10:20h - 13:30h 16:50h - 18:20h
LOCAL	Biblioteca Escolar/Centro de Recursos
Ordem de Trabalhos	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação da aula assistida da aluna estagiária – Eugénia Morgado - 11^ºE - 8:30h; - Auto e hetero-avaliação; - Avaliação da aula assistida do aluno estagiário - Sónia Martins - 11^ºN – 15:10h; - Auto e hetero-avaliação.
Desenvolvimento	<p>10:20h</p> <p>Reunião realizada na Biblioteca Escolar/Centro de Recursos, com a presença dos Alunos Estagiários e do Professor Orientador do estágio pedagógico, onde foi feita uma análise da aula dada pela aluna estagiária Eugénia Morgado, previamente preparada, assim como os aspectos contidos no Plano de Aula e abordados durante a aula.</p> <p>Foi realizada a auto e hetero-avaliação em relação ao desempenho da aluna estagiária na leccionação da aula assistida. Desta, resultaram algumas observações em relação à prestação de cada aluno estagiário.</p> <p>Aspectos positivos/aspectos negativos sobre a aula leccionada pela Eugénia Morgado:</p> <p><u>Professor Orientador</u> – Denotou-se que leccionou a aula com facilidade e bem preparada, tendo cumprido o previsto;</p> <p><u>Eugénia</u> – Consegui cumprir o plano de aula e consegui que os alunos se entusiasmassem com os exercícios propostos e que os conseguissem resolver.</p> <p><u>Paulo</u> – Correu muito bem;</p> <p><u>António</u> – Excesso de exercícios na ficha de trabalho, mas que funcionou bem;</p> <p><u>Sónia</u> – Bem preparada e mostrou-se muito à vontade.</p> <p>O Professor Orientador mostrou aos alunos estagiários um documentário, do centro de conferências, do Ken Robinson, na internet sobre Educação: “Escolas matam a Criatividade?”. Foi feito um pequeno debate de ideias sobre este tema.</p> <p>Foram ainda abordados os conteúdos a leccionar nas próximas aulas.</p> <p>16:50h</p> <p>Foi realizada a auto e hetero-avaliação em relação ao desempenho da aluna estagiária Sónia Martins, na leccionação da aula assistida. Desta, resultaram algumas observações em relação à prestação de cada Aluno Estagiário.</p> <p>Aspectos positivos/aspectos negativos sobre a aula leccionada pela Sónia Martins:</p> <p><u>Professor Orientador</u> – Denotou-se que leccionou a aula com mais facilidade do que a anteriormente</p>

escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO	CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS 708	ano lectivo 2010 / 2011
	disciplina de: GEOMETRIA DESCRITIVA . A	03 . 11 . 2010
	Reunião com o Orientador de Estágio Pedagógico	
	RELATÓRIO 10	

	leccionada, mostrando-se mais bem preparada; melhor postura perante a turma e a voz mais bem projectada;
	<u>Sónia</u> – Apesar da falta de experiência no ensino, acho que consegui cumprir o plano de aula e criar interesse nos alunos pelos conteúdos que estava a leccionar;
	<u>António</u> – Concordo com o que afirmou a Sónia;
	<u>Eugénia</u> – Concordo com o que afirmou a Sónia;
<u>Paulo</u> – Concordo com o que afirmou a Sónia.	

O professor Orientador,
Aníbal Cravo Nunes


Os alunos Estagiários,
António Pedro Martins
Eugénia Morgado
Paulo Chambino
Sónia Martins

Anexo III.20 - Plano de Aula do dia 9 de Fevereiro de 2011.

escola secundária/3.º ano luso 400830 - CASTELO BRANCO 	CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS disciplina de:	708 GEOMETRIA DESCRITIVA A PLANO DE AULA 3.17 SECÇÕES DE SÓLIDOS 3.17.2 Secções de cones, cilindros e esfera por planos projectantes	ano lectivo 2010 / 2011 11º N 55/98 90 minutos 09.02.2011
CONTEXTUALIZAÇÃO			
UNIDADES DIDACTICAS	3.17.2 Secções de cones, cilindros e esfera por planos projectantes Saber determinar as projecções das secções produzidas em sólidos – CONE; Rever os conteúdos da matéria através da realização de uma ficha formativa; Incentivo à criação de estratégias pessoais do aluno para a capacidade de resolução dos exercícios propostos de uma forma autónoma.		
SUMÁRIO			
Ficha Formativa com exercícios de aplicação sobre Secções de Cones por Planos Projectantes.			
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS			
Secções planas em poliedros	3.17 3.17.2 Secções de cones, cilindros e esfera por planos projectantes		
COMPETÊNCIAS / APRENDIZAGEM ESPERADA			
Nesta fase de estudo é de propor aos alunos a resolução dos seguintes problemas-tipo: <ul style="list-style-type: none"> - Construção de sólidos (cone); - Determinar as projecções das secções resultantes de diferentes planos; - Determinar a Verdadeira Grandeza das secções; - Aplicação das competências da disciplina já adquiridas. 			
ESTRATÉGIAS / METODOLOGIA (DESENVOLVIMENTO DA AULA)			
15:10	A aula será iniciada com a confirmação da presença dos alunos na sala de aula. A aula continuará com a escrita do sumário.		
15:12	De seguida, o professor informará os alunos da continuidade dos conteúdos leccionados nas últimas aulas, concretamente das secções de sólidos, com recurso a exercícios práticos para resolução.		
15:13	O professor informará a turma de que todos os exercícios resolvidos nesta aula serão para avaliação e que terão de os resolver em folhas A4, um por folha, de forma		


escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO	CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS 708 GEOMETRIA DESCRITIVA A PLANO DE AULA	ano lectivo 2010 / 2011 11º N
disciplina de:	UNIDADES 3.17 SECÇÕES DE SÓLIDOS 3.17.2 Secções de cones, cilindros e esfera por planos projectantes	55/98 90 minutos 09.02.2011

		a serem avaliados e que contarão para a nota da disciplina.
FICHA FORMATIVA	15:14	<p>Na continuação, o professor distribui a ficha formativa, onde consta um exercício de secções de um sólido (cone), com três alíneas – a), b) e c).</p> <p>O professor solicita aos alunos que terão de resolver os autonomamente, durante o tempo restante da aula.</p> <p>O professor irá informar os alunos de que se necessitarem de folhas A4, poderá disponibilizá-las.</p>
	15:15	De seguida, o professor irá ler o enunciado da ficha formativa, onde consta o exercício 1 , com as respectivas alíneas .
	15:20	<p>Exercício 1 SECÇÕES de SÓLIDOS Dado o sólido com as características abaixo definidas, represente-o para cada alínea descrita a seguir. Ponha em destaque, a traço mais forte, a parte do cone delimitada pelo plano secante e pelo plano da base. Preencha e tracejado a projecção visível da secção.</p> <p>Dados do Cone:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O sólido é um cone recto; - O cone está assente em φ_0; - O centro da base é o ponto O (4;0;4); - O cone tem de raio 3 cm; - A altura do cone é de 8 cm.
	15:40	a) Determine as projecções da secção produzida no sólido por um plano de frente β com 4 cm de afastamento.
	16:10	b) Determine as projecções e a verdadeira grandeza da secção no sólido produzida por um plano vertical π , paralelo à geratriz de menor abcissa e que intersecta o eixo X no ponto de abcissa 2. c) Determine as projecções e a verdadeira grandeza da secção no sólido produzida por um plano de perfil α , que intersecta o eixo X no ponto de abcissa 3.
	16:35	<p>Registo na grelha de observação, de dados importantes sobre o empenho e a autonomia dos alunos na resolução da ficha formativa. Na mesma ficha serão registadas as faltas de material necessário para a resolução dos exercícios.</p> <p>Conclusão da aula com a entrega da ficha formativa ao professor, por parte dos alunos, para posterior correcção e avaliação. Contabilização da hora da entrega da ficha concluída, por parte de cada aluno (grelha de observação).</p>

escola secundária/3.º ano lútiliano 400830 - CASTELO BRANCO 	CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS disciplina de:	708 GEOMETRIA DESCRITIVA A PLANO DE AULA 3.17 SECÇÕES DE SÓLIDOS 3.17.2 Secções de cones, cilindros e esfera por planos projetantes	ano lectivo 2010 / 2011 11º N 55/98 90 minutos 09.02.2011
<p>O professor informará os alunos da turma que a resolução dos exercícios será enviada para os seus emails particulares, onde constará, em anexo, a ficha formativa e a apresentação em <i>powerpoint</i> com os exercícios resolvidos passo a passo.</p>			
16:40	Encerramento da aula.		
APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR / TRABALHO			
16:25	Lançamento de um exercício complementar para resolver em casa, tendo como base a figura geométrica do exercício da ficha formativa (cone).		
Exercício Complementar			
d) Determine as projeções e a verdadeira grandeza da secção produzida por um plano de rampa α cujos treços horizontal e frontal distam 6cm e 7 cm do eixo X.			
RECURSOS / MATERIAL NECESSÁRIO			
Modelos, Desenhos, Folhas A4, Quadro, Canetas, Computador, Projector e <i>PowerPoint</i> .			
AValiação FORMAL / INFORMAL DAS APRENDIZAGENS			
A avaliação dos alunos será baseada nos seguintes aspectos: <ul style="list-style-type: none"> ○ Aplicação de conhecimentos adquiridos, através da resolução da Ficha Formativa (critérios de correcção); ○ Uso do material adequado; ○ Comportamento na sala de aula. 			
REFLEXÃO DA AULA / OBSERVAÇÕES			
<p>A indicação temporal enunciada anteriormente para cada exercício, de aproximadamente 20 a 25 minutos para cada exercício, apesar de ser meramente indicativa, revelou-se coerente. O primeiro ponto da ficha juntamente com a alínea a) era naturalmente o mais simples e de resolução mais rápida e imediata. A alínea b) era a mais demorada, pois obrigava a uma construção bastante minuciosa e rigorosa da Secção e da VG. A maioria da turma demorou 40 a 45 minutos a completar esta alínea, sobrando 30 minutos para finalizar a alínea c) o que se revelou suficiente, pois todos os alunos conseguiram resolver a ficha no tempo previsto. Relatório de Aula.</p>			

A professora estagiária responsável,
Eugénia Morgado

Anexo III.21 - Ficha de Trabalho do dia 9 de Fevereiro de 2011.

escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO	CURSO CIENTIFICO-HUMANÍSTICO DE ARTES VISUAIS 708	ano lectivo 2010 / 2011
	disciplina de: GEOMETRIA DESCRITIVA . A	11º N
	3.17 SECÇÕES DE SÓLIDOS	09 . 02 . 2011
	3.17.2 Secções de cones, cilindros e esfera por planos projectantes	
	FICHA FORMATIVA	

1. As representações abaixo descritas referem-se ao **método de dupla projecção ortogonal**.
2. As coordenadas estão expressas em centímetros.
3. A prova deve ser resolvida a **lápiz**, em tamanho natural (sem reduções e sem ampliações).
4. Materiais necessários para a execução dos exercícios: folhas A4, lápis, borracha, régua, esquadro, transferidor, compasso, afiadeira.

-
- 1** Dado o sólido com as características abaixo definidas, represente-o para cada alínea descrita a seguir.
Ponha em destaque, a traço mais forte, a parte do cone delimitada pelo plano secante e pelo plano da base. Preencha a tracejado a projecção visível da secção.

Dados do Cone:

- O sólido é um **cone recto**;
- O cone está assente em φ_0 ;
- O centro da base é o ponto **O** (4;0;4);
- O cone tem de raio 3 cm;
- A altura do cone é de 8 cm.

- a)** Determine as projecções da secção produzida no sólido por um **plano de frente β** com 4 cm de afastamento.
60pts
- b)** Determine as projecções e a verdadeira grandeza da secção no sólido produzida por um **plano vertical π** , paralelo à geratriz de menor abcissa e que intersecta o eixo X no ponto de abcissa 2.
70pts
- c)** Determine as projecções e a verdadeira grandeza da secção no sólido produzida por um **plano de perfil α** , que intersecta o eixo X no ponto de abcissa 3.
70pts


A professora estagiária,
Eugénia Morgado

~

Anexo III.23 - Grelha de Correção e Critérios de Classificação do dia 9 de Fevereiro de 2011.

9 de Fevereiro de 2011				2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
PERGUNTAS	ALINEAS	COTAÇÕES	TOTAL											
				1	15	19	22	23	24	26	32	36	37	38
1a)	Tradução gráfica dos dados	10												
	Traçado do contorno aparente H	2		2		2	2			2	2	2	2	2
	Traçado do contorno aparente F	2		2		2	2			2	2	2	2	2
	Projeções do ponto O	2		2		2	2			2	2	2	2	2
	Raio da base do cone de 3cm	2		2		2	2			2	2	2	2	2
	Altura do cone de 8cm	2		2		2	2			2	2	2	2	2
	Processo de resolução	30												
	Traço frontal do plano de frente β	10		10		10	10			10	10	10	10	10
	Inters. de β com a circ. da base	9		9		9	9			9	9	9	9	9
	Inters. de β c a ger. do cont. ap.	8		8		8	8			8	8	8	8	8
	Det. 2 pon. do cont. da Secção	8		8		8	8			8	8	8	8	8
	Apres. gráfica da solução	10												
	Traç da proj. H da secção cónica	3		3		3	3			3	3	3	3	3
	Traçado do seg recta da secção	3		3		3	3			3	3	3	3	3
	Preench. da Secção, a tracejado	2		0		2	2			2	2	2	2	2
	Projeções do sólido resultante	2		2		2	2			2	2	2	2	2
	Obs. convenções gráficas	5												
	Obs. convenções gráficas	5		4		4	4			4	4	2	5	4
			60	57		59	59			59	59	57	60	59
1b)	Tradução gráfica dos dados	5												
	Projeções do plano vertical π	5		5		5	5			5	5	5	5	5
	Processo de resolução	40												
	Inters. de π com a circ. da base	10		10		10	10			10	10	10	10	10
	Inters. de π c a ger. do cont. ap.	10		10		10	10			10	10	10	10	10
	Secção plano secante, no F e H	10		10		5	10			10	10	10	10	10
	VG	10		2		10	10			10	5	10	10	10
	Apres. gráfica da solução	20												
	Gráfica da Secção	10		2		5	0			10	0	10	10	10
	Gráfica da VG	10		2		5	10			10	5	10	10	10
	Obs. convenções gráficas	5												
	Obs. convenções gráficas	5		2		2	4			3	2	2	5	4
			70	43		52	59			68	47	67	70	69
1c)	Tradução gráfica dos dados	9												
	Projeções do plano perfil α	5		5		5	5			5	5	5	5	5
	Processo de resolução	40												
	Inters. de α com a circ. da base	10		0		10	10			10	10	10	10	10
	Inters. de α c a ger. do cont. ap.	10		5		10	10			10	10	10	10	10
	Secção plano secante, no F e H	10		5		0	10			10	10	10	10	10
	VG	10		0		0	10			10	10	10	8	10
	Apres. gráfica da solução	20												
	Gráfica da Secção	10		5		0	10			10	5	10	5	10
	Gráfica da VG	10		0		0	10			10	10	2	5	10
	Obs. convenções gráficas	5												
	Obs. convenções gráficas	5		2		1	2			4	2	1	1	4
			70	22		26	67			69	62	58	54	69
	TOTAL	200		122	F	137	185	F	F	196	168	182	184	197

mediana 183
média 171

escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO 	CURSO CIENTIFICO-HUMANÍSTICO DE ARTES VISUAIS 708 disciplina de: GEOMETRIA DESCRITIVA . A SECÇÕES DE SÓLIDOS 3.17.2 Secções de cones, cilindros e esfera por planos projectantes CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO	ano lectivo 2010 / 2011 11º E / N 09 . 02 . 2011
--	---	---

COTAÇÕES

1			
a)	Tradução gráfica dos dados	10 pontos	60 pontos
	Processo de resolução	35 pontos	
	Apresentação gráfica da solução	10 pontos	
	Observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados	5 pontos	
1			
b)			
	Tradução gráfica dos dados	10 pontos	70 pontos
	Processo de resolução	45 pontos	
	Apresentação gráfica da solução	10 pontos	
	Observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados	5 pontos	
1			
c)			
	Tradução gráfica dos dados	10 pontos	70 pontos
	Processo de resolução	45 pontos	
	Apresentação gráfica da solução	10 pontos	
	Observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados	5 pontos	
	TOTAL DA PROVA		200 pontos

DURAÇÃO DA PROVA

A prova tem a duração de 90 minutos.

CRITERIOS GERAIS DE CLASSIFICAÇÃO

A classificação a atribuir a cada item é obrigatoriamente:

- um número inteiro;
- um dos valores resultantes da aplicação dos critérios gerais e específicos de classificação e previstos na respectiva grelha de classificação.

As respostas que se revelem ilegíveis ou que não possam ser claramente identificadas são classificadas com zero pontos. No entanto, em caso de omissão ou de engano na identificação de um item, o mesmo pode ser classificado se, pela resposta apresentada, for possível identificá-lo inequivocamente.

Se o examinando responder a um mesmo item mais do que uma vez, não eliminando inequivocamente a(s) resposta(s) que não deseja que seja(m) classificada(s), deve ser apenas considerada a resposta que surgir em primeiro lugar.

Todos os itens apresentam critérios específicos de classificação organizados por níveis de desempenho no parâmetro observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados. No caso de, ponderados todos os dados contidos nos descritores, permanecerem dúvidas quanto ao nível a atribuir, deve optar-se pelo nível mais elevado de entre os dois tidos em consideração.

Pontuações referentes à **tradução gráfica de dados**:

As pontuações indicadas para a tradução gráfica dos dados dos problemas não podem ser subdivididas: qualquer representação total ou parcialmente incorrecta de um dado é classificada com zero pontos.

Pontuações referentes ao **processo de resolução**:

- c) Considerando a diversidade de métodos susceptíveis de serem utilizados na resolução gráfica dos problemas propostos, as sequências de passos que são indicadas nos critérios específicos de classificação de alguns dos itens constituem apenas exemplos.

As sequências de passos indicadas nos exemplos podem não corresponder às dos processos adoptados pelo examinando. Assim, desde que os problemas tenham sido correctamente resolvidos, a pontuação prevista para este parâmetro deve ser atribuída na totalidade. Em caso de erro, e após análise dos traçados apresentados, esta pontuação global deve ser subdividida de forma adequada ao processo de resolução apresentado.

- d) Nenhuma resposta deve ser classificada com zero pontos pelo facto de apresentar erros em alguns traçados intermédios, ou dados incorrectamente traduzidos. Desde que não se verifique uma descaracterização, ou uma diminuição do grau de dificuldade do problema a resolver, todos os passos metodologicamente correctos do processo de resolução, ainda que isoladamente considerados, devem ser classificados de acordo com os critérios específicos de classificação, mesmo que existam erros em traçados ou construções precedentes.

Pontuações referentes à **apresentação gráfica da solução**:

As pontuações indicadas para as figuras, ou traçados, correspondentes à conclusão dos problemas resolvidos só podem ser atribuídas se as soluções apresentadas estiverem, efectivamente, correctas.

Soluções incompletas ou parcialmente correctas, contudo, podem ser proporcionalmente valorizadas com a atribuição de uma fracção da pontuação total indicada, sempre arredondada, por excesso, a um número inteiro de pontos.

Os quadros seguintes indicam a pontuação a atribuir nas situações indicadas:

SITUAÇÃO		CLASSIFICAÇÃO
TRADUÇÃO GRÁFICA DOS DADOS	PROCESSO DE RESOLUÇÃO	APRESENTAÇÃO GRÁFICA DA SOLUÇÃO
Incorreção na tradução dos dados que não produz diminuição do grau de dificuldade.	Correcto	90% da cotação
Incorreção na tradução dos dados que produz diminuição do grau de dificuldade.	Correcto	50% da cotação

SITUAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO	
	PROCESSO DE RESOLUÇÃO	APRESENTAÇÃO GRÁFICA DA SOLUÇÃO
O examinando revela dominar as competências que o processo de resolução implica, mas comete erro(s) ocasional(ais).	0 a 50% da cotação, no(s) passo(s) incorrecto(s)	0 a 50% da cotação
O examinando revela desconhecimento do processo de resolução, mas cumpre pontualmente alguns dos passos descritos.	50 a 100% da cotação, no(s) passo(s) correcto(s)	0

No parâmetro **observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados**, as classificações a atribuir são estabelecidas por níveis de desempenho, de acordo com a seguinte tabela:

Soma das pontuações previamente atribuídas nos outros parâmetros		11 a 17 pontos	18 a 24 pontos	25 a 31 pontos	32 a 38 pontos	39 a 45 pontos	
		Pontuação a adicionar a)					
Níveis de desempenho relativos à observância de convenções, ao rigor e à expressão b) c) d)	2	<ul style="list-style-type: none"> • Notações legíveis, correctamente posicionadas e de acordo com as convenções usuais • Construções genericamente rigorosas • Traçados de fácil legibilidade, regulares e com diferenciações de espessuras e/ou de intensidades de traço nítidas e adequadas • Execução correcta de tracejados ou de manchas de preenchimento de secções e áreas de sombra • Desenho bem enquadrado 	2	3	3	4	5
	1	<ul style="list-style-type: none"> • Notações incompletas, pouco legíveis, ou mal posicionadas, mas de acordo com as convenções usuais • Construções com falhas de rigor que não comprometem a eficácia do processo de resolução gráfica do problema • Traçados regulares, mas de fraca legibilidade, sem diferenciações nítidas, ou com diferenciações pouco adequadas de espessura e/ou de intensidade • Execução com irregularidades de tracejados ou de manchas de preenchimento de secções e áreas de sombra • Deficiente enquadramento do desenho na área útil da folha de prova 	1	1	2	2	3
TOTAL:		11 a 19 pontos	18 a 27 pontos	25 a 34 pontos	32 a 42 pontos	39 a 50 pontos	

NOTAS:

- a) Caso a soma das classificações atribuídas nos outros parâmetros seja inferior a 11 pontos, a pontuação a adicionar é zero pontos.
- b) O nível de desempenho seleccionado deve ser aquele a que corresponda o maior número de descritores ajustados à situação observada.
- c) No caso de, ponderados todos os dados contidos nos descritores, permanecerem dúvidas quanto ao nível a atribuir, deve optar-se pelo nível mais elevado de entre os dois tidos em consideração.
- d) Não são pontuáveis as notações inexistentes, ilegíveis, ou em desacordo com as convenções usuais, as construções com falta de rigor, comprometedoras da eficácia do processo de resolução gráfica do problema, os traçados de difícil legibilidade, ou irregulares, com espessuras e/ou intensidades aleatórias, a execução muito deficiente de tracejados ou de manchas de preenchimento de secções e áreas de sombra e o desenho ostensivamente mal enquadrado na área útil da folha de prova.

Esta tabela é aplicada em todos os itens.

CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO DA FICHA FORMATIVA


1			
a)			
	Tradução gráfica dos dados	<u>10 pontos</u>	60 pontos
	5. Traçado do contorno aparente horizontal do cone	2 pontos	
	6. Traçado do contorno aparente frontal do cone	2 pontos	
	7. Projecções do ponto O	2 pontos	
	8. Raio da base do cone de 3cm	2 pontos	
	9. Altura do cone de 8cm	2 pontos	
	Processo de resolução	<u>35 pontos</u>	
	1. Traço frontal do plano de frente β com 4cm de afastamento	10 pontos	
	2. Determinação dos pontos de intersecção do plano de frente β com a circunferência da base	9 pontos	
	3. Determinação do ponto de intersecção do plano β com a geratriz do contorno aparente	8 pontos	
	4. Determinação dos dois pontos do contorno da Secção produzida	8 pontos	
	Apresentação gráfica da solução	<u>10 pontos</u>	
	1. Traçado (aproximado) da projecção horizontal da secção cónica	3 pontos	
	2. Traçado do segmento de recta da secção	3 pontos	
	3. Preenchimento da Secção, a tracejado	2 pontos	
	4. Projecções do sólido resultante	2 pontos	
	Observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados*	<u>5 pontos</u>	
1			
b)			
	Tradução gráfica dos dados	<u>5 pontos</u>	70 pontos
	5. Projecções do plano vertical π no ponto de abcissa 2	5 pontos	
	Processo de resolução	<u>40 pontos</u>	
	1. Determinação dos pontos de intersecção do plano vertical π com a circunferência da base	10 pontos	
	2. Determinação do ponto de intersecção do plano vertical π com a geratriz do contorno aparente	10 pontos	
	3. Determinar a Secção resultante do plano secante, na projecção frontal e horizontal	10 pontos	
	4. Determinar a Verdadeira Grandeza	10 pontos	
	Apresentação gráfica da solução	<u>20 pontos</u>	

	2. Identificação gráfica das Secções obtidas	10 pontos	
	3. Identificação gráfica da Verdadeira Grandeza	10 pontos	
	Observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados*	5 pontos	
1			
c)			
	Tradução gráfica dos dados	5 pontos	
	5. Projecções do plano de perfil α no ponto de abcissa 3	5 pontos	
	Processo de resolução	40 pontos	
	1. Determinação dos pontos de intersecção do plano de perfil α com a circunferência da base	10 pontos	
	2. Determinação do ponto de intersecção do plano de perfil α com a geratriz do contorno aparente	10 pontos	
	3. Determinar a Secção resultante do plano secante, na projecção frontal e horizontal	10 pontos	70 pontos
	4. Determinar a Verdadeira Grandeza	10 pontos	
	Apresentação gráfica da solução	20 pontos	
	4. Identificação gráfica das Secções obtidas	10 pontos	
	5. Identificação gráfica da Verdadeira Grandeza	10 pontos	
	Observância das convenções gráficas usuais aplicáveis, rigor de execução e qualidade expressiva dos traçados*	5 pontos	
	TOTAL DA PROVA		200 pontos

* Aplicar a tabela da página 4.

As professoras estagiárias,
Eugénia Morgado e Sónia Martins

Anexo III.24 - Relatório de Aula do dia 9 de Fevereiro de 2011.

escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO 	CURSO CIENTIFICO-HUMANÍSTICO DE ARTES VISUAIS 708 disciplina de: GEOMETRIA DESCRITIVA . A 3.17 SECÇÕES DE SÓLIDOS 3.17.2 Secções de cones, cilindros e esfera por planos projectantes RELATÓRIO DE AULA	ano lectivo 2010 / 2011 11º N 09 . 02 . 2011
--	---	---

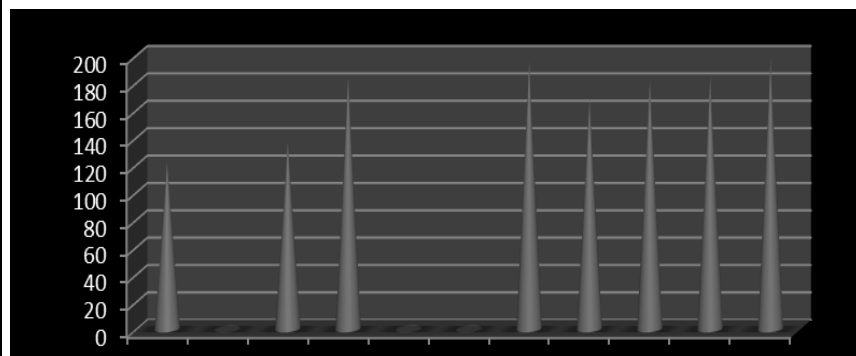
RELATÓRIO SOBRE OS RESULTADOS DA FICHA FORMATIVA

CONTEÚDOS	3.17 SECÇÕES DE SÓLIDOS
	3.17.2 Secções de cones, cilindros e esfera por planos projectantes
FORMA	1. Ficha Formativa em papel A4, como forma de síntese da unidade - Secção de Sólidos – Cone.
MÉTODO	1. Distribuição da ficha formativa (por aluno).
	2. Resolução dos exercícios da ficha formativa, autonomamente por cada aluno.
RESULTADOS	<p>A aula desenvolveu-se com a resolução de uma ficha formativa constituída por um exercício de Secções de Sólidos, mais precisamente da construção de um Cone Recto, do qual se propunha a resolução de três alíneas associadas a esse mesmo cone.</p> <p>Quanto à resolução das alíneas por parte dos alunos denotou-se alguma falta de autonomia por parte dos mesmos. Desta forma, a professora foi constantemente solicitada, servindo de auxílio para a resolução de alguns exercícios, nomeadamente, as alíneas b) e c), sobretudo na construção da Secção e da Verdadeira Grandeza.</p> <p>Durante a execução dos exercícios da ficha de trabalho, os alunos tiveram a necessidade de trabalhar em grupo, na tentativa de tirar algumas dúvidas que foram surgindo ao longo da sua resolução, do qual potenciou o trabalho de grupo/pares, que não funcionou da melhor forma, pois a turma é muito heterogénea.</p> <p>Os alunos mostraram-se pouco autónomos e pouca empatia perante a ficha formativa, ou seja, perante a avaliação. Por conseguinte, os alunos revelaram resultados positivos, no entanto, demonstraram, no geral, bastantes dificuldades, falta de rigor nos traçados, falta de notações e dificuldades mais concretamente na alínea b), da qual perderam muito tempo na sua resolução.</p>

Por fim, foi lançado um exercício complementar para resolver em casa, tendo como base os dados do cone do exercício da ficha formativa.

Alguns pontos importantes sobre os resultados gerais da turma, a saber:

- A média dos resultados da turma foi de 171;
- A mediana dos resultados da turma foi de 183;
- Faltaram à aula três alunos, a saber: n.º15, n.º23 e n.º24.
- O aluno n.º36 realizou a ficha formativa com o 11.º E, no mesmo dia, das 8:30 às 10:00h;
- A aluna n.º 32 e n.º 19 foram os últimos alunos a entregar a ficha formativa resolvida;
- A aluna n.º1 foi a aluna que teve mais dificuldades na resolução dos exercícios propostos na ficha formativa;
- Não houve resultados negativos na turma;
- Todos os alunos resolveram todos os exercícios propostos na ficha formativa;
- Os alunos n.º 22, n.º 26, n.º 32, n.º 36 e n.º 38 foram os alunos com os melhores resultados na turma, mostrando empenho e interesse pela disciplina.



RESULTADOS FINAIS DA FICHA FORMATIVA POR ALUNO

Por se ter tornado uma ficha formativa com a resolução em grupo ou em pares, houve uma tendência para os resultados, que potenciou melhores resultados e as capacidades de alguns alunos que obtiveram resultados positivos, mas que são alunos com muitas dificuldades à disciplina, a saber:

- A aluna n.º 1 obteve positiva, 122 valores, mas com bastante ajuda, por parte da professora e dos colegas n.º 26 e n.º 36.
- Os alunos n.º 22, n.º 32, n.º 26 e n.º 3 solicitaram poucas vezes a ajuda da professora e ajudaram os alunos com mais dificuldades.
- O aluno n.º 19 revelou bastante falta de confiança na resolução dos exercícios,

pois solicitou a ajuda da professora, várias vezes, conseguindo resolvê-los, depois de bastante ajuda.

O gráfico apresentado revela os resultados por alíneas, do qual se concluí que a maior parte dos alunos conseguiu resolver os exercícios, mas denotou-se algumas dificuldades interpretativas dos enunciados, o que se reflecte no tempo dispendido na resolução de cada exercício.

Esta questão coloca-nos entre a dicotomia da elaboração de exercícios de menor dificuldade e com isso conseguir melhores resultados internos a nível de Escola ou manter o grau de dificuldade e preparar os alunos para o exame nacional.

OBSERVAÇÕES:


- A aluna n.º 1 não trouxe para a aula compasso e aristo, assim como o aluno n.º 36 não trouxe o compasso.

GRELHA DE OBSERVAÇÃO DA AULA:


- A grelha de observação da aula está em anexo.

A professora estagiária responsável,
Eugénia Morgado

Anexo III.25 - Relatório da reunião de Grupo de Estágio do dia 9 de Fevereiro de 2011.

escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO 	CURSO CIENTIFICO-HUMANÍSTICO DE ARTES VISUAIS 708 disciplina de: GEOMETRIA DESCRITIVA . A Reunião com o Orientador de Estágio Pedagógico RELATÓRIO 20	ano lectivo 2010 / 2011 09 . 02 . 2011
--	---	--

HORA	10:20h - 13:30h 16:50h - 18:20h
LOCAL	Biblioteca Escolar/Centro de Recursos
Ordem de Trabalhos	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação da aula assistida da aluna estagiária – Eugénia Morgado - 11ºE - 8:30h; - Auto e hetero-avaliação; - Avaliação da aula assistida do aluno estagiário - Sónia Martins - 11ºN – 15:10h; - Auto e hetero-avaliação.
Desenvolvimento	<p><u>10:20h</u></p> <p>Reunião realizada na Biblioteca Escolar/Centro de Recursos, com a presença dos Alunos Estagiários e do Professor Orientador do estágio pedagógico, onde foi feita uma análise da aula dada pela aluna estagiária Sónia Martins, previamente preparada, assim como os aspectos contidos no Plano de Aula e abordados durante a aula.</p> <p>Foi realizada a auto e hetero-avaliação em relação ao desempenho da aluna estagiária na leccionação da aula assistida. Desta, resultaram algumas observações em relação à prestação de cada aluno estagiário.</p> <p>Aspectos positivos/aspectos negativos sobre a aula leccionada pela Sónia Martins:</p> <p><u>Professor Orientador</u> – Denotou-se que leccionou a aula com facilidade e bem preparada, tendo cumprido o previsto;</p> <p><u>Paulo</u> – Correu muito bem;</p> <p><u>António</u> – Correu muito bem;</p> <p><u>Sónia</u> – Correu muito bem;</p> <p><u>Eugénia</u> – Correu muito bem.</p> <p>Foram ainda abordados os conteúdos a leccionar nas próximas aulas.</p> <p><u>16:50h</u></p> <p>Foi realizada a auto e hetero-avaliação em relação ao desempenho da aluna estagiária Eugénia Morgado, na leccionação da aula assistida. Desta, resultaram algumas observações em relação à prestação de cada Aluno Estagiário.</p> <p>Aspectos positivos/aspectos negativos sobre a aula leccionada pela Eugénia Morgado:</p> <p><u>Professor Orientador</u> – Denotou-se que leccionou a aula com facilidade e bem preparada, tendo cumprido o previsto;</p> <p><u>Eugénia</u> – Correu muito bem;</p> <p><u>Sónia</u> – Correu muito bem;</p>

escola secundária/3 amato lusitano 400830 - CASTELO BRANCO	CURSO CIENTIFICO-HUMANISTICO DE ARTES VISUAIS 708	ano lectivo 2010 / 2011
	disciplina de: GEOMETRIA DESCRITIVA . A	09 . 02 . 2011
	Reunião com o Orientador de Estágio Pedagógico	
	RELATÓRIO 20	

	<p><u>António</u> – Correu muito bem;</p> <p><u>Paulo</u> – Correu muito bem.</p>
--	---

O professor Orientador,
Aníbal Cravo Nunes

Os alunos Estagiários,
António Pedro Martins
Eugénia Morgado
Paulo Chambino
Sónia Martins

Apêndice e Anexos em CD

Apêndice 2 - Trabalho desenvolvido na disciplina de Seminário de Investigação em Artes Visuais I e II - tema: “Promoção do sucesso do ensino-aprendizagem das Representações Axonométricas na disciplina de Geometria Descritiva”.

Anexo II.2 - Critérios de Avaliação Gerais da ESAL.

Anexo III.1 - Programa de Geometria Descritiva A.

Anexo III.4 - Material didático-pedagógico (PowerPoint) do dia 6 de Outubro de 2010.

Anexo III.7 - Exercícios resolvidos por um Aluno na Aula Assistida de 6 de Outubro de 2010 - 11.º N.

Anexo III.9 - Material didático-pedagógico (PowerPoint) do dia 20 de Outubro de 2010.

Anexo III.12 - Exercícios resolvidos por um Aluno na Aula Assistida de 20 de Outubro de 2010 - 11.º N.

Anexo III.15 - Material didático-pedagógico (PowerPoint) do dia 3 de Novembro de 2010.

Anexo III.19 - Exercícios resolvidos por um Aluno na Aula Assistida de 3 de Novembro de 2010 - 11.º E.

Anexo III.22 - Material didático-pedagógico (PowerPoint) do dia 9 de Fevereiro de 2011.

Anexo III.26 - Exercícios resolvidos por um Aluno na Aula Assistida de 9 de Fevereiro de 2011 - 11.º N.

Anexo III.27 - Relatórios das reuniões de Grupo de Estágio.

Anexo III.28 - Ficha Formativa do dia 21 de Janeiro de 2011 - enunciado e exercícios resolvidos.

Anexo III.29 - “Portfólio do Aluno” - 11.º N.